Língua Brasileira de Sinais - Libras

Prof.ª Adriana Prado Santana Santos
Prof. Ricardo Schers de Goes

UNIASSELVI
2016

Copyright © UNIASSELVI 2016

Elaboração:

Prof.ª Adriana Prado Santana Santos

Prof. Ricardo Schers de Goes

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

81’221.24(81)

S237l Santos; Adriana Prado Santana

Língua brasileira de sinais - libras/ Adriana Prado Santana Santos; Ricardo Schers de Goes : UNIASSELVI, 2016.

265 p. : il

ISBN 978-85-515-0002-6

1. Língua de sinais brasileira.

I. Centro Universitário Leonardo da Vinci.

Impresso por:

Apresentação

Prezado acadêmico! É com satisfação que apresentamos a você a disciplina da Língua Brasileira de Sinais – Libras ou LSB – (Língua de Sinais Brasileira).

Este caderno foi formulado com muito estudo e dedicação para apresentar as orientações teóricas e metodológicas que servirão como base para conduzi-lo ao conhecimento acerca das questões e debates que envolvem a surdez, a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e a educação de alunos surdos. Este material aborda diferentes concepções teóricas com intuito de problematizar o tema e possibilitar uma visão ampla dos diversos aspectos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem desta língua.

Libras é uma língua que se destaca pela sua modalidade visual-espacial, que foi desenvolvida pelas comunidades surdas do Brasil, por meio de aspectos culturais e de identidade. Como toda língua, a Libras é dinâmica e está sempre em processo de desenvolvimento e ampliação. É reconhecida na legislação brasileira como língua oficial no Brasil da comunidade surda, assim como a Língua Portuguesa. Pretendemos destacar, neste Caderno de Estudos, a importância desses processos históricos, políticos e sociais para seu conhecimento e aprendizado.

Na Unidade 1 do caderno, apresentaremos aspectos relevantes na aquisição da Língua de Sinais, atribuída como aquela que possibilita o acesso do sujeito ao conhecimento de mundo, buscando uma reflexão acerca da língua portuguesa, língua de sinais e abordagem linguística. Caracterizaremos a surdez em seus níveis com um olhar sobre essas diferenças. Abrangeremos aspectos históricos da legislação da Língua de Sinais. Dando continuidade a esta unidade, e esclareceremos aspectos culturais e de identidade existentes nas comunidades surdas e ouvintes, bem como a questão da acessibilidade e inclusão dos surdos, em âmbito social e acadêmico.

Na Unidade 2, vamos entender o conceito da Libras em seus aspectos: linguísticos, estruturais e suas modalidades. Na continuação desta unidade, veremos como se dá a aquisição como primeira língua (L1) – Língua Brasileira de Sinais e o valor do aprendizado da Língua escrita como (L2) – Língua Portuguesa. Aprenderemos os parâmetros dessa língua e classes de palavras, bem como conheceremos seu alfabeto datilológico e numerais. Para finalizar, aprenderemos sobre o uso de algumas expressões idiomáticas presentes no uso da Libras – Língua Brasileira de Sinais ou LSB – (Língua de Sinais Brasileira).

Na Unidade 3, apresentaremos políticas e propostas vigentes na educação inclusiva, criadas pelo Ministério da Educação e pela Secretaria de Educação Especial, ressaltando a existência de formas múltiplas de realização da educação de surdos nos espaços escolares e sociais. Vamos entender a educação bilíngue, bem como é feita uma exploração do conceito de pedagogia visual, formas de trabalho com a Libras e o trabalho entre o professor regente e o intérprete de Libras. Continuaremos apresentando métodos e ideias de atividades educativas de aprendizagem para alunos surdos. Finalizaremos este caderno com um minidicionário, com alguns sinais em Libras, para que você, acadêmico, aprenda e treine no dia a dia, oportunizando um aprendizado básico para desenvolver uma comunicação com os surdos brasileiros.

Bons estudos!



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

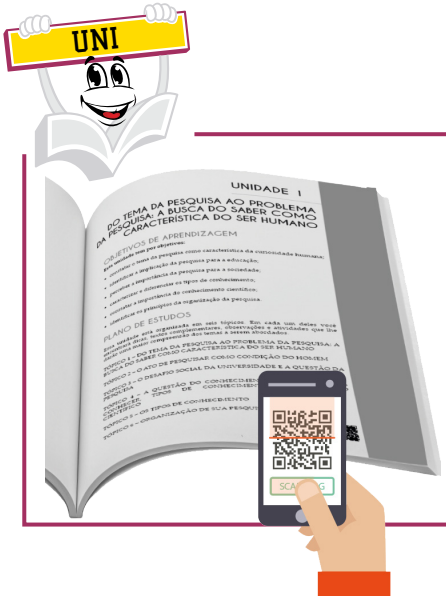
Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, *tablet* ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo *layout*, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



Olá acadêmico! Para melhorar a qualidade dos materiais ofertados a você e dinamizar ainda mais os seus estudos, a Uniasselvi disponibiliza materiais que possuem o código *QR Code*, que é um código que permite que você acesse um conteúdo interativo relacionado ao tema que você está estudando. Para utilizar essa ferramenta, acesse as lojas de aplicativos e baixe um leitor de *QR Code*. Depois, é só aproveitar mais essa facilidade para aprimorar seus estudos!

BATE PAPO SOBRE O ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades.

Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE.



Que prova é essa?



É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.

Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas.





Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE!

UNIASSELVI

SUMÁRIO

UNIDADE 1 – SURDEZ, LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA: DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS 1

TÓPICO 1 – SURDEZ, LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA 3
1 INTRODUÇÃO 3
2 SURDEZ 4
3 O BILINGUISMO 12
4 LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA (L1) 14
5 LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2) 16
5.1 A IMPORTÂNCIA DO APOIO ESCRITO 17
5.2 APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA ORAL 17
RESUMO DO TÓPICO 1 19
AUTOATIVIDADE 20

TÓPICO 2 – EDUCAÇÃO DE SURDOS: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO 21
1 INTRODUÇÃO 21
2 PANORAMA HISTÓRICO 22
AUTOATIVIDADE 32
3 EDUCAÇÃO DOS SURDOS 33
4 LEGISLAÇÃO 38
5 ÓRGÃOS 41
5.1 INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES 41
5.2 FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS – FENEIS 43
6 TECNOLOGIAS ASSISTIVAS 44
RESUMO DO TÓPICO 2 49
AUTOATIVIDADE 50

TÓPICO 3 – CONSTRUÇÕES SOCIAIS E IDEOLOGIAS ACERCA DA SURDEZ 51
1 INTRODUÇÃO 51
2 DEFICIÊNCIA E DIFERENÇA 52
3 IDENTIDADE SURDA, COMUNIDADE SURDA, CULTURA SURDA 53
LEITURA COMPLEMENTAR 57
AUTOATIVIDADE 60
RESUMO DO TÓPICO 3 61
AUTOATIVIDADE 62

UNIDADE 2 – LIBRAS: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E ESTRUTURAIS 63

TÓPICO 1 – LIBRAS: CONCEITO E LINGUAGEM 65
1 INTRODUÇÃO 65
2 A LINGUÍSTICA APLICADA À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 69
3 ESCRITA DE SINAIS: SIGNIFICANDO A PRÓPRIA LÍNGUA 71
4 LIBRAS E SUAS MODALIDADES COMUNICATIVAS 74

4.1 PORTUGUÊS SINALIZADO OU BIMODALISMO 76
4.2 COMUNICAÇÃO TOTAL 76
4.3 PIDGIN 76
4.4 SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO (CL) 77
RESUMO DO TÓPICO 1 80
AUTOATIVIDADE 81

TÓPICO 2 – ESTRUTURA LINGUÍSTICA DA LIBRAS 83
1 INTRODUÇÃO 83
2 PARÂMETROS FONOLÓGICOS EM LIBRAS 85
2.1 CONFIGURAÇÃO DE MÃOS (CM) 86
AUTOATIVIDADE 90
2.2 PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA) LOCAÇÃO 91
2.3 MOVIMENTO (M) 91
AUTOATIVIDADE 94
3 PARÂMENTROS SECUNDÁRIOS EM LIBRAS 94
3.1 ORIENTAÇÃO/DIREÇÃO 94
3.2 EXPRESSÃO NÃO MANUAL OU CORPORAL/FACIAL 95
4 CRIAÇÃO DE SINAIS 97
5 RESTRIÇÕES DE SINAIS 99
6 TIPOS DE SINAIS 100
6.1 QUANTO AO GÊNERO 100
6.2 QUANTO À FORMA 102
6.3 QUANTO À COMPOSIÇÃO 103
6.4 QUANTO À CONCORDÂNCIA 104
7 AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS E SUAS DIFERENTES FORMAS DE MANIFESTAÇÃO 106
7.1 SINAIS HOMÔNIMOS 107
7.2 SINAIS POLISSÊMICOS 107
7.3 SINAIS TAUTOLÓGICOS 109
8 DATILOLOGIA 109
9 ALFABETO MANUAL 110
9.1 SOLETRAÇÃO RÍTMICA DO ALFABETO 112
AUTOATIVIDADE 113
10 NUMERAIS EM LIBRAS 116
10.1 VALORES MONETÁRIOS 118
10.2 PESOS E MEDIDAS 120
10.3 INDICADORES DE TEMPO EM LIBRAS 121
RESUMO DO TÓPICO 2 123
AUTOATIVIDADE 125

TÓPICO 3 – ASPECTOS GRAMATICAIS E SENTENÇAS EM LIBRAS 127
1 INTRODUÇÃO 127
2 MORFOLOGIA DA LÍNGUA DE SINAIS 127
3 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM LIBRAS 130
4 GRUPOS DE PALAVRAS 131
4.1 SUBSTANTIVOS 131
4.2 SISTEMA DE PREPOSIÇÃO EM LIBRAS 132
4.3 ARTIGOS 132
5 PRONOMES 132
5.1 PRONOME PESSOAL 133
5.2 PRONOMES POSSESSIVOS 136

5.3 PRONOMES INTERROGATIVOS 137
6 PRONOMES INDEFINIDOS 141
7 PRONOMES DEMONSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR 142
8 ADVÉRBIOS DE TEMPO 144
9 ADJETIVOS 146
10 TIPOS DE VERBOS NA LIBRAS 147
11 VERBOS CLASSIFICADORES 149
AUTOATIVIDADE 150
RESUMO DO TÓPICO 3 151
AUTOATIVIDADE 152

UNIDADE 3 – POLÍTICAS E PROPOSTAS INCLUSIVAS EDUCACIONAIS E TRABALHISTAS 155

TÓPICO 1 – POLÍTICAS E PROPOSTAS INCLUSIVAS EDUCACIONAIS E TRABALHISTAS 157
1 INTRODUÇÃO 157
2 A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NAS ESCOLAS TÉCNICAS E EDUCAÇÃO SUPERIOR 158
3 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO AEE/SURDEZ 160
AUTOATIVIDADE 161
4 O PAPEL DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS 162
4.1 O TRADUTOR E INTÉRPRETE EDUCACIONAL 167
4.2 O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS EM EMPRESAS 168
4.3 O GUIA-INTÉRPRETE E SUA ATUAÇÃO 169
4.4 COMO OS GESTORES DEVEM PROCEDER PARA TER UM INTÉRPRETE NA ESCOLA? 172
5 COMUNICANDO-SE CORRETAMENTE COM O SURDO/DEFICIENTE AUDITIVO 173
6 A TECNOLOGIA E OS SURDOS 174
6.1 RECURSOS DE ACESSIBILIDADE ASSISTIVA 177
7 A INCLUSÃO DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO 180
7.1 ADAPTAÇÕES NAS EMPRESAS 183
LEITURA COMPLEMENTAR 185
RESUMO DO TÓPICO 1 188
AUTOATIVIDADE 189

TÓPICO 2 – ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES EM LIBRAS 191
1 INTRODUÇÃO 191
2 SUGESTÕES DE ATIVIDADES MATEMÁTICAS 191
3 SUGESTÕES DE ATIVIDADES EM LÍNGUA PORTUGUESA 199
4 SUGESTÕES DE ATIVIDADES DE CIÊNCIAS E GEOGRAFIA 208
RESUMO DO TÓPICO 2 219
AUTOATIVIDADE 220

TÓPICO 3 – JOGOS LÚDICOS EM LIBRAS 221
1 INTRODUÇÃO 221
2 JOGO DE TABULEIRO 223
2.1 TESTE DA CAIXINHA 224
2.2 TELEFONE SEM FIO 224
2.3 JOGO DE DOMINÓ 224
2.4 JOGO DE LETRAS 226
2.5 COLEÇÃO DE AUTÓGRAFOS 227

3 BINGO DE CORES 228
4 JOGOS DE MEMÓRIA 230
5 DATAS COMEMORATIVAS 233
6 MINIDICIONÁRIO 238
6.1 SINAIS DE FAMÍLIA 238
6.2 SINAIS EDUCACIONAIS 242
6.3 SINAIS DIA SEMANA 247
6.4 SINAIS DE MESES 248
6.5 SINAIS DIVERSOS 251
LEITURA COMPLEMENTAR 253
RESUMO DO TÓPICO 3 257
AUTOATIVIDADE 258

REFERÊNCIAS 259

UNIDADE 1

SURDEZ, LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA: DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Esta unidade tem por objetivos:

- caracterizar a surdez;
- entender o que é o bilinguismo;
- compreender a aquisição da Libras e da Língua Portuguesa para os surdos;
- conhecer o panorama histórico da educação dos surdos;
- verificar como ocorre a educação dos surdos no Brasil;
- conhecer as tecnologias destinadas para os surdos;
- identificar a legislação que trata da Língua Brasileira de Sinais;
- conhecer os órgãos criados para o atendimento das pessoas surdas;
- problematizar a produção social da deficiência;
- entender o debate sobre cultura surda, identidade surda e comunidade surda.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está organizada em três tópicos. Em cada um deles você encontrará dicas, textos complementares, observações e atividades que lhe darão uma maior compreensão dos temas a serem abordados.

TÓPICO 1 – SURDEZ, LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA: DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS

TÓPICO 2 – EDUCAÇÃO DE SURDOS, TECNOLOGIA E LEGISLAÇÃO

TÓPICO 3 – IDENTIDADE, COMUNIDADE E CULTURA SURDA

Assista ao vídeo desta unidade.

TÓPICO 1

SURDEZ, LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA

1 INTRODUÇÃO

Caro acadêmico! A partir deste momento, iniciaremos os estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Neste tópico, serão abordados aspectos da surdez e suas relações com a Libras e a Língua Portuguesa, buscando conhecer o processo histórico que construiu esses conceitos, e como atualmente são definidas e caracterizadas, assim como a aquisição dessas línguas pelos surdos e ouvintes.

Este campo do conhecimento tem gerado muito debate, pois vários autores têm discutido a respeito da surdez, Libras e do ensino da Língua Portuguesa para surdos, porém, não há consenso entre os autores. No decorrer deste caderno, vamos apresentar algumas contribuições de diversos autores para este debate, sem a intenção de buscar uma resposta ou qual é a melhor posição a ser adotada, mas problematizar os pontos tratados para conhecer o que tem sido pautado na área acadêmica e buscar uma reflexão crítica sobre os temas.

Um aspecto a ser considerado é que a linguagem humana pertence a todo ser humano, ou seja, no convívio de uma comunidade, os indivíduos aprendem a sua língua, e esta linguagem é fundamental para a socialização da criança, já que é um instrumento importante para a comunicação, que ocorre de diversos modos: fala, escrita, gestos, expressões faciais etc. Portanto, para o indivíduo surdo, a língua de sinais é uma linguagem primordial para seu convívio em sociedade, no caso brasileiro, esta língua de sinais foi consolidada na Libras (Língua Brasileira de Sinais).

Para Góes (1999), aprender uma língua significa atribuir significações ao mundo por meio de uma linguagem, assim sendo, uma criança surda que vive numa sociedade de maioria ouvinte deve buscar outra linguagem para comunicação, já que para os ouvintes a fala é o modo hegemônico de comunicação. Desta forma, cria-se uma via de mão dupla: os surdos aprendem como a sua primeira língua a língua de sinais da sua comunidade, logo, a sua segunda língua será a escrita da língua onde vivem. Por sua vez, os ouvintes têm como primeira língua a língua falada e escrita pela sua comunidade, já a língua de sinais pode tornar-se a sua segunda língua, se assim desejarem. E esta coexistência pode ser saudável para a sociedade.

2 SURDEZ

A deficiência auditiva e surdez são a perda parcial ou total da audição, que pode ser causada por má-formação congênita, ou seja, desde o nascimento, ou também, adquirida ao longo da vida, provocada por alguma lesão na orelha ou ouvido que atinge as estruturas que compõem o aparelho auditivo.

Segundo Martinez (2000), existem diferentes tipos de perda auditiva, além disso, são chamados de surdos os indivíduos que têm perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido. E é possível classificar a pessoa com deficiência de acordo com seu grau de perda auditiva, avaliada em decibéis (dB).

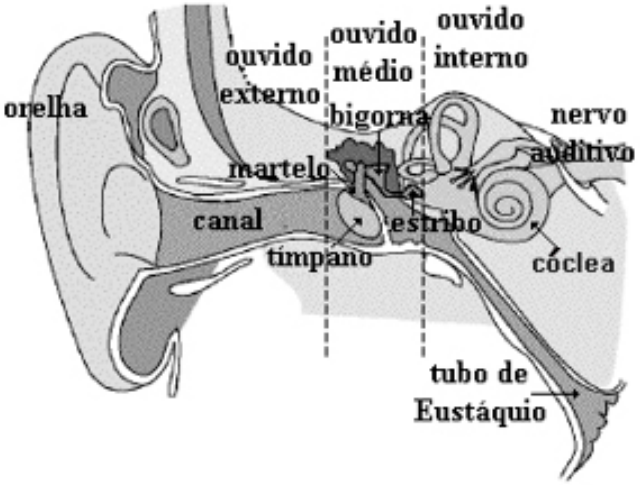


O que é decibel? Decibel é uma unidade de medida da intensidade do som. Essa grandeza pode ser definida como uma relação logarítmica entre duas potências (elétricas ou sonoras). É válida a seguinte fórmula matemática: dB =10 log 10 (I 1 /I 2).
FONTE: Disponível em: <http://ciencia.hsw.uol.com.br/questao124.htm>. Acesso em: 15 jan. 2016.

O ouvido humano possui três partes: ouvido externo, ouvido médio e ouvido interno. E cada uma destas partes desempenha funções específicas:

- Ouvido externo: é composto pelo pavilhão auricular e pelo canal auditivo, que é a porta de entrada do som. Nesse canal, certas glândulas produzem cera, para proteger o ouvido.
- Ouvido médio: formado pela membrana timpânica e por três ossos minúsculos, que são chamados de martelo, bigorna e estribo, pois são parecidos com esses objetos. Em contato com a membrana timpânica e o ouvido interno, eles transmitem as vibrações sonoras que entram no ouvido externo e devem ser conduzidas até o ouvido interno.
- Ouvido interno: nele está a cóclea, em forma de caracol, que é a parte mais importante do ouvido: é responsável pela percepção auditiva. Os sons recebidos na cóclea são transformados em impulsos elétricos que caminham até o cérebro, onde são 'entendidos' pela pessoa. (MEC, 2000, p. 6).

FIGURA 1 – ILUSTRAÇÃO DA ORELHA E OUVIDO (EXTERNO, MÉDIO E INTERNO)



FONTE: Disponível em: <http://www.if.ufrj.br/~bertu/fis2/ondas2/ouvido/ouvido.html>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Como já vimos, a aquisição da deficiência auditiva e surdez pode ocorrer de duas maneiras (congênitas ou adquiridas). A seguir, vamos apresentar algumas informações que estão disponíveis na "Rede Saci".



"A Rede SACI é um projeto do Programa USP Legal, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária - USP. Atua como facilitadora da comunicação e da difusão de informações sobre deficiência, visando a estimular a inclusão social e digital, a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania das pessoas com deficiência".
FONTE: Disponível em: <https://www5.usp.br/noticias/sociedade/usp-legal-ajuda-a-superar-barreiras-impostas-as-pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em: 16 jan. 2016.

Segundo o portal da "Rede Saci" (2016, s.p):

> As principais causas da deficiência congênita são: hereditariedade, viroses maternas (rubéola, sarampo), doenças tóxicas da gestante (sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose), ingestão de medicamentos ototóxicos (que lesam o nervo auditivo) durante a gravidez. A deficiência auditiva pode ser adquirida, quando existe uma predisposição genética (otosclerose), quando ocorre meningite, ingestão de remédios ototóxicos, exposição a sons impactantes (explosão) ou viroses, por exemplo. Outra forma de classificar as causas potenciais da deficiência auditiva ou a ela associadas, é a seguinte:
> **Causas pré-natais**: a criança adquire a surdez através da mãe, no período de gestação, devido à presença destes fatores, entre outros:
> • desordens genéticas ou hereditárias;

• causas relativas à consanguinidade;
• causas relativas ao fator Rh sanguíneo;
• causas relativas a doenças infectocontagiosas, como a rubéola;
• sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose, herpes;
• ingestão de remédios ototóxicos;
• ingestão de drogas ou alcoolismo materno;
• desnutrição/subnutrição/carências alimentares;
• pressão alta;
• diabetes;
• exposição à radiação.

Causas perinatais: quando a criança fica surda em decorrência de problemas no parto:
• pré-maturidade, pós-maturidade, anóxia, fórceps;
• infecção hospitalar.

Causas pós-natais: a criança fica surda em decorrência de problemas após seu nascimento:
• meningite;
• remédios ototóxicos, em excesso ou sem orientação médica;
• sífilis adquirida;
• sarampo, caxumba;
• exposição contínua a ruídos ou sons muito altos;
• traumatismos cranianos.

Portanto, caros acadêmicos, como podemos observar, existem várias causas que originam a deficiência auditiva e surdez, mas ainda há muito para descobrir nesta área e a ciência continua pesquisando. Isso porque, segundo a "Rede Saci", cerca de 50% dos casos de deficiência auditiva e surdez tem a sua origem atribuída a "causas desconhecidas".

No portal da Rede Saci (2016) também encontramos a informação de que há casos de surdez súbita, ou seja, o indivíduo de repente, e sem nenhuma causa aparente, apresenta uma perda auditiva.

> Algumas pessoas apresentam perdas auditivas súbitas, elas quase sempre são unilaterais, mas em raras ocasiões podem atingir os dois ouvidos. Pressão no(s) ouvido(s) ou "estalos" são sintomas que podem indicar o aparecimento da surdez, não só a súbita, como a progressiva, que pode atingir níveis elevados em poucos dias. A surdez súbita é acompanhada de "estalos" intensos, podendo haver vertigem ao mesmo tempo. São causadoras desse problema:
> • Lesões na cóclea ou no nervo auditivo.
> • Formação de coágulos nos vasos que irrigam a cóclea, o que faz com que as células sensoriais morram por não receber sangue. Problema mais comum em pessoas com diabetes e hipertensão.
> • Processos infecciosos como sarampo, rubéola, herpes ou mesmo gripe comum.
> • Alergias, como reação a soros, vacinas, picadas de abelha ou comidas.
> • Tumor no nervo auditivo, causa de 10 % dos casos.
> • Autoimunização, quando o mecanismo de defesa do organismo ataca a cóclea e mata as células como se fossem um corpo estranho.
> • Excesso de ruído (barulhos acima de 120 decibéis podem provocar falta de estabilidade no líquido que preenche a cóclea e alimenta as células sensoriais).
> • Infecção bacteriana no labirinto, que pode desencadear hipersensibilidade e problemas de microcirculação.

• Degeneração neurológica (em casos raros, a surdez súbita pode ser o primeiro sintoma de esclerose múltipla).
• Batida na cabeça e fratura do osso temporal.
• Fístula perilinfática, estrutura que liga a caixa do tímpano com a cóclea se rompe sem causa aparente e provoca perda do líquido que nutre as células sensoriais. À medida que as células morrem, a audição fica comprometida.
Obstrução por cera ou inflamações (otites). (REDE SACI, 2016, s.p.).



Confira mais informações sobre Deficiência Auditiva e Surdez, entre outras deficiências em: <http://saci.org.br/>

É compreensível que se a perda de audição for detectada o mais cedo possível, o indivíduo pode ter melhores condições para seu desenvolvimento e aprendizagem, pois desde o início da vida será atendido em suas necessidades, o que pode levar a uma vida cada vez mais autônoma e independente. Portanto, é importante saber como podemos detectar alguma perda auditiva, e assim, buscar auxílio.

Quando é possível detectar a perda auditiva?
Há alguns sinais que podem ser observados logo nas primeiras semanas após o nascimento, se o pediatra e os familiares estiverem atentos às reações: o bebê não acorda ou não se assusta com um barulho forte e súbito.
• O bebê não para de chorar quando a mãe usa apenas a voz para acalmá-lo.
• O bebê não procura a origem do barulho, virando a cabeça na direção da fonte sonora, isso já numa fase posterior do desenvolvimento.
• O bebê é exageradamente quieto.
Alguns sinais podem ser observados quando a criança tem mais de um ano de idade:
• As primeiras palavras aparecem tarde (só com 3 ou 4 anos).
• Não responde ao ser chamada em voz normal.
• Quando de costas, não se volta para a pessoa que lhe dirige a palavra.
Apresenta:
• Excesso de comunicação gestual e pouca emissão de palavras.
• Fala extremamente alta ou baixa.
• Cabeça virada para ouvir melhor.
• Olhar dirigido para os lábios de quem fala e não para os olhos.
• Troca e omissão de fonemas na fala e na escrita.
(REDE SACI, 2016, s.p.).

Uma perda de audição severa ou profunda é mais fácil de perceber, por conta de todos os sinais que podemos observar, mas pode ser difícil detectar

uma perda de audição leve ou moderada, pois os sinais podem ser sutis e até confundidos com falta de atenção ou outras condições.

O que podemos fazer é procurar um médico ou fonoaudiólogo para realizar exames específicos de avaliação da capacidade auditiva e isso pode ser feito desde o nascimento do bebê ou em qualquer fase de vida do indivíduo.

Segundo o MEC (2000), as mulheres devem ser vacinadas contra a rubéola, já que esta doença é uma das que mais causam surdez congênita no Brasil. Além disso, as crianças nunca devem tomar remédios sem receita médica, pois existem alguns medicamentos, como um antibiótico que pode conter aminoglicosídeo, que geralmente prejudica a audição de forma irreversível.

Há também a possibilidade, segundo o MEC (2000), de identificar a surdez logo no início da vida. Existe um teste para avaliar a audição dos bebês recém-nascidos, chamado de Teste da Orelhinha. Este teste pode ser realizado por médicos ou fonoaudiólogos, com a finalidade de detectar possíveis alterações auditivas. E há uma lei, a Lei nº 12.303 de 2010, que torna obrigatória e gratuita a realização desse teste em todos os bebês recém-nascidos a partir da data da sua publicação. A orientação é para que o teste seja realizado nos primeiros meses de vida do bebê, até 3 meses aproximadamente, pois quanto mais precoce o diagnóstico, mais cedo a possibilidade de intervenção para promoção do melhor desenvolvimento possível para esse indivíduo.

Em geral, esse teste é realizado no berçário, com o bebê em sono natural, preferencialmente no 2º ou 3º dia de vida. E a duração do teste varia de 5 a 10 minutos. Não há nenhuma contraindicação, não acorda e não incomoda o bebê, e também, não há nenhum procedimento invasivo (uso de agulhas ou objetos perfurantes), logo, o teste é absolutamente inócuo.

FIGURA 2 – TESTE DA ORELHINHA



FONTE: Disponível em: <http://www.norteandovoce.com.br/saiba-o-que-e-o-teste-da-orelhinha>. Acesso em: 16 jan. 2016.

Se detectada alguma alteração auditiva, a criança deve ser encaminhada para o fonoaudiólogo ou otorrinolaringologista para realizar o "Exame de Audiometria".

O Exame de Audiometria avalia a audição dos indivíduos, assim, é capaz de detectar qualquer anormalidade auditiva permitindo medir o grau e tipo de alteração, consequentemente, oferecer orientações sobre medidas a serem adotadas para saúde e qualidade de vida da pessoa.

Existem alguns tipos de audiometria, logo, o fonoaudiólogo ou otorrinolaringologista irá adotar um desses procedimentos para realizar a avaliação, e apenas esses profissionais são habilitados para fazer o exame e orientar sobre o procedimento.

TABELA 1 – NÍVEIS DE RUÍDO EM DECIBÉIS

Níveis de Ruído em Decibéis

Conforto Acústico	Muito baixo	0 dB		Limiar do som	
		5 dB	Passarinho		
		10 dB	Cochicho		
		15 dB	Torneira		
		20 dB	Conversa		
	Baixo	25 dB	Relógio		
		30 dB	Biblioteca	Limite para o sono	
		35 dB	Enfermaria		
		40 dB			
	Moderado	45 dB			
		50 dB	Aspirador de pó		
	Moderado	55 dB	Bebê chorando	Irritação	
	Moderado Alto	60 dB		Irritação aumenta consideravelmente	
Riscos de Danos à Saúde	Moderado Alto	65 dB	Cachorro latindo		
		70 dB			
		75 dB	Sala de aula		
		80 dB	Piano		
	Alto	85 dB	Telefone tocando	Tolerâncias diárias de exposição	8 h
		90 dB	Secador de cabelos		4 h
		95 dB	Moto		2 h
		100 dB	Cortador de grama		1 h
	Muito alto	105 dB	Caminhão		30 min
		110 dB	Pátio no intervalo das aulas		15 min
		115 dB	Banda tocando		7 min
		120 dB	Tiro		
		125 dB	Autofalante		
		130 dB	Britadeira		
		135 dB	Avião		
		140 dB			

FONTE: Disponível em: <http://obaricentrodamente.blogspot.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Acadêmicos, até agora, quando falamos de perda da audição, utilizamos as terminologias "deficiência auditiva" e "surdez". Você acredita que existe alguma diferença entre esses termos ou estamos falando da mesma coisa?

Segundo o MEC (2006), existem vários tipos de pessoas com surdez, pois varia de acordo com os graus de perda de audição. A deficiência auditiva consiste na surdez leve e moderada, já a surdez consiste na surdez severa e profunda. Pela área da saúde e, tradicionalmente, pela área educacional, o indivíduo com surdez pode ser considerado:

> **Parcialmente surdo** (com deficiência auditiva – DA)
> *a) Pessoa com surdez leve* – indivíduo que apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede que o indivíduo perceba igualmente todos os fonemas das palavras. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse indivíduo é considerado desatento, solicitando, frequentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da língua oral, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório na leitura e/ou na escrita.
> *b) Pessoa com surdez moderada* – indivíduo que apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. É frequente o atraso de linguagem e as alterações articulatórias, havendo, em alguns casos, maiores problemas linguísticos. Esse indivíduo tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral, ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos de relação e/ou formas gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada a sua aptidão para a percepção visual.
> **Surdo**
> *a) Pessoa com surdez severa* – indivíduo que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até aos quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada pela área da saúde e da educação, a criança poderá chegar a adquirir linguagem oral. A compreensão verbal vai depender, em grande parte, de sua aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações.
> *b) Pessoa com surdez profunda* – indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral. As perturbações da função auditiva estão ligadas tanto à estrutura acústica quanto à identificação simbólica da linguagem. Um bebê que nasce surdo balbucia como um de audição normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para a aquisição da linguagem oral. Assim, tampouco adquire a fala como instrumento de comunicação, uma vez que, não a percebendo, não se interessa por ela e, não tendo retorno auditivo, não possui modelo para dirigir suas emissões. Esse indivíduo geralmente utiliza uma linguagem gestual, e poderá ter pleno desenvolvimento linguístico por meio da língua de sinais. (MEC, 2016, s.p).

Para destacar a questão da surdez, qual seria a terminologia adequada de se referir à pessoa que tem uma deficiência auditiva: "deficiente auditivo", "surdo", "surdo-mudo"? Para esta pergunta, é importante destacar que historicamente já foram utilizadas muitas terminologias, mas que com o avanço da tecnologia e do conhecimento humano, além de algumas mudanças sociais, as terminologias foram se alterando ao longo da história.

Surdo-mudo é a definição mais antiga, mas que infelizmente ainda é utilizada no senso comum. Porém, como vamos verificar, há possibilidade de oralização do surdo, logo, ele não é mudo, pois é apenas na audição que há uma perda funcional.

Portanto, "surdo-mudo" já foi uma terminologia adotada no passado, mas que com o avanço da ciência na compreensão da surdez e de que a pessoa surda pode falar e emitir sons, logo, esta terminologia foi abandonada e hoje é considerada equivocada.

Restam-nos agora os termos "deficiente auditivo" e "surdo", e ambos estão adequados atualmente, porém, em campos diferentes. "Deficiente auditivo" ou "pessoa com deficiência auditiva" é um termo mais utilizado na literatura acadêmica e linguagem científica, por sua vez, "surdo" é mais utilizado no campo social, mas também em parte da literatura acadêmica e científica.

No entanto, os surdos preferem o termo "surdo", pois o termo "deficiente auditivo" ou "pessoa com deficiência auditiva" carrega a concepção de deficiência no nome, o que para eles é algo pejorativo, já que pessoas com deficiência, infelizmente, ainda são vítimas de preconceito e discriminação.

Obviamente, não é o simples fato de mudar uma terminologia que vai acabar com o preconceito e a discriminação. Porém, respeitar os indivíduos e tratá-los de um modo digno já é um grande passo para lidar com o outro.

E sobre terminologias, vamos conhecer a seguir quais são os termos mais adequados atualmente para pessoas com deficiência.

> Pessoa com deficiência: Termo presente na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da Organização das Nações Unidas (ONU), que o Brasil ratificou com valor de emenda constitucional em 2008. Não diga pessoa portadora de deficiência ou portador de deficiência. A pessoa não porta, não carrega sua deficiência, ela tem deficiência e, antes de ter a deficiência, ela é uma pessoa como qualquer outra.
> Pessoa com deficiência física: Substitui os termos deficiente físico, o deficiente, a deficiente. O termo deficiência física se refere à categoria dentro da qual existem muitos tipos (amputações, paralisias, paresias, baixa estatura, amputações, malformações congênitas etc.).
> Pessoa com deficiência visual: O termo deficiência visual se refere à categoria dentro da qual existem os tipos cegueira e baixa visão (em variados graus).
> Pessoa cega: Muitas pessoas cegas aceitam ser chamadas cegas. Evite dizer pessoa cega total ou pessoa com cegueira total ou cego total, pois são termos redundantes.

Pessoa com baixa visão: Substitui o termo pessoa com visão subnormal.
Pessoa com deficiência auditiva: O termo deficiência auditiva se refere à categoria dentro da qual existem os tipos surdez e baixa audição (em variados graus).
Pessoa surda: Muitas pessoas surdas aceitam ser chamadas surdas. Evite dizer pessoa surda total ou pessoa com surdez total ou surdo total.
Pessoa com baixa audição: Substitui os termos pessoa com surdez parcial, surdo parcial, que são redundantes. Algumas pessoas com baixa audição preferem ser chamadas pessoas com deficiência auditiva ou deficientes auditivos em vez de pessoas com surdez parcial, pois elas não se consideram surdas.
Pessoa com tetraplegia: Substitui os termos tetraplégico, tetra, quadriplégico.
Pessoa com deficiência intelectual ou pessoa com déficit cognitivo: Substitui os termos deficiente mental, excepcional, retardado mental. O termo deficiência intelectual se refere à categoria dentro da qual existem muitos tipos, dependendo dos apoios, habilidades adaptativas e outros fatores.
Pessoa com transtorno mental: Substitui o termo doente mental.
Pessoa com deficiência múltipla: É a pessoa que tem duas ou mais deficiências ao mesmo tempo. Evite dizer pessoa com deficiências múltiplas.
Pessoa com mobilidade reduzida: É a pessoa que, não se enquadrando no conceito de pessoa com deficiência, tem, por qualquer motivo, dificuldade de movimentar-se, permanente ou temporariamente, gerando redução efetiva da mobilidade, flexibilidade, coordenação motora e percepção: pessoa com idade igual ou superior a 60 anos, gestante, lactante e pessoa com criança de colo. (Decreto n. 5.296, 02/12/2004, art. 5°, § 1°, II, e §2°).
FONTE: Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.curitiba.pr.gov.br/conteudo/terminologia/116#.V1ZHX-QXLm4> Acesso em: 30 maio 2016.

3 O BILINGUISMO

O surdo percebe o mundo de modo diferente dos ouvintes. A língua de sinais e as experiências visuais são os modos pelos quais os surdos criam meios de percepção e comunicação com o mundo.

Sobre a aquisição da língua, partiremos do entendimento de que a língua materna é uma língua adquirida naturalmente pelos indivíduos em seu contexto familiar, ou seja, a criança quando nasce já está dentro e pertencendo a um ambiente linguístico, assim, qualquer criança ouvinte chega à escola falando sua língua materna, pois sempre teve contato com esta língua em casa e em todos os ambientes sociais que conheceu, e assim, a escola vai se utilizar dessa língua para ensinar e transmitir o conhecimento para a criança.

Contudo, as crianças surdas, em geral, não têm a mesma imersão linguística dos ouvintes, logo, isto demanda para a família, escola e demais ambientes sociais frequentados pela criança que haja a oferta de condições diferentes para comunicação, socialização e aprendizagem. Isso ocorrerá por meio da aquisição da

língua de sinais, no caso do Brasil a Libras, e também, pelo aprendizado da Língua Portuguesa, na modalidade escrita (ou oral em alguns casos, se a família desejar e a criança tiver condições para esta aprendizagem).

As alternativas devem ser analisadas com base nas condições individuais da pessoa e às escolhas da sua família. Portanto, é fundamental conhecer o grau e tipo de perda auditiva, se é congênita ou se adquiriu ao longo da vida e quando e como ocorreu a surdez, pois estes são fatores que irão determinar importantes diferenças em relação ao tipo de atendimento a ser desenvolvido com o aluno e as expectativas em relação aos resultados.

A Resolução do Conselho Nacional de Educação – CNE Nº02/2001 destaca que as famílias têm a opção pela abordagem pedagógica que julgarem mais adequadas para a pessoa surda, mas afirma que atualmente a educação mais adequada seria a bilíngue.

A educação bilíngue para crianças surdas, segundo o MEC (2006), consiste na aquisição de duas línguas: a língua brasileira de sinais - Libras e a Língua Portuguesa na modalidade oral e escrita. E para realizar este trabalho, são necessários diferentes profissionais que atuarão em diferentes locais e em momentos distintos. E com esta opção, a primeira língua será a Libras (L1) e a segunda língua será a Língua Portuguesa (L2).

Faria (2001) destaca que o ensino de Língua Portuguesa para surdos deve ser considerado em dois momentos distintos: Língua Portuguesa oral (quando possível para o indivíduo e por opção da família) e Língua Portuguesa escrita. E em momento diferente de quando deve ocorrer a aquisição da língua de sinais.

O motivo para separar os momentos de aprendizagem da Língua Portuguesa e da Libras deve-se ao fato de querer evitar o bimodalismo (mistura das estruturas da Língua Portuguesa com as da língua de sinais), o que prejudica o processo de ensino e aprendizagem do indivíduo.

É importante perceber, caro acadêmico, que o aprendizado de outra língua possibilita o fortalecimento das estruturas linguísticas, e também, vai favorecer o desenvolvimento cognitivo e ampliar os horizontes das crianças, incentivando o pensamento criativo e permitindo um acesso maior à comunicação.

Segundo MEC (2006), as pesquisas apontam que não há problema na aprendizagem de duas línguas ao mesmo tempo, mas, para isso ocorrer de modo saudável e adequado, é fundamental proporcionar momentos distintos para ensinar cada uma das línguas, sempre de modo contextualizado para mostrar os objetivos, funções e ambientes específicos para cada uma delas.

O importante, como já foi mencionado, é permitir a construção de uma linguagem elaborada. Dependendo da estimulação recebida ou da característica individual de cada criança com surdez, seu aprendizado acadêmico será mais bem elaborado em uma ou em outra língua.

Sendo a língua de sinais a primeira língua, a segunda língua (Língua Portuguesa) deve ser desenvolvida em outro momento, dentro da escola. Assim, para o MEC (2006), a inclusão de aluno com surdez leve e moderada, em princípio, pode ocorrer naturalmente em creches e classes comuns da pré-escola regular, onde a Língua Portuguesa é a língua de instrução e onde ele conte com apoio de salas de recursos para a aquisição da Libras e para o desenvolvimento da Língua Portuguesa (oral e escrita).

Os pais também devem aprender a Libras para se comunicar com seu filho, o que vai favorecer o desenvolvimento tanto cognitivo quanto social dessa criança; também, o desenvolvimento dos próprios pais, tanto na aceitação das diferenças quanto na luta por inclusão do seu filho em todos os ambientes sociais.

Se a opção da família é pelo ensino da Língua Portuguesa oral, caso seja possível para a criança surda aprender, de acordo com os profissionais que atendem essa criança, segundo o MEC (2006), um professor com formação específica deve atender o aluno, além de um profissional da fonoaudiologia. E mais, a escola deve oferecer todas as condições físicas, materiais e de recursos humanos necessários para o atendimento da criança.

4 LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA (L1)

Segundo MEC (2007), as pesquisas afirmam que a língua de sinais tem complexidade e expressividade semelhantes às línguas orais, ou seja, as línguas de sinais não são inferiores às línguas orais, porém, são diferentes. Esta diferença implica em virtudes e limites tanto para língua de sinais quanto para línguas orais. No caso da Libras, os surdos têm condições de tratar de assuntos complexos como filosofia, política, entre outros.

E mesmo com alguns limites que a língua de sinais pode apresentar, há domínio adequado da língua escrita, os surdos têm condições plenas de aquisição total do conteúdo das coisas e, portanto, aprender sobre tudo.

A diferença destacada refere-se também ao fato de que as línguas de sinais são línguas espaço-visuais, ou seja, esta língua não se utiliza do canal oral-auditivo para sua comunicação, mas da visão e do espaço disponível. Uma semelhança é o fato de não ser universal, pois tanto a língua de sinais quanto as línguas orais têm suas regionalidades, gírias e outras especificidades que impedem a formação de uma língua universal.

Petitto e Marantetti (1991) verificaram que o balbucio e as gesticulações dos bebês ocorrem tanto em bebês ouvintes quantos surdos, o que demonstrou que, independente da modalidade da língua oral-auditiva ou espaço-visual, os bebês possuem uma capacidade linguística, portanto, surdos e ouvintes têm condições, mesmo que diferentes, de desenvolver uma linguagem e língua para comunicação e expressão com o mundo.

Contudo, para Petitto e Marantetti (1991), tanto as crianças surdas quanto as ouvintes devem ser expostas às línguas existentes em seus ambientes sociais, pois isso facilitaria a aquisição delas, ou seja, filhos surdos de pais ouvintes terão melhor desenvolvimento e domínio da língua de sinais, se os pais também aprenderem a língua de sinais e utilizarem com a criança.

Segundo MEC (2007), o processo de aquisição das línguas ocorre de acordo com a maturação da criança, ou seja, tanto Libras quanto as línguas orais-auditivas são internalizadas pelas crianças do modo mais simples para o mais complexo, como veremos a seguir:

- Na primeira fase, a criança surda produz gestos simples e as crianças ouvintes balbuciam.

- Na segunda fase, a criança surda começa a relacionar gestos com objetos, assim como a criança ouvinte começa a relacionar sons com objetos, mas, ambos os casos não estão corretos do ponto de vista da língua estruturada, ou seja, os gestos não são os utilizados na língua de sinais, mesmo que próximos ao correto, assim como, as palavras pronunciadas pelos bebês não são ainda as pronúncias corretas.

- Na terceira fase, a criança surda começa a utilizar dois ou mais gestos para indicar uma frase, assim como a criança ouvinte fala duas ou mais palavras para indicar uma frase. Nos dois casos o repertório vai se ampliando, as concordâncias que não existiam começam a surgir, se desenvolver e se consolidar cada vez mais.

Portanto, como podemos observar, o processo de aprendizagem de uma língua, tanto para surdos quanto para ouvintes, segue um processo de construção semelhante, do mais simples para o mais complexo, mas, cada um a sua maneira e com seus repertórios possíveis pelas suas características. Para Lima (2006, p. 3), o ponto em comum é que as duas devem ser:

> [...] concebida como uma atividade constitutiva com a qual se pode tecer sentidos; vista como uma atividade cognitiva pela qual se pode expressar sentimentos, ideias, ações e representar o mundo; visualizada como uma atividade social através da qual se pode interagir com outros seres sociais e que apresenta características essencialmente dialógicas.

E para finalizar este ponto da Libras, que como já vimos é uma língua que exige um semelhante processo de aprendizagem como todas as outras, mas que possui complexidade e expressividade diferente de outras línguas. E aqui no Brasil, a Lei n.º 10.436, de abril de 2002, apresenta:

> Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão à ela associados.

> Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.
> Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.
> Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.
> Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.
> Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Portanto, a pessoa com deficiência auditiva tem o direito de aprender Libras, como sua primeira língua, mas como a Libras não pode substituir o ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita, o que implica em tratar a Libras como a primeira língua dos surdos, ou seja, a sua língua natural, já a Língua Portuguesa, como veremos a seguir, é a segunda língua para os surdos.

5 LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2)

Segundo o MEC (2007), a aquisição da Língua Portuguesa pode ser oferecida para os surdos pelo modo escrito ou oral, a depender da condição do indivíduo e decisão da família. Assim, desde a educação infantil, a criança está em contato com a Língua Portuguesa tanto pela forma oral quanto pela leitura e escrita. No caso das crianças surdas, aplicam-se as duas últimas.

Para Quadros (1997), a leitura e escrita deve ser oportunizada para todos e todas, pois é o modo pelo qual o indivíduo pode expressar inúmeras situações, sentimentos e outras coisas significativas para comunicação e relação com o mundo, o que pode promover diversas possibilidades para aprendizagem e socialização dos indivíduos.

De acordo com o MEC (2007), desde a educação infantil as crianças têm contato com a leitura e escrita por meio das histórias infantis, que deve ter apoio em recursos visuais, dramatizações e outras ações para além da língua oral (no caso dos ouvintes) e a língua de sinais (no caso das crianças surdas), pois o fundamental é estimular nas crianças, surdas e ouvintes, o interesse pela leitura.

E mesmo que a criança não saiba ler, o fato de envolver a criança no mundo do letramento é importante para este estímulo para leitura, pois tudo que for vivenciado, ou seja, todas as experiências das crianças podem ser registradas de modo escrito, pois além dela perceber que tudo que está no mundo tem uma codificação escrita, ela também descobre que ter acesso a isso é algo importante para sua vida.

5.1 A IMPORTÂNCIA DO APOIO ESCRITO

Para o MEC (2006), é importante existir um registro escrito de tudo que é realizado pela criança, seja um desenho, foto, colagem, passeios, enfim, tudo que tem um caráter visual, também deve ser colocado de modo escrito buscando facilitar a aprendizagem da Língua Portuguesa por meio dos estímulos que podem proporcionar.

Segundo o MEC (2006), a leitura que a criança faz pode ser considerada como globalizada e contextualizada, pois ela, em geral, está associada a uma situação já vivenciada pela criança, assim, com o estímulo frequente da escrita, sejam palavras ou frases, nomes, enfim, uma série de ações que são repetidas e consequentemente memorizadas, podem favorecer a criança na aquisição da leitura e escrita, seja ela surda ou ouvinte, porém, para criança surda é um primordial recurso para comunicação. Uma dica que o MEC (2007) oferece é de introduzir novos vocábulos para criança surda sempre associando o sinal correspondente e ao alfabeto manual, pois assim amplia-se o repertório da criança em todas as línguas (Libras e Língua Portuguesa).

5.2 APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA ORAL

A oralização do surdo é uma decisão individual ou da família em caso de menores de idade. E o processo de oralização é diferente do processo de aquisição da leitura e escrita. Neste último caso, a perda auditiva é pouco relevante, mas no primeiro caso, a perda auditiva é significativa para pensar se é possível e como pode ocorrer o processo de oralização.

Segundo o MEC (2000), para uma criança surda aprender a Língua Portuguesa oral, são necessárias algumas condições, pois de acordo com a perda auditiva da criança, ela poderá ter dificuldades diferentes para sua oralização, e métodos diferentes podem ser necessários.

O desenvolvimento oral da Língua Portuguesa em crianças surdas deve ser feito desde o nascimento, segundo MEC (2000), deve ser sempre acompanhado de professor, fonoaudiólogo e demais profissionais que podem colaborar com atividades tanto para a criança quanto para a família em sua interação com a criança.

Como já foi dito, as perdas graves de audição são fatores a se considerar na possibilidade de oralização de crianças surdas, além disso, o momento em que ocorre a perda auditiva também é relevante para este processo.

Segundo MEC (2000), em casos de perdas graves de audição em criança no período pré-linguístico (antes do aprendizado da fala) a oralização é possível, mas muito difícil, pois a criança precisa ter algum resquício de audição para conseguir se oralizar, portanto, sem ter aprendido nada de fala e com pouco resquício auditivo, o processo torna-se mais lento e complexo, o que exige cuidados especiais. Já as crianças que tiveram a perda auditiva no período pós-linguístico (após aprender a falar), a possibilidade de aprender e entender a linguagem oral é muito maior que nos casos pré-linguísticos.

O que é relevante destacar é a importância de reconhecer nos indivíduos sua dignidade, sua individualidade, potencialidade, ou seja, no caso da pessoa surda ou ouvinte, todos e todas merecem respeito e tratamento digno. Todos nós temos as nossas histórias de vida, experiências, relações pessoais, percepção de mundo, entre tantas outras coisas que são relevantes na nossa formação como indivíduos. Por isso, o que vimos neste tópico não deve ser usado como modo de discriminação de indivíduos, muito pelo contrário: as classificações e as ações pedagógicas servem justamente para dar possibilidades para todos e todas de terem as mesmas oportunidades de aprender e se desenvolver, logo, de estar presente e pertencente no mundo.

Com base nessa apresentação, o que é inclusão para vocês? Vamos refletir sobre quais são as atitudes e ações práticas que a sociedade deve ter com as pessoas surdas. E o que nós, individualmente, podemos fazer para termos uma ação no mundo que não seja preconceituosa e discriminatória?



Filme: Filhos do Silêncio

Sinopse: James Leeds (William Hurt) é um professor de língua de sinais que trabalha numa escola para surdos e utiliza métodos pouco convencionais nas suas aulas. Na escola em que trabalha, ele conhece Sarah Norman (Marlee Matlin), uma mulher que já se formou na escola, mas ainda trabalha no local. O professor busca contato com a mulher, acreditando que poderia ajudá-la e educá-la, o que parecia ser um desafio profissional acaba apresentando um universo novo de possibilidades e de novas perspectivas na educação dos surdos.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você viu que:

- Deficiência auditiva e surdez é a privação parcial ou total do sentido da audição, e também, que tem causas congênitas ou adquiridas, possuindo diferentes classificações.

- O Bilinguismo é a atual modalidade de atuação com a pessoa surda, pois entende que a aquisição da linguagem deve ocorrer pela aquisição da Libras como primeira língua e da Língua Portuguesa como segunda língua, sendo preferencialmente a modalidade escrita.

- A pessoa surda tem o direito de aprender Libras, como sua primeira Língua.

- A Libras não pode substituir o ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita; o que implica em tratar a Libras como a primeira Língua dos surdos, ou seja, a sua língua natural, já a Língua Portuguesa a segunda língua para os surdos.

AUTOATIVIDADE

Após estudar o Tópico 1, como você responderia as seguintes questões?

1 Qual a atual terminologia usada para caracterizar pessoas surdas e por que as terminologias mudam ao longo do tempo?

2 Qual é a diferença entre "Teste da Orelhinha" e "Exame Audiométrico"? E qual é a importância de ambos?

3 Por que a alfabetização de surdos e ouvintes ocorre de maneiras diferentes? Qual a modalidade utilizada atualmente para alfabetização de surdos e quais são suas características?

4 A Libras (Língua Brasileira de Sinais) e Língua Portuguesa, a partir da proposta bilíngue, pode ser considerada como:

I – A Libras é a primeira língua dos surdos, considerada sua língua natural.
II – A Língua Portuguesa, na modalidade escrita, é a segunda língua dos surdos.
III – A Libras deve substituir a Língua Portuguesa na modalidade escrita.
IV – É proibido trabalhar com a oralização do indivíduo surdo.

Qual alternativa a seguir é a CORRETA?
a) ( ) somente a alternativa I está correta.
b) ( ) somente as alternativas I e II estão corretas.
c) ( ) somente as alternativas III e IV estão corretas.
d) ( ) somente as alternativas I, II e IV estão corretas.
e) ( ) todas as alternativas estão corretas.

Assista ao vídeo de resolução da questão 1

Assista ao vídeo de resolução da questão 4

TÓPICO 2

EDUCAÇÃO DE SURDOS: HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Caro acadêmico, neste tópico, vamos tratar da história dos surdos e dos fundamentos da educação de surdos. Conhecer a história de surdos é fundamental para proporcionar a aquisição de conhecimentos, mas também para refletirmos e questionarmos sobre diversos pontos na educação e inclusão dos surdos.

Os surdos, ao longo da história, foram colocados à margem da sociedade, em muitos âmbitos, seja econômico, social, cultural, educacional e político, sendo considerados como deficientes e incapazes, o que levou em muitos casos à perda de vários direitos e da possibilidade de escolhas.

Realizaremos uma caminhada sobre a história da educação dos surdos para identificar como era a educação dos surdos desde os meados do século XVI até a atualidade. Desde o monge Pedro Ponce de Leon do século XVI, os educadores de surdos no século XVIII, a primeira escola pública para os surdos, em Paris (1755), o Congresso de Milão (1880), abordando a história da educação dos surdos e as filosofias aplicadas à educação dos surdos, tais como: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo.



FILME "O MILAGRE DE ANNE SULLIVAN"

Sinopse: Uma professora, Anne Sullivan, vai ensinar uma menina surda e cega chamada Helen Keller. Helen Keller ficou surda e cega aos 2 anos de idade em consequência de febre alta. Ela se tornou uma menina revoltada. Destruía tudo o que lhe caia às mãos, recusava-se a comer direito e a deixar-se vestir, pentear e lavar. Então os pais, desesperados, procuraram ajuda e foi-lhes indicada a professora especializada que se tornou muito importante na vida de Helen: Anne Sullivan.

Curiosidade: O filme é baseado numa história real. Helen Keller obteve graus universitários e publicou trabalhos autobiográficos e artigos diversos. Ela lutou para difundir os métodos de ensino aos surdos-cegos e pela aceitação das pessoas como ela pela sociedade. Assim sua corajosa conquista serviu de exemplo e inspiração aos surdos cegos.

FONTE: Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-4887/>. Acesso em: 22 fev. 2016.

2 PANORAMA HISTÓRICO

Vamos apresentar uma linha do tempo, destacando alguns períodos da história para destacar como foi o processo histórico dos surdos. Segundo Strobel (2009, p. 16-28):

Idade Antiga

Escrita a 476 d.C.

Bíblia: E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente: e rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele. E tirando-o à parte de entre multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos; e, cuspindo, tocou-lhe na língua. E levantando os olhos ao céu, suspirou, e disse: *Efatá*; isto é, Abre-te. E logo se abriram os seus ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente. E ordenou-lhes que a ninguém o dissessem; mas, quanto mais lho proibia, tanto mais o divulgavam. E admirando-se sobremaneira, diziam: Tudo faz bem: faz ouvir os surdos e falar os mudos. (Marcos, 7: 31-37)

Na Roma não perdoavam os surdos porque achavam que eram pessoas castigadas ou enfeitiçadas, a questão era resolvida por abandono ou com a eliminação física – jogavam os surdos no rio. Só se salvavam aqueles que do rio conseguiam sobreviver ou aqueles cujos pais os escondiam, mas era muito raro – e também faziam os surdos de escravos obrigando-os a passar toda a vida dentro do moinho de trigo empurrado à manivela.

Na Grécia, os surdos eram considerados inválidos e muito incômodos para a sociedade, por isto eram condenados à morte [...].

Para o Egito e a Pérsia, os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, porque acreditavam que eles comunicavam em segredo com os deuses. Havia um forte sentimento humanitário e respeito, protegiam e tributavam aos surdos a adoração, no entanto, os surdos tinham vida inativa e não eram educados.

500 a.C.

O filósofo Hipócrates associou a clareza da palavra com a mobilidade da língua, mas nada falou sobre a audição.

470 a.C.

O filósofo Heródoto classificava os surdos como "Seres castigados pelos deuses".

O filósofo grego Sócrates perguntou ao seu discípulo Hermógenes: "Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo? " Hermógenes respondeu: "Como poderia ser de outra maneira, Sócrates? " (Cratylus de Plato, discípulo e cronista, 368 a.C.).

355 a.C.

O filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.) acreditava que quando não se falavam, consequentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que: "[...] de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento [...], portanto, os nascidos surdos-mudos se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão", ele achava absurda a intenção de ensinar o surdo a falar.

Idade Média (476 – 1453)

Não davam tratamento digno aos surdos, colocavam-nos em imensa fogueira. Os surdos eram sujeitos estranhos e objetos de curiosidades da sociedade. Aos surdos era proibido receberem a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados, também haviam decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas, só sendo permitido aqueles que recebiam favor do Papa.

Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos.

Os monges beneditinos, na Itália, empregavam uma forma de sinais para comunicar entre eles, a fim de não violar o rígido voto de silêncio.

Idade moderna (1453 – 1789)

1500

Girolamo Cardano (1501-1576) era médico filósofo que reconhecia a habilidade do surdo para a razão, afirmava que "...a surdez e mudez não é o impedimento para desenvolver a aprendizagem e o meio melhor dos surdos de aprender é através da escrita... e que era um crime não instruir um surdo-mudo. " Ele utilizava a língua de sinais e escrita com os surdos.

O monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1510-1584), na Espanha, estabeleceu a primeira escola para surdos em um monastério de Valladolid, inicialmente ensinava latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis; Francisco conquistou o direito de receber a herança como marquês de Berlanger e Pedro se tornou padre com a permissão do Papa. Ponce de Leon usava como metodologia a dactilologia, escrita e oralização. Mais tarde ele criou escola para professores de surdos, porém ele não publicou nada em sua vida, e depois de sua morte o seu método caiu no esquecimento porque a tradição na época era de guardar segredos sobre os métodos de educação de surdos.

Nesta época, só os surdos que conseguiam falar tinham direito à herança.

Fray de Melchor Yebra, de Madrid, escreveu livro chamado "*Refugium Infirmorum*", que descreve e ilustra o alfabeto manual da época.

1613

Na Espanha, Juan Pablo Bonet (1579-1623) iniciou a educação com outro membro surdo da família Velasco, Dom Luís, através de sinais, treinamento da fala e o uso de alfabeto dactilologia, teve tanto sucesso que foi nomeado pelo rei Henrique IV como "Marquês de Frenzo".

Juan Pablo Bonet publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos em que expunha o seu método oral, "*Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*" no ano de 1620 em Madrid, Espanha. Bonet defendia também o ensino precoce de alfabeto manual aos surdos.

1644

John Bulwer (1614-1684) publicou "*Chirologia e Natural Language of the Hand*", onde preconiza a utilização de alfabeto manual, língua de sinais e leitura labial, ideia defendida pelo George Dalgarno anos mais tarde.

John Bulwer acreditava que a língua de sinais era universal e seus elementos constituídos icônicos.

1648

John Bulwer publicou "*Philocopus*", onde afirmava que a língua de sinais era capaz de expressar os mesmos conceitos que a língua oral.

1700

Johan Conrad Ammon (1669-1724), médico suíço desenvolveu e publicou método pedagógico da fala e da leitura labial: "*Surdus Laquens*".

1741

Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780) foi provavelmente o primeiro professor de surdos na França, oralizou a sua irmã surda e utilizou o ensino de fala e de exercícios auditivos com os surdos. A Academia Francesa de Ciências reconheceu o grande progresso alcançado por Pereire: "Não tem nenhuma dificuldade em admitir que a arte de leitura labial com suas reconhecidas limitações, [...] será de grande utilidade para os outros surdos-mudos da mesma classe, [...] assim como o alfabeto manual que o Pereira utiliza".

1755

Samuel Heinicke (1729-1790) o "Pai do Método Alemão" – Oralismo puro – iniciou as bases da filosofia oralista, onde um grande valor era atribuído somente à fala [...].

Samuel Heinicke publicou uma obra "Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra".

Em ano de 1778 o Samuel Heinicke fundou a primeira escola de oralismo puro em Leipzig, inicialmente a sua escola tinha 9 alunos surdos. Em carta escrita à L'Epée, Heinicke narra: "meus alunos são ensinados por meio de um processo fácil e lento de fala em sua língua pátria e língua estrangeira através da voz clara e com distintas entonações [...] e compreensão.

1760

Thomas Braidwood abre a primeira escola para surdos na Inglaterra, ele ensinava aos surdos os significados das palavras e sua pronúncia, valorizando a leitura orofacial.

Idade contemporânea

1789 até os nossos dias

1789

Abade Charles Michel de L'Epée morre. Na ocasião de sua morte, ele já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa.

1802

Jean Marc Itard, Estados Unidos, afirmava que o surdo podia ser treinado para ouvir palavras, ele foi o responsável pelo clássico trabalho com Victor, o "garoto selvagem" (o menino que foi encontrado vivendo junto com os lobos na floresta de Aveyron, no sul da França), considerando o comportamento semelhante a um animal por falta de socialização e educação, apesar de não ter obtido sucesso com o "selvagem" na relação à língua francesa, mas influenciou na educação especial com o seu programa de adaptação do ambiente; afirmava que o ensino de língua de sinais implicava o estímulo de percepção de memória, de atenção e dos sentidos.

1814

Em Hartford, nos Estados unidos, o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) observava as crianças brincando no seu jardim quando percebeu que uma menina, Alice Gogswell, não participava das brincadeiras por ser surda e era rejeitada das demais crianças. Gallaudet ficou profundamente tocado pelo mutismo da Alice e pelo fato de ela não ter uma escola para frequentar, pois na época não havia nenhuma escola de surdos nos Estados Unidos. Gallaudet tentou ensinar-lhe pessoalmente e juntamente com o pai da menina, o Dr. Masson Fitch Gogswell, pensou na possibilidade de criar uma escola para surdos.

O americano Thomas Hopkins Gallaudet parte à Europa para buscar métodos de ensino aos surdos. Na Inglaterra, Gallaudet foi conhecer o trabalho realizado por Braidwood, na escola "Watson's Asylum" (uma escola onde os métodos eram secretos, caros e ciumentamente guardados) que usava a língua oral na educação dos surdos, porém foi impedido e recusaram-lhe a expor a metodologia, não tendo outra opção o Gallaudet partiu para a França onde foi bem acolhido e impressionou-se com o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard.

Thomas Hopkins Gallaudet volta à América trazendo o professor surdo Laurent Clerc, melhor aluno do "Instituto Nacional para Surdos Mudos", de Paris. Durante a travessia de 52 dias na viagem de volta ao Estados Unidos, Clerc ensinou a língua de sinais para Gallaudet que por sua vez lhe ensinou o inglês.

Thomas H. Gallaudet, junto com Clerc fundou em Hartford, 15 de abril, a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos, "Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas". Com o sucesso imediato da escola levou à abertura de outras escolas de surdos pelos

Estados Undisos, quase todos os professores de surdos já eram usuários fluentes em língua de sinais e muitos eram surdos também.

1846

Alexander Melville Bell, professor de surdos, o pai do célebre inventor de telefone Alexander Grahan Bell, inventou um código de símbolos chamado "Fala visível" ou "Linguagem visível", sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para que os surdos repitam os movimentos e os sons indicados pelo professor.

1855

Eduardo Huet, professor surdo com experiência de mestrado e cursos em Paris, chega ao Brasil sob beneplácito do imperador D. Pedro II, com a intenção de abrir uma escola para pessoas surdas.

1857

Foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro – Brasil, o "Imperial Instituto dos Surdos-mudos", hoje, "Instituto Nacional de Educação de Surdos"– INES [...]. Foi nesta escola que surgiu, da mistura da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Dezembro do mesmo ano, Eduardo Huet apresentou ao grupo de pessoas na presença do imperador D.Pedro II, os resultados de seu trabalho causando boa impressão.

1861

Ernest Huet foi embora do Brasil devido aos seus problemas pessoais, para lecionar aos surdos no México, neste período o INES ficou sendo dirigido por Frei do Carmo que logo abandonou o cargo alegando: "Não aguento as confusões" e com isto foi substituído por Ernesto do Prado Seixa.

1862

Foi contratado para cargo de diretor do INES, Rio de Janeiro, o Dr. Manoel Magalhães Couto, que não tinha experiência de educação com os surdos.

1864

Foi fundada a primeira universidade nacional para surdos "Universidade Gallaudet" em Washington – Estados Unidos, um sonho de Thomas Hopkins Gallaudet realizado pelo filho do mesmo, Edward Miner Gallaudet (1837-1917).

1867

Alexander Grahan Bell (1847-1922), nos Estados Unidos, dedicou-se aos estudos sobre acústica e fonética.

1868

Após a inspeção governamental, o INES foi considerado um asilo de surdos, então o dr. Manoel Magalhães foi demitido e o sr. Tobias Leite assumiu a direção.

Entre os anos 1870 e 1890, Alexander Grahan Bell publicou vários artigos criticando casamentos entre pessoas surdas, a cultura surda e as escolas residenciais para surdos, alegando que são os fatores o isolamento dos surdos com a sociedade. Ele era contra a língua de sinais argumentando que a mesma não propiciava o desenvolvimento intelectual dos surdos.

1872

Alexander Graham Bell abriu sua própria escola para treinar os professores de surdos em Boston, publicou livreto com método " O pioneiro da fala visível", a continuação do trabalho do pai.

1873

Alexander Graham Bell deu aulas de fisiologia da voz para surdos na Universidade de Boston. Lá ele conheceu a surda Mabel Gardiner Hulbard, com quem se casou.

1875

Um ex-aluno do INES, Flausino José da Gama, aos 18 anos, publicou "Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos", o primeiro dicionário de língua de sinais no Brasil.

1880

Realizou-se Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão – Itália, onde o método oral foi votado o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos e a língua de sinais foi proibida oficialmente alegando que a mesma destruía a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos são "preguiçosos" para falar, preferindo a usar a língua de sinais. Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro (a maioria já havia empenhado muito antes de congresso em fazer prevalecer o método oral puro no ensino dos surdos). Na ocasião de votação na assembleia geral realizada no congresso todos os professores surdos foram negados o direito de votar e excluídos, dos 164 representantes presentes ouvintes, apenas 5 dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro.

Nasce Hellen Keller no Alabama, Estados Unidos. Ela ficou cega, surda e muda aos 2 anos de idade. Aos 7 anos foi confiada à professora Anne Mansfield Sullivan, que lhe ensinou o alfabeto manual tátil (método empregado pelos surdos-cegos). Hellen Keller obteve graus universitários e publicou trabalhos autobiográficos.

1932

O escultor surdo, Antônio Pitanga, pernambucano, formado pela escola de Belas Artes, foi vencedor dos prêmios: Medalha de prata (escultura Menino sorrindo), Medalha de ouro (Escultura Ícaro) e o prêmio viagem à Europa (com a escultura Paraguassú).

1951

Um surdo, Vicente de Paulo Penido Burnier, foi ordenado como padre no dia 22 de setembro. Ele esperou durante 3 anos uma liberação do Papa, da Lei Direito Canônico, que na época proibia surdo de se tornar padre.

1957

Por decreto imperial, Lei nº 3.198, de 6 de julho, o "Imperial Instituto dos Surdos-Mudos" passou a chamar-se "Instituto Nacional de Educação dos Surdos" – INES. Nesta época, Ana Rímola de Faria Daoria assumiu a direção do INES com a assessoria da professora Alpia Couto , proibiram a língua de sinais oficialmente nas salas de aula, mesmo com a proibição, os alunos surdos continuaram usar a língua de sinais nos corredores e nos pátios da escola.

1960

Willian Stokoe publicou *"Language Structure: an Outline of the Visual Communication System of the American Deaf"* afirmando que ASL é uma língua com todas as características da língua oral. Esta publicação foi uma semente de todas as pesquisas que floresceram em Estados Unidos e na Europa.

1961

O surdo brasileiro Jorge Sérgio L. Guimarães publicou no Rio de Janeiro o livro "Até onde vai o Surdo", onde narra suas experiências de pessoa surda em forma de crônicas.

1969

A Universidade Gallaudet adotou a Comunicação Total.

O padre americano Eugênio Oates publicou no Brasil "Linguagem das Mãos", que contém 1258 sinais fotografados.

1977

Foi criada a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos), composta apenas por pessoas ouvintes envolvidas com a problemática da surdez.

Foi lançado o livro de poemas: "Ânsia de amar" do surdo Jorge Sérgio Guimarães, após a morte do mesmo.

1984

Foi fundada a CBDS, Confederação Brasileira de desportos de Surdos, em São Paulo, Brasil.

1986

Estreou o filme "Filhos do Silêncio", no qual, pela primeira vez uma atriz surda, Marlee Matlin, conquistou o Oscar de melhor atriz em Estados Unidos.

1987

Foi fundada a FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, no Rio de Janeiro, sendo que a mesma foi reestruturada da antiga ex-FENEIDA.

A FENEIS conquistou a sua sede própria no dia 8 de janeiro de 1993.

1997

Closed Caption (acesso à exibição de legenda na televisão) foi iniciado pela primeira vez no Brasil, na emissora Rede Globo, no Jornal Nacional, no mês de setembro.

1999

Foi lançada a primeira revista da FENEIS, com capa ilustrativa do desenhista surdo Silas Queirós.

2000 – em diante

Formação de agentes multiplicadores Libras em Contexto, em MEC/ Feneis.

Como verificamos, segundo Strobel (2009), a história de surdos registrada segue várias trajetórias, com perspectivas diferentes, com representações diferentes e ideias distintas sobre os surdos.

Ainda segundo Strobel (2009, p. 30), o quadro a seguir apresenta como são as representações dos sujeitos surdos em diferentes perspectivas:

QUADRO 1 - REPRESENTAÇÕES DOS SUJEITOS SURDOS PELAS PERSPECTIVAS HISTÓRICAS

Historicismo	História crítica	História Cultural
Os surdos narrados como deficientes e patológicos. Os surdos são categorizados em graus de surdez. A educação deve ter um caráter clinico-terapêutico e de reabilitação. A língua de sinais é prejudicial aos surdos.	Os surdos narrados como "coitadinhos" que precisam de ajuda para se promoverem, se integrar. Os surdos têm capacidade, mas dependentes. A educação como caridade, surdos "precisam" de ajuda para apoio escolar, porque têm dificuldades de acompanhar. A língua de sinais é usada como apoio ou recurso.	Os surdos narrados como sujeitos com experiências visuais. As identidades surdas são múltiplas e multifacetadas. A educação de surdos deve ter respeito à diferença cultural. A língua de sinais é a manifestação da diferença linguística-cultural relativa aos surdos.

FONTE: Formação de agentes multiplicadores Libras em Contexto, em MEC/Feneis (STROBEL, 2009, p. 22-29).

Caro acadêmico, nós acompanhamos até agora a trajetória dos surdos, durante os diversos períodos da história, logo, observamos como eles foram colocados à margem do mundo econômico, social, cultural, educacional e político. Para Sá (2003, p. 89) "a situação a que estão submetidos os surdos, suas comunidades e suas organizações, no Brasil e no mundo, têm muita história de opressão para contar".

AUTOATIVIDADE



Você conhece algum surdo e sabe como foi a trajetória de vida e escolar dele? Se não conhece, como você imagina o que é ser surdo, e mais, quais são as barreiras sociais enfrentadas pelos surdos?

Que tal debater estas questões com os seus colegas em sala de aula? Faça uma mesa redonda e convide um surdo para compartilhar a sua experiência de vida (importante ter um intérprete de Libras).

3 EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Segundo Dias (2006), até o século XVI, por motivos de ignorância e preconceito, os surdos eram considerados ineducáveis, ou seja, não haveria possibilidade de educar, no sentido de escolarizar, os surdos. Porém, com o passar do tempo, várias experiências, estudos e ações foram sendo realizadas e aprimoradas, e hoje, nós sabemos que é possível educar e escolarizar as pessoas surdas como qualquer outra pessoa.

No início do século XVI, Jannuzzi (2004, p. 31) destaca registros das experiências do médico pesquisador italiano Girolamo Cardano, que viveu no período de (1501-1576), o qual "concluiu que a surdez não prejudicava a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos". E Soares (1999) afirma que Gerolamo Cardano considerava que o surdo tinha capacidade de raciocinar, expressar seu pensamento (pela forma escrita, por exemplo), logo, a surdez não poderia ser considerada uma barreira para aprendizagem e aquisição de conhecimento por parte dos surdos.

Reily (2007) mostra que Pedro Ponce de Leon (1510-1584) ficou reconhecido como o primeiro professor de surdo, pois ele conseguiu ensinar uma linguagem articulada para os surdos. E que Juan Pablo Bonet escreveu um livro em 1620 chamado "*Reducción de las letras y arte de enseñar a hablar a los mudos*", que explicava como trabalhar e exercitar a emissão de sons dos educandos.

Para Jannuzzi (2004), no final do século XVIII surgiram vários educadores de surdos, com várias metodologias, algumas parecidas e outras bem diferentes, mas o maior destaque foi para o abade francês Charles Michel de L'Epée (1712-1789) que afirmou que por meio da língua de sinais os surdos eram capazes de aprender a ler e escrever, portanto, os surdos teriam condições de expressar as suas ideias.

Silva (2003) destaca que foi justamente o abade L'Epée que fundou em Paris um asilo para surdos e depois fundou a primeira escola pública para surdos, também em Paris, que utilizava um método criado pelo abade, com objetivo de desenvolver o pensamento e a comunicação dos surdos por meio de uma língua de sinais, por entender que esta é a linguagem natural dos surdos.

> A escola pública para surdos em Paris além de priorizar no processo pedagógico a Língua de Sinais: [...] tinha como eixo orientador à formação profissional, cujo resultado era traduzido na formação de professores surdos para as comunidades surdas e a formação de profissionais em escultura, pintura, teatro e artes de ofício, como litografia, jardinagem, marcenaria e artes gráficas (SILVA et al. 2006, p. 24).

Silva (2003) afirma que o abade L'Epée conseguiu construir e executar uma proposta pedagógica exitosa na educação dos surdos, mas também foi muito criticado por utilizar apenas a língua de sinais. Isto porque, como veremos a seguir,

muitos métodos foram apresentados e discutidos, logo, algumas perspectivas entravam em conflito sobre qual seria a melhor opção para educação dos surdos.

Um evento importante para o debate sobre a educação dos surdos foi o Congresso de Milão, realizado de 6 a 11 de setembro de 1880, com mais de 182 participantes de vários países de diferentes continentes do mundo. E segundo Lacerda (1998), neste evento ficou definido que o método oral é o mais adequado para ser trabalhado na educação dos surdos, logo, todos os métodos gestuais e de língua de sinais foram considerados limitados e inferiores, pois acreditavam que as palavras faladas eram superiores aos gestos. Curiosamente, a maioria dos participantes neste congresso eram ouvintes.

E você, acadêmico, o que acha sobre isso? A palavra falada é superior aos gestos e língua de sinais? É possível se comunicar com qualidade e clareza, mas sem falar? E, será que a presença da maioria ouvinte foi determinante para esta opção metodológica considerada mais adequada?

Segundo Skliar (1997, p. 109), as conclusões do Congresso de Milão dividiram a história da educação dos surdos em dois períodos:

> Um período prévio, que vai desde meados do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando eram comuns as experiências educativas por intermédio da Língua de Sinais, e outro posterior, que vai de 1880, até nossos dias, de predomínio absoluto de uma única 'equação', segundo a qual a educação dos surdos se reduz à língua oral.

Para Silva (2006), esta divisão proposta por Skliar (1997) é exagerada, pois mesmo concordando que antes do Congresso de Milão havia muitas experiências com línguas de sinais na educação dos surdos e depois o método oralista ganhou mais força e evidência, isso não é um fato que ocorreu por motivo exclusivo da decisão adotada neste evento, isto porque, nesta época era comum a perspectiva médico-clínica, ou seja, um paradigma de que o indivíduo deveria ser reabilitado para se enquadrar na norma da sociedade. Assim, se a sociedade é de maioria ouvinte e o normal é falar, logo, a melhor escolha para reabilitação dos surdos e inclusão na sociedade (dentro desta perspectiva médico-clínica) era a oralização.

Esta ideia se alterou ao longo da história, pois com a alteração do paradigma da reabilitação (que visava corrigir o indivíduo para ele se aproximar do normal da sociedade) para o paradigma da integração (que coloca o indivíduo como ele é para conviver em sociedade, mas sem alterar a sociedade para incluí-lo) e depois para o atual paradigma da inclusão (que altera a sociedade e o mundo para serem acessíveis e inclusivo para todos e todas), os surdos têm outras alternativas de educação e inclusão social, mais vinculadas a uma perspectiva social antropológica, que valoriza a língua de sinais e propõem outros meios de inclusão e outras pedagogias para educação dos surdos.

Contudo, é fato que o oralismo vigorou durante muito tempo na educação dos surdos, em detrimento das línguas de sinais, e hoje o oralismo está presente,

mas, a diferença do passado para hoje em dia é que as práticas oralistas atualmente são de livre escolha do indivíduo e da família, porém, como uma alternativa, não mais como a melhor opção, ou seja, há liberdade de escolha e reconhecimento que todas as formas e métodos para educação dos surdos são válidos e deve-se escolher o que é a melhor opção e a de desejo do indivíduo.

Ainda falando sobre o oralismo, Silva (2003) destaca três elementos desta prática: o treinamento auditivo, a leitura labial e o desenvolvimento da fala. Além disso, o uso de prótese individual para amplificação de sons também pode auxiliar os surdos, pois é fundamental existir algum resíduo auditivo para possibilitar a oralização:

> [...] uma deficiência que deve ser minimizada através da estimulação auditiva. Esta estimulação possibilitaria a aprendizagem da Língua Portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma 'reabilitação' da criança surda em direção à 'normalidade', à 'nãosurdez'. A criança surda deve, então, se submeter a um processo de reabilitação que se inicia com a estimulação auditiva precoce, que consiste em aproveitar os resíduos auditivos que os surdos possuem e capacitá-las a discriminar os sons que ouvem. Através da audição e, também a partir das vibrações corporais e da leitura orofacial, a criança deve chegar à compreensão da fala dos outros e, finalmente, começar a oralizar (LORENZINI, 2004, p. 15).

Segundo Dias (2006), a educação de surdos por meio do oralismo não obteve êxito, pois não garantiu uma maior qualidade na educação dos surdos em comparação aos outros métodos, assim sendo, a partir de 1960, alguns trabalhos começaram a divulgar seus resultados que indicavam que pelo uso das línguas de sinais as crianças surdas estavam conseguindo aprender e ter seu desenvolvimento escolar adequado, e assim, a filosofia oralista começou a ser substituída.

Enfim, surge a filosofia da Comunicação Total. A Comunicação Total, segundo Costa (1994, p. 103):

> [...] utiliza a Língua de Sinais, o alfabeto digital, a amplificação sonora, a fonoarticulação, a leitura dos movimentos dos lábios, leitura e escrita, e utiliza todos estes aspectos ao mesmo tempo, ou seja, enfatizando para o ensino, o desenvolvimento da linguagem. Portanto a Comunicação Total é um procedimento baseado nos múltiplos aspectos das orientações manualista e oralista para o ensino da comunicação ao deficiente auditivo.

Segundo Lacerda (1998), a filosofia da Comunicação Total tem uma flexibilidade comunicativa, ou seja, ela se utiliza tanto de meios de comunicação oral quanto gestual e escrito, pois o objetivo era desenvolver uma comunicação real da criança surda com o mundo, assim, todos os recursos disponíveis poderiam ser utilizados, a oralização ainda está presente nesta perspectiva, mas não como prioridade, porém, como mais um entre vários recursos.

Porém, segundo Oliveira (2001), a Comunicação Total também fracassou, e assim, a partir das discussões sobre as práticas até então realizadas, utilizadas junto às pessoas com surdez, ficou evidente a ineficácia observadas na utilização da filosofia do Oralismo, e também, na da Comunicação Total. E como uma saída para este problema surge a filosofia do bilinguismo que destaca:

> [...] tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país [...] os autores ligados ao Bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez (GOLDFELD 1997, p. 38).

O Bilinguismo já foi destacado no primeiro tópico, lembram?

Então, a filosofia bilíngue apresenta uma proposta de ensino pautada no acesso a duas línguas no contexto escolar, que no caso das pessoas surdas, as línguas são: a língua de sinais, considerada como a língua natural, e esta língua natural na modalidade escrita, ou seja, no caso do Brasil, a língua de sinais é a Libras e a modalidade escrita é da Língua Portuguesa.

Conforme o Relatório Anual de Atividades da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS, 2007, p. 8), dados do MEC de 2003 mostram que "somente 3,6% do total de surdos matriculados conseguiu concluir a educação básica, o que comprova a exclusão escolar provocada pelas barreiras na comunicação entre alunos surdos e professores".

Em relação ao trabalho educacional com surdos no Brasil, Oliveira (2001) relata que o início foi em 1857 com a fundação do Imperial Instituto de surdos-mudos, que atualmente é o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). No período imperial, a supervisão do trabalho era realizada pelo professor surdo Ernest Huet, que era francês, e, a convite de Dom Pedro II veio ao Brasil e desenvolveu uma metodologia baseada na experiência e na língua de sinais francesa.

Perceberam, caros acadêmicos, que este local substituiu o termo "surdos-mudos" por "surdos"? Já falamos sobre isso, lembram? As terminologias são alteradas ao longo da história para atender melhor aos conceitos que elas nomeiam, isso ocorreu também com o nome da instituição.

No Brasil, a partir de 1980, surge o conceito de letramento. Segundo Kato (1987), Soares (1988) e Kleiman (1995), este conceito é diferente do conceito de alfabetização. Isto porque na alfabetização está posto o domínio do código de uma língua escrita, já no letramento, além do domínio do código da língua escrita, ela utiliza a leitura e escrita na ação e prática social.

No entanto, esta perspectiva pedagógica surgiu depois da perspectiva clínica-terapêutica, e mais, ainda hoje duas concepções coexistem, a clínica-terapêutica e a socioantropológica, o que torna relevante entender cada uma delas.

Segundo Skliar (2001), a perspectiva clínica-terapêutica entende que os surdos são um grupo homogêneo que responde a uma classificação médica de deficiência auditiva. Assim, nessa perspectiva cria-se uma relação direta entre a deficiência e outros problemas do indivíduo, como se a surdez fosse a responsável pelos problemas emocionais, sociais, linguísticos, intelectuais etc., logo, se a surdez fosse "curada" o indivíduo seria normal. O problema é que essa perspectiva não considera que todos os problemas destacados também têm influência de questões sociais, logo, não é exclusivamente pela surdez.

Outra característica do modelo clínico-terapêutico é pautar-se na filosofia oralista, pois esta perspectiva reflete uma representação implícita que a sociedade ouvinte construiu do surdo, isto é, uma concepção relacionada com a patologia, tendo o currículo escolar como objetivo dar ao sujeito o que lhe falta: a audição e a oralidade.

Uma perspectiva diferente é a socioantropológica. Segundo Skliar (2001), esta perspectiva entende que a surdez é uma diferença cultural e não uma patologia médica. Assim, o surdo pelo seu déficit auditivo, que impede a aquisição da língua de modo oral-auditivo (usado pela maioria), tem de utilizar outras estratégias cognitivas para aquisição da língua, no caso será a língua de sinais, e assim, esta diferença determina para o indivíduo diferentes formas de expressão e comportamento, consequentemente, deve-se pensar e criar diferentes formas de ação educativa para educação dos surdos, logo, esta perspectiva está ligada também a uma concepção pedagógica.

E o contexto pedagógico apresenta atualmente uma perspectiva de que a inclusão de alunos com deficiência deve ocorrer em escolas comuns do ensino regular. Isto, com base em documentos internacionais como a Declaração Mundial sobre a Educação para Todos, que é fruto da Conferência Mundial sobre Educação para Todos (JOMTIEN, 1990), e também, da Declaração de Salamanca (1994). Já no Brasil, nós temos, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (CNE, 2001), além de outros documentos, políticas e resoluções que colaboram com a perspectiva socioantropológica, com base pedagógica, destacando que é preciso abandonar as práticas segregadoras, como as escolas especiais, que têm forte vínculo com a perspectiva clínico-terapêutica, para pensar agora numa inclusão em escolas regulares, sem segregação, com todos e todas no mesmo ambiente escolar.

Então, caro acadêmico, o que você acha disso? Concorda com esta perspectiva? Acredita que é possível colocar em prática? Como você acha que deveria ser a educação dos surdos, e das pessoas com deficiência, de modo geral?

4 LEGISLAÇÃO

Veremos a seguir algumas conquistas do movimento social e político das pessoas com deficiência, em destaque as que tratam dos direitos das pessoas com deficiência auditiva e surdez.

Libras

Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005
Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002
Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.

INTÉRPRETES

Lei Nº 12.319 de 1º de setembro de 2010
Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 040/2003
Tradução simultânea na Língua Brasileira de Sinais – Libras – na programação da TV Assembleia e dá outras providências.

ACESSIBILIDADE

Decreto 5.296 de 2 de Dezembro de 2004
Regulamenta as Leis nº 10.048 de Novembro de 2000, e dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098 de 19 de Dezembro de 2000 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade.

Decreto nº 6.214 de 26 de Setembro de 2007
Regulamenta o Benefício de Prestação Continuada (BPC) da Assistência Social devido à pessoa com deficiência e ao idoso de que trata a lei nº 8.742 de Dezembro de 1993, e a Lei nº 10.741 de 1º de Outubro de 2003, e dá outras providências.

Resolução nº 4 de 2 de Outubro de 2009
Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

Lei nº 10.216 de 6 de Abril de 2001
Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial de saúde mental.

Lei nº 6.202 de 17 de Abril de 1975
Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto lei nº 1.044, e dá outras providências**.**

Portaria nº 3.284 de 7 de Novembro de 2003
Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições.

Lei nº 4.304 de 07 de abril de 2004.
Dispõe sobre a utilização de recursos visuais, destinados as pessoas com deficiência auditiva, na veiculação de propaganda oficial.

Lei federal nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000
Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

MERCADO DE TRABALHO

Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991
Art. 93. A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência, habilitadas, na seguinte proporção: I – até 200 empregados 2% II – de 201 a 500 3% III – de 501 a 1.000 4% IV – de 1.001 em diante 5% 1º A dispensa de trabalhador reabilitado ou de deficiente habilitado ao final de contrato por prazo determinado de mais de 90 (noventa) dias, e a imotivada, no contrato por prazo indeterminado, só poderá ocorrer após a contratação de substituto de condição semelhante. 2º O Ministério do Trabalho e da Previdência Social deverá gerar estatísticas sobre o total de empregados e as vagas preenchidas por reabilitados e deficientes habilitados fornecendo-as quando solicitadas, aos sindicatos ou entidades representativas dos empregados. Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993.

TRANSPORTE

Conselho Nacional de Trânsito – Contran

Resolução nº 734/1989 Art. 54 o candidato à obtenção de carteira nacional de habilitação, portador de deficiência auditiva igual ou superior a 40 decibéis, considerado apto no exame otonerológicos, só poderá dirigir veículo automotor das categorias A ou B.

SURDEZ

Decreto nº 3.298 de 20 de dezembro de 1999
Art.4º é considerada pessoa portadora de deficiência aquela que enquadrar nas seguintes categorias:

A) DE 25 A 40 DECIBÉIS (D.B) – SURDEZ LEVE;
B) DE 41 A 55 (D.B) – SURDEZ MODERADA;
C) DE 56 A 70 (D.B) – SURDEZ ACENTUADA;
D) DE 71 A 90 (D.B) – SURDEZ SEVERA;
E) DE ACIMA DE 91 (D.B) – SURDEZ PROFUNDA;
F) ACANHAIS (PROFUNDA).

TELEFONIA
Decreto nº 1.592 de 15 de maio de 1998
Art.6º a partir de 31 dezembro de 1999. A concessionária deverá assegurar condições de acesso ao serviço telefônico para deficientes auditivos e da fala: tornar disponível centro de atendimento para intermediação da comunicação (1402).

LEGENDA

Lei nº 4.304 de 07 de abril de 2004 – rio de janeiro
Dispõe sobre a utilização de recursos visuais, destinados às pessoas com deficiência auditiva, na veiculação de propaganda oficial.

Lei nº 2.089 De 29 De Setembro De 1998 – Distrito Federal
Institui a obrigatoriedade de inserção, nas peças publicitárias para veicularão em emissoras de televisão, da interpretação da mensagem em legenda e na Língua Brasileira de Sinais – Libras.

FONTE: Disponível em: <https://direitosdossurdos.wordpress.com/legislacao/>. Acesso em: 13 dez. 2015.

Estas são conquistas da comunidade surda. Tudo isso está intrinsecamente ligado às aprovações do legislativo, que por sua vez se sensibiliza para estas questões justamente por receber divulgação e pressão dos movimentos sociais, iniciativas individuais e coletivas, órgãos e entidades diversas que se mobilizam e conscientizam os surdos e ouvintes, ou seja, toda a sociedade para a visibilidade dos surdos e pela luta por seus direitos.

5 ÓRGÃOS

Neste ponto vamos apresentar o "Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES" e a "Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS", que são dois órgãos de grande expressão e relevância para os surdos, em todos os sentidos, seja pela luta pelos direitos dos surdos, pelos trabalhos realizados, ações educativas e de formação de profissionais, entre outras práticas pedagógicas, discussões políticas e ações sociais.

5.1 INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES

Atualmente, o INES tem como uma de suas atribuições regimentais subsidiar a formulação da política nacional de Educação de Surdos, mas isto deve estar em conformidade com a Portaria MEC nº 323, de 08 de abril de 2009, publicada no Diário Oficial da União de 09 de abril de 2009, e com o Decreto nº 7.690, de 02 de março de 2012, publicado no Diário Oficial da União de 06 de março de 2012. O INES também possui um Colégio de Aplicação, Educação Precoce e Ensinos Fundamental e Médio. Além disso, o INES também forma profissionais surdos e ouvintes no Curso Bilíngue de Pedagogia, experiência pioneira no Brasil e em toda América Latina.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, foi criado pela Lei n° 939, de 26 de setembro de 1857, com denominação dada pela Lei n° 3.198, de 6 de julho de 1957, órgão específico, singular e integrante da estrutura organizacional do Ministério da Educação, conforme Decreto n° 6.320, de 20 de dezembro de 2007, de referência nacional na área da surdez, dotado de autonomia limitada e subordinado diretamente ao Ministro de Estado da Educação, atuando tecnicamente em articulação com a Secretaria de Educação Especial.

O INES destina-se a promover a educação, sob múltiplas formas e graus, a ciência e a cultura geral, e tem por finalidade:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua.

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, da publicação ou de outras formas de comunicação.

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos

que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração.

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando a difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

VIII - subsidiar a formulação da Política Nacional de Educação na área de surdez.

IX - promover e realizar programas de capacitação de recursos humanos na área de surdez.

X - assistir, tecnicamente, os sistemas de ensino, visando ao atendimento educacional de alunos surdos, em articulação com a Secretaria de Educação Especial.

XI - promover intercâmbio com as associações e organizações educacionais do País, visando a incentivar a integração das pessoas surdas.

XII - promover a educação de alunos surdos, através da manutenção de órgão de educação básica, visando garantir o atendimento educacional e a preparação para o trabalho de pessoas surdas.

XIII- efetivar os propósitos da educação inclusiva, através da oferta de cursos de graduação e de pós-graduação, com o objetivo de preparar profissionais bilíngues com competência científica, social, política e técnica, habilitados à eficiente atuação profissional, observada a área de formação.

XIV - promover, realizar e divulgar estudos e pesquisas nas áreas de prevenção da surdez, avaliação dos métodos e técnicas utilizados e desenvolvimento de recursos didáticos, visando a melhoria da qualidade do atendimento da pessoa surda.

XV - promover programas de intercâmbio de experiências, conhecimentos e inovações na área de educação de alunos surdos.

XVI - elaborar e produzir material didático-pedagógico para o ensino de alunos surdos.

XVII - promover ação constante junto à sociedade, através dos meios de comunicação de massa e de outros recursos, visando ao resgate da imagem social das pessoas surdas.

XVIII - desenvolver programas de reabilitação, pesquisa de mercado de trabalho e promoção de encaminhamento profissional, com a finalidade de possibilitar às pessoas surdas o pleno exercício da cidadania.

FONTE: Disponível em: <http://www.ines.gov.br/>. Acesso em: 16 mar. 2016.

5.2 FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS – FENEIS

A FENEIS é uma instituição não governamental, filantrópica, sem fins lucrativos, com caráter educacional, assistencial e sociocultural.

Segundo FENEIS (2016, s.p.) do estado de São Paulo:

> Lutando pelos direitos dos Surdos há 17 anos, a FENEIS de São Paulo foi fundada no dia 25 de abril de 1997, desenvolvendo trabalhos em Empresas, Prefeituras, Estado e órgãos afins, através de parceria e/ou contratação. Dentre tais trabalhos estão a divulgação da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), para pessoas surdas e ouvintes; aperfeiçoar e aprimorar os estudos sobre interpretação e tradução; a inserção no mercado de trabalho, a conscientização da comunidade a respeito da cultura e vida, uma melhor qualidade educacional aos alunos e a defesa dos direitos destes cidadãos. O empenho pela disseminação da LIBRAS, o apoio às tecnologias desenvolvidas a favor do Surdo e a realização de ações que visam o desenvolvimento e a integração da pessoa Surda são metas fundamentais desta regional.

A FENEIS nasceu com caráter estritamente político. A FENEIS, desde sua fundação, demonstra ter plena consciência do papel que quer desempenhar na sociedade e exige da mesma sua aceitação. Esta instituição desenvolve ações de educação informal e permanente, com intuito de valorizar o ser humano e estimular a autonomia pessoal, a interação e o contato com expressões e modos diversos de pensar, agir e sentir. Oferece, também, atividades de turismo social, programas de saúde e de educação ambiental, programas especiais para crianças e terceira idade, dentre outros.

> É filiada à Federação Mundial dos Surdos, conta com uma rede de sete Administrações Regionais, e, face à importância, suas atividades foram reconhecidas como de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal. A Feneis foi fundada em 1987 (FENEIDA, como era chamada na ocasião, era constituída apenas por pessoas ouvintes). Em 1987 foi reestruturado o estatuto da instituição, que passou a ter o nome Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - Feneis.
> • Administração Regional do Ceará - Fortaleza
> • Administração Regional do Distrito Federal - Brasília
> • Administração Regional de Minas Gerais - Belo Horizonte
> • Administração Regional do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro
> • Administração Regional do São Paulo - São Paulo
> • Administração Regional do Paraná - Curitiba
> • Administração Regional do Rio Grande do Sul - Porto Alegre
>
> Programas
>
> • Programa Nacional de Surdocegos.
> • Programa Nacional de Social.
> • Programa Nacional da Cultura e Pesquisa.
> • Programa Nacional de Acessibilidade.

• Programa Nacional de Jovens Surdos.
(FENEIS, 2016, s.p.).

6 TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

A tecnologia pode ser utilizada para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, assim, existem algumas tecnologias chamadas de "tecnologias assistivas", que tratam de ferramentas que podem ser utilizadas por pessoas com deficiência, e são coisas desde talheres, canetas, relógio, mesas, cadeiras, computadores, controle remoto, automóveis, telefones celulares, entre várias outras coisas que podem auxiliar na inclusão social de pessoas com deficiência.

> Tecnologia Assistiva - TA é um termo ainda novo, utilizado para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão. (BERSCH; TONOLLI, 2006, p. 2)

Ainda segundo Bersch e Tonolli (2006, p. 4): ''os recursos de tecnologia assistiva são organizados ou classificados de acordo com objetivos funcionais a que se destinam".

A seguir, vamos conhecer as categorias de Tecnologias Assistivas (TA), a partir da concepção de Bersch e Tonolli (2006, p. 5-11):

Auxílios para a vida diária e vida prática

Materiais e produtos que favorecem desempenho autônomo e independente em tarefas rotineiras ou facilitam o cuidado de pessoas em situação de dependência de auxílio, nas atividades como se alimentar, cozinhar, vestir-se, tomar banho e executar necessidades pessoais. São exemplos os talheres modificados, suportes para utensílios domésticos, roupas desenhadas para facilitar o vestir e despir, abotoadores, velcro, recursos para transferência, barras de apoio etc. Também estão incluídos nesta categoria os equipamentos que promovem a independência das pessoas com deficiência visual na realização de tarefas como: consultar o relógio, usar calculadora, verificar a temperatura do corpo, identificar se as luzes estão acesas ou apagadas, cozinhar, identificar cores e peças do vestuário, verificar pressão arterial, identificar chamadas telefônicas, escrever etc. Alimentação (fixador do talher à mão, anteparo de alimentos no prato, fatiados de pão). Vestuário (abotoador, argola para zíper e cadarço mola). Materiais escolares (aranha mola para fixação da caneta, pulseira de imã estabilizadora da mão, plano inclinado, engrossadores de lápis, virador de página por acionadores).

CAA - Comunicação Aumentativa e Alternativa

Destinada a atender pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever. Recursos como as pranchas de comunicação, construídas com simbologia gráfica (BLISS, PCS e outros), letras ou palavras escritas, são utilizados pelo usuário da CAA para expressar suas questões, desejos, sentimentos, entendimentos. A alta tecnologia dos vocalizadores (pranchas com produção de voz) ou o computador com softwares específicos e pranchas dinâmicas em computadores tipo tablets, garantem grande eficiência à função comunicativa. Prancha de comunicação impressa; vocalizadores de mensagens gravadas; prancha de comunicação gerada com o software Boardmaker SDP no equipamento EyeMax (símbolos são selecionados pelo movimento ocular e a mensagem é ativada pelo piscar) e pranchas dinâmicas de comunicação no tablet.

Recursos de acessibilidade ao computador

Conjunto de *hardware* e *software* especialmente idealizado para tornar o computador acessível a pessoas com privações sensoriais (visuais e auditivas), intelectuais e motoras. Inclui dispositivos de entrada (*mouses*, teclados e acionadores diferenciados) e dispositivos de saída (sons, imagens, informações táteis). São exemplos de dispositivos de entrada os teclados modificados, os teclados virtuais com varredura, mouses especiais e acionadores diversos, *software* de reconhecimento de voz, dispositivos apontadores que valorizam movimento de cabeça, movimento de olhos, ondas cerebrais (pensamento), órteses e ponteiras para digitação, entre outros. Como dispositivos de saída podemos citar *softwares* leitores de tela, *software* para ajustes de cores e tamanhos das informações (efeito lupa), os *softwares* leitores de texto impresso (OCR), impressoras braile e linha braile, impressão em relevo, entre outros. Teclado expandido e programável IntelliKeys, diferentes modelos de mouse e sistema EyeMax para controle do computador com movimento ocular. Linha Braille, mapa tátil com impressão em relevo.

Sistemas de controle de ambiente

Através de um controle remoto, as pessoas com limitações motoras, podem ligar, desligar e ajustar aparelhos eletroeletrônicos como a luz, o som, televisores, ventiladores, executar a abertura e fechamento de portas e janelas, receber e fazer chamadas telefônicas, acionar sistemas de segurança, entre outros, localizados em seu quarto, sala, escritório, casa e arredores. O controle remoto pode ser acionado de forma direta ou indireta e neste caso, um sistema de varredura é disparado e a seleção do aparelho, bem como a determinação de que seja ativado, se dará por acionadores (localizados em qualquer parte do corpo) que podem ser de pressão, de tração, de sopro, de piscar de olhos, por comando de voz etc. As casas inteligentes podem também se auto ajustar às informações do ambiente como temperatura, luz, hora do dia, presença de ou ausência de objetos e movimentos, entre outros. Estas informações ativam uma programação

de funções como apagar ou acender luzes, desligar fogo ou torneira, trancar ou abrir portas. No campo da Tecnologia Assistiva a automação residencial visa à promoção de maior independência no lar e também a proteção, a educação e o cuidado de pessoas idosas, dos que sofrem de demência ou que possuem deficiência intelectual. Representação esquemática de controle de ambiente a partir do controle remoto.

Projetos arquitetônicos para acessibilidade

Projetos de edificação e urbanismo que garantem acesso, funcionalidade e mobilidade a todas as pessoas, independente de sua condição física e sensorial. Adaptações estruturais e reformas na casa e/ou ambiente de trabalho, através de rampas, elevadores, adaptações em banheiros, mobiliário entre outras, que retiram ou reduzem as barreiras físicas. Projeto de acessibilidade no banheiro, cozinha, elevador e rampa externa.

Órteses e próteses

Próteses são peças artificiais que substituem partes ausentes do corpo. Órteses são colocadas junto a um segmento corpo, garantindo-lhe um melhor posicionamento, estabilização e/ou função. São normalmente confeccionadas sob medida e servem no auxílio de mobilidade, de funções manuais (escrita, digitação, utilização de talheres, manejo de objetos para higiene pessoal), correção postural, entre outros. Próteses de membros superiores e órtese de membro inferior.

Adequação Postural

Ter uma postura estável e confortável é fundamental para que se consiga um bom desempenho funcional. Fica difícil a realização de qualquer tarefa quando se está inseguro com relação a possíveis quedas ou sentindo desconforto. Um projeto de adequação postural diz respeito à seleção de recursos que garantam posturas alinhadas, estáveis, confortáveis e com boa distribuição do peso corporal. Indivíduos que utilizam cadeiras de rodas serão os grandes beneficiados da prescrição de sistemas especiais de assentos e encostos que levem em consideração suas medidas, peso e flexibilidade ou alterações musculoesqueléticas existentes. Recursos que auxiliam e estabilizam a postura deitada e de pé também estão incluídos, portanto, as almofadas no leito ou os estabilizadores ortostáticos, entre outros, fazem parte deste grupo de recursos da TA. Quando utilizados precocemente os recursos de adequação postural auxiliam na prevenção de deformidades corporais. Desenho representativo da adequação postural, poltrona postural e estabilizador ortostático.

Auxílios de mobilidade

A mobilidade pode ser auxiliada por bengalas, muletas, andadores, carrinhos, cadeiras de rodas manuais ou elétricas, scooters e qualquer outro

veículo, equipamento ou estratégia utilizada na melhoria da mobilidade pessoal. Cadeiras de rodas motorizadas; equipamento para cadeiras de rodas subirem e desceram escadas. Carrinho de transporte infantil, cadeira de rodas de autopropulsão, andador com freio.

Auxílios para qualificação da habilidade visual e recursos que ampliam a informação a pessoas com baixa visão ou cegas

São exemplos: Auxílios ópticos, lentes, lupas manuais e lupas eletrônicas; os softwares ampliadores de tela. Material gráfico com texturas e relevos, mapas e gráficos táteis, software OCR em celulares para identificação de texto informativo, etc. Lupas manuais, lupa eletrônica, aplicativos para celulares com retorno de voz, leitor autônomo.

Auxílios para pessoas com surdez ou com déficit auditivo

Auxílios que incluem vários equipamentos (infravermelho, FM), aparelhos para surdez, telefones com teclado-teletipo (TTY), sistemas com alerta táctil-visual, celular com mensagens escritas e chamadas por vibração, software que favorece a comunicação ao telefone celular transformando em voz o texto digitado no celular e em texto a mensagem falada. Livros, textos e dicionários digitais em língua de sinais. Sistema de legendas (*close-caption/ subtitles*). Aparelho auditivo; celular com mensagens escritas e chamadas por vibração, aplicativo que traduz em língua de sinais mensagens de texto, voz e texto fotografado.

Mobilidade em veículos

Acessórios que possibilitam uma pessoa com deficiência física dirigir um automóvel, facilitadores de embarque e desembarque como elevadores para cadeiras de rodas (utilizados nos carros particulares ou de transporte coletivo), rampas para cadeiras de rodas, serviços de autoescola para pessoas com deficiência. Adequações no automóvel para dirigir somente com as mãos e elevador para cadeiras de rodas.

Esporte e Lazer

Recursos que favorecem a prática de esporte e participação em atividades de lazer. Acomodações e dispositivos auxiliares são necessários por alunos com deficiência auditiva para acessar a programação educativa em sala de aula. As necessidades de cada aluno devem ser avaliadas individualmente.

FONTE: BERSCH, R.; TONOLLI , J. C. Tecnologia Assistiva. 2006. Disponível em: <http://www.assistiva. com.br/>. Acesso em: 2 jun. 2016.



Portanto, podemos verificar que as Tecnologias Assistivas servem para todos de diversas maneiras, mas especificamente as que tratam do campo da deficiência auditiva, que será estudada na Unidade 3 deste caderno. Aguardem!

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico você viu que:

- O panorama histórico da surdez e como os surdos foram tratados desde a antiguidade até os dias de hoje.

- As concepções do Oralismo, que acreditava que a reabilitação dos surdos e sua inclusão social deveria ocorrer pela oralização, ou seja, os surdos deveriam aprender a falar para se integrarem na sociedade, depois tivemos a Comunicação Total, que utilizava gestos, sinais, oralização e todo e qualquer recurso para comunicação com surdos, acreditando que seria a melhor forma de inclusão social, pois o surdo poderia utilizar qualquer recurso existente, porém, esta perspectiva foi muito confusa e dificultou a inclusão do surdos, e, por fim, a atual perspectiva é a do Bilinguismo, que entende que a língua de sinais é a língua natural dos surdos, ou seja, os surdos devem aprender como primeira língua, a língua de sinais (Libras, no caso do Brasil) e a língua escrita como segunda língua (Língua Portuguesa, no caso do Brasil).

- A diferença nas perspectivas Clínico-terapêuticas que visava a reabilitação dos surdos para incluir na sociedade, ou seja, modificar o indivíduo para ele se adaptar ao mundo, em contrapartida da perspectiva e Socioantropológica, que afirma que o mundo e a sociedade que deve se adaptar para incluir as pessoas com deficiência, logo, os surdos e qualquer indivíduo devem ser respeitados em suas condições e o mundo deve contemplar e incluir a diversidade.

- A educação dos surdos e as influências das concepções e filosofias sobre a surdez na escolha pelo processo de escolarização dos surdos.

- Legislação e entidades que tratam do tema da surdez e inclusão de surdos.

- A tecnologia pode ser utilizada para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, assim sendo, existem algumas tecnologias chamadas de "tecnologias assistivas", que tratam de ferramentas que podem ser utilizadas por pessoas com deficiência.

AUTOATIVIDADE



1 Quais são as três representações históricas dos sujeitos surdos e as características de cada uma delas?

2 Quais são as três filosofias que balizaram a educação dos surdos e quais são as suas características?

3 Qual a importância dos indivíduos e coletivos, movimentos sociais, entidades, entre outras associações e organizações na luta por direitos e inclusão social dos surdos?

4 A concepção 1 defende o aprendizado exclusivo da língua oral, já a concepção 2 defende o aprendizado e a utilização de língua de sinais, gestos, mímicas, até mesmo a oralização, por fim, a concepção 3 defende a aprendizagem da língua de sinal como primeira língua e da língua escrita como segunda língua. Estas três concepções são, respectivamente:

a) ( ) Oralismo, Bilinguismo, Métodos de L'Epée.
b) ( ) Bilinguismo, Comunicação Total, Métodos de L'Epée.
c) ( ) Métodos de L'Epée, Comunicação Total, Bilinguismo.
d) ( ) Oralismo, Comunicação Total, Bilinguismo.
e) ( ) Oralismo, Métodos de L'Epée, Bilinguismo.

5 Sobre as concepções clínico-terapêutica e socioantropológica, assinale as sentenças verdadeiras (V) e falsas (F):

( ) A concepção clínico-terapêutica procura adaptar o mundo para inclusão social do indivíduo.
( ) A ideia de que a sociedade deve se ajustar para incluir socialmente todos e todas é uma característica da perspectiva socioantropológica.
( ) Um indivíduo bem reabilitado terá excelentes condições de inclusão social. E esta perspectiva responde a concepção clínico-terapêutica.
( ) A concepção socioantropológica visa a inclusão social dos indivíduos, portanto, é atuando na reabilitação dos indivíduos que se promove o caminho para inclusão.



Assista ao vídeo de resolução da questão 4



TÓPICO 3

CONSTRUÇÕES SOCIAIS E IDEOLOGIAS ACERCA DA SURDEZ

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, vamos discutir algumas perspectivas que aparentemente parecem simples e naturais, mas que carregam em si concepções distintas e são construções sociais que definem posições políticas e ideológicas em relação à área da surdez.

A primeira questão refere-se à discussão sobre ser normal ou deficiente ou diferente que, além de constituírem diferenças conceituais, tem grande influência na construção e definição sobre identidade e cultura. A segunda refere-se à influência da discussão do tópico anterior para as definições de formas de atendimento e abordagens educacionais voltadas para a pessoa surda. E a terceira é a análise crítica da perspectiva teórica que considera as pessoas surdas como integrantes de uma comunidade que possui cultura própria, distinta da cultura ouvinte, decorrente de uma língua com bases visomanuais (a língua de sinais) e que, portanto, constroem uma verdadeira identidade surda.

Um ponto-chave para o fortalecimento da área da surdez foi o reconhecimento da Libras como primeira língua da comunidade de surdos, está amparada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Esta lei foi criada devido à luta pela conquista de direitos dos surdos em espaços de cidadania a exemplo de: escola, sociedade, igreja e outros que os levem a adquirir independência. A inclusão leva a reconhecer a importância da Libras no âmbito escolar, profissional e da sociedade em geral.

2 DEFICIÊNCIA E DIFERENÇA

Caro acadêmico, você já se perguntou sobre o que é ser deficiente e se isso é apenas uma diferença entre as pessoas ou há mais coisas envolvidas? Será que somos apenas diferentes, logo, não existem deficiências? Ou, de fato, há deficiências e nelas é possível reconhecer algumas diferenças, pois as pessoas com ou sem deficiência têm diferenças entre si e a deficiência seria apenas mais uma delas?

É preciso muito cuidado e muita reflexão para tratar dessas perguntas, pois um lugar comum seria dizer que todos somos diferentes, mas isso negaria a deficiência, que é um fato. O cego é cego, logo, ele não enxerga. O surdo não ouve. Enfim, estas deficiências criam diferenças entre as pessoas, o que não significa que somos melhores ou piores, mas somos diferentes. E existem tantas outras diferenças. Por exemplo, entre você e a pessoa que está mais próxima de você, existe alguma diferença? Provavelmente, várias. Correto?

É o cuidado que precisamos ter ao tratar de deficiência e diferença é que essa escolha, ou seja, achar que surdez é uma diferença e não deficiência carrega consigo uma questão ideológica em que pessoas buscam ser aceitas a partir de uma visão multicultural, e mais, as pessoas tentam buscar reconhecimento de uma cultura própria, de uma identidade própria para tentar afirmar que é apenas diferente, consequentemente, negando a deficiência. E na área da surdez há este embate ideológico, como acompanharemos a seguir.

Há uma perspectiva que afirma a surdez como diferença e não como deficiência. Autores como Skliar (1997), Teske (1998), Moura (2000), Quadros e Perlin (2006) defendem esta ideia. A base desta posição é afirmar que os ouvintes se apropriam do mundo por meio de vários recursos, entre eles o recurso auditivo, e assim, desenvolvem sua linguagem. Já os surdos se apropriam do mundo com vários recursos, exceto o auditivo, e assim, também desenvolvem a sua linguagem.

Portanto, nessa perspectiva de diferença, ao considerar que linguagens diferentes proporcionam apropriações diferentes do mundo, ou seja, define como você vai aprender os significados das coisas, como você vai se enxergar no mundo (sua identidade) e dar sentido aos fenômenos naturais e sociais, o resultado seria dizer que não há deficiência, pois não tem um modo melhor ou pior, mas apenas distinto.

O problema dessa ideia é que ela nega todo o conhecimento médico já desenvolvido que atribuiu à surdez a condição de uma deficiência. A ideia de ser apenas diferença desqualifica todo o conhecimento sobre o sistema auditivo, seus funcionamento e efeitos que causam no indivíduo que perde a audição.

Para Bueno (1998, p. 43) desconsiderar a surdez como uma condição decorrente de uma limitação orgânica (deficiência) é, no mínimo, questionável:

> Em síntese, a perda auditiva existe. Não é meramente uma invenção dos ouvintes em relação aos surdos. Se ela passar a ser considerada como uma mera diferença, qualquer ação contra sua incidência deverá ser combatida, se quisermos manter uma postura coerentemente democrática. [...] O problema com relação à surdez, assim como para as deficiências em geral, é que, como ela não afeta diretamente as possibilidades de sobrevivência e, em grande parte dos casos, até o momento atual, não é passível de reversão, há que se encontrar formas democráticas de conviver com os surdos. Assim, parece-me acertado procurar distinguir a surdez da doença, mas não se pode deixar de considerá-la como uma condição intrinsecamente adversa.

Importante marcar uma questão: deficiência não é doença, ou seja, é justa a crítica feita para a área médica de que a surdez não é uma doença, mas que ela é uma condição do indivíduo, porém, também é um erro tratar uma deficiência apenas como diferença.

3 IDENTIDADE SURDA, COMUNIDADE SURDA, CULTURA SURDA

> O Brasil reconheceu a Língua Brasileira de Sinais/ Libras, por meio da Lei nº 10.436/2002, como a Língua das comunidades surdas brasileiras, que no seu artigo 4º, dispõe que o sistema educacional federal e sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais / Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais. (BRASIL, 2002, s.p.).

Para Skliar (1997), o reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais - Libras é uma vitória da luta dos surdos pelos seus direitos, visibilidade e exercício de cidadania, portanto, isto é um elemento de afirmação da identidade dos surdos, consequentemente, da constituição de comunidades surdas, logo, também são produtores de cultura, pois compartilham e conhecem os usos e normas de uma mesma língua. Vamos ver a seguir as definições de identidade, comunidade e cultura surda, para depois problematizar esta questão e demonstrar que não há consenso na área científica e acadêmica sobre o tema. Sobre identidades surdas, temos as seguintes definições:

> • Identidade Flutuante: na qual o surdo se espelha na representação hegemonia do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte.
> Identidade Inconformada: na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna.
> Identidade de Transição: na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada – o surdo passa por um conflito cultural.
> • Identidade Híbrida: reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e

> se ensurdeceram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral.
> • Identidade Surda: na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os veem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre espaços culturais surdos.
> Cada identidade se fortalece quando os mesmos se relacionam com os seus pares. E é vista também como multiculturalismo.
> A partir do momento em que compreendemos essa diversidade de identidade, deve ser observado que tipos de comunicações que esses indivíduos fazem uso e assim estabelecer uma comunicação mais adequada.
> (PORTAL EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/38654/caracteristicas-determinantes-da-identidade-surda#ixzz4ArHn6QFz>. Acesso em: 30 maio 2016).

E quando tratamos de comunidades surdas, nós encontramos a seguinte definição:

> As comunidades surdas, como espaços de partilha linguística e cultural presentes em milhares de cidades do mundo, reúnem surdos e ouvintes – em geral, usuários de línguas de sinais – com interesses, expectativas, histórias, olhares ou costumes comuns. A ideia de comunidade, aqui, apoia-se na presença de vínculos simbólicos que congregam sujeitos – concentrados em um mesmo local ou dispersos territorialmente – com interesses comuns e propostas coletivas. O termo, corrente nos Estudos Surdos e entre militantes e profissionais ligados à causa Surda, é comumente usado em sua acepção ampla (por vezes, de forma aligeirada e vaga) para delimitar os espaços de existência (e resistência) de uma minoria linguística com marcadores culturais próprios. (Disponível em: <https://culturasurda.net/comunidades-surdas/>. Acesso em: 30 maio 2016).

Por sua vez, a Cultura surda, segundo Strobel (2008, p. 24), apresenta a seguinte definição:

> Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das 'almas' das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

Para Quadros (2006, p. 35), a língua de sinais é rica, complexa, possui estrutura e regras próprias e "é uma língua espacial visual, pois utiliza a visão para captar as mensagens e os movimentos, principalmente das mãos, para transmiti-la". Isto significa que a língua de sinais é diferente das línguas orais pela utilização do canal comunicativo, ou seja, as línguas orais utilizam um canal comunicativo oral-auditivo, por sua vez as línguas de sinais utilizam um canal comunicativo diferente, que é gestual-visual.

E justamente por estas condições é que existe a defesa de que existe uma cultura, identidade e comunidade surda, pois Quadros (2006, p. 57), salienta "[...] a identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual, essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como construção multicultural".

Segundo Quadros (2001, p. 59), "a cultura surda tem características peculiares, específicas diante das demais culturas". Continua acrescentando que "a cultura surda é multifacetada, é própria do surdo, se apresenta de forma visual onde o pensamento e a linguagem são de ordem visual e por isso é tão difícil de ser compreendida pela cultura ouvinte" (p. 60)

A ideologia que defende a existência de uma cultura, identidade e comunidade surda afirma que pelo fato do surdo perceber e conhecer o mundo por meio de uma linguagem diferente dos ouvintes, isso determina a sua língua, seu pensamento, seu modo de entender e dar significado para as coisas do mundo, enfim, formaria uma identidade, cultura e comunidade diferentes das que os ouvintes possuem, pois atenderia às especificidades que são exclusivas dos surdos.

Porém, segundo Bueno (1998), considerar que surdez é apenas uma diferença, e mais, que os surdos por serem apenas diferentes são possuidores de uma cultura própria para surdos e uma comunidade exclusiva, logo, algo que é diferente dos ouvintes, acaba por criar uma separação entre dois grupos apenas pelo fato de ouvir ou não ouvir e pela linguagem que utilizam, e isto é muito limitado para definir uma diferença cultural, além de uma identidade própria e comunidade exclusiva.

Isso porque há vários outros elementos que constituem os indivíduos e sua cultura, como nacionalidades, condições econômicas e sociais, posição no espaço geográfico, pertencimento étnico-racial, idade, sexo, gênero etc. Portanto, a pessoa não é só surda, mas possui um conjunto de atributos, e mais, ela não convive exclusivamente com surdos, assim, não podemos reduzir as práticas sociais dos surdos, em geral, a um único espaço ou momento em que eles mantêm relações sociais significativas entre si, abstraindo-os de outras manifestações e relações que podem ocorrer e que de fato ocorrem na vida das pessoas em contato com o mundo e outros indivíduos.

Veremos a seguir que não há consenso entre cultura, identidade e comunidade surda.

Mendonça (2007) e Santana (2008) contestam a interpretação homogeneizadora da surdez como fenômeno social, na medida em que mostra que esses sujeitos constituem agrupamentos sociais que são caracterizados, por um lado, pela marca distintiva da surdez, mas, por outro, por diferentes marcas decorrentes de trajetórias sociais singulares, ou seja, para além da marca da deficiência, existem outros fatores (origem social, relações sociais, espaço geográfico, dentre outros) que foram determinantes na trajetória destes indivíduos, portanto, na formação da sua identidade, cultura e com quem eles convivem, ou seja, por mais que de

fato exista a marca distintiva da surdez em comum em todos os surdos, por outro lado, existem várias diferenças e marcas decorrentes de trajetórias de vida de cada indivíduo, ou seja, para além da marca da deficiência, existem outros fatores (origem social, nacionalidade, relações sociais, etnia, sexo, gênero, orientação sexual etc.) que são atributos determinantes na trajetória de vida destes indivíduos, portanto, na formação da sua identidade, cultura e comunidades quem eles convivem

Por isso, nós precisamos ter cuidado para afirmar alguns conceitos. É preciso saber quais são os debates existentes na área e entender as diferentes posições, seja para tomar partido de alguma delas ou para entender que não há como tomar partido, pois todas as posições apresentam limites e virtudes, mas não têm nenhuma que resolva a questão e se apresenta como resposta definitiva.

Bueno (1999) faz um alerta em relação aos posicionamentos ideológicos referentes aos discursos de cultura, identidade e comunidade surda. É preciso, segundo este autor, considerar quais são os agentes políticos (pessoas, grupos, instituições) envolvidos em cada posição ideológica, pois estes agentes tem a intenção de defender os seus interesses, suas ideias, enfim, divulgar a sua verdade como absoluta (e sabemos que não existe uma verdade absoluta) para assim afirmar como deveriam ser as organizações sociais, políticas, econômicas, educacionais etc. e impor suas vontades e decisões sobre outros. E isto não é uma relação democrática, mas uma relação de opressão.

É frágil a divisão do mundo entre surdos "oprimidos" e ouvintes "opressores", pois não é a deficiência auditiva que causa e mantém a desigualdade social, pois esta desigualdade social é produzida pelas diferenças de classe, raça, sexo, gênero etc.

Dessa forma, o que temos aqui é o fato de que não há consenso sobre a questão da cultura, identidade e comunidade surda, pois o antagonismo entre apropriação da língua oral *versus* a valorização exclusiva da língua de sinais, entre cultura, identidade e comunidade surdas.

Vale destacar que é evidente que a surdez é uma marca muito significativa na vida das pessoas surdas e que isso pode ser um fator que vai causar problemas para os surdos, no sentido de serem oprimidos, discriminados e sofrerem preconceito por serem surdos, mas a surdez não é a único fator que vai provocar isso. O preconceito, discriminação e violência são problemas da sociedade de modo geral.

Então, caro acadêmico, o que você pensa sobre o debate entre os conceitos de deficiência e diferença? O que você entende por cultura, identidade e comunidade surda? E como nossa sociedade lida com as diferenças?

LEITURA COMPLEMENTAR

TRÊS DIAS PARA VER
Por Helen Keller

Várias vezes pensei que seria uma benção se todo ser humano, de repente, ficasse cego e surdo por alguns dias no princípio da vida adulta. As trevas o fariam apreciar mais a visão e o silêncio lhe ensinaria as alegrias do som.

De vez em quando testo meus amigos que enxergam para descobrir o que eles veem. Há pouco tempo perguntei a uma amiga que voltava de um longo passeio pelo bosque o que ela observara. "Nada de especial", foi a resposta.

Como é possível, pensei, caminhar durante uma hora pelos bosques e não ver nada digno de nota? Eu, que não posso ver, apenas pelo tato encontro centenas de objetos que me interessam. Sinto a delicada simetria de uma folha. Passo as mãos pela casca lisa de uma bétula ou pelo tronco áspero de um pinheiro. Na primavera, toco os galhos das árvores na esperança de encontrar um botão, o primeiro sinal da natureza despertando após o sono do inverno. Por vezes, quando tenho muita sorte, pouso suavemente a mão numa arvorezinha e sinto o palpitar feliz de um pássaro cantando.

Às vezes meu coração anseia por ver tudo isso. Se consigo ter tanto prazer com um simples toque, quanta beleza poderia ser revelada pela visão! E imaginei o que mais gostaria de ver se pudesse enxergar, digamos por apenas três dias.

Eu dividiria esse período em três partes. No primeiro dia gostaria de ver as pessoas cuja bondade e companhias fizeram minha vida valer a pena. Não sei o que é olhar dentro do coração de um amigo pelas "janelas da alma", os olhos. Só consigo "ver" as linhas de um rosto por meio das pontas dos dedos. Posso perceber o riso, a tristeza e muitas outras emoções. Conheço meus amigos pelo que toco em seus rostos. Como deve ser mais fácil e muito mais satisfatório para você, que pode ver, perceber num instante as qualidades essenciais de outra pessoa ao observar as sutilezas de sua expressão, o tremor de um músculo, a agitação das mãos. Mas será que já lhe ocorreu usar a visão para perscrutar a natureza íntima de um amigo? Será que a maioria de vocês que enxergam não se limita a ver por alto as feições externas de uma fisionomia e se dar por satisfeita?

Por exemplo, você seria capaz de descrever com precisão o rosto de cinco bons amigos? Como experiência, perguntei a alguns maridos qual a exata cor dos olhos de suas mulheres e muitos deles confessaram, encabulados, que não sabiam. Ah, tudo que eu veria se tivesse o dom da visão por apenas três dias!

O primeiro dia seria muito ocupado. Eu reuniria todos os meus amigos queridos e olharia seus rostos por muito tempo, imprimindo em minha mente as provas exteriores da beleza que existe dentro deles. Também fixaria os olhos no rosto de um bebê, para poder ter a visão da beleza ansiosa e inocente

que precede a consciência individual dos conflitos que a vida apresenta. Gostaria de ver os livros que já foram lidos para mim e que me revelaram os meandros mais profundos da vida humana. E gostaria de olhar nos olhos fiéis e confiantes de meus cães, o pequeno *scottie terrier* e o vigoroso dinamarquês. À tarde daria um longo passeio pela floresta, intoxicando meus olhos com belezas da natureza. E rezaria pela glória de um pôr do sol colorido. Creio que nessa noite não conseguiria dormir.

No dia seguinte eu me levantaria ao amanhecer para assistir ao empolgante milagre da noite se transformando em dia. Contemplaria assombrada o magnífico panorama de luz com que o Sol desperta a Terra adormecida. Esse dia eu dedicaria a uma breve visão do mundo, passado e presente. Como gostaria de ver o desfile do progresso do homem, visitaria os museus. Ali meus olhos, veriam a história condensada da Terra -- os animais e as raças dos homens em seu ambiente natural; gigantescas carcaças de dinossauros e mastodontes que vagavam pelo planeta antes da chegada do homem, que, com sua baixa estatura e seu cérebro poderoso, dominaria o reino animal.

Minha parada seguinte seria o Museu de Artes. Conheço bem, pelas minhas mãos, os deuses e as deusas esculpidos da antiga terra do Nilo. Já senti pelo tato as cópias dos frisos do Paternon e a beleza rítmica do ataque dos guerreiros atenienses. As feições nodosas e barbadas de Homero me são caras, pois também ele conheceu a cegueira.

Assim, nesse meu segundo dia, tentaria sondar a alma do homem por meio de sua arte. Veria então o que conheci pelo tacto. Mais maravilhoso ainda, todo o magnífico mundo da pintura me seria apresentado. Mas eu poderia ter apenas uma impressão superficial. Dizem os pintores que, para se apreciar a arte, real e profundamente, é preciso educar o olhar. É preciso, pela experiência, avaliar o mérito das linhas, da composição, da forma e da cor. Se eu tivesse a visão, ficaria muito feliz por me entregar a um estudo tão fascinante.

À noite de meu segundo dia seria passada no teatro ou no cinema. Como gostaria de ver a figura fascinante de Hamlet ou o tempestuoso Falstaff no colorido cenário elisabetano! Não posso desfrutar da beleza do movimento rítmico senão numa esfera restrita ao toque de minhas mãos. Só posso imaginar vagamente a graça de uma bailarina, como Pavlova, embora conheça algo do prazer do ritmo, pois muitas vezes sinto o compasso da música vibrando através do piso. Imagino que o movimento cadenciado seja um dos espetáculos mais agradáveis do mundo. Entendi algo sobre isso, deslizando os dedos pelas linhas de um mármore esculpido; se essa graça estática pode ser tão encantadora, deve ser mesmo muito mais forte a emoção de ver a graça em movimento.

Na manhã seguinte, ávida por conhecer novos deleites, novas revelações de beleza, mais uma vez receberia a aurora. Hoje, o terceiro dia, passarei no mundo do trabalho, nos ambientes dos homens que tratam do negócio da vida. A cidade é o meu destino.

Primeiro, paro numa esquina movimentada, apenas olhando para as pessoas, tentando, por sua aparência, entender algo sobre seu dia a dia. Vejo sorrisos e fico feliz. Vejo uma séria determinação e me orgulho. Vejo o sofrimento e me compadeço.

Caminhando pela 5ª Avenida, em Nova York, deixo meu olhar vagar, sem se fixar em nenhum objeto em especial, vendo apenas um caleidoscópio fervilhando de cores. Tenho certeza de que o colorido dos vestidos das mulheres movendo-se na multidão deve ser uma cena espetacular, da qual eu nunca me cansaria. Mas talvez, se pudesse enxergar, eu seria como a maioria das mulheres – interessadas demais na moda para dar atenção ao esplendor das cores em meio à massa.

Da 5ª Avenida dou um giro pela cidade – vou aos bairros pobres, às fábricas, aos parques onde as crianças brincam. Viajo pelo mundo visitando os bairros estrangeiros. E meus olhos estão sempre bem abertos tanto para as cenas de felicidade quanto para as de tristeza, de modo que eu possa descobrir como as pessoas vivem e trabalham, e compreendê-las melhor.

Meu terceiro dia de visão está chegando ao fim. Talvez haja muitas atividades a que devesse dedicar às poucas horas restantes, mas acho que na noite desse último dia vou voltar depressa a um teatro e ver uma peça cômica, para poder apreciar as implicações da comédia no espírito humano.

À meia-noite, uma escuridão permanente outra vez se cerraria sobre mim. Claro, nesses três curtos dias eu não teria visto tudo que queria ver. Só quando as trevas descessem de novo é que me daria conta do quanto eu deixei de apreciar.

Talvez este resumo não se adapte ao programa que você faria se soubesse que estava prestes a perder a visão. Sei que, se encarasse esse destino, usaria seus olhos como nunca usara antes. Tudo quanto visse lhe pareceria novo. Seus olhos tocariam e abraçariam cada objeto que surgisse em seu campo visual. Então, finalmente, você veria de verdade, e um novo mundo de beleza se abriria para você.

Eu, que sou cega, posso dar uma sugestão àqueles que veem: usem seus olhos como se amanhã fossem perder a visão. E o mesmo se aplica aos outros sentidos. Ouça a música das vozes, o canto dos pássaros, os possantes acordes de uma orquestra, como se amanhã fossem ficar surdos. Toquem cada objeto como se amanhã perdessem o tacto. Sintam o perfume das flores, saboreiem cada bocado, como se amanhã não mais sentissem aromas nem gostos. Usem ao máximo todos os sentidos; goze de todas as facetas do prazer e da beleza que o mundo lhes revela pelos vários meios de contato fornecidos pela natureza. Mas, de todos os sentidos, estou certa de que a visão deve ser o mais delicioso.

FONTE: Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n16/curiosidades/helen.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

AUTOATIVIDADE



E se você, ao invés de não ter mais a visão, você não tivesse mais a audição: o que você escutaria se tivesse apenas três dias de audição?

Leve as suas considerações para o próximo encontro e compartilhe com os seus colegas.



Tutores e acadêmicos, não esqueçam de registrar e enviar no formato portfólio as considerações (o registro).

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, vimos que:

- A ideia de deficiência e diferença como distintas é fruto de uma construção social, portanto, não podemos considerar qualquer diferença entre nós como uma deficiência ou problema que alguém possui, e mais, que ser diferente não significa ser melhor ou pior que outra pessoa. Além disso, não podemos considerar uma deficiência como apenas uma diferença.

- As concepções de identidades surdas, comunidades surdas e cultura surda e toda problemática do tema, são frutos de perspectivas distintas e embates de ideologias, constroem e alteram estas definições ao longo do tempo. E mais, que na área científica e acadêmica não há consenso sobre esta questão, porém, é fato que o reconhecimento da Libras como idioma oficial no Brasil é uma conquista dos surdos e tem impacto nas suas percepções de identidades, comunidades e cultura.

AUTOATIVIDADE

1 O que você entende por deficiência e diferença?

2 Como você descreveria a sua cultura, identidade e comunidade? Quais as semelhanças e diferenças com outras culturas, identidades e comunidades que você conhece? Dê exemplos.

3 Por que não há consenso entre os autores sobre cultura, identidade e comunidade surda? Descreva resumidamente as duas posições.

4 Assinale a alternativa CORRETA:

a) ( ) O reconhecimento legal da Libras não tem influência sobre a ideia de Cultura Surda.
b) ( ) Identidades surdas, comunidades surdas e cultura surda são temas consensuais nas áreas científica e acadêmica.
c) ( ) A ideia de comunidade surda trata exclusivamente de surdos que convivem num mesmo local específico (cidade, estado ou país).
d) ( ) Uma das vitórias do movimento surdo, que também tem papel fundamental nas construção das identidades surdas, comunidades surdas e cultura surda é fato do reconhecimento legal da Libras.
e) ( ) É consenso que surdos e ouvintes vivem numa relação de opressores e oprimidos, sendo que os ouvintes são os opressores e os surdos são os oprimidos.

Assista ao vídeo de resolução da questão 1

Assista ao vídeo de resolução da questão 4

UNIDADE 2

LIBRAS: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E ESTRUTURAIS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- conceituar e diferenciar a Libras como língua e não linguagem;
- entender a estrutura gramatical da Língua Brasileira de Sinais – Libras;
- compreender seus parâmetros e classes de palavras;
- conhecer o alfabeto manual e seu uso;
- aprender os numerais e suas diferenças.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos e em cada um deles você encontrará atividades visando a compreensão dos conteúdos apresentados.

TÓPICO 1 – LIBRAS: CONCEITO E LINGUAGEM

TÓPICO 2 – ESTRUTURAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS

TÓPICO 3 – ASPECTOS GRAMATICAIS E SENTENÇAS EM LIBRAS



Assista ao vídeo desta unidade.

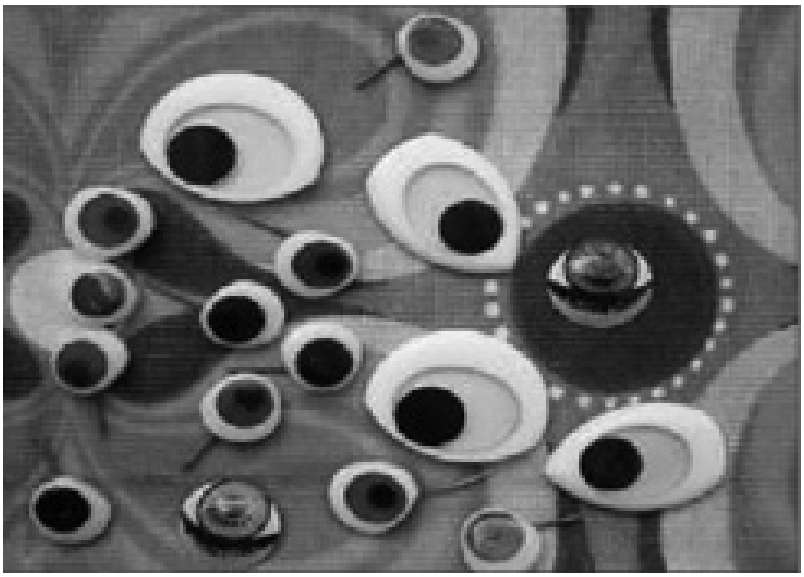


LIBRAS: CONCEITO E LINGUAGEM

1 INTRODUÇÃO

Nesta unidade iremos conceituar a Língua Brasileira de Sinais – Libras, o seu desenvolvimento como linguagem e a linguística aplicada à Libras, bem como, estudaremos suas modalidades de comunicação. Preste atenção à figura e diga: o que você vê?

FIGURA 3 - O QUE VOCÊ VÊ?



FONTE: Disponível em: <http://pt.slideshare.net/hudsonaugusto/apostia-libras-basico>. Acesso em 21 jan. 2016

Para iniciar nosso conceito sobre a língua de sinais, destacamos a atenção do olhar como sendo imprescindível para comunicação com as pessoas surdas, já que sua modalidade é visual-espacial. Quadros (1997) cita que nas línguas de sinais, enquanto o emissor constrói uma sentença a partir dos elementos manuais, corporais e faciais, o receptor utiliza os olhos ao invés dos ouvidos para entender o que está sendo comunicado.

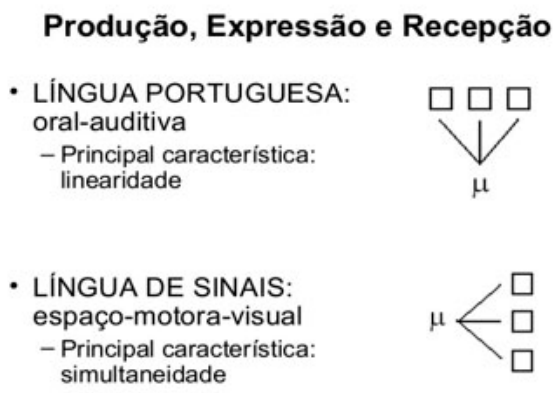
Dessa forma, como a informação linguística é recebida pelos olhos, os sinais são construídos de acordo com as possibilidades perceptuais do sistema visual humano. Então, mesmo que você não saiba nada de sinais, o olhar continua sendo o ponto principal de comunicação com os surdos. Nesse contexto é importante lembrar do autor: Myklebust (1964 apud FERNANDES, 1990, p. 63) que trata da ausência de aquisição da língua pelos surdos, tecendo as seguintes considerações:

> Se faltam estimulação e treinamento, a inteligência se estrutura por si mesma, de modo diferente. Neste caso, o surdo resolve testes através de processos psicológicos diferentes de um indivíduo '**normal**' (no sentido da fala). Embora o problema apresentado seja o mesmo, o trabalho mental para resolvê-lo parece diferente, pois é também diferente a disponibilidade psíquica de um e de outro em relação ao processo desenvolvido para alcançar a solução (grifo nosso).

A língua existe como um código linguístico usado por uma sociedade, assim ela é totalmente social. Existem vários fatores que influenciam na maneira como falamos: idade, sexo, grau de escolaridade, profissão, onde moramos etc. As línguas de sinais estão dentro de todos esses contextos, pois os sinais foram surgindo de forma natural.

Veja a sequencialidade nas línguas orais e a simultaneidade nas Línguas de Sinais:

FIGURA 4 - CIRCUITO DE COMUNICAÇÃO



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 49)

FIGURA 5 - COMUNICAÇÃO



FONTE: Kojima e Segala (2012)

Já a linguagem é aplicada não apenas nas línguas faladas, mas em todos os sistemas de comunicação, sejam eles artificiais ou naturais. Ela acontece através de canais sensoriais, e no meio em que vivemos. No caso dos ouvintes a audição é vista como um canal de extrema importância para a linguagem, por isso, pode-se dizer que a perda auditiva/surdez interfere de maneira significativa quando a criança surda vai adquirir sua linguagem. Reflita sobre essa frase:

> Associar surdez a uma absoluta ausência de linguagem representa uma simplificação e um conhecimento das funções de representação simbólica, bem como de nossas possibilidades de compensação e busca de sistemas alternativos, em função de necessidades interativas e comunicativas.
> FONTE: Disponível em: <http://alfabetizarlibras.blogspot.com.br/p/alfabetizacao-e-letramento-em-libras.html>. Acesso em: 21 jan. 2016.

Sabermos diferenciar bem esses conceitos entre língua e linguagem nos ajuda a estabelecer a identificação correta de Libras como uma língua e não linguagem. Além disso, na Unidade 1, já analisamos o ponto de vista sociocultural e o direito do indivíduo surdo ter acesso ao instrumento linguístico característico da comunidade o qual é naturalmente pertencente. "Se não fosse a diferença na modalidade, todos teriam tranquilidade em reconhecer as pessoas surdas enquanto bilíngues. Elas nascem no Brasil e, portanto, falariam a Língua Portuguesa. Convivem com os surdos, portanto, usam a Língua de Sinais Brasileira "[...]. (QUADROS, 2004, p. 28)

Essa citação nos mostra que a partir do momento que compreendemos que a Libras é a língua materna dos surdos brasileiros, não devemos ficar leigos quanto à importância da sua legitimidade e seu uso no processo de comunicação e instrução com métodos específicos que atendam às necessidades dos surdos, em lugares públicos, privados e Instituições Educacionais.

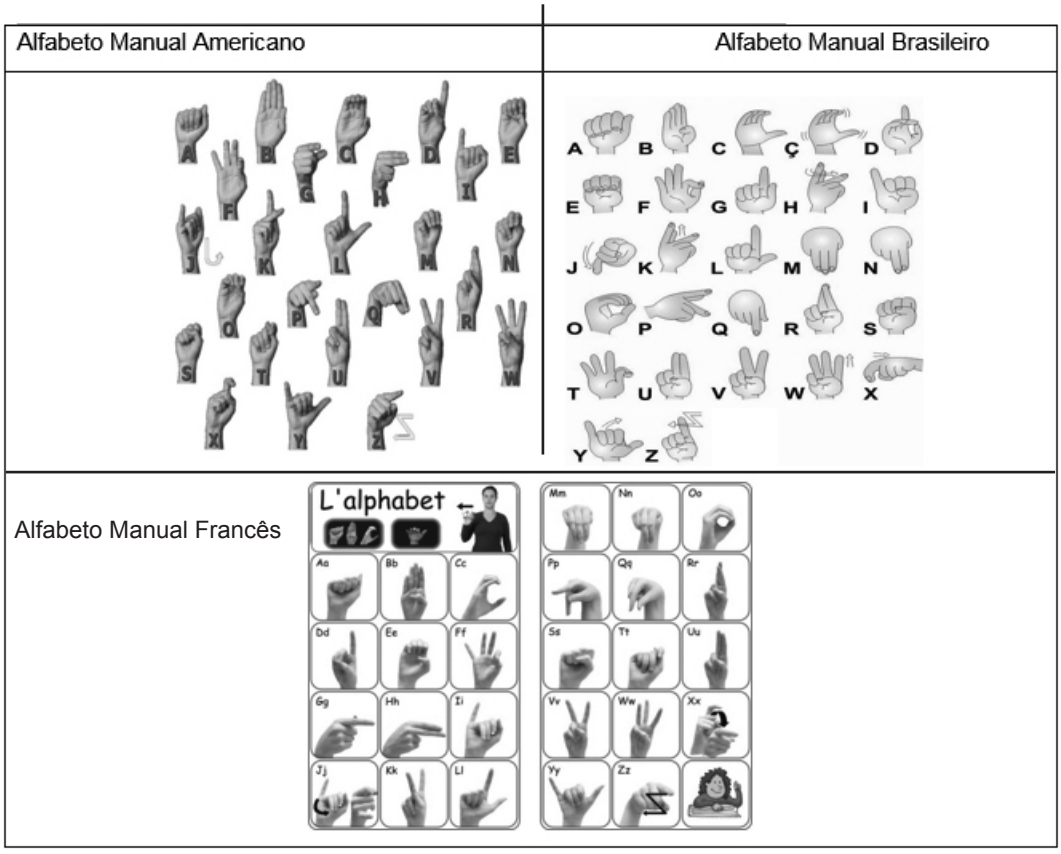


Existe uma língua de sinais chamada **Gestuno** (Língua Gestual Internacional ou Língua Internacional de Sinais), pronuncia-se Gestuno, criada para facilitar a comunicação entre surdos de diferentes países, muitas vezes usada em conferências internacionais, ou informalmente, quando viajam, para reuniões e eventos internacionais entre surdos e ouvintes. Para saber mais, acesse: <http://institutoemanuel.webnode.com.br/lingua-de-sinais/gestuno/>.

2 A LÍNGUISTICA APLICADA À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A linguística é o estudo científico das línguas naturais e humanas, ela descreve as línguas em todos seus aspectos que formulam teorias e toda sua funcionalidade. Tanto a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como a Língua Americana de Sinais (*American Sign Language – ASL)*, têm suas origens na Língua Francesa de Sinais. Brito (2010, p. 36) referencia alguns aspectos, fazendo uma comparação entre "as configurações usadas no alfabeto em (ASL), LIBRAS e Francês".

FIGURA 6 - ALFABETOS EM SINAIS: AMERICANO, BRASILEIRO E FRANCÊS



FONTE: Disponível em: <http://www.assc.org.br/816/>. Acesso em: 21 jan. 2016.

ESTUDOS FUTUROS

Você ainda conhecerá o alfabeto manual em Libras e suas características. Aguarde!

No Brasil existem vários trabalhos dedicados ao estudo linguístico na língua de sinais, e aquisição dessa língua. Alguns foram pioneiros no Brasil e até hoje são referência para professores, intérpretes, entre outros. Quadros (2004, p. 30) nos remete ao estudioso em línguas de sinais, considerado o pai da linguística: "Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças".

FIGURA 7 - WILLIAN STOKOE



Fonte: Disponível em: <http://www.acdhh.org/deaf/deaf-awareness-month/deaf-awareness-week-3>. Acesso em: 21 jan. 2016.

Assim, ao examinarmos a Libras, concluímos que se trata de uma língua viva que continua em evolução. A quantidade de sinais não está completa e nem fechada, podendo ser acrescentados novos sinais, criados pela comunidade surda, capazes de expressar qualquer ideia e sentimentos, mesmo os mais abstratos.

IMPORTANTE

O termo Língua Brasileira de Sinais – Libras também é conhecido e utilizado internacionalmente, seguindo os padrões de identificação para língua de sinais, como Língua de Sinais Brasileira – LSB. Você encontrará esse termo com maior frequência durante nossos estudos, porém, conforme Fernando César Capovilla (2001, p. 13), Mestre em psicologia da aprendizagem do desenvolvimento pela Universidade de Brasília, "o termo Língua Brasileira de Sinais – Libras ou LIBRAS é consagrado pela tradição da comunidade surda e é extremamente querido por ela, sendo o mais usado".

Para refletirmos sobre o papel da linguística aplicada à Libras, nesse momento, compartilhamos com você uma parte de um artigo escrito por Audrei Gesser Maria José Damiani Costa e Zélia Anita Viviani (2009, p. 18-19).

> Aqui, neste ponto, acreditamos já ser possível delinear algumas questões que possam interessar diretamente a você, como aluno e futuro professor. É certo que o conhecimento de teorias é importante, e as teorias podem lhe fornecer bases mais científicas para a sua formação. Mas é preciso levar em conta que a Linguística Aplicada, da forma como a concebemos, tem procurado articular-se no sentido de não ser considerada uma ciência prescritiva, isto é, uma ciência que articule e/ou pregue maneiras corretas de se ensinar e aprender uma língua. Sendo assim, você deve estar se perguntando: "como, então, vou saber o que é certo ou errado fazer em sala de aula, durante o ensino de Libras?". Não temos resposta a esta questão, tão complexa e tão ampla. Em primeiro lugar, porque certo e errado são variáveis, assim como são os diversos sujeitos e contextos educacionais. Em segundo, porque uma teoria não pode simplesmente prescrever. Os estudos e as teorias em LA (Língua Aplicada) que não levam em conta a diversidade e a impossibilidade de se controlar as ações e a linguagem dos sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, dão a ilusão de que, se bem aplicada, a metodologia seria a solução para os problemas da sala de aula de língua. [...]. Ao longo de nossas articulações anteriores, enfocamos como de grande importância a concepção do homem como ser sociocultural, na qualidade de sujeito interativo e que se constitui nas relações sociais. Então, quando tratamos de conceituar o papel do professor e, consequentemente, a relação professor/aluno, estamos nos referindo a uma relação social determinada constituída por um grupo social, e que interage no espaço da sala de aula e da escola. Esta relação está determinada de maneira particular pelos valores e culturas instituídos pelo meio social.

3 ESCRITA DE SINAIS: SIGNIFICANDO A PRÓPRIA LÍNGUA

Para dar significado a uma língua, existe um sistema de representação ou símbolos por meio de sua escrita, e com a língua de sinais não é diferente. Porém, ainda há muito preconceito e mito a esse respeito, por exemplo, a língua de sinais não tem manifestação sonora, por isso ela é uma língua ágrafa, ou seja, não tem escrita? Para entender melhor, vamos voltar no tempo.

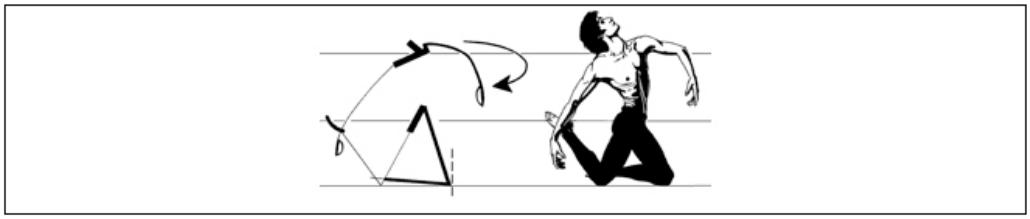
FIGURA 8 - VALERIE SUTTON, 1985



FONTE: Disponível em: <http://nomundodalibras.blogspot.com.br/p/escrita-de-sinais.html>. Acesso em: 21 jan. 2016.

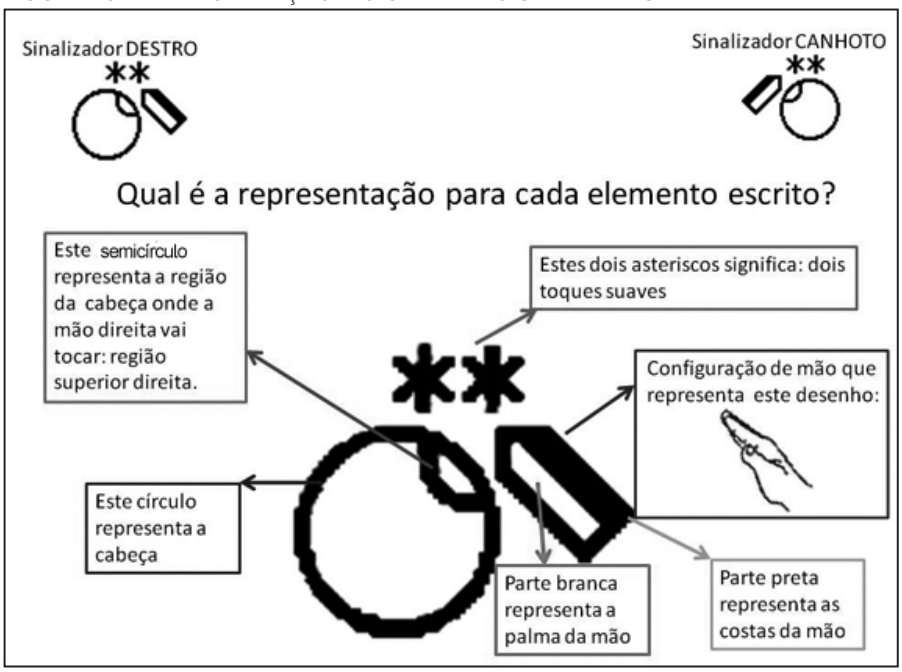
Pensar na representação das línguas de sinais remete-nos à história da coreógrafa americana, chamada Valerie Sutton, que criou um sistema para registrar as danças dos seus alunos por volta de 1974. Com base nesses registros, pesquisadores dos Estados Unidos juntamente com um grupo de surdos, aprenderam a escrita dos sinais, chamada *"sign writing"*. No Brasil, o sistema está em fase experimental. A professora surda Marianne Stumpf tem desenvolvidos alguns trabalhos voltados para Sign Writing. Para ter uma ideia desse sistema, veja a figura a seguir:

FIGURA 9 - *MOVIMENT WRITING*



FONTE: Disponível em: <http://www.movementwriting.org/>. Acesso em: 21 jan. 2016.

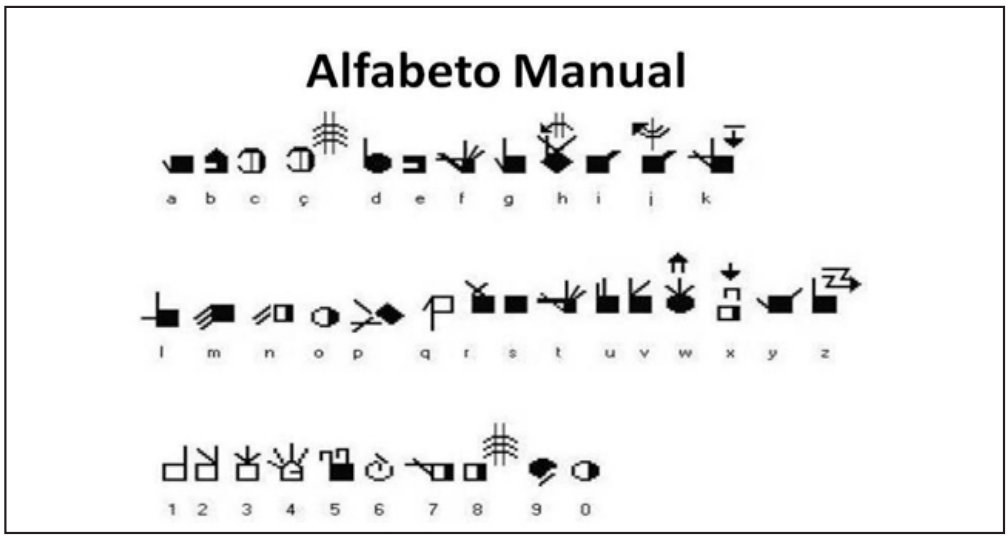
FIGURA 10 - REPRESENTAÇÃO DO SINAL EM *SIGN WRITING*



FONTE: Disponível em: <http://www.movementwriting.org/> Acesso em: 21 jan. 2016.

Capovilla (2001, p. 55), pesquisador das línguas de sinais, afirma que, o *sign writing* é um sistema de escrita visual construído a partir das línguas de sinais, da mesma forma que os sistemas alfabéticos foram construídos a partir das línguas orais. "O *sign writing*, segundo o autor, como sistema de escrita das línguas de sinais é formado por quiremas, da mesma forma que os fonemas formam as palavras das línguas orais [...]".

FIGURA 11 - ALFABETO DATILOLÓGICO TRADUZIDO PARA A ESCRITA DE SINAIS *SIGN WRITING*



FONTE: Disponível em: <http://bp.blogspot.com/UDUrLDyn4Eg/UAWO8RiKPnI/AAAAAAAAAFY/HxBLHMjPo1s/s1600/alfabeto+manual+libras+escrita.jpg>. Acesso em: 21 jan. 2016.



A escrita de sinais com o sistema Sign Writing vem ganhando cada vez mais importância, nas escolas, universidades, associações, e áreas ligadas à comunidade surda. Já existem algumas obras literárias produzidas no Brasil em Libras escrita em Sign Writing, títulos como Uma Menina Chamada Kauana, Cinderela Surda, Rapunzel Surda, entre outras. Pesquise mais no site: <http://www.signwriting.org>.

Aprender essa escrita representa a possibilidade de uma alfabetização e letramento em língua de sinais por meio de um registro gráfico que não apresenta sons, mas sim parâmetros fonológicos e sintáticos da língua de sinais. Ainda são necessários muitos estudos para se criar uma tradição de "escrita de sinais" em todo o mundo, entretanto, não temos dúvida de sua importância para a cultura e o fortalecimento linguístico da língua de sinais.

Visto que a Libras é uma língua em que sua representação na modalidade escrita ainda está em desenvolvimento, Albres (2012, p. 15) nos diz que, "quando nos referimos a desinências (sufixo, terminação de palavras) seja ele pessoal (gênero) e de número (singular e plural), na escrita da Língua Brasileira de Sinais – Libras, usa-se o símbolo de (@). Este é um recurso recorrente no ensino de uma segunda língua [...]".

Essa ferramenta é chamada de **glosa** (utilizada para expressar notas, comentários, tópicos). Na Língua Portuguesa é um sistema de anotação em letra maiúscula, em Libras as frases continuam em letras maiúsculas com inserção do sinal (@) ao se referir ao gênero. Segundo apostila Aprendendo Língua Brasileira de Sinais como segunda língua (2007, p.15). Vejamos a seguir o exemplo:

Ex.: EL@S, (elas, eles), AMIG@OS (amigos, amigas).

4 LIBRAS E SUAS MODALIDADES COMUNICATIVAS

Como já estudamos, empregamos a linguagem de várias formas no nosso cotidiano. Por exemplo: quando nos dirigimos a uma pessoa da família ou amigo, usamos uma variedade informal da língua, isso acontece porque quando há confiança no nosso interlocutor nos sentimos mais espontâneos. E ao contrário quando nos dirigimos a alguém que não conhecemos muito bem ou alguma autoridade como (juiz, policia e outros), usamos uma variedade formal da língua, mais séria. No caso de Língua de Sinais, essa diferença fica evidente no momento da realização dos sinais.

> Os seres humanos podem utilizar uma língua, de acordo com a modalidade de percepção e a produção desta: modalidade oral auditiva (português, francês, inglês etc.) ou modalidade espacial-visual (língua de sinais brasileira, língua de sinais americana, língua de sinais francesa etc.) (QUADROS, 2004, p. 24).

Dessa forma, existem níveis em que os surdos utilizam a Língua Brasileira de Sinais – Libras ou Língua de Sinais Brasileira (LSB). Por meio de vocabulário mais reduzido ou amplo/complexo, podendo ser comparada à Língua Portuguesa falada em nosso país, tendo vocabulário popular (coloquial) e o erudito. Descreveremos as mais utilizadas. Acompanhe:

- **Língua de Sinais Formal**: utiliza a estrutura da língua de sinais, que é a imagem do pensamento, usa posturas corporais e faciais adequadas. Faz uso do processo anafórico, corretamente e os parâmetros, como configuração de mãos (CM), expressão e localização.

- **Língua de Sinais Informal ou Nativa**: não confundir com dialetos, gestos, mímicas ou pantomima (representações gestuais com o menor uso de palavras). Não utiliza as regras da Língua de Sinais e é composto pela imagem mental, do objeto, pessoa, animal ou situação a ser descrita.

FIGURA 12 – REPRESENTAÇÃO DO SINAIS NA LÍNGUA FORMAL E INFORMAL



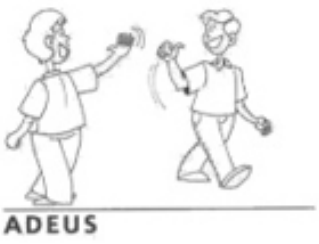
CUMPRIMENTO: APERTO DE MÃOS



APRESENTAÇÃO



CUMPRIMENTO: BEIJOS



ADEUS

SITUAÇÃO FORMAL:	SITUAÇÃO INFORMAL:
A) BO@ D-I-A / BOA TARDE B) BO@ D-I-A/ BOA TARDE	A) O-I (beijos) B) O-I (beijos)
A) POR FAVOR, DIA PALESTRA? B) AMANHÃ À-TARDE	A) SAUDADE VOCÊ SUMIR! B) TRABALHAR-MUITO. VOCÊ?
A) NOME PESSOA PALESTRA? B) PROFESSORA ÂNGELA	A) EU ESTUDAR Muito B) TCHAU EU ATRASAD@
A) OBRIGAD@	A)TCHAU

FONTE: Disponível em: <http://pt.slideshare.net/Milbrasil/apostila-librasreformulada-completa-38143488>. Acesso em: 21 jan. 2016.

Veja mais exemplos:

Conversa Formal

A) BOA NOITE! (B) BOA NOITE!

(A) EU QUERO INSCRIÇÃO CURSO. (B) ESCOLHEU JÁ?

Conversa Informal

(A) BOA TARDE! TUDO BEM?

(B) TUDO BEM! TÔ ÓTIMO, SAUDADE! QUE SUMIDO, HEIN?

4.1 PORTUGUÊS SINALIZADO OU BIMODALISMO

É uma modalidade que tem sido usada na educação dos surdos durante muitos anos, produzindo exatamente cada palavra no português para a língua de sinais. Em geral usa a gramática da Língua Portuguesa, o objetivo é facilitar a comunicação.

Sobre essa modalidade destacamos que muitos surdos e ouvintes, pela falta de conhecimento e estudo de Libras, utilizam-se do bimodalismo para obter melhores resultados na comunicação com os surdos. Essa prática fere profundamente as regras sintáticas da língua de Sinais, e torna difícil os surdos usuários de Libras entenderem a mensagem do conteúdo em situações mais complexas. Com essa abordagem, a Libras não passa de um trampolim para se chegar à Língua Portuguesa, ou seja a Libras perde o seu valor como língua.

4.2 COMUNICAÇÃO TOTAL

É o uso simultâneo da língua de sinais, língua falada, imagens, escritas mímicas etc. Para que aconteça uma comunicação de fato, essa conciliação não poderia acontecer efetivamente, devido à natureza extremamente distinta da língua de sinais com sua morfologia e sintaxe espaço-visual, essa estratégia não dá conta dos classificadores constituintes na língua de sinais, é vista como um recurso a mais.

4.3 PIDGIN

Nasce da utilização de palavras de uma língua com estrutura de outra língua. Quando estão em contato social, o PIDGIN surge do intercâmbio. Assim, podemos afirmar que o Português sinalizado e o Português com Sinais são exemplos de PIDGIN.

4.4 SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO (CL)

Refere-se aos diferentes modos como um sinal é produzido; durante sua comunicação, representam algumas características físicas, tamanho, formas e movimentos. São estruturas complexas e ainda pouco exploradas pelos ouvintes, porque depende dos elementos visuais próprios da cultura surda, muito utilizado pelos surdos, principalmente em contação de histórias.

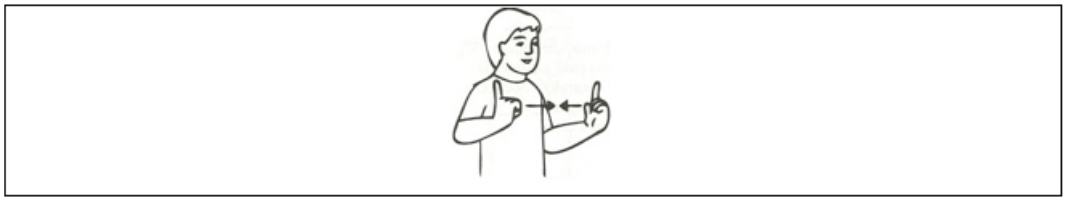


Mais adiante você verá também o uso de classificadores de forma verbal, entenderá melhor essa ferramenta usada na língua de sinais. Fique atento!

A seguir veremos algumas imagens de CL, usadas de acordo com a situação necessária:

"D" para pessoa.

FIGURA 13 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS NA LETRA "D" – DUAS PESSOAS SE ENCONTRANDO



FONTE: Honora e Frizanco, 2009, p. 257

"C" para objetos cilíndricos

FIGURA 14 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS NA LETRA "C" – SINAL DE COPO



FONTE: Honora e Frizanco, 2009, p. 124

"5" para animal

FIGURA 15 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS NÚMERO "5" – ANIMAL ANDANDO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)



Assista ao vídeo editado pelo Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES, que conta a história de Chapeuzinho Vermelho em libras. Observe o uso de classificadores do verbo andar.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8>.

"1" para formas geométricas

FIGURA 16 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS NÚMERO "1" – SINAL DE SALA



FONTE: Honora e Frizanco 2009, p. 133

"B" para superfícies planas

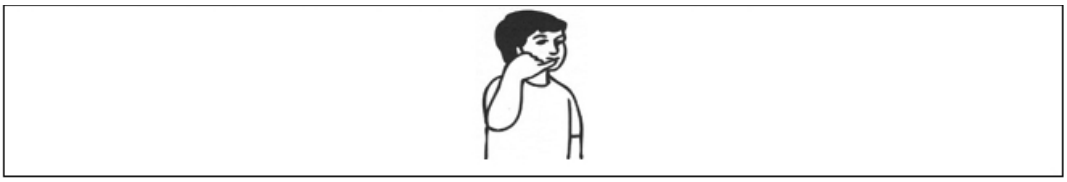
FIGURA 17 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS EM "B" – SINAL DE MESA



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

"Y" para objetos irregulares

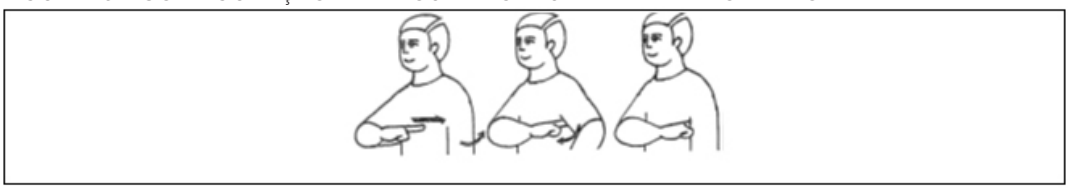
FIGURA 18 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS EM "Y" – SINAL DE TELEFONE



FONTE: Honora e Frizanco, 2009, p. 134

"G" para objetos finos e longos

FIGURA 19 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS EM "G" – SINAL DE TERMÔMETRO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Existem algumas regras que permeiam o sistema de classificação ou classificadores (CL). Por exemplo, usam-se muitas (CM) configuração de mãos, que são utilizadas para cada objeto ou ação representada. Baseando-se neste sistema de classificação, os surdos visualizam uma imagem mental e, configurando com as mãos, retratam essa imagem, o que permite explicar com clareza frases, palavras e situações que não possuem sinal próprio.



Assista ao vídeo do INES, onde o professor destaca os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. Veja como ele descreve o corpo de pessoas e animais em cada abordagem, preste atenção aos detalhes de cada sinal classificador. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=Nk1Xz0NEQFM>.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você viu que:

- A atenção do olhar é imprescindível para comunicação com as pessoas surdas, já que sua modalidade comunicativa é visual-espacial.

- A diferença entre língua e a linguagem: a língua como um código linguístico de uma sociedade e a linguagem que acontece naturalmente por meio dos sistemas sensoriais, no caso dos ouvintes a audição, e os surdos a visão.

- O conceito de Libras como uma língua, e não uma linguagem.

- A coreógrafa americana, Valerie Sutton, criou um sistema para representar a dança dos seus alunos, e com base nesses registros, pesquisadores em língua de sinais dos Estados Unidos juntamente com um grupo de surdos, desenvolveram a escrita dos sinais, chamada *"sign writing"*. No Brasil, o sistema está em fase experimental.

- Aprender a escrita da língua de sinais representa a possibilidade de uma alfabetização e letramento para os surdos, por meio de um registro gráfico que não apresenta sons, mas sim parâmetros fonológicos e sintáticos da língua de sinais.

- O símbolo de (@) é um recurso usado no ensino de uma segunda língua escrita. Essa ferramenta é chamada de **glosa** (utilizada para expressar notas, comentários, tópicos).

- Língua Brasileira de Sinais – Libras é também conhecida por alguns linguistas como Língua de Sinais Brasileira (LSB).

- Existe uma língua com a proposta de língua de sinais universal chamada Gestuno, usada em reuniões e palestras internacionais.

- Existem diferentes modalidades na Língua Brasileira de Sinais – Libras. São elas: Línguas de sinais formal que usa a estrutura da LS. A informal que não utiliza as regras gramaticais da LS; Português Sinalizado ou Bimodalismo reproduz cada palavra em português para língua de sinais; Comunicação total que é o uso simultâneo de sinais, imagens, fala, escrita mimicas etc; PIDGIN que seria a utilização de palavras de uma língua com estrutura de outra língua e por último Sistema de Classificação que refere-se aos diferentes modos como o sinal é produzido, segundo a imagem do objeto.

AUTOATIVIDADE



1 Assim como as línguas faladas, a língua de sinais, tem sua construção gramatical baseada na linguística. Para tanto, é preciso conhecer sua semântica e sintaxe para efetuar uma comunicação correta. Diante desse contexto, defina o que é Libras e como se dá sua aquisição.

2 A Língua Brasileira de Sinais – Libras, mesmo sendo uma modalidade espacial-visual, tem sua própria escrita criada pela coreógrafa americana, Valerie Sutton, junto com outros pesquisadores. Qual o nome que se deu a esse sistema de escrita e no que ele se baseou?

3 Sobre as modalidades de comunicação em Libras:

I- Português Sinalizado ou Português com Sinais: Os surdos utilizam a Língua de Sinais de maneira mais "pobre" e/ou mais "rica" no vocabulário.
II- A Língua de Sinais Formal: Utiliza a estrutura da Língua de Sinais (Libras/LSB).
III- A Língua de Sinais Nativa ou Informal: Não deve ser confundida com dialetos, mímica, ou gestos e utiliza a estrutura da Língua de Sinais, não sendo fiel ao português.
IV- Comunicação Total: é o uso simultâneo da língua de sinais, língua falada, imagens, escritas mímicas etc.

Assinale a alternativa CORRETA:
a) ( ) As sentenças I e II estão corretas.
b) ( ) As sentenças I e III estão corretas.
c) ( ) As sentenças II, III e IV estão corretas.
d) ( ) As sentenças II e III estão corretas.



Assista ao vídeo de resolução da questão 1



TÓPICO 2

ESTRUTURA LÍNGUISTICA DA LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

Durante esta unidade, vamos nos aprofundar no estudo da estrutura linguística e construção gramatical da Língua Brasileira de Sinais – Libras ou Língua de Sinais Brasileira (LSB). Além disso, compreenderemos seus parâmetros, conheceremos o alfabeto e os numerais, embasados no histórico da educação dos surdos.

Acadêmico, as regras gramaticais da língua de sinais continuam em constante estudo, mas como já considerado, por se tratar de uma língua natural e com gramática própria, está totalmente estruturada, e tem parâmetros comparados à morfologia da Língua Portuguesa. "[...] línguas de sinais assemelham-se às línguas orais em todos os aspectos principais, mostrando que verdadeiramente há universais da linguagem, apesar das diferenças na modalidade em que a língua é realizada" (FROMKIN ; RODMAN, 1993, p. 12).

Partindo desta afirmação, Hulst (1993, p. 210) pondera que antes de tentar várias teorias baseadas nas línguas orais, deve-se investigar o sistema linguístico da língua de sinais, com o objetivo de desenvolver um modelo "[...] comprovadamente eficaz no estudo das línguas orais, que podem ser aplicados à estrutura de sinais [...]". Com esse pensamento, continuaremos nossos estudos, sobre os aspectos linguísticos, abordando aspectos na formação das palavras ou sinais. "Vários são os tipos de empréstimos a que recorrem os usuários da Libras: lexical, inicialização, sinais de outras línguas dos sinais domínios semânticos e, até mesmo, empréstimo de ordem fonética" (HULST, 1993, p. 210 apud BRITO, 2010, p. 10).

Embora exista algumas semelhanças na gramática da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa, no que diz respeito à ordem das palavras ou constituinte há diferença porque o português é uma língua de base sujeito-predicado enquanto que a Libras é uma língua do tipo tópico-comentário.

Para que você entenda como se dá essas diferenças, veja a analogia entre as duas gramáticas feita pela autora Quadros. (1997)

LÍNGUA PORTUGUESA	LIBRAS
1. LÍNGUA PREDOMINANTE: Oral-auditiva. (Entonação e intensidade).	1. Visuoespacial (expressão facial e corporal).
2. FONEMA (som): Unidade Mínima sem significado de uma língua e a sua organização interna.	2. Léxico reproduzido por meio de sinais baseada nas interações sociais dos indivíduos.
3. ALFABETO: Combinações de letra-som (oralizado) possibilitando o entendimento de qualquer léxico.	3.Realizado de forma icônica (dactilologizado); auxiliar no processo de transcrição da língua de sinais para Língua Portuguesa.
4. SINTAXE: Preocupa-se com a linearidade do texto.	4. Envolve todos os aspectos espaciais, incluindo os classificadores, ou seja, é um tipo de morfema gramatical que é afixado a um morfema lexical ou sinal para mencionar a classe que pertence o referente desse sinal.
5. CONSTRUÇÃO DE UM TEXTO: limita-se na transcrição de acordo com as regras.	5. Utilização a estrutura tópico comentário, realizado através de repetições sistemáticas. Utiliza referências anafóricas, através de pontos estabelecidos no espaço.
6. ARTIGO: Apoia-se em fazer marcação do gênero. Ex.: o, a, os, as – um, uma, uns, umas.	6. Só aparece para sinais de seres humanos e animais. Define o item lexical classificador. Ex.: homem, mulher, Gato.
7. ESTRUTURAS DE SENTENÇAS: Convencionada pela estruturação de Sujeito Verbo Objeto - SVO. Ex.: O leão matou o urso.	7. Essa estruturação sofre alteração Objeto Sujeito Verbo – OSV ou SOV (o sujeito pode ser marcado por um sinal acompanhado da datilologia) Ex.: Urso leão matar.
8.PRONOMES: Pessoal: Eu, tu, ele(a), nós, vos, eles(as).	8. Pessoal: Eu, você (precisa olhar para pessoa) ele(a), nós, nós 2, nós 3, nós 4.
9. PLURAL: Flexão de número através dos acréscimos de nos substantivos, artigos.	9. Identificado pela repetição de itens lexicais.

FONTE: Adaptado de Quadros (1997)



Podemos citar como exemplo de empréstimo da Língua Portuguesa para LIBRAS a datilologia, que segue a estrutura oral-auditiva, representada pelo o alfabeto da Língua Portuguesa. Conheceremos a datilologia e sua soletração digital mais adiante.

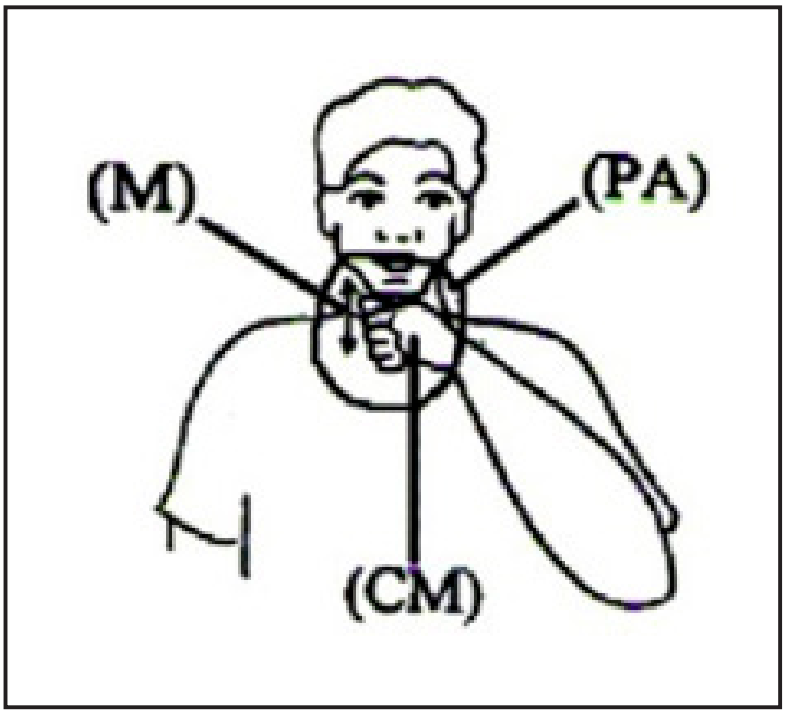
2 PARÂMETROS FONOLÓGICOS EM LIBRAS

Como todas as línguas, a Libras tem seu léxico criado a partir de unidades mínimas. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 47) "A primeira tarefa da fonologia para a língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico". Anteriormente, aprendemos que a linguística aplicada na Libras envolve parâmetros fonológicos e sintáticos, os quais estudaremos a seguir.

> Encontramos os seguintes parâmetros em Libras: Configuração de mãos (CM), Movimento (M), Pontos de articulação (PA), Orientação (O), Expressão corporal e/ou facial. Apresentaremos uma visão geral de todos eles, porém, Stokoe apontou três que constituem os sinais, são eles: Configuração de Mãos (CM),), Ponto de Articulação (PA) ou locação (L), delimitado no desenho por um círculo; e Movimento (M, cuja direção é indicada por uma seta (GESSER, 2009, p. 14).

Exemplificamos a seguir:

FIGURA 20 - PARÂMETROS EM LIBRAS



FONTE: Strobel e Fernandes (1998)



Você irá notar algumas semelhanças com a gramatica da Língua Portuguesa, porém é importante notar que, não podemos estudar Libras baseando-se a Língua Portuguesa, porque como já vimos Libras apresenta sua própria gramática diferenciada e desvinculada da língua oral-auditiva.

2.1 CONFIGURAÇÃO DE MÃOS (CM)

A Configuração de Mãos (CM), ou formas de mão, são os articuladores primários das línguas de sinais; em frente ao corpo, as mãos se movimentam em determinada localização. O sinal pode ser articulado com uma ou as duas mãos.

> As CMs da Língua de Sinais Brasileira (LSB), foram descritas a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras, sendo agrupadas verticalmente, segundo as semelhanças entre elas, mas ainda sem identificação enquanto CMs básicas ou CMs variantes (QUADROS, 2004, p. 53).

A seguir, algumas configurações de mãos mais usadas, criadas pela comunidade surda brasileira:

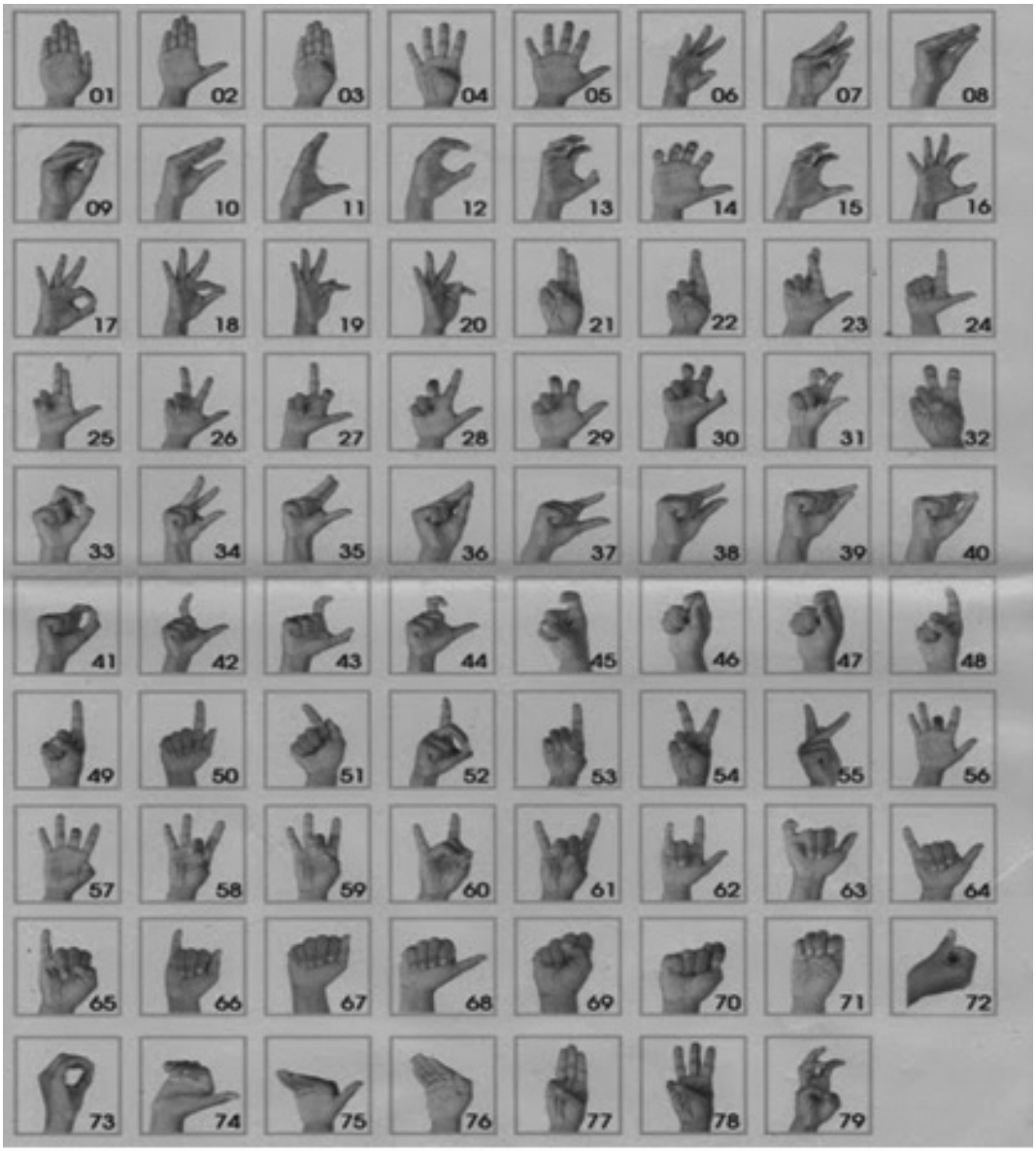
FIGURA 21 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS USADAS PARA REALIZAÇÃO DE SINAIS EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <http://tertuliasdelibras.blogspot.com.br/2015/11/configuracoes-de-maos.html>. Acesso em: 21 jan. 2016.

Enfatizamos que, embora algumas configurações de mãos tiveram como base o alfabeto datilológico que veremos adiante, os dois não devem ser confundidos. Outra particularidade é que durante suas pesquisas, você encontrará configurações de vários autores. Destacamos algumas para seu conhecimento.

FIGURA 22 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS INES



FONTE: Disponível em: <http://charles-libras.blogspot.com.br/2014/10/configuracoes-de-mao.html>. Acesso em: 21 jan. 2016.

FIGURA 23 - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS

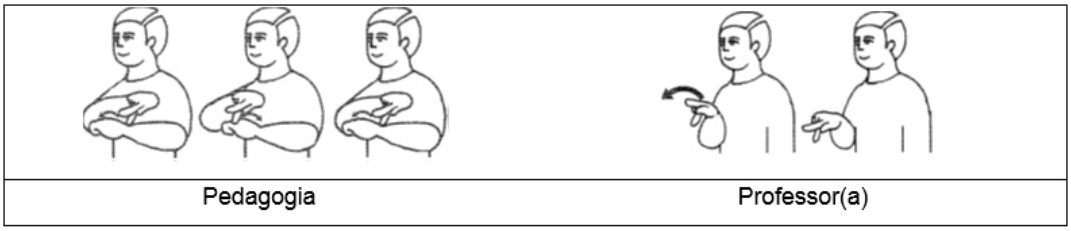


FONTE: Campello (2011, p. 53)



Você observou três quadros de configuração de mãos, isto se dá porque à medida que novos sinais foram criados, novas configurações de mãos também são criadas. No início dos estudos linguísticos em Libras, Stokoe delineou dezenove configurações de mãos diferentes. Brito (1995) propõe 46 configurações de mão. Já o dicionário digital de Língua Brasileira de Sinais, organizado pela Acessibilidade Brasil, apresenta 73 configurações. FONTE: Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br>. Acesso em: 21 jan. 2016.

FIGURA 24 - EXEMPLOS DE SINAIS DIFERENTES, COM A MESMA CONFIGURAÇÃO DE MÃOS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

AUTOATIVIDADE

Prezado acadêmico! Volte ao primeiro quadro de configuração de mãos, e usando suas numerações, faça a atividade.

Preste atenção! Siga os exemplos:

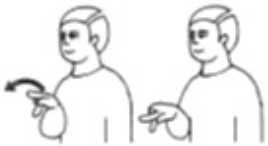
Exemplo: CM: 56 + CM: 57 = Escola



a) CM:_____+CM:_____= Família



b)CM:_____+CM:_____=Professora



c)CM:_____+CM:_____=Casado



d) CM:_____=Prova



Fonte adaptada: Imagens da atividade retirada de: Capovilla e Raphael, 2001

OBS.: Fique à vontade para usar (CM) de sua região.

2.2 PONTO DE ARTICULAÇÃO (PA) LOCAÇÃO

O corpo é usado como principal instrumento para os interlocutores fazerem os sinais. De acordo com Friedman (1997 apud QUADROS, 2004, p. 4), "o ponto de articulação é aquela área do corpo, ou espaço de articulação definido pelo corpo, em que o sinal é articulado". Podem ser feitos em um espaço neutro, acima, abaixo, lado esquerdo/direito, para frente, para trás ou tocando em alguma parte do corpo.

FIGURA 25 - ESPAÇO DE REALIZAÇÃO DOS SINAIS



FONTE: Quadros e Karnopp (2004)

Quadros e Karnopp (2004) mostram que, dentro desse espaço de enunciação, pode-se determinar um número finito (limitado) de locações, que se dividem em quatro regiões principais: cabeça, mão, tronco, braço e espaço-neutro, conforme a imagem anterior.

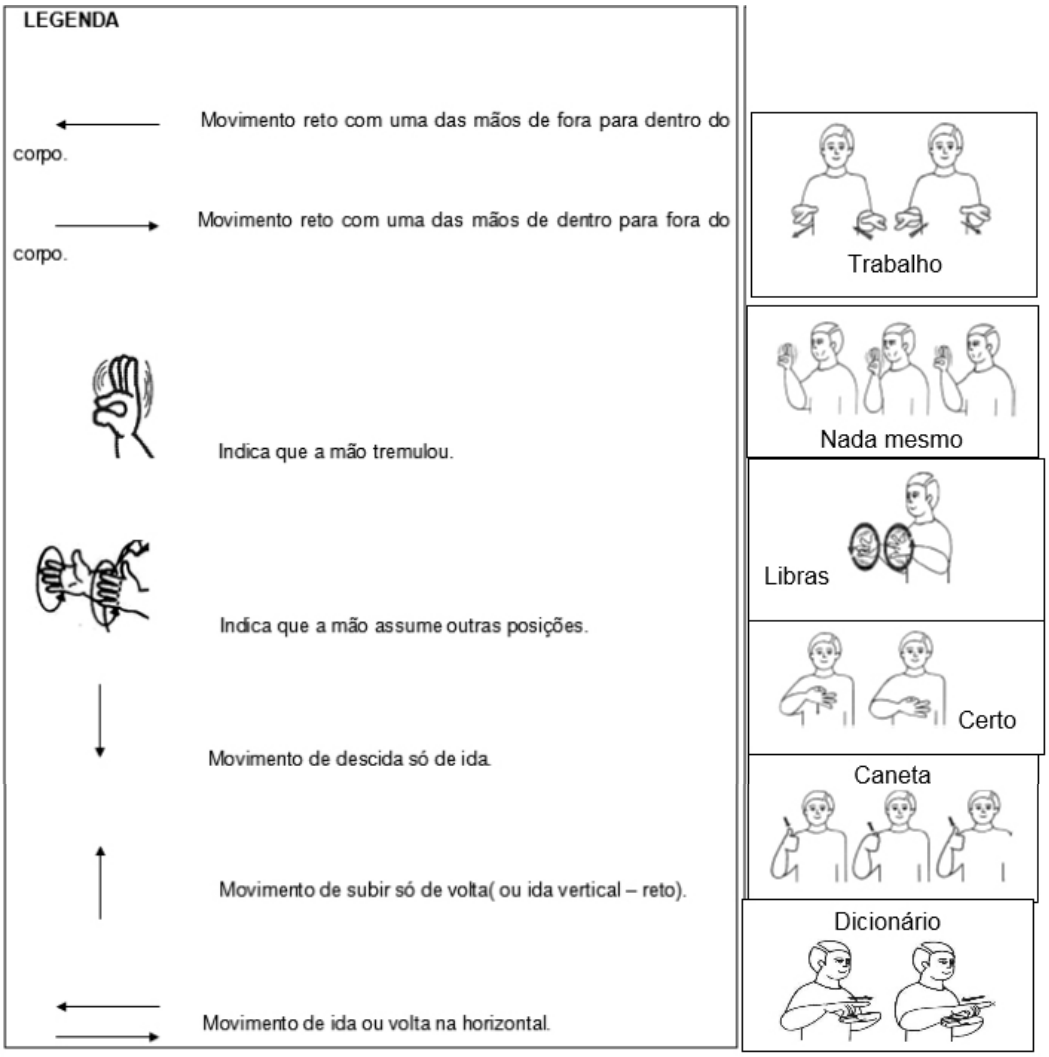
2.3 MOVIMENTO (M)

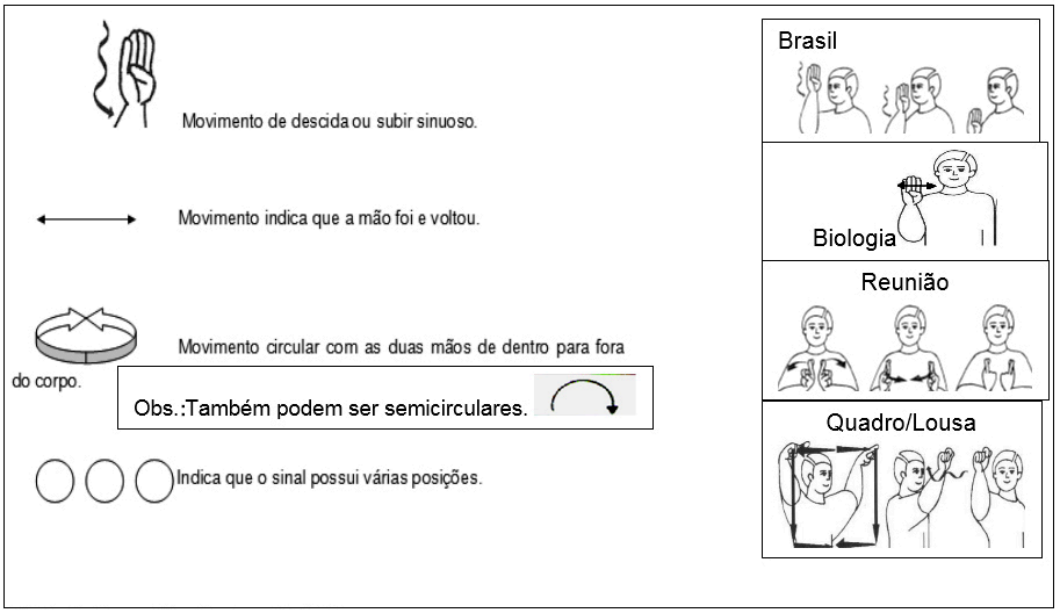
Estudiosos em língua de sinais afirmam que esse é um parâmetro um pouco complexo, pelo fato de envolver as direções e o espaço em que o movimento se realiza.

> O movimento pode estar nas mãos, pulsos e antebraço. Os movimentos direcionais podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais; a maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento; a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento [...]. (FERREIRA, 2010 apud QUADROS, 2004, p. 55).

O próximo quadro nos mostra como esse parâmetro é usado, não entenda que todos os sinais seguem somente esses movimentos, pois como já estudamos, novos sinais continuam sendo criados. Esse quadro faz parte do dicionário **Capovilla trilíngue** (português, libras, inglês), que no momento é o mais usado e conhecido no Brasil.

QUADRO 2 - LEGENDA DE MOVIMENTOS COM EXEMPLOS DE SINAIS

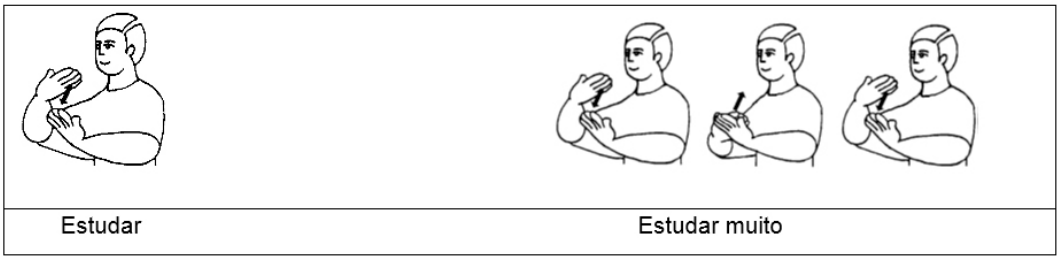




FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

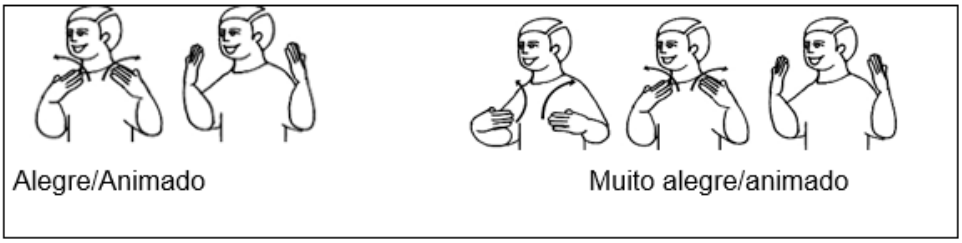
Você notou como agora ficou fácil, associando os movimentos aos sinais? O movimento também pode indicar singularidade e pluralidade ao sinal, como por exemplo: **sinal de estudos**, ou **estudar** é o mesmo sinal, o que muda ao fazer o sinal: "estudar" faço apenas uma vez; agora, "estudar muito", intensifico o sinal fazendo um movimento com mais rapidez, é como se ficasse no plural.

FIGURA 26 - EXEMPLO DE INTENSIDADE DA EXPRESSÃO JUNTO AO SINAL



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

FIGURA 27 - EXEMPLO DE INTENSIDADE DA EXPRESSÃO JUNTO AO SINAL



FONTE: Capovilla e Raphael (2011)

AUTOATIVIDADE



Vamos resgatar o que já foi estudado. Agora é com você! Novamente, vá até o *site* do INES <www.ines.gov.br>. No dicionário, procure os sinais de: **escola, diretor, curso, borracha, aluno, palestra**. Descreva o movimento e direção conforme o quadro de legenda. Ex.: Brasil – movimento sinuoso.

_____
_____
_____
_____
_____

Pesquise outros sinais e continue seu aprendizado!

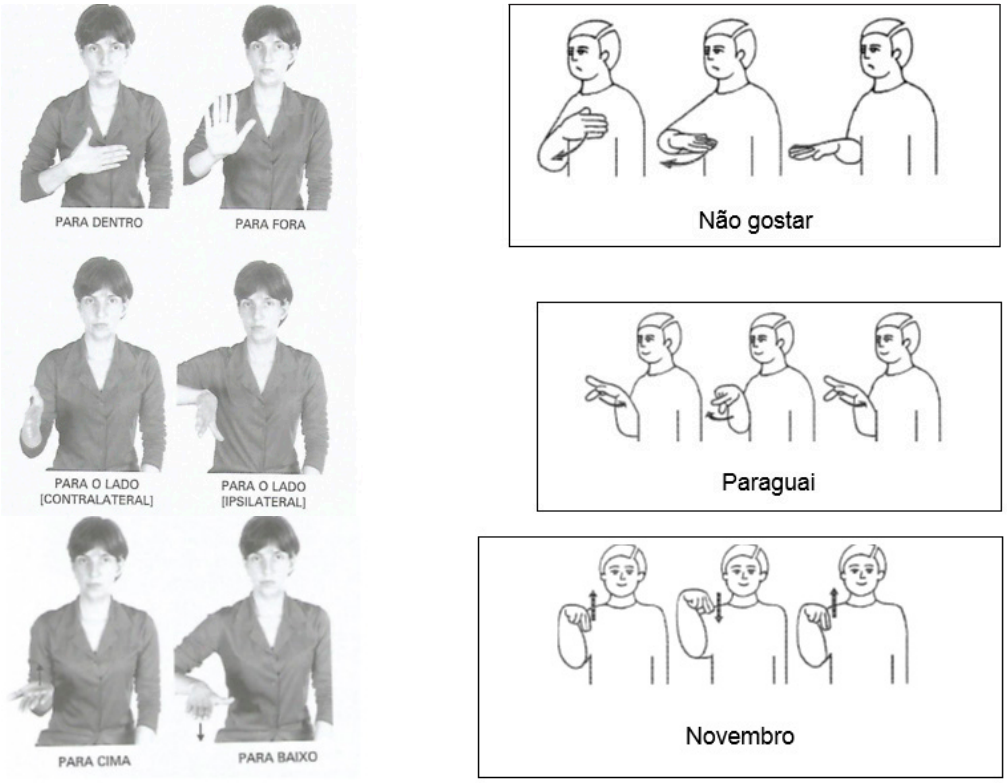
3 PARÂMENTROS SECUNDÁRIOS EM LIBRAS

Acadêmico, examinamos os parâmetros primários da Língua de sinais, agora falaremos dos parâmetros secundários que se combinam de forma sequencial ou simultânea para realização dos sinais.

3.1 ORIENTAÇÃO/DIREÇÃO

É a direção para qual a palma da mão aponta, e o corpo conforme o local ao fazer o sinal. Brito (1995, p. 41) enumera "seis tipos de orientação na palma da mão na Língua de Sinais Brasileira (LSB): para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para esquerda", conforme ilustrado a seguir:

FIGURA 28 - ORIENTAÇÃO DE PALMA DE MÃO COM EXEMPLOS DE SINAIS



Fonte adaptada: Quadros e Karnopp, 2004, p. 59-60. Capovilla e Raphael, 2001

Alguns aspectos importantes nesse parâmetro são destacados por Brito (1995, p. 220), sobre a região de contato:

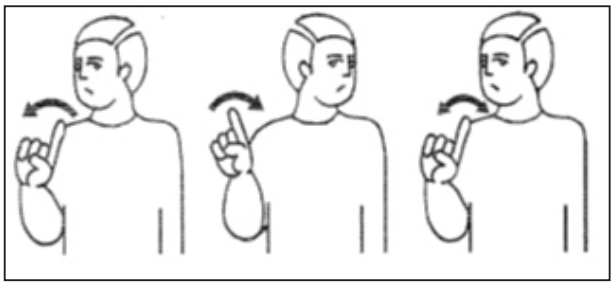
> refere-se à parte da mão que entra em contato com o corpo. Esse contato pode se dar de maneiras diferentes: através de um toque, de um risco, de um deslizamento [...]. Sobre as disposições das mãos: articulação dos sinais podem ser feitas, apenas, pela mão dominante ou com as duas mãos. Neste último caso as duas mãos podem se movimentar para formar o sinal, ou então apenas uma mão dominante se movimenta e a outra como ponto de articulação (PA).

Diante de toda a versatilidade da língua de sinais, vamos prosseguir abordando outro parâmetro significativo para uma boa comunicação em língua de sinais.

3.2 EXPRESSÃO NÃO MANUAL OU CORPORAL/FACIAL

As expressões são muito importantes para relação interpessoal em qualquer língua. Na língua de sinais exercem dois papéis: marcação da construção sintática e marcação de sinais específicos. Brito (1995), baseado no trabalho de Baker (1983), identifica as expressões não manuais da língua de sinais brasileira, as quais são encontradas no rosto, na cabeça e no tronco. Elas podem ocorrer simultaneamente ou não. Ex.: sinal de negação.

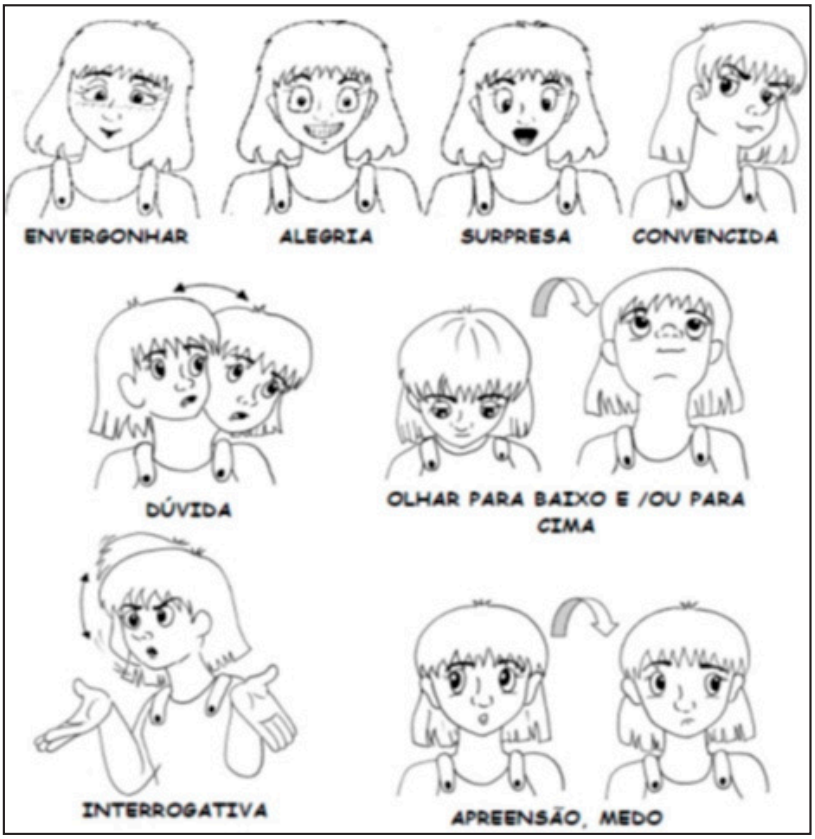
FIGURA 29 - REPRESENTAÇÃO DO SINAL NÃO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

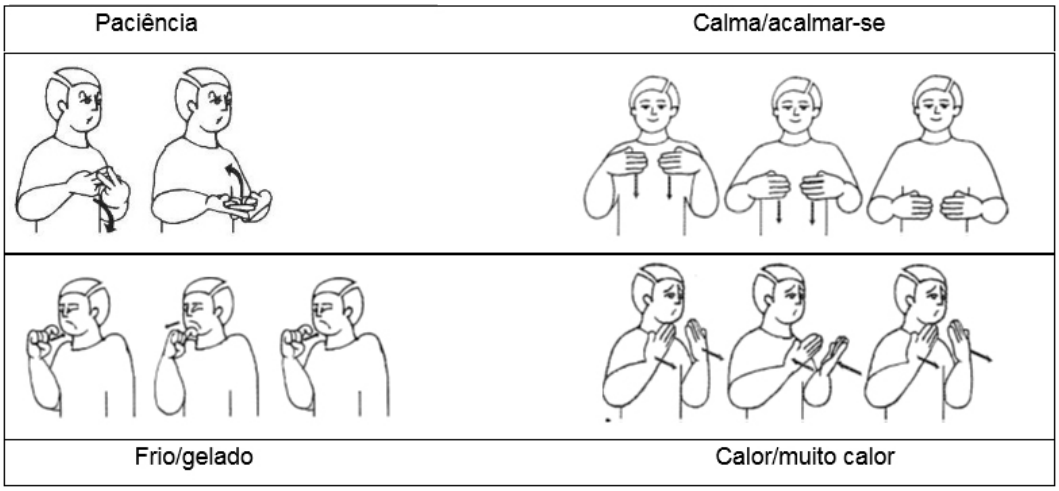
Veja que esse sinal usa as expressões simultaneamente (rosto, cabeça e tronco). Além disso, as expressões revelam emoções e sentimentos (alegria, raiva, frio, calor etc.), atribuindo sentido aos fatos. Vamos questionar ou afirmar dependendo das nossas expressões corporais e faciais. Também existem sinais que são bem parecidos, e sua significação depende muito das expressões, pois a ênfase é que dá fluência as palavras.

FIGURA 30 - EXPRESSÕES FACIAIS E CORPORAIS



FONTE: Disponível em: <trabalhandocomsurdos.blogspot.com.br/2013/01/expressao-facial-e-corporal.html>. Acesso: 21 jan. 2016.

FIGURA 31 - SINAIS COM EXPRESSÕES



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)



Pesquise um vídeo em Libras legendado no Youtube, com pessoas surdas e ouvintes, e faça uma comparação das expressões corporais e faciais entre eles. Sentindo-se à vontade, repita os sinais. Para certificar-se se está fazendo corretamente, aconselha-se treinar em frente ao espelho e ver se suas expressões correspondem aos sinais.

4 CRIAÇÃO DE SINAIS

Para conversar em qualquer língua não basta conhecer as palavras, é preciso aprender as regras de combinação das palavras em frase. As palavras, ou itens lexicais, são os sinais. Partindo do pressuposto que cada língua tem um número determinado de unidades mínimas cuja função é determinar a diferença de um sinal em relação a outro sinal, as autoras Quadros e Karnopp (2004) estabelecem essa relação:

FIGURA 32 - PARES MÍNIMOS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB)



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 52)

Essa união de regras lexicais possibilita a transmissão de qualquer pensamento visual não verbal e que se fundamentou através da cultura e identidade das comunidades surdas. Consideramos aqui, a importância de que o sinal ao ser produzido nunca deve ficar em frente aos olhos, e sim em frente ao tronco, facilitando a comunicação e compreensão dos sinais.

Ressaltamos ainda que essa orientação é de suma importância para não se criar sinais com movimentos sem sentido ou de difícil execução, já que a tendência das línguas é a economia e redução de palavras para agilidade na compreensão do receptor.

5 RESTRIÇÕES DE SINAIS

Já analisamos a importância da criação correta dos sinais, mas será que é imposta alguma restrição ou podemos executar os sinais de qualquer maneira? Siple (1978) mostrou que propriedades do sistema de percepção visual restringem a produção de sinais. A acuidade visual é maior na área da face, pois é onde o interlocutor fixa o olhar e especifica possíveis combinações entre as unidades mínimas (configuração de mão, movimento, locação e orientação de mão), na formação dos sinais. Observe a figura a seguir:

FIGURA 33 – ACUIDADE VISUAL



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 78)

Dessa forma, quando executamos o sinal, devemos prestar atenção se está sendo realizado de forma correta e em uma área que o receptor consiga ver e interpretar. Podemos citar, como exemplo, se a pessoa usa **barba/bigode** e vai fazer um sinal na face, certifique-se que o sinal está sendo realizado limpo/sem impedimento/barreiras.

Por isso, pense nestas restrições físicas e linguísticas, como forma de nos capacitar para fazermos os sinais corretamente. Como já colocamos aqui, Libras não são gestos ou palavras soltas no ar, e nem são um sistema de comunicação superficial, muito pelo contrário, o sinal foi criado com um objetivo a ser cumprido.



Na cultura surda existe uma particularidade na forma de batismo, observam-se características pessoais de surdos e ouvintes, e é lhe dado um sinal: a partir daí essa pessoa é possuidora de um sinal próprio, sempre que for apresentada a um surdo, soletrará seu nome através da datilologia, e em seguida apresentará seu sinal pessoal. É importante frisar que é comum um surdo dar esse sinal. Ex.: Meu nome: A-D-R-I-A-N-A. Meu sinal: letra "A" ao lado do olho. É assim que as comunidades surdas da região me conhecem.

6 TIPOS DE SINAIS

Caro acadêmico, com todas as informações disponibilizadas até o momento, vimos que a construção da língua de sinais segue alguns critérios estabelecidos pela linguística, cabe a nós, enquanto profissionais educacionais ou não, usuários de libras ou não, termos cautela e levarmos em consideração toda essa estrutura para avançar no conhecimento.

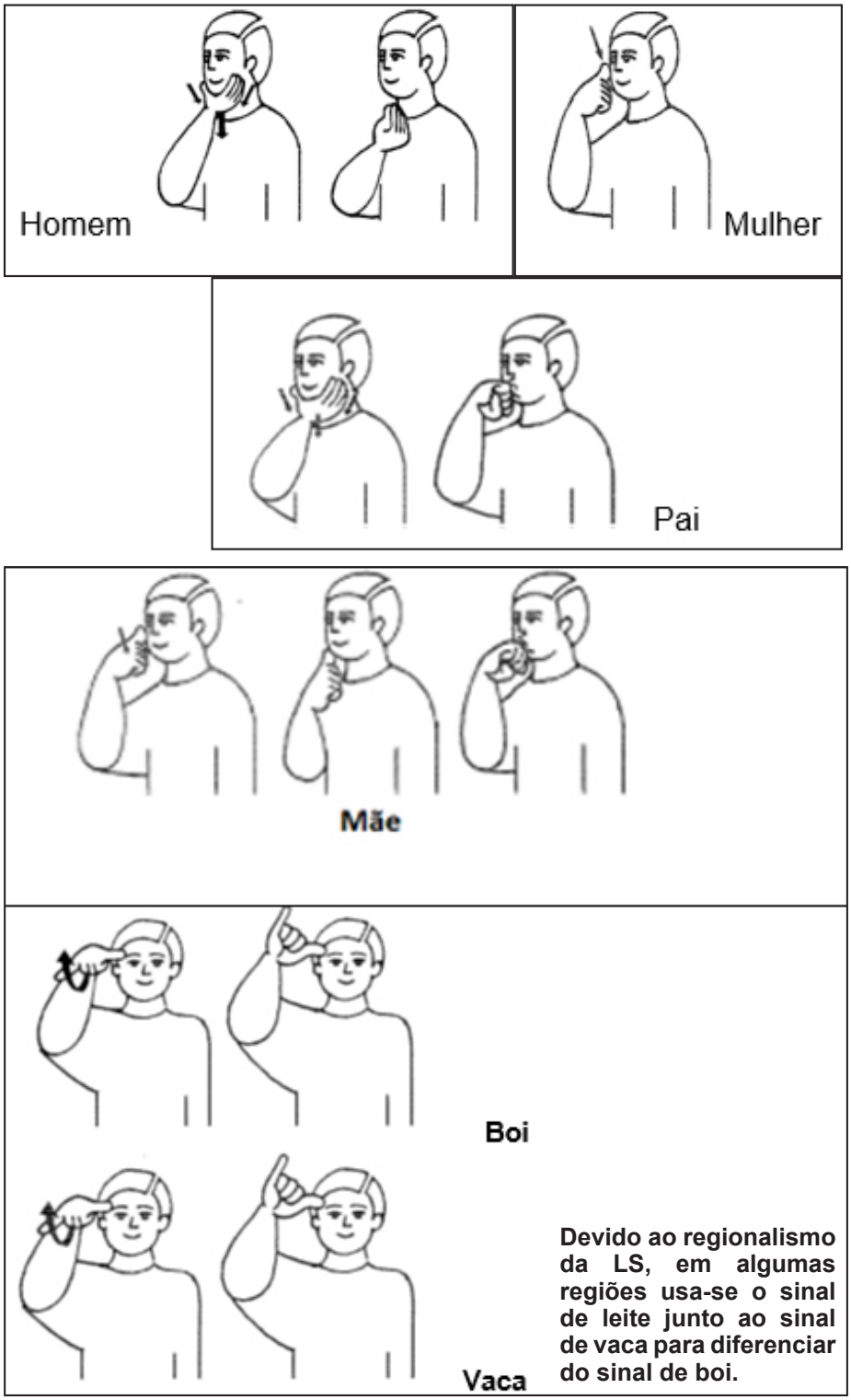


O que acha de dar uma parada e "refrescar a cabeça"? Que tal pegar uma pipoca e assistir a alguns filmes? Escolha um deles ou mais na lista e divirta-se! A música e o silêncio; Beethoven; Filhos do silêncio; Meu adorável professor; O milagre de Anne Sullivan; e Pontes do silêncio.

6.1 QUANTO AO GÊNERO

No momento em que é feito o sinal para a indicação do sexo, acrescenta-se o sinal de mulher ou de homem, quer a referência seja a pessoas ou a animais. Porém, não se aplica aos sinais de mãe e pai, que são sinais próprios. Veja os exemplos apresentados a seguir:

FIGURA 34 - SINAIS QUE REPRESENTAM GENÊRO

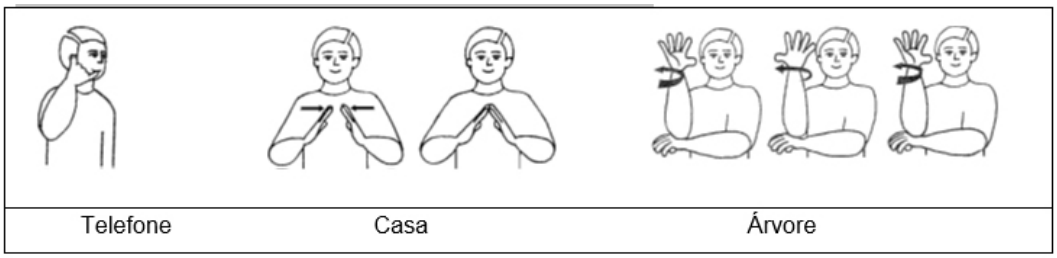


FONTE: Capovilla e Raphael (2001))

6.2 QUANTO À FORMA

a) Sinais icônicos: São os sinais que se parecem com o objeto ou lugar referido. Os sinais icônicos são mais fáceis de serem memorizados. Isso se dá pelas características que o ajudam a lembrar-se de algo, isto é o que chamamos de *figuras*; imagens que se assemelham a algo concreto. Veja os exemplos:

FIGURA 35 - REPRESENTAÇÃO SINAIS ICÔNICOS EM LIBRAS

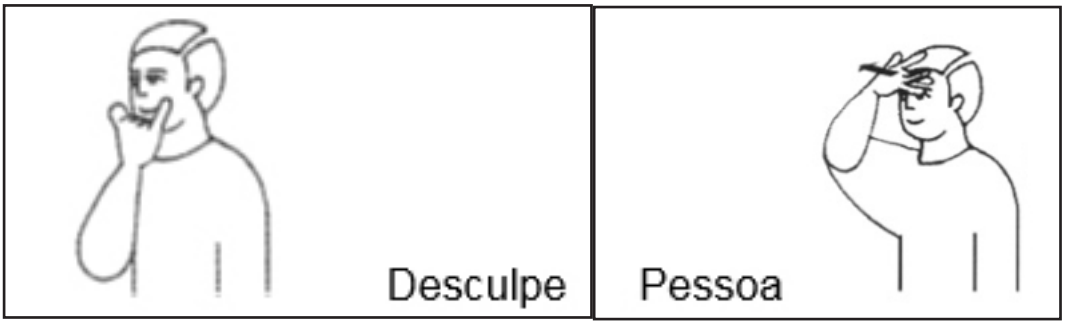


FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

As configurações de mãos e os movimentos assemelham-se ao sinal apresentado.

b) Sinais arbitrários: São aqueles que não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam. Durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas, por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois em língua de sinais tais conceitos também podem ser representados em toda sua complexidade. Veja:

FIGURA 36 - REPRESENTAÇÃO SINAIS ARBITRÁRIOS EM LIBRAS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

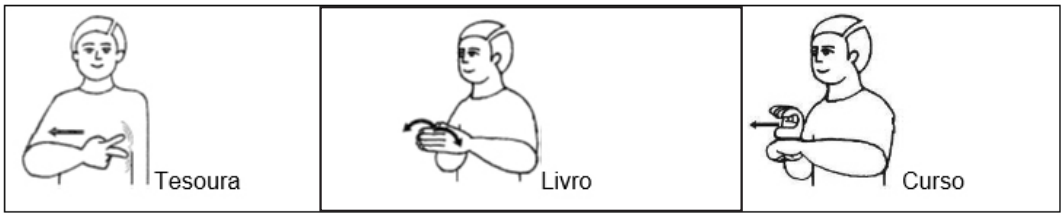
Talvez, para os ouvintes seja difícil assimilar a palavra com o sinal, mas para os surdos que criam os sinais, tem todo um significado.

6.3 QUANTO À COMPOSIÇÃO

Os sinais podem ser:

a) **Simples**: quando formados por um único sinal.

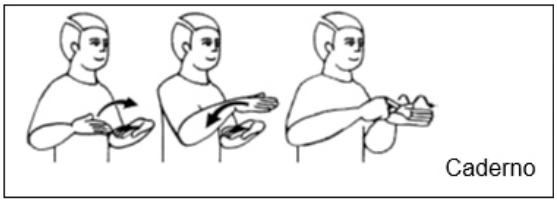
FIGURA 37 - REPRESENTAÇÃO DE SINAL SIMPLES



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

b) **Compostos**: formados por dois ou mais sinais para representar algo.

FIGURA 38 - REPRESENTAÇÃO DE SINAL COMPOSTO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)



Prezado acadêmico, aqui estamos estudando sobre a concordância quanto aos sinais. Mais adiante veremos concordância na divisão dos verbos em Libras.

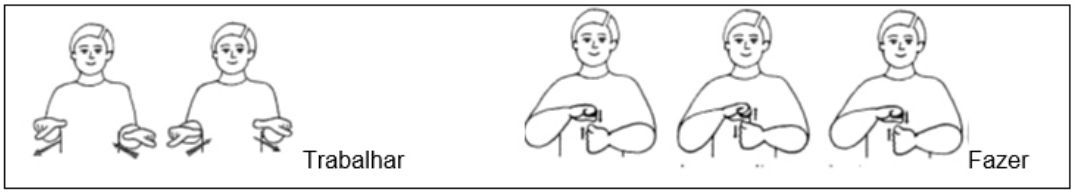
6.4 QUANTO À CONCORDÂNCIA

No momento, iremos fazer uma análise na construção referente à concordância verbal na língua de sinais, como elemento gramatical para construir o sinal ou a palavra. Figueira (2011) explica que eles se dividem em:

- **Sinais que não possuem marca de concordância**: embora possam ter flexão para aspecto verbal, é como se o verbo ficasse no infinitivo, ou seja, uma forma verbal neutra que exprime apenas o evento. Por exemplo:

EU TRABALHAR FACULDADE: "eu trabalho na faculdade".
ELA FAZER BOLO: "ela vai fazer um bolo".

FIGURA 39 - REPRESENTAÇÃO DE SINAIS QUE NÃO POSSUEM MARCA DE CONCORDÂNCIA



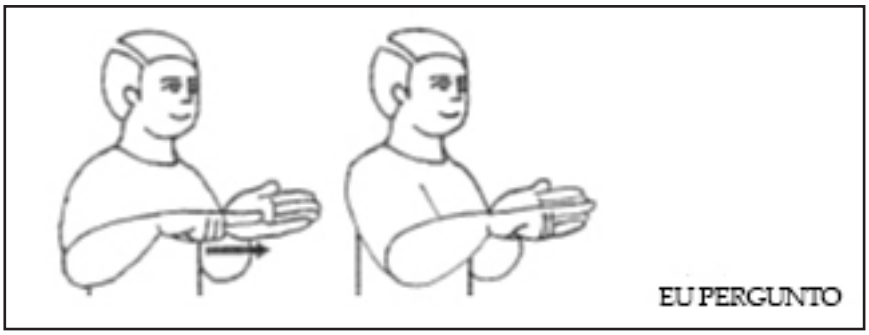
FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

- **Sinais que possuem marca de concordância/direcionais**: são os que flexionam em pessoa, número e aspecto de sinais mais complexos, pois apresentam diversas formas de concordância. Segundo Quadros (1997), podem ser subdivididas em:

a) Concordância número-pessoal = importante o uso do parâmetro orientação/direção de mão.
b) Concordância de gênero e número (espécie) = importante o uso do parâmetro de configuração de mão.
c) Concordância de lugar/localização = importante o uso do parâmetro de articulação.

Exemplo 1: O sinal parte de quem pergunta em direção a quem recebe a pergunta. "Eu pergunto a você".

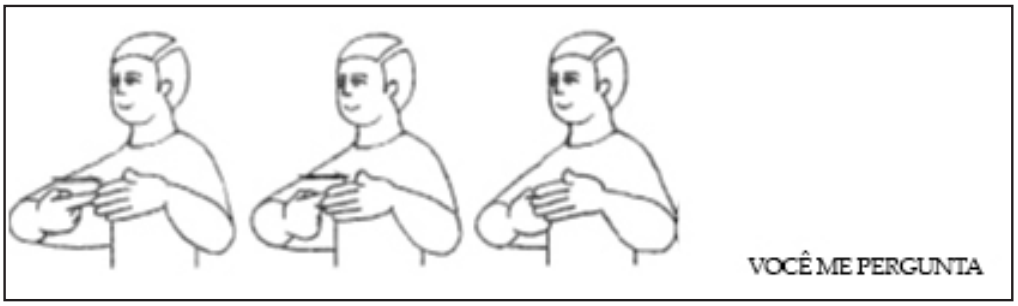
FIGURA 40 - SINAL DE PERGUNTA/PERGUNTAR



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Exemplo 2: O sinalizador recebe a pergunta, ele é o perguntado.

FIGURA 41 - SINAL DE PERGUNTAR-ME



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

d) Concordância de gênero (espécie): são verbos classificadores porque apresentam características de incorporação do objeto. Estão incorporados através de configuração de mão a uma concordância de gênero: pessoa, animal ou coisa.

Exemplo 1: palavra andar para pessoa. Configuração na letra "V" OU LETRA "D".

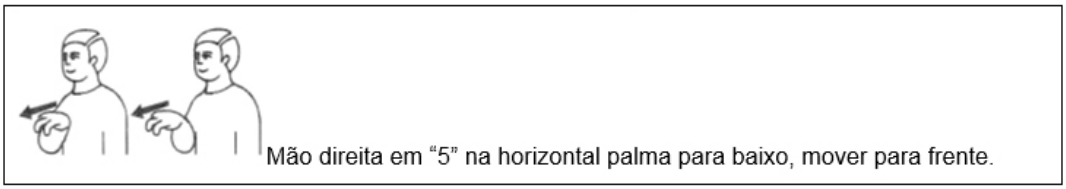
FIGURA 42 - SINAIS ANDAR PARA PESSOAS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Exemplo 2: palavra andar de carro, configuração número "5".

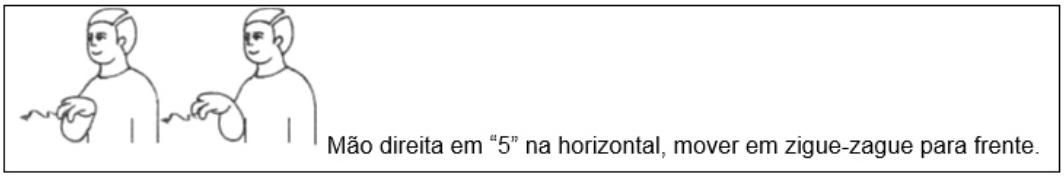
FIGURA 43 - ANDAR DE CARRO, DESLOCAR-SE DO LOCAL



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Exemplo 3: Palavra andar de animal, configuração número "5".

FIGURA 44 - ANDAR DE ANIMAL



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

7 AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS E SUAS DIFERENTES FORMAS DE MANIFESTAÇÃO

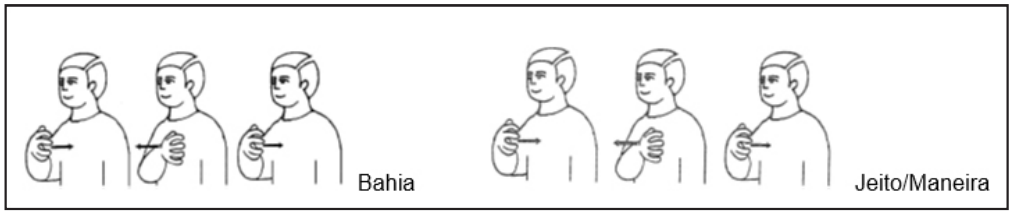
Assim como na Língua Portuguesa, temos palavras diferentes para nos referir ao mesmo objeto, chamadas de ambiguidade, que é a característica das expressões linguísticas que apresentam mais de um sentido/significado para aquela palavra. Normalmente quando isso acontece, precisa de um contexto para ser compreendida, isto é, possui ambiguidade. Estamos diante de um dos seguintes fenômenos: homonímia e polissemia.

> Para Mattoso Câmara (1986) e Ilari (1990), a ambiguidade lexical se caracteriza por comportamentos **homonímicos (**palavras que possuem a mesma pronúncia com significados diferentes) e **polissêmicos, do grego "*poly*", significa diversidade**, palavra ou expressão que possui mais de um significado". Britto (2005) nos esclarece que a Libras apresenta menos casos de ambiguidade do que o português (Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_154.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2016.

7.1 SINAIS HOMÔNIMOS

Ocorrem quando os sentidos da palavra ambígua não são relacionados, ou seja, os sinais que, embora apresentem parâmetros idênticos em Libras, não estabelecem qualquer tipo de relação semântica entre si. Veja exemplos, na Língua Portuguesa: Cela (substantivo) – Sela (verbo). Agora reflita no exemplo em Libras com palavras diferentes.

FIGURA 45 - REPRESENTAÇÃO DE SINAIS HOMÔNIMOS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Como vimos no exemplo, em Libras a palavra/sinal **Bahia** pode referir-se a uma pessoa, a uma loja, a um time de futebol ou à cidade, pois existe uma relação homônima entre o sinal/palavra **Bahia** (substantivo simples, próprio, primitivo) e o sinal/palavras **Jeito/maneira da pessoa** (substantivo e advérbio de modo).

7.2 SINAIS POLISSÊMICOS

Estão relacionados à ambiguidade semântica, possuem dois ou mais significados, de acordo com o contexto.

Um exemplo é a palavra "**sinal**", que pode se aplicar de várias formas, tanto na Língua Portuguesa como na Língua Brasileira de Sinais - Libras. No caso da Língua Portuguesa ao refererir-se a elementos representacionais (como sinais de trânsito):

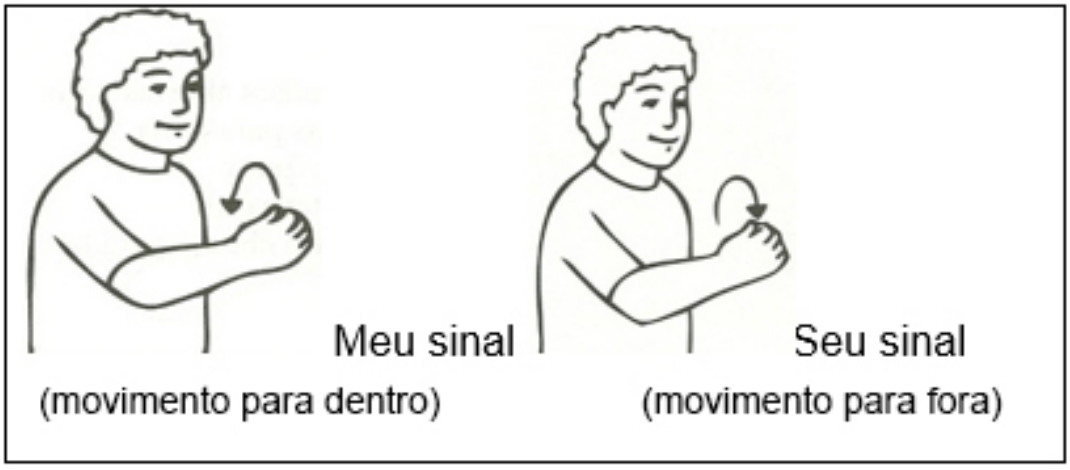
FIGURA 46 – SINAIS DE TRÂNSITO



FONTE: Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-tkHtHbbLL0/UbdZ41CjEQI/AAAAAAAAK0/qkjuch9Etts/s1600/PLACAT~1.JPG>. Acesso em: 21 jan. 2016.

Ou referir-se a itens lexicais, como a palavra **sinal** em Libras:

FIGURA 47 - REPRESENTAÇÃO DO SINAL



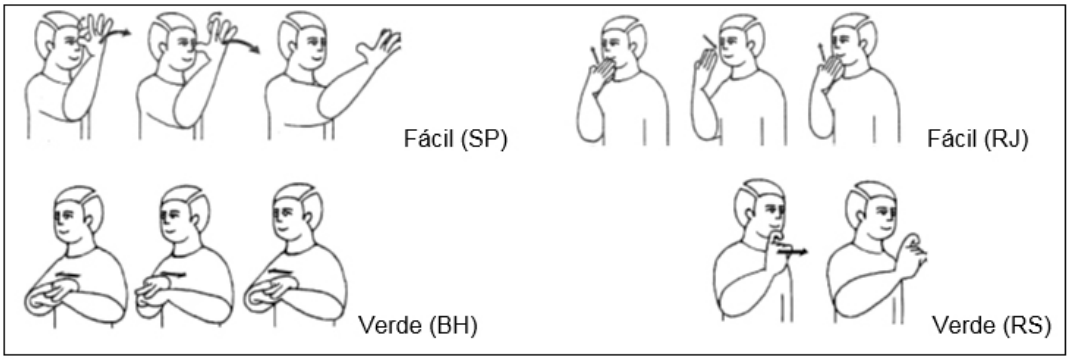
FONTE: Honora e Frizanco, 2009, P. 67 e 69

Destacamos aqui que, esses exemplos descreve as diferentes formas de manifestação de ambiguidade em Língua Brasileira de Sinais-Libras, visto ser uma língua em constante pesquisa. Assim, não deve ser visto como um padrão.

7.3 SINAIS TAUTOLÓGICOS

Tautologia na Língua Portuguesa funciona como marcadores conversacionais. Exemplo: né, então, tipo assim. Em Libras, são sinais que apresentam variantes regionais, com dois ou mais sinais que representam o mesmo significado, assim, o contexto expressa a mesma ideia mas com sinais diferentes.

FIGURA 48 - SINAIS TAUTOLÓGICOS COM REPRESENTAÇÕES REGIONAIS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Em todos os exemplos, notamos a versatilidade da Língua de sinais Brasileira (LSB), e como associar os contextos se faz necessário para uma boa comunicação entre surdos e ouvintes. Mais uma vez constatamos o dinamismo e a flexibilidade da qual se perfaz a língua de sinais, já que uma mesma palavra pode revelar diferentes sentidos, bastando, para isso, estar inserida em uma circunstância linguística, como as referidas.

8 DATILOLOGIA

Historicamente, a datilologia é a técnica de comunicação por meio de sinais feitos com os dedos ou com as mãos. E a posição das mãos e as letras representam as letras do alfabeto. No início dessa unidade analisamos que a língua de sinais tem sua modalidade visual e quiroarticulatória, ou seja (i.é.´*quiro*, do grego, mão), assim, a datilologia está inserida dentro da estrutura linguística da língua de sinais de todo o mundo, por isso em algumas leituras encontrará alfabeto dactilológico/ datilológico referindo-se ao meio de digitação do alfabeto manual.

9 ALFABETO MANUAL

O alfabeto manual, segundo Gesser (2009, p. 28-29):

> [...] é um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Não é uma língua, e sim um código de representação das letras alfabéticas. É de grande ajuda aos ouvintes que desejam manter contato com a comunidade surda. As letras e os números do alfabeto correspondem às letras do alfabeto oral de cada país. Existem países que representam as letras usando apenas uma mão, como o Brasil, França, Estados Unidos etc. Outros, representam as letras com duas mãos, como a Inglaterra, Austrália, Iugoslávia etc.

No Brasil, o alfabeto manual é composto de 27 formatos contando com o grafema "ç". Cada formato corresponde a uma letra. O alfabeto manual é um recurso utilizado principalmente nas seguintes situações:

- Quando não existe ou se desconhece a palavras em língua de sinais.
- É usado com maior frequência para indicar nomes de pessoas, lugares e siglas.

Vejamos algumas características do nosso alfabeto em Libras.

- Pode ser feito com uma ou as duas mãos.
- Necessita de boa destreza motora.
- Não é espontâneo, nem natural como a mímica e, portanto, deve ser aprendido.
- Os sinais de pontuação, tais como, vírgulas, ponto final e de interrogação, às vezes, são desenhados no ar.
- Existem letras paradas e letras que se movimentam.

Enfatizamos que qualquer pessoa pode aprendê-lo, e que dependendo do nível de habilidade e rapidez da pessoa que o utiliza, sua compreensão pode tornar-se complexa ou não.

FIGURA 49 - ALFABETO EM LIBRAS



FONTE: Strobell (2009)



Leia na trilha de Libras no seu Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e aprenda mais sobre o alfabeto manual. Faça as atividades propostas, acesse a internet, pesquise e conheça alfabetos manuais de outros países.

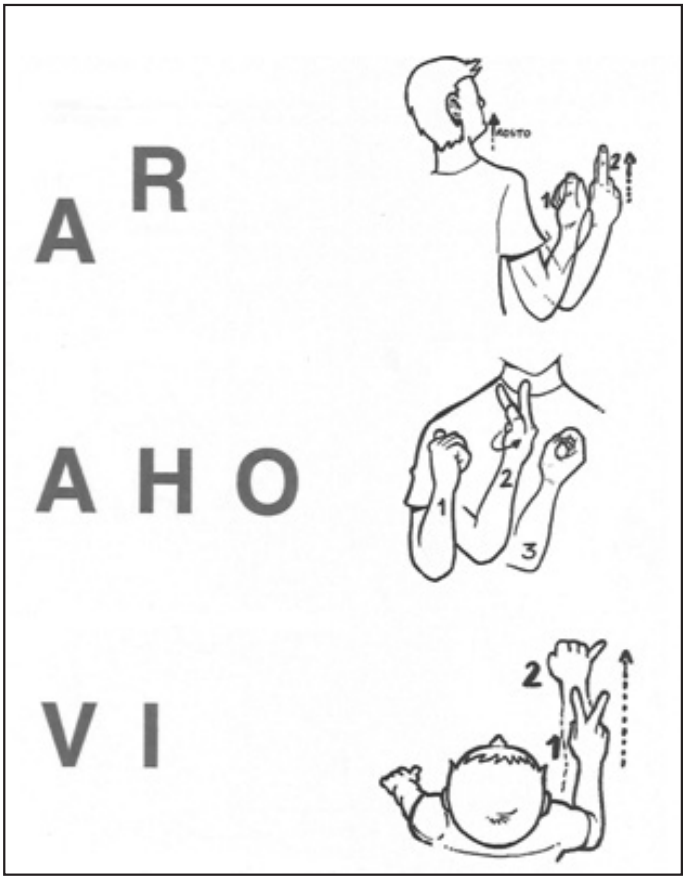
Além disso, Gesser (2009, p. 39) reforça que:

> [...] o soletrante que não for alfabetizado (escrita/leitura) na língua oral de sua comunidade de fala, por exemplo, terá as mesmas dificuldades de um indivíduo iletrado para lançar mão deste uso [...]. Avançando nos nossos estudos, percebemos cada vez mais a contribuição da língua de sinais como primeira língua, para auxiliá-lo na sua alfabetização e letramento.

9.1 SOLETRAÇÃO RÍTMICA DO ALFABETO

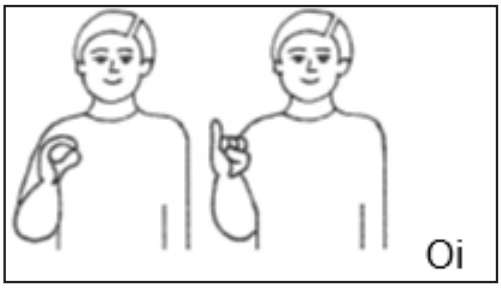
Os autores Kojima e Segala (2009) nos remetem a muitas palavras que, quando soletradas, se transformam em sinais que possuem um ritmo próprio: é como se desse um tom/timbre àquela palavra. Veja os exemplos das palavras: AR, ACHO, VI.

FIGURA 50 - SOLETRAÇÃO RÍTMICA



FONTE: Kojima e Segala (2009)

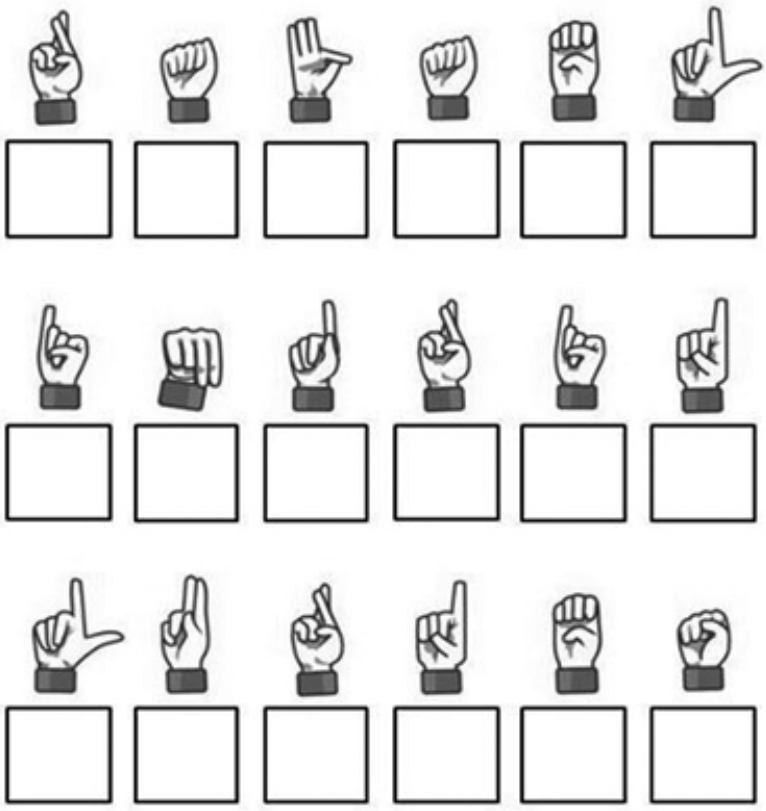
FIGURA 51 – Oi



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

AUTOATIVIDADE

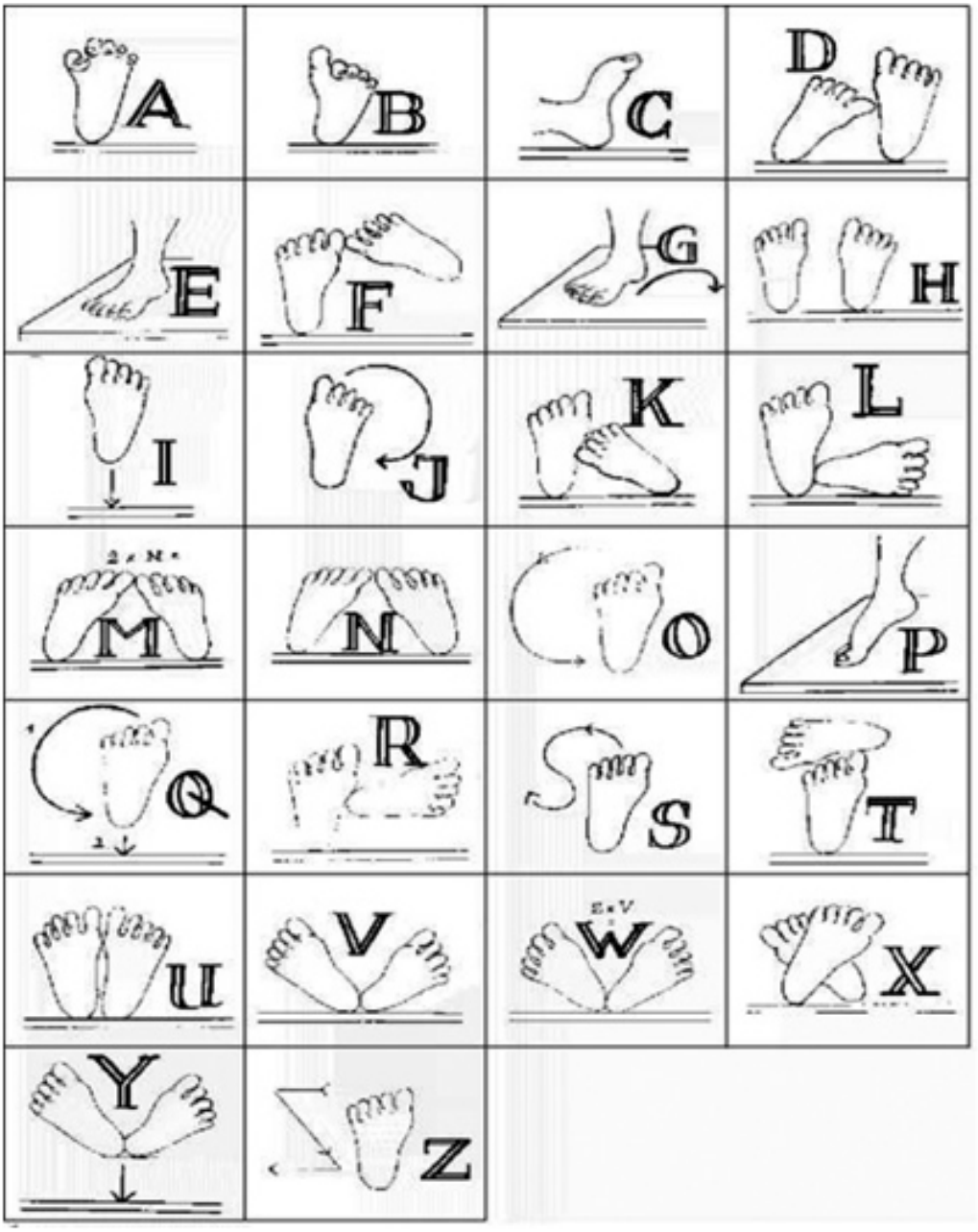
Descubra QUEM É QUEM:



FONTE: Disponível em: <http://essaseoutras.xpg.uol.com.br/atividades-em-libras-video-historia-conto-infantil-e-exercicios/atividades-em-libras-portugues/>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Conheça outros alfabetos:

FIGURA 52 - ALFABETO SINALIZADO COM OS PÉS



FONTE: Disponível em: <http://eeblmlibras.blogspot.com.br/2011/05/sinalizando-com-os-pes.html>. Acesso em: 11 jan. 2016.

FIGURA 53 - ALFABETO PARA SURDO-CEGOS



FONTE: Disponível em: <http://www.grupobrasil.or.br/>. Acesso em: 11 jan. 2016.

Semelhante ao alfabeto datilológico, o alfabeto manual para surdo-cegos é um sistema de signos sobre a palma da mão do interlocutor. São variados os códigos adotados nesses procedimentos.

> Surdocegas são crianças que têm dificuldades auditivas e visuais, cuja combinação resulta em problemas tão severos na comunicação, e outros problemas de desenvolvimento e educação, que elas não podem ser integradas em programas educacionais especiais para deficientes auditivos ou deficientes visuais (LEKE DE LEUW, 1997 apud QUADROS, 2004, p. 24).



Na Unidade 3 falaremos sobre os profissionais Intérpretes, para pessoas com surdez, e Guia Intérprete para pessoas surdo-cegas, aguarde!

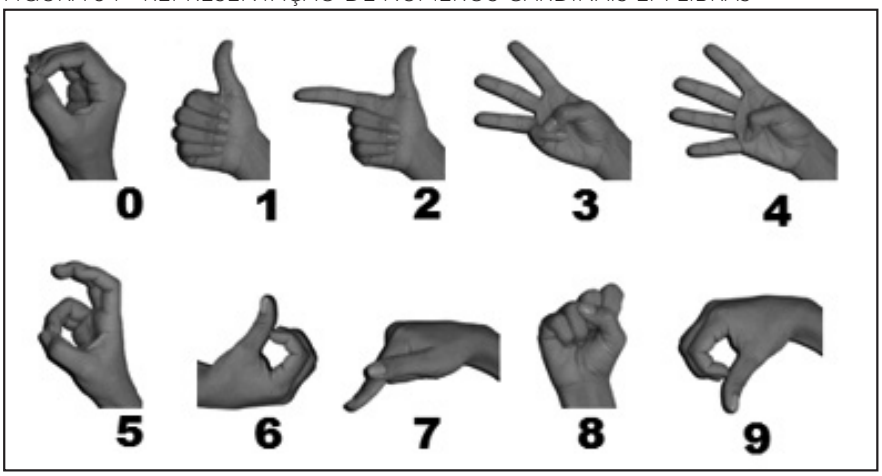
10 NUMERAIS EM LIBRAS

É fato que o aprendizado da matemática requer lógica, raciocínio e compreensão dos enunciados, pois se não acontece o entendimento, não avançamos, e assim, muitos surdos enfrentam muitas dificuldades no aprendizado da matemática. Como em qualquer língua, a Libras tem formas diferentes para apresentar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários.

Strobel e Fernandes (1998, p. 37) fazem essa distinção nos dizendo que, "[...] a sinalização dos numerais depende da situação". Acompanhe:

a) **Cardinais**: na representação dos sinais, os números cardinais, embora tenham mesma configuração de mãos, diferem dos ordinais. A partir do numeral DEZ (10), não há mais diferença entre os cardinais e ordinais.

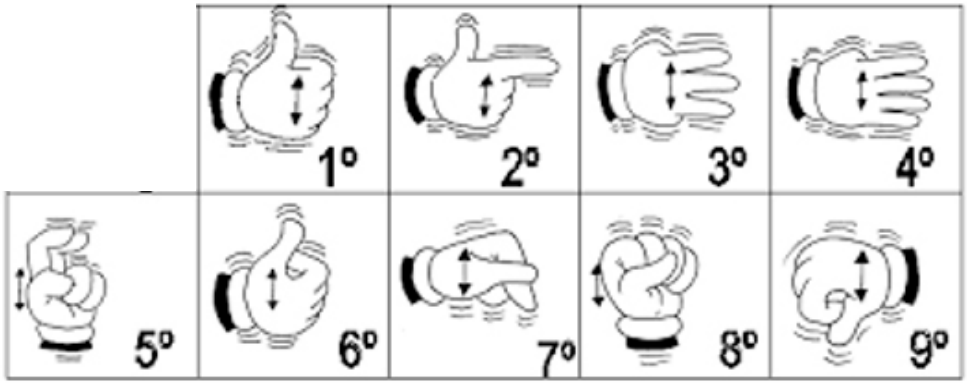
FIGURA 54 - REPRESENTAÇÃO DE NÚMEROS CARDINAIS EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <http://www.fupacpontenova.com.br/sitepontenova/index.php?option=com_content&view=article&id=336&Itemid=134>. Aceso em: 11 fev. 2016.

b) **Ordinais**: Os numerais ordinais do PRIMEIRO até o NONO têm a mesma forma dos cardinais, o que diferencia é o movimento. Do PRIMEIRO até o QUARTO têm movimentos para cima e para baixo, do QUINTO até o NONO têm movimentos para os lados.

FIGURA 55 - REPRESENTAÇÃO DE NÚMEROS ORDINAIS EM LIBRAS

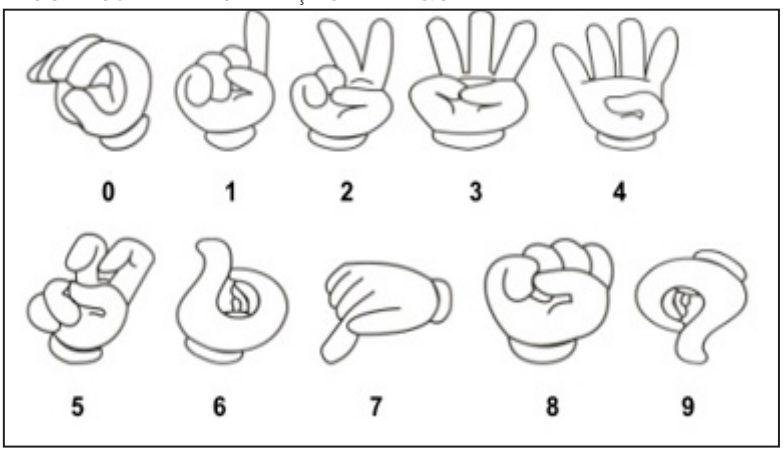


FONTE: Disponível em: <http://pt.slideshare.net/LiseteLima/cursodelibras2modulo-2>. Acesso em: 11 fev. 2016.

O Núcleo de estudos e Pesquisas em Educação de Surdos – NEPES, em seu caderno pedagógico (2007, p. 41) afirma:

> c) **Quantidade**: Usa-se as mesmas configurações para os numerais ordinais, ou as configurações a seguir, sem movimentos. **Exemplo**: quantidade de canetas na mesa, quantidade de pessoas presentes etc. Usamos também para referir-se a números representativos para códigos. **Exemplo**: número do telefone, número da caixa postal, número da casa, número da conta no banco etc.

FIGURA 56 - REPRESENTAÇÃO PARA QUANTIDADE



FONTE: Disponível em: <http://pt.slideshare.net/LiseteLima/cursodelibras2modulo-2>. Acesso em: 11 de fev. 2016.

Conseguiu notar as diferenças entre eles? Neste caso, ressaltamos a importância de serem sempre articulados com a mão apontando para frente do emissor, pois desta forma o sinal ficará mais evidente durante o diálogo. **Obs**.: Em todos os casos, quando realizamos o numeral oito, balançamos a mão.

FIGURA 57 – EXPRESSÕES PARA SEMANAS, MESES E ANOS

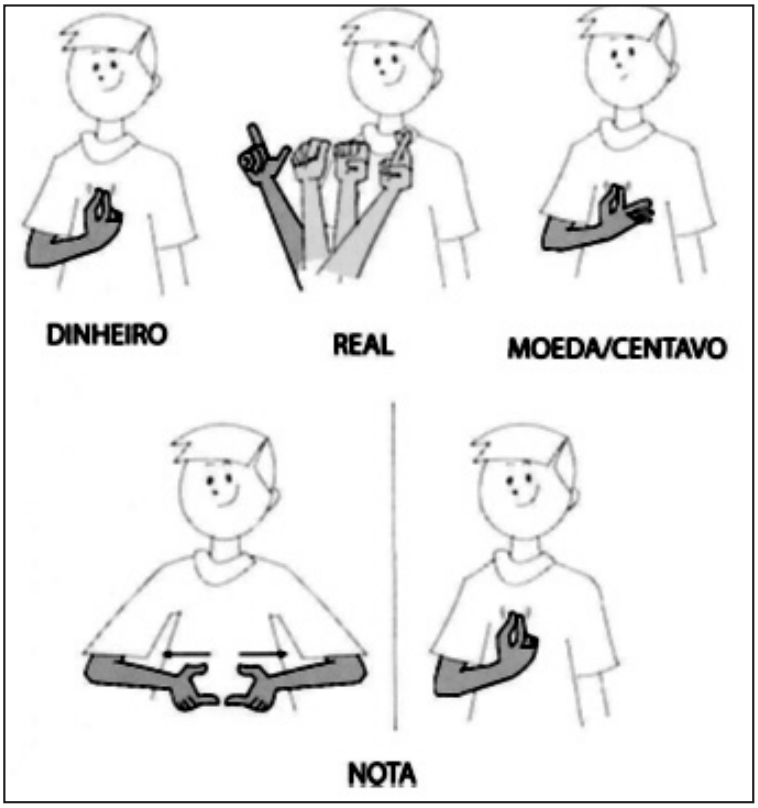


FONTE: Disponível em: <file:///D:/Documents/Trabalhos/pasta%20da%20adriana/slides%20em%20geral/slides%20sobre%20surdos/554061_469646466423629_1814560694_n.jpg>. Acesso em: 11 fev. 2016.

10.1 VALORES MONETÁRIOS

Em Libras, para se representar esses valores, usa-se o sinal com o numeral correspondente, seja para monetários, pesos ou medidas. No caso de um até nove reais é incorporado a este o sinal VÍRGULA. Por isso, o numeral para valor monetário terá pequenos movimentos rotativos.

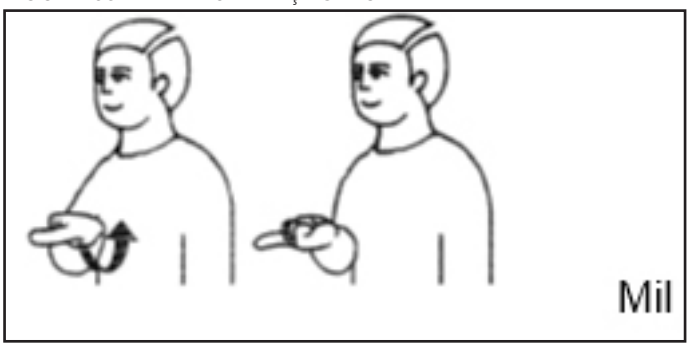
FIGURA 58 - REPRESENTAÇÃO MONETÁRIA



FONTE: Figueira, 1º ed. 2011, p. 70

Para valores de um mil até nove mil, também há a incorporação do sinal VÍRGULA, mas aqui o movimento desta incorporação é mais alongando do que os valores anteriores (de 1 até nove). Veja alguns exemplos:

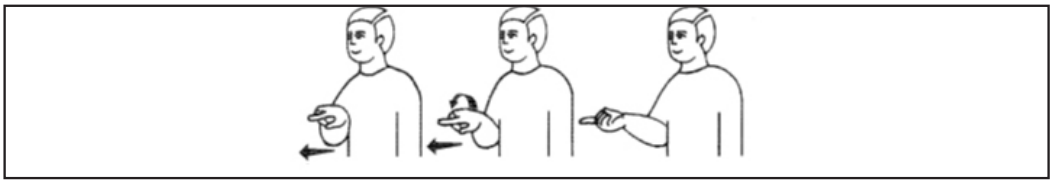
FIGURA 59 - REPRESENTAÇÃO NUMERAL MIL



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Para valores de um milhão para cima, usa-se também a incorporação do sinal VÍRGULA com o numeral correspondente, mas aqui o movimento rotativo é mais alongado do que em mil. Há uma gradação tanto na expressão facial como neste movimento da vírgula incorporada, que ficam maiores e mais acentuados (FELIPE, 2007, p. 142-143).

FIGURA 60 - REPRESENTAÇÃO DE UM MILHÃO



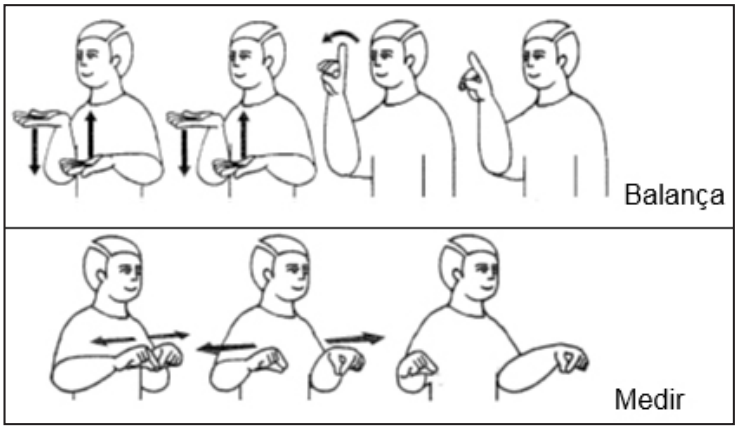
FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Podem ser usados também para estes valores anteriores os sinais dos numerais correspondentes seguidos de PONTO. De 1 a 9 < de 1.000 a 9.000 < de 1.000.000 a 9.000.000. Quando o valor é centavo, o sinal VÍRGULA vem depois do sinal ZERO, mas na maioria das vezes não precisa usar o sinal ZERO para centavo, porque o contexto pode esclarecer e os valores para centavos ficam iguais aos numerais cardinais (FELIPE, 2007, p. 142-143).

10.2 PESOS E MEDIDAS

Utilizamos as medidas e pesos sem nos dar conta em muitas situações. Quando vamos ao supermercado e compramos carnes, frios, farinha, usamos a medida-padrão gramas e quilogramas, medidas, na ocasião em que medimos uma área de um terreno etc. Igualmente se dá em língua de sinais: os sinais de pesos e medidas estão incorporados nas várias situações diárias da comunidade surda, naturalmente.

FIGURA 61 – PESOS E MEDIDAS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

10.3 INDICADORES DE TEMPO EM LIBRAS

a) **Expressões idiomáticas relacionadas ao dia**: os sinais DIA (duração) e SEMANA podem ser incorporadas à frequência ou duração através de um movimento prolongado ou repetido. Uma particularidade relacionada ao sinal 'dia' é que, quando referido ao dia do mês, semana, ele é feito com a datilologia: D-I-A, e quando se referir ao sinal 'dia' como tempo, se faz o sinal com movimento mais alongado. (FELIPE, 2007, p. 74-75)

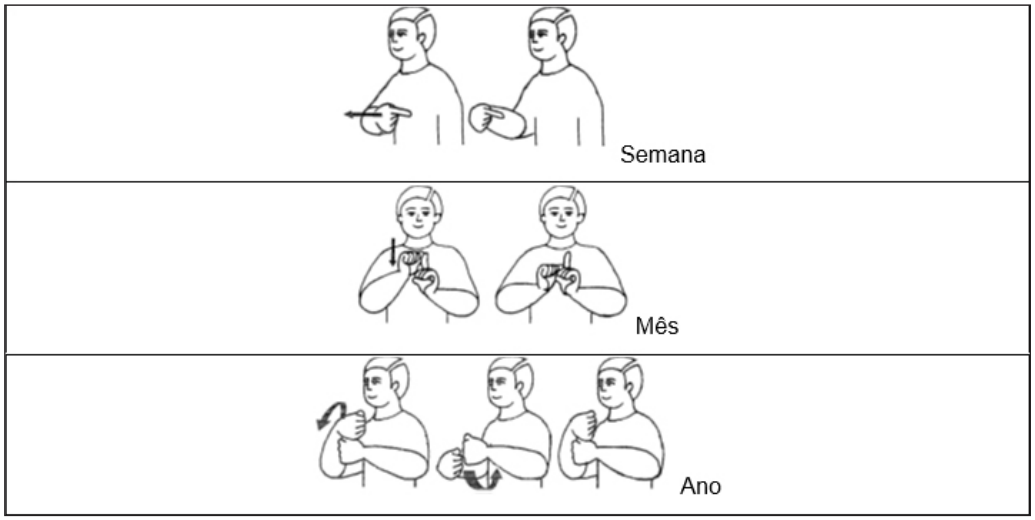
FIGURA 62 – EXPRESSÕES PARA O DIA



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

a) **Expressões em Libras para semana/mês e ano**: são expressões com sinais referindo-se ao contexto, na frase, durante uma conversação etc.

FIGURA 63 - EXPRESSÕES PARA SEMANA, MÊS E ANO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

FIGURA 64 - EXPRESSÕES PARA ANO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Estamos retratando a Língua Brasileira de Sinais-Libras ou Língua de Sinais Brasileira (LSB) de uma maneira em que você, de certa forma distante dos estudos e das discussões que atravessam a surdez e a educação de surdos, se torne o mais próximo possível, pois é apenas na convivência social e aspectos da vida em comunidade que nos tornamos membros de um grupo cultural próprio. Como acabamos de estudar, todos esses sinais fazem parte de uma comunidade que deve ser respeitada por todos que fazem parte desse grupo.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você viu que:

- As regras gramaticais da língua de sinais estão totalmente estruturadas e têm parâmetros fonológicos, comparados à morfologia da Língua Portuguesa.
- Que apesar de encontrarmos muitos estudos a respeito desse tema, ainda é necessário a continuidade do mesmo.
- Para acontecer uma comunicação através da Libras, os sinais são utilizados a partir de combinações, movimentos, direções e expressões que são realizadas durante o momento.
- Dentre os parâmetros estudados, destacamos os principais: Configuração de mãos (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M).
- A Configuração de Mãos (CM) é a forma que a mão toma ao realizar os sinais e não deve ser confundida com o alfabeto.
- O Ponto de Articulação (PA) é um parâmetro onde o corpo é usado como principal instrumento para os interlocutores fazerem os sinais.
- O Movimento (M) é um parâmetro um pouco complexo, devido ao fato de envolver as direções e o espaço em que o movimento se realiza parado ou não.
- As línguas gestuais-visuais possuem sinais que juntamente com as expressões faciais e corporais, expressam pensamentos e sentimentos, por isso devemos tomar cuidado quando a usamos, pois dependendo da expressão, a comunicação ocorrerá corretamente ou não.
- Para se comunicar em Libras, não basta conhecer os sinais, é necessário conhecer a sua gramática e suas estruturas linguísticas, ou seja, como o sinal é criado.
- A semântica envolvendo a língua de sinais e sua ambiguidade lexical é manifestada por sinais parecidos com significados diferentes, precisando do contexto para um entendimento.
- Aprendemos sobre a datilologia e alguns alfabetos manuais com suas diferentes características, como por exemplo, sua soletração rítmica.
- Os numerais em libras são representados em uma contextualização. Os ordinais têm a mesma configuração que os cardinais e para quantidade, o que muda são os movimentos.

- Os valores monetários recebem vírgula ou ponto; pesos e medidas apresentam algumas particularidades dependendo do contexto.

- As expressões idiomáticas para dia semana, mês e ano e os sinais relacionados com dia e semana são incorporados à frequência do movimento.

- Os sinais de pesos e medidas em Libras estão incorporados nas várias situações do dia a dia da comunidade surda.

AUTOATIVIDADE

A partir da leitura deste tópico, responda:

1 Complete o quadro explicando aspectos importantes dos principais parâmetros em Libras:

Configuração de Mãos (CM)	Movimento(M)	Ponto de articulação (PA)

2 Reflita sobre as expressões não manuais corporal/facial em Libras e aponte sua importância na comunicação com os surdos:

3 Volte ao seu Caderno de Estudos: exercite o alfabeto manual e os numerais.

a) Qual é a letra correspondente às figuras?



_____ _____ _____ _____ _____ _____

FONTE: UNIASSELVI 2009. p.98

Assista ao vídeo de resolução da questão 1

b) E os números?



FONTE: UNIASSELVI 2009. p.99

4 Identifique a frase a seguir:



FONTE: UNIASSELVI 2009. p.99

TÓPICO 3

ASPECTOS GRAMATICAIS E SENTENÇAS EM LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

Você já conheceu o sistema linguístico de libras e sua formação de palavras ou sinal. Neste tópico, abordaremos mais alguns componentes gramaticais da Libras, a fim de aumentar seu conhecimento. Salientamos novamente que se faz necessário, além do estudo deste Caderno de Estudos, um aprofundamento de conteúdo.

2 MORFOLOGIA DA LÍNGUA DE SINAIS

Todas as línguas possuem palavras que são classificadas em relação a um tipo, classe ou unidade. Em harmonia com isso, Quadros e Karnopp (2004), nos mostram que a morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras (faladas ou sinalizadas), ou seja, das unidades mínimas com significado (morfemas) e todos os aspectos relacionados a elas (sua distribuição, classificação, variantes etc).

A parte da gramática que estuda as classes de palavras é a MORFOLOGIA (morfo = forma, logia = estudo), ou seja, o estudo da forma daquela palavra. Não se estuda as relações entre as palavras, o contexto em que são empregadas, a palavra é vista isoladamente e então passa a pertencer a uma classe gramatical dentro da linguística daquela língua. Para entender vamos lhe dar um exemplo na Língua Portuguesa: Palavra INSENSATEZ dentro do estudo da morfologia ela ficaria: sens=radical; in=prefixo; a=vogal de ligação; tez=sufixo.

Assim, depois dessa breve explicação, observe a figura a seguir, ela nos mostra diferentes exemplos de morfemas/palavras na Língua Portuguesa falada e sinalizadas em Libras.

FIGURA 65 - MORFEMAS

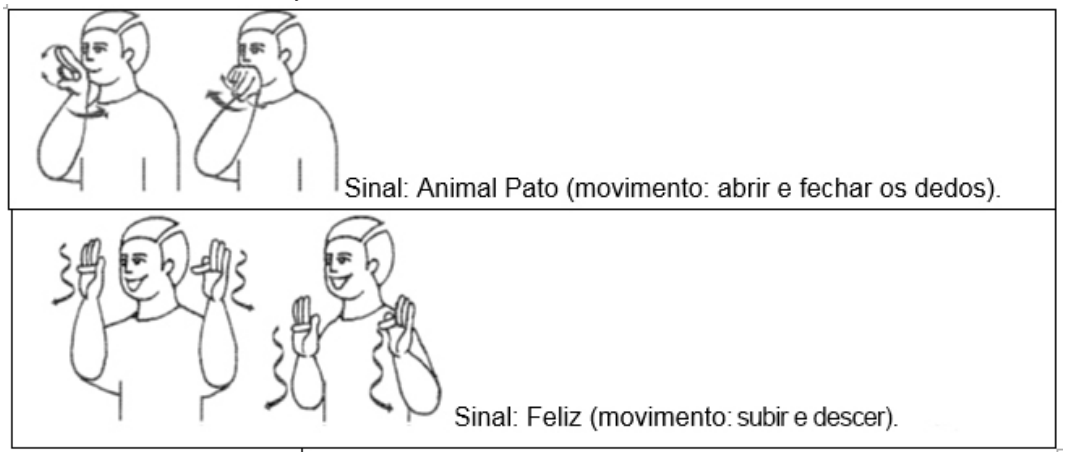


FONTE: Disponível em: <http://www.colegioweb.com.br/portugues/3-morfenas-da-morfologia.html>. Acesso em: 11 fev. 2016.

Veja como se dá em Libras. As unidades mínimas da língua de sinais possuem morfemas, que é um acréscimo de outros elementos que podem modificar os significados. Segundo Campello (2011), são eles:

a) **Morfemas lexicais**: são as unidades convencionadas pela comunidade surda, como mostram as figuras a seguir:

FIGURA 66 - REPRESENTAÇÃO DE MORFEMAS LEXICAIS

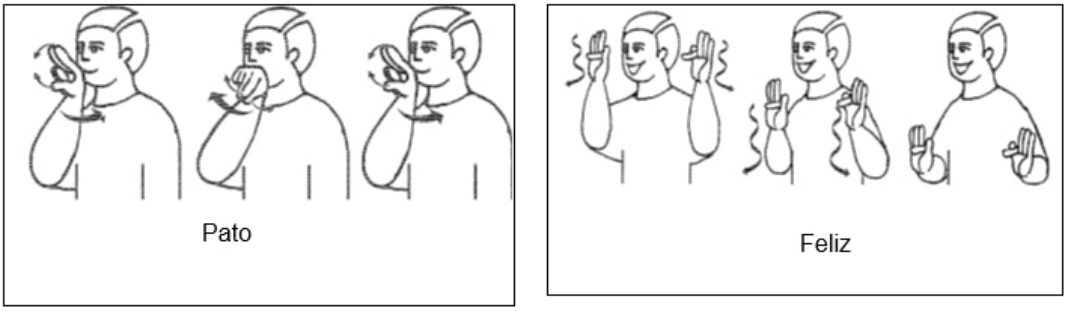


FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

* Note, é como se o sinal ficasse no singular.

b) **Morfemas gramaticais:** são as unidades que foram acrescidas nos morfemas lexicais, confira:

FIGURA 67 - REPRESENTAÇÃO DE MORFEMAS GRAMATICAIS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

* É como se o sinal ficasse no plural.

Observe que, quanto mais nos aprofundamos nos estudos na gramática da Libras, percebemos que ela está totalmente ancorada em uma linguística. Por se tratar de uma língua em constante movimento, pactuamos com você a seguinte citação: "Apesar da modalidade viso-gestual, a estrutura morfológica tem suas particularidades dentro da complexidade dessa estrutura. Além disso, na língua de sinais brasileira, raros são os estudos linguísticos realizados nesta área" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 84).

3 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM LIBRAS

A sintaxe é a área linguística que trata da estrutura da sentença. Para analisar alguns aspectos na Língua de Sinais Brasileira (LSB) é preciso compreender esse sistema como viso-espacial e não oral-auditivo. Vamos ver alguns exemplos nesse sentido:

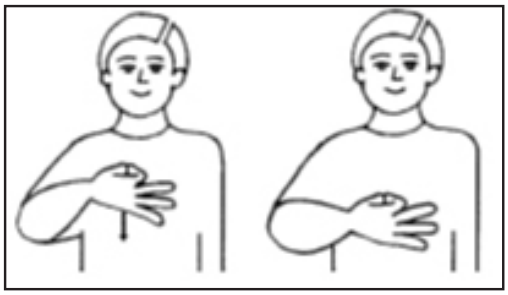
Quadros e Karnopp (2004) nos dão um exemplo: a palavra ou item lexical certo, em português, é formada dos seguintes componentes ou unidades:

- /sertu/ cinco fonemas ou unidades mínimas.
- No português escrito /certo/, temos aqui cinco letras ou grafemas componentes da palavra escrita.

Quadros e Karnopp (2004) continuam, em Libras: as unidades mínimas ou componentes da palavra ou sinal CERTO, são os seguintes:

- Configuração de mãos que pode ser usada: nº 44 ou 45 da tabela de configuração de mãos que se encontra na p. 87.
- Ponto de Articulação (PA): próximo ao tronco, busto, lado direito.
- Movimento (M): linear, para baixo e reto.
- Orientação da palma da mão: para a esquerda.
- Expressão facial/corporal: sobrancelhas franzidas cabeça levantada, balançar para baixo e para cima no momento da realização do sinal.

FIGURA 68 - SINAL CERTO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Pontuamos que, nesse respeito, alguns talvez digam que a Libras é uma língua pobre porque apresenta um número pequeno de sinais ou palavras. Quando meditamos sobre esse tema, concluímos no que pode ter acontecido, por ser uma língua que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada em uma cultura bem distinta da que conhecemos, alguns podem ter pensado que ela não apresenta vocábulos ou palavras para um determinado campo semântico,

entretanto, isso não significa que esta língua seja pobre, porque potencialmente ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa.

4 GRUPOS DE PALAVRAS

Já vimos que a morfologia na linguística estuda e classifica as palavras ou morfemas, nesse caso de Libras, os sinais. Quadros (2004, p. 55) nos diz que: "similar às línguas orais auditivas, e diferentes dos gestos, os sinais pertencem à categoria lexical ou classes de palavras". Para entender a Língua de Sinais Brasileira (LSB), é fundamental ter em mente a ampliação do conhecimento sobre o uso das propriedades da Língua utilizada pela comunidade surda. Aqui serão apresentadas algumas classes em que já se têm estudos mais profundos.

Para que você compreenda melhor nossos estudos, implementamos o seguinte: as palavras da língua portuguesa distribuem-se em dez grupos, chamados classes de palavras, em Libras, essas classes de palavras, ficam melhor representadas por **grupos de palavras**.

4.1 SUBSTANTIVOS

Na língua portuguesa, os substantivos são palavras que possuem desinência (sufixo/terminação) de gênero e numeral, podendo ter a função de sujeito ou objeto. Em Libras essa classe fica evidente durante a formação de frase, o que diferencia da Língua portuguesa é que o substantivo, em geral, fica em último lugar.

Observe o exemplo apresentado por Felipe (2001), na frase a seguir os substantivos Recife e surdo ficam no final da frase.

EU VIAJAR **RECIFE**
BOM! BONIT@ LÁ CONHECER MUIT@ **SURD@**



Prezado acadêmico, ao estudarmos sobre aspectos gramaticais na LIBRAS, recordamos sobre a ferramenta glosa (@). Se estiver com alguma dificuldade para entender, volte e consulte o tópico 1 da unidade II do seu caderno.

4.2 SISTEMA DE PREPOSIÇÃO EM LIBRAS

Na língua portuguesa, o sistema de preposição compõe-se de um grupo relativamente fechado: *a, após, até, com, contra, desde, em etc.*, e um grupo mais aberto; *a propósito de, de acordo com, por meio de etc.* Trata-se de uma categoria nas línguas que estabelecem as mais diversas relações semânticas. Diferente do português, em Libras essa categoria de preposições possui um número bastante reduzido de elementos, sobretudo às relações de lugar.

Veja os exemplos apresentados por Felipe (2001, p. 71):

QUANT@-HORA TREM SÃO PAULO **ATÉ** RIO?
VOCÊ MORAR LONGE**, PERTO** DA FACULDADE?

4.3 ARTIGOS

Não se usam "artigos" no momento da realização do sinal, mas são expressos de outras maneiras, como na escrita datilológica.

5 PRONOMES

Na Língua Brasileira de Sinais – Libras – há uma forma de representar pessoas no discurso, um sistema pronominal. No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em "d" (dedo indicador estendido), o que difere uma das outras é a orientação da mão.

FIGURA 69 - PRONOMES



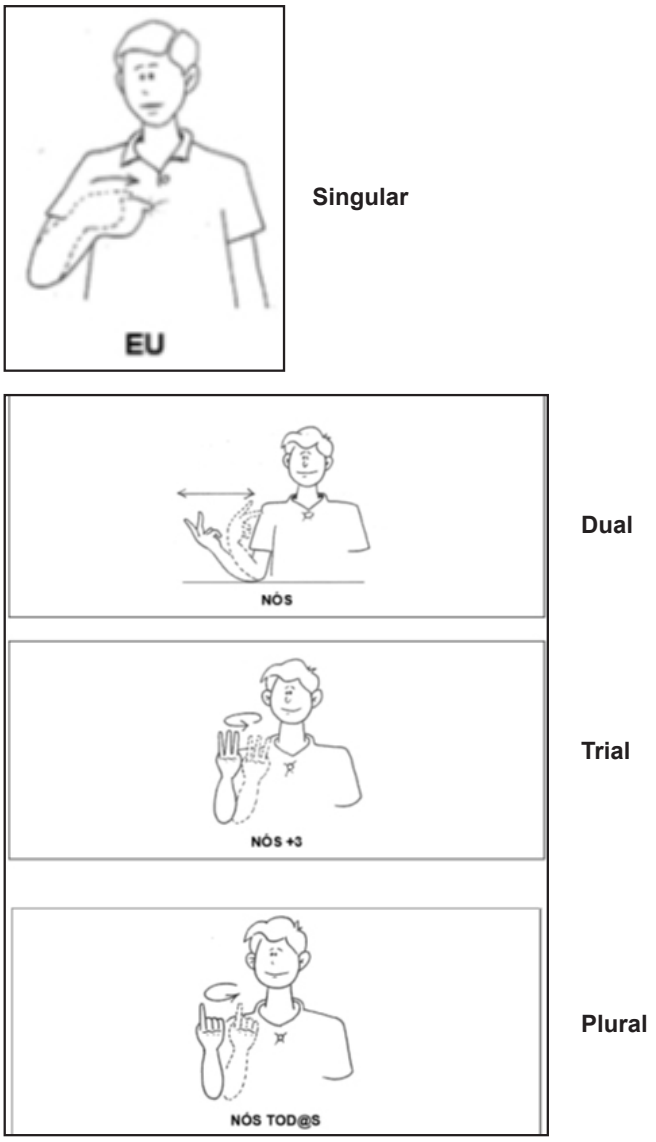
FONTE: Disponível em: <pt.slideshare.net/CLAUDIARAVAIANO/apostila-libras-bsico-8495712?related=3>. Acesso em: 11 fev. 2016.

5.1 PRONOME PESSOAL

- **Primeira pessoa** (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓSGRUPO, NÓS-TOD@.

Filipe (2001) pontua como acontece a sinalização. Note que a direção da mão e do olhar é determinante para significância do sinal.

FIGURA 70 - SISTEMA PRONOMINAL



FONTE: Felipe (2001)



Tiago Saretto, na sua apostila "Oficina de Multiplicadores de Interpretação da LIBRAS", nos diz que os pronomes pessoais em Língua Brasileira de Sinais normalmente são um "índice" (apontar).
Explicando: Ex.: 1ª pessoa singular (EU)
2ª pessoa singular (TU)
2ª pessoa dual (vocês dois)
2ª pessoa trial (vocês três)
2ª pessoa plural (NÓS)
3ª pessoa (apontar para outra pessoa)
3ª pessoa dual (apontar para mais duas pessoas)
FONTE: Disponível em: <http://www.prefeituradejuina.com.br/documentos/admin/downloads/apostila_interpretacao_libras.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2016.

- **Segunda pessoa** (singular, dual, trial, quatrial e plural): VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊ-TOD@.

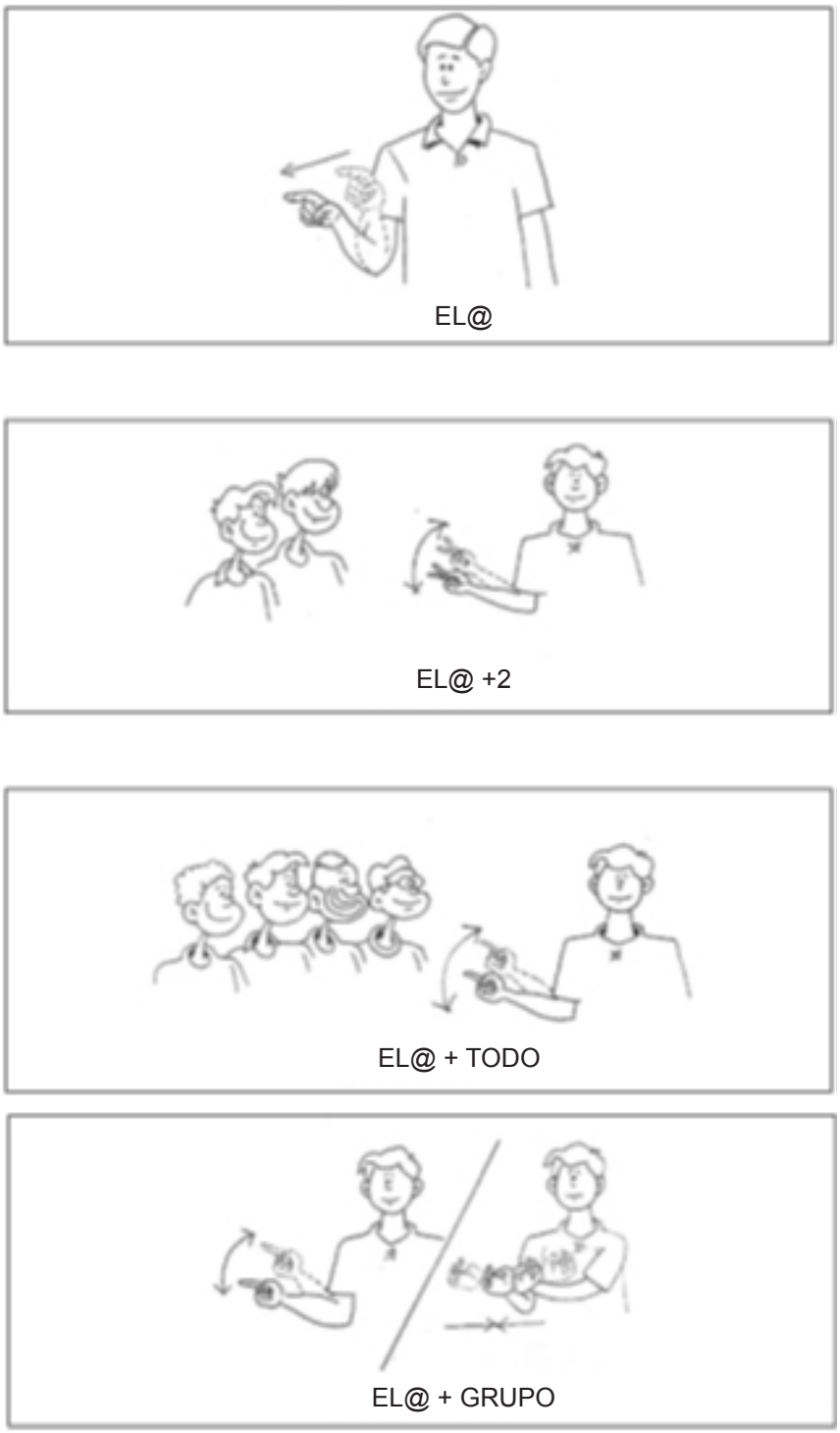
FIGURA 71 - SISTEMA PRONOMINAL



FONTE: Felipe (2001)

- **Terceira pessoa**: (singular, dual, trial, quatrial e plural): EL@, EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@- GRUPO, EL@-TOD@.

FIGURA 72 - SISTEMA PRONOMINAL



FONTE: Felipe (2001)



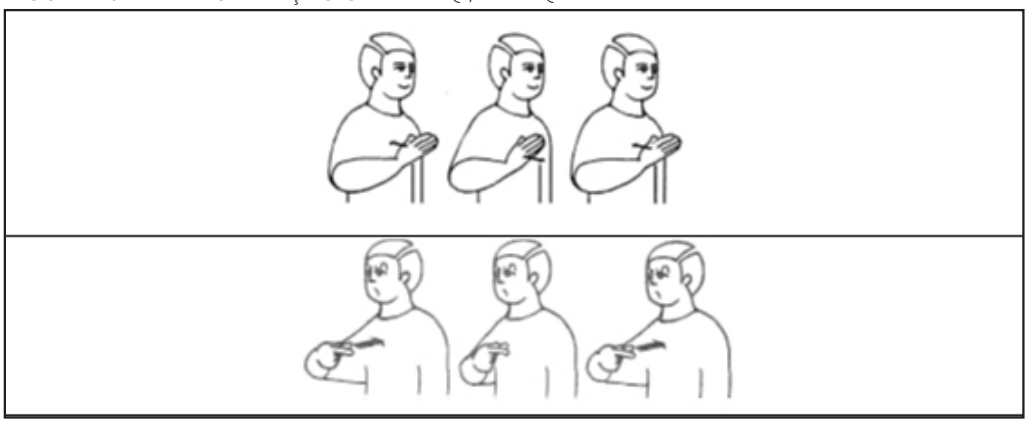
Na ética da Língua de sinais, quando se quer falar sobre uma terceira pessoa que está presente, mas deseja-se certa reserva, por educação, não se aponta para esta pessoa diretamente. Nesta situação, o emissor faz um sinal com os olhos e um leve movimento de cabeça para a direção da pessoa que está sendo mencionada, ou aponta para a palma da mão encontrando o dedo na mão um pouco à frente do peito do emissor, estando esta mão voltada para a direção onde se encontra a pessoa referida. (FELIPE, 2007, p. 142-143).

5.2 PRONOMES POSSESSIVOS

Assim como os pessoais e demonstrativos, os possessivos também não possuem marca para gênero e estão relacionados às pessoas do discurso, e não à coisa possuída, como acontece na Língua Portuguesa.

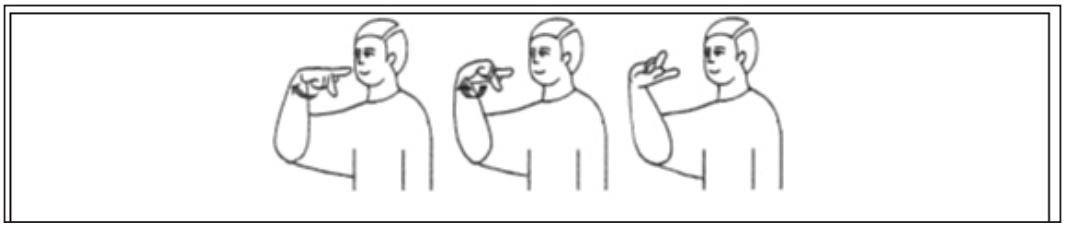
a) **Primeira pessoa**: pode haver duas configurações de mão, uma é a mão aberta com os dedos juntos, que bate levemente no peito do emissor; a outra é a configuração da mão em "P" com o dedo médio batendo no peito, transmitindo sentimento possesivo, observe a expressão facial. Veja a seguir:

FIGURA 73 - REPRESENTAÇÃO SINAL ME@, MINH@



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

FIGURA 74 - REPRESENTAÇÃO SINAL: SE@,SU@,TE@,TU@



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

b) **Para a segunda e terceira pessoa**: a mão continua na configuração em "P", mas o movimento é em direção à pessoa referida. Não há sinal específico para os pronomes possessivos no dual, trial, quadrial e plural (grupo). Nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes. Exemplo: NOSSO FILH@, "nosso(a) filho(a)".

FIGURA 75 - REPRESENTAÇÃO SINAL NOSS@ (A,O)

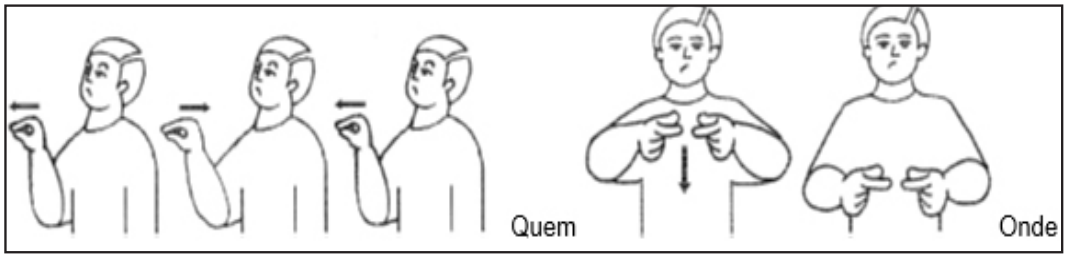


FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

5.3 PRONOMES INTERROGATIVOS

São eles: QUE, QUEM, ONDE. Geralmente são usados no início da frase. Quando está sendo usado com o sentido de "quem-é" ou "de quem é" são mais usados no final. Todos os três sinais têm uma expressão facial interrogativa feita simultaneamente com eles.

FIGURA 76 - PRONOMES INTERROGATIVOS

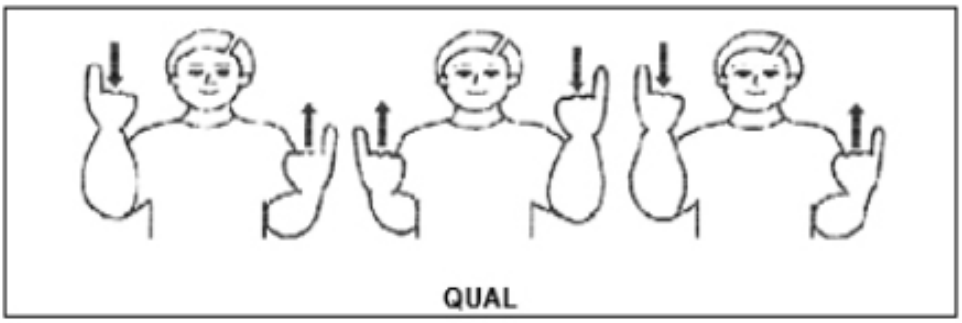


FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

- **Expressão para: "Qual, como, para que e por que"**

Existe uma tendência para a utilização, no final da frase, dos pronomes interrogativos QUAL, COMO e PARA QUE. Já o pronome interrogativo POR QUE utiliza-se mais no final da frase. Sempre, simultaneamente aos pronomes ou expressões interrogativas, há uma expressão facial indicando que a frase está na forma interrogativa (FELIPE, 2007, p. 108-109).

FIGURA 77 - PRONOMES INTERROGATIVOS







FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Não há diferença entre o "por quê" interrogativo (por que) e o "porquê" explicativo (porque), o contexto mostra, pelas expressões facial e corporal, quando ele está sendo usado em frase interrogativa ou em frase explicativa à pergunta.

FIGURA 78 - PORQUÊ/ POR QUE?

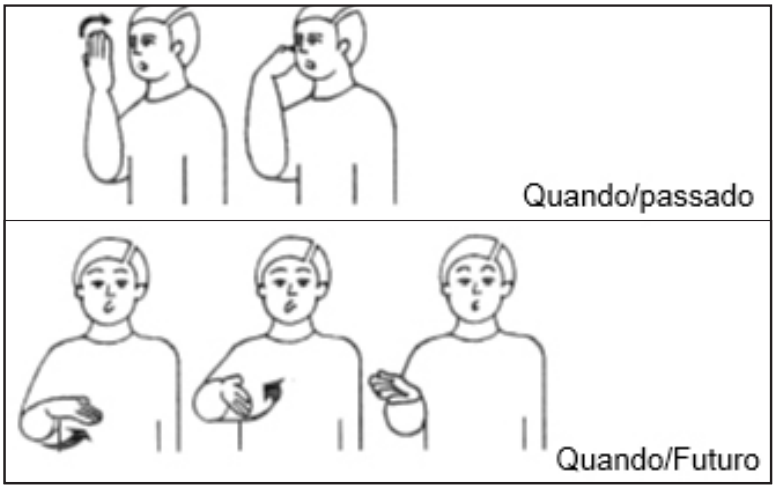


FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

• **Expressão para "Quando", referindo a dia**

Para entendermos, Tanya (2007) nos esclarece que, a pergunta QUANDO está relacionada a um advérbio de tempo na resposta ou a um dia específico. Por isso há três sinais diferentes para "quando", um que especifica passado: QUANDO-PASSADO (palma da mão com um movimento para o corpo do emissor); outro que especifica futuro: QUANDO-FUTURO (palma da mão com um movimento para fora do corpo do emissor); e outro que especifica o dia: DIA.

FIGURA 79 - QUANDO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

- **Expressão para: Que-horas e quantas-horas**

Para se referir às horas, em Libras usa-se a mesma configuração dos numerais para quantidade (cardinais). Após doze horas não se continua a contagem, começa-se a contar novamente exemplo: 1 HORA, 2 HORAS... Pelo contexto da conversa ou situação já se sabe se está se referindo à manhã, tarde, noite ou madrugada. Essa expressão está relacionada ao tempo cronológico.

HORAS-QUE HORAS?
AULA COMEÇAR QUE HORAS?
VOCÊ ACORDAR QUE HORAS?
VOCÊ DORMIR QUE HORAS?

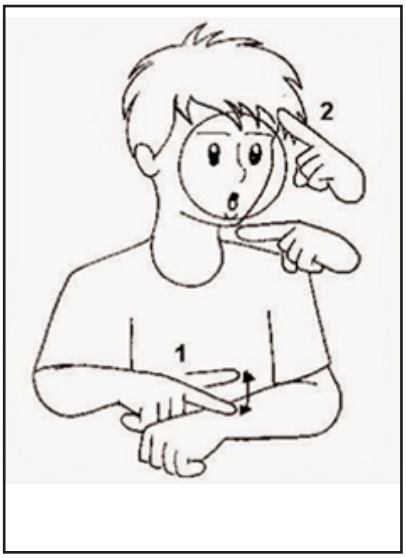
FIGURA 80 - REPRESENTAÇÕES DOS SINAIS HORAS E MINUTOS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Já a expressão interrogativa *QUANTAS HORAS*? está sempre relacionada ao tempo gasto para se realizar alguma atividade. O sinal é outro. Veja:

FIGURA 81 - QUANTAS HORAS?

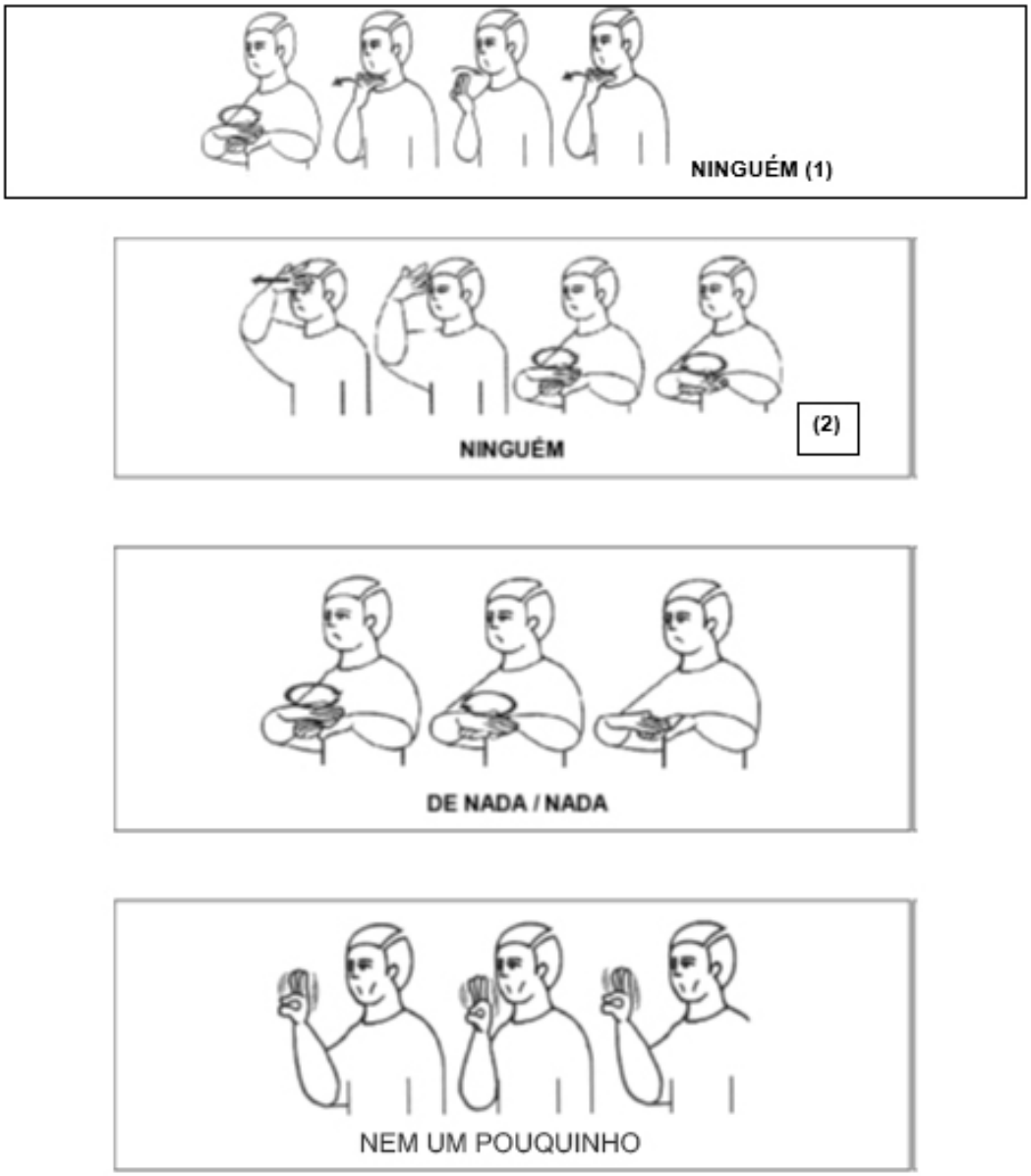


FONTE: Disponível em: <http://danianepereira.blogspot.com.br/2014/07/horas-minutos-e-segundos-em-libras.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

6 PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos NINGUÉM, identificado pelo número (1) podem ser utilizados tanto para pessoa como animais ou coisas. Há o pronome NINGUÉM, (2) é usado para pessoa. NENHUM / NADA é utilizado para pessoa, animais e coisas apresentando o sentido de "não – ter". Como reforço de uma frase negativa e vindo geralmente após o NADA, pode-se utilizar o pronome NEM – UM – POUQUINHO. A expressão "de nada" é usada como resposta para um agradecimento, assim, o sinal nada pode se referir a uma pessoa ou coisa.

FIGURA 82 - PRONOMES INDEFINIDOS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

7 PRONOMES DEMONSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR

Os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal, somente o contexto os diferencia pelo sentido da frase acompanhada de expressão facial. Estes tipos de pronomes e de advérbios estão relacionados às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto e distante. Estes pronomes ou advérbios têm a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais (mão em d), mas os pontos de articulação e as orientações do olhar são diferentes (FELIPE, 2007, p. 41).

Veja os exemplos a seguir:

FIGURA 83 - REPRESENTAÇÃO DE PRONOMES DEMONSTRATIVOS E ADVÉRBIOS

Ex.: EST@ / AQUI é um apontar para o lugar perto e em frente do emissor, acompanhado de um olhar para este ponto.



Ex.: ESS@ / AÍ é um apontar para o lugar perto e em frente do receptor, acrescido de um olhar direcionado não para o receptor, mas para o ponto apontado perto da segunda pessoa do discurso.



Ex.: AQUELE / LÁ é um apontar para um lugar mais distante, o lugar da terceira pessoa, mas diferentemente do pronome pessoal, ao apontar para este ponto há um olhar direcionado.

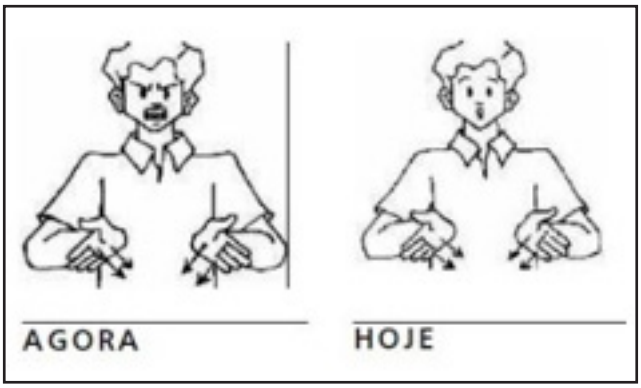


FONTE: Disponível em: <http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/videos/apostilas/Apostila_Libras_Intermediario_COM_SIMBOLO_NEPES.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2016.

8 ADVÉRBIOS DE TEMPO

Libras não têm em suas formas verbais a marca de tempo como no português, outrora já estudamos que é como se os verbos ficassem sempre no infinitivo. Por isso, os advérbios em Libras geralmente vêm no começo da frase. Assim, quando o verbo se refere há um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento, serão itens lexicais ou sinais adverbiais. Veja a seguir os sinais mais usados para esta classe:

FIGURA 84 - ADVÉBIO DE TEMPO NO PRESENTE



FONTE: Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfwjMAI/apostila-libras>. Acesso em: 11 fev. 2016.

• **Advérbio de tempo passado**: traz a ideia de ação/evento que foi realizado.

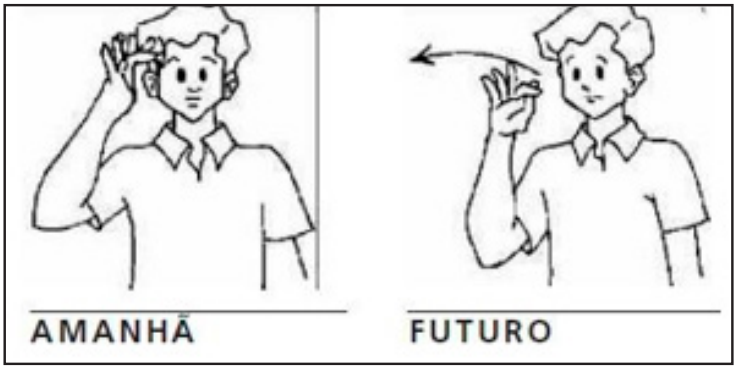
FIGURA 85 - ADVÉRBIO DE TEMPO PASSADO



FONTE: Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfwjMAI/apostila-libras>. Acesso em: 11 fev. 2016.

• **Advérbio de tempo futuro**: traz a ideia de ação/evento que será realizado.

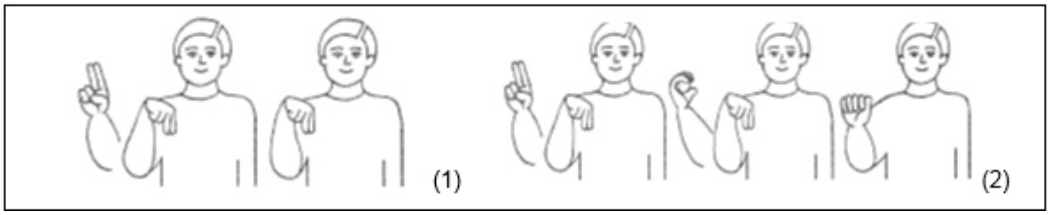
FIGURA 86 - ADVÉRBIO DE TEMPO FUTURO



FONTE: Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfwjMAI/apostila-libras>. Acesso em: 11 fev. 2016.

Ainda em advérbio de tempo, há expressões idiomáticas específicas para representar frequência de uma ação/evento, um dos exemplos é a palavra: NUNCA, N-U-N-C-A.

FIGURA 87 - DUAS FORMAS DE REPRENSENTAR A PALAVRA NUNCA EM LIBRAS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Fazer os sinais de advérbios de tempo requer alguns cuidados, pois, como você acabou de ver nas figuras, variam apenas em parâmetro (movimento, configuração de mão e expressão facial/corporal).

> Os sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vêm seguidos de uma marca de passado, futuro ou presente da seguinte forma: movimento para trás, para o passado; movimento para frente, para o futuro; e movimento no plano do corpo, para presente. Alguns desses sinais, entretanto, incorporam essa marca de tempo, isolada, como é o caso dos sinais ONTEM e ANTEONTEM (FELIPE, 2007, p. 69).

9 ADJETIVOS

Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na Libras. Figueira (2011) expõe essa relação apresentando-os sempre na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), nem para número (singular e plural). Muitos adjetivos, por serem descritivos e classificadores, apresentam iconicamente uma qualidade do objeto, desenhando-a no ar ou mostrando-a a partir do objeto ou do corpo do emissor.

> Em português, quando uma pessoa se refere a um objeto como sendo arredondado, quadrado, listrado, está também descrevendo e classificando, mas na Libras esse processo é mais 'transparente', porque o formato ou textura são traçados no espaço ou no corpo do emissor, em uma tridimensionalidade permitida pela modalidade da língua. Em relação à colocação dos adjetivos na frase, eles geralmente vêm após o substantivo que o qualifica (FELIPE, 2007, p. 121).

PASSADO EU GORD@ MUITO-COMER, AGORA EU MAGR@ EVITAR COMER
LEÃ@ COR CORPO AMAREL@ PERIGOS@
RAT@ PEQUEN@, COR PRET@, ESPERT@.

- **Comparativo de igualdade, superioridade e inferioridade**

"Em Libras, também pode ser comparada uma qualidade a partir de três situações: superioridade, inferioridade e igualdade. Para se fazer os comparativos de superioridade e inferioridade, usa-se os sinais MAIS ou MENOS antes do adjetivo comparado!" (FELIPE, 2007, p. 125).

Ex.: VOCÊ VELH@ DO-QUE EL@ / VOCÊ MENOS VELH@ DO-QUE EL@

FIGURA 88 - COMPARATIVOS



FONTE: Felipe (2001)

Prezado acadêmico, de acordo com que estudamos, temos a certeza que a estrutura sintática da Libras obedece regras próprias que refletem diretamente na forma que a pessoa surda processa suas ideias, e com base na sua percepção

visual-espacial. Acompanhe os exemplos que mostram a diferença nas frases na Língua Portuguesa e Língua de Sinais Brasileira.

FRASE EM PORTUGUÊS	FRASE EM LIBRAS
Eu vou a sua casa hoje à noite	Eu casa sua hoje noite.
Eu dei a flor para mamãe.	Flor eu dar mamãe.
Quantos anos você tem?	Idade você (expressão facial de interrogação)
Quando começarem as férias, eu fiquei ansiosa para viajar.	Passado começar férias eu vontade ansiosa viajar.

FONTE: HONORA E FRIZANCO, P. 19, 2010



Para ampliar o conteúdo aqui estudado, leia: "Língua de Sinais Brasileira – Estudos linguísticos", de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp, editora Artmed (2004).



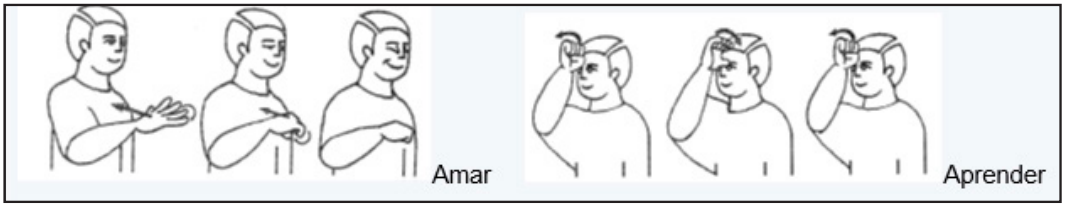
10 TIPOS DE VERBOS NA LIBRAS

Durante os estudos de linguística na Libras, você viu o uso do verbo na forma de concordância quando se cria um sinal. Agora veremos como os verbos são divididos em Libras. Focalizamos em exemplos que irá te orientar a aumentar seu aprendizado e ter um entendimento satisfatório nesta classe gramatical tão importante.

Conforme Quadros e Karnopp (2004), os verbos na língua de sinais brasileira estão divididos nas seguintes classes:

- **Verbos que não possuem marca de concordância:** são verbos que não se flexionam em pessoa e número, e não incorporam afixos locativos. Em geral são ancorados ou feitos tocando o corpo, e embora possam ter flexão para aspecto verbal, é como se eles ficassem no infinitivo. Esses tipos de verbos, também são chamados de verbos simples.

FIGURA 89 - SINAIS VERBOS SIMPLES



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

- **Verbos com concordância**: são verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. São subdivididos em concordância pura ou reversa onde identificamos dois mecanismos morfológicos. São eles:

a) Direcionalidade: associada às relações semânticas, a trajetória do movimento do sinal (verbo) parte da locação do sujeito e vai em direção a locação do objeto.
b) Orientação: associada à sintaxe, a direção para qual a palma está voltada para o objeto da sentaça que estã associado à sintaxe mão ou a ponta dos dedos estão viradas.

FIGURA 90 – VERBOS COM CONDORDÂNCIA



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Quadros (1999) inclui os verbos espaciais neste mesmo grupo de verbos com concordância. Observe o exemplo abaixo:

FIGURA 91 - VERBOS ESPACIAIS USANDO LOCAÇÃO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

Nesta classe de verbos, também estão inclusos os verbos manuais com localização, eles usam classificadores e incorporam a ação. Envolve uma classificação de mão em que representa estar segurando o objeto na mão, podem parecer icônicos. Eles finalizam a sentença.

Exemplos dessa classe: COLOCAR-BOLO-NO-FORNO, SENTAR-NO-MURO. Conforme nos aponta Quadros (2004), os chamados verbos espaciais e manuais precisam de uma explicação mais clara, durante o contexto devido não haver conjugação de verbos na língua de sinais.

Concordância número pessoal:	=	parâmetro usado: orientação.
Concordância de gênero e número:	=	parâmetro usado: configuração de mão.
Concordância de lugar/localização:	=	parâmetro usado: ponto de articulação.

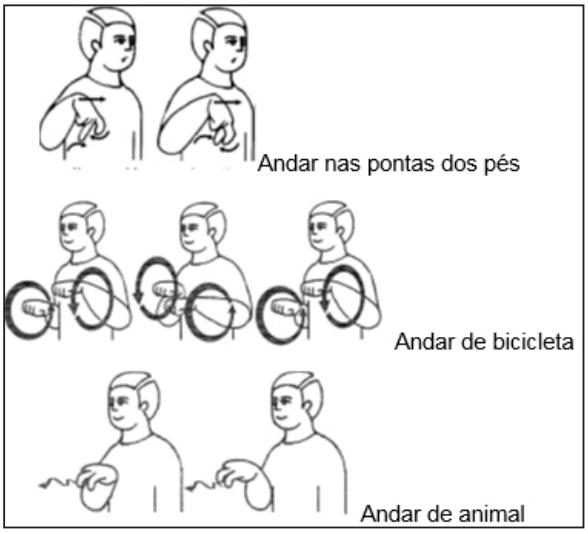
11 VERBOS CLASSIFICADORES

São aqueles verbos que têm sua configuração de mão inicial (sinal raiz). Nas línguas do mundo as classificações podem se manifestar de várias formas. Podem ser: uma desinência, como em português, que classifica os substantivos e os adjetivos em gênero masculino e feminino. Antes estudamos os sistemas de classificadores na modalidade de comunicação, agora veremos como esse sistema se coloca no verbo.

Assim, funcionam como marcadores de concordância, podendo, substituir o nome que as precedem, vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. São marcadores de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL, COISA.

a) **Classificadores para PESSOA e ANIMAL**: "podem ficar no singular e plural, que é marcado ao se representar duas pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos ou fazendo um movimento repetido em relação ao número" (FELIPE, 2007, p. 168).

FIGURA 92 - REPRESENTAÇÃO SINAL ANDAR



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

b) **Classificadores para COISA**: representam, através da concordância, uma característica desta coisa que está sendo o objeto da ação verbal. Veja o exemplo do sinal "CAIR" para pessoa e coisa, incorporado à concordância verbal.

FIGURA 93 - SINAL CAIR



FONTE: Disponível em: <pt.slideshare.net/CLAUDIARAVAIANO/apostila-libras-bsico-8495712?related=3>. Acesso em: 21 jan. 2016

Embora usa-se as formas da mão para classificar as palavras, eles não são configuração de mãos (CM) e nem adjetivos.

AUTOATIVIDADE

Diante do que já estudou, faça uma pesquisa sobre os verbos classificadores em Libras e escreva dez exemplos. Compartilhe em sala de aula seu conhecimento.

_____
_____
_____

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você estudou que:

- A Libras, mesmo sendo de modalidade visuoespacial, possuem aspectos gramaticais como qualquer língua oral-auditiva. Como por exemplo, as unidades mínimas da língua de sinais possuem morfemas lexicais e gramaticais.

- Morfemas lexicais são as unidades convencionadas pela comunidade surda e morfemas gramaticais são as unidades que foram acrescidas nos morfemas lexicais.

- Preposições em Libras possuem um número bastante reduzido de elementos, sobretudo às relações de lugar.

- Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na Libras e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), nem para número (singular e plural).

- Na Língua Brasileira de Sinais – Libras há um sistema pronominal. No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em "d" o que difere uma das outras é a orientação. No plural, configuração em "P".

- Os pronomes em Libras são: pronomes pessoais, pronomes demonstrativos, lugar, pronomes possessivos, pronomes interrogativos (QUE, QUEM, ONDE, QUAL, COMO, PARA QUE, POR QUE, QUANDO, DIA, QUE HORA, QUANTAS HORAS).

- Na Libras não há marca de tempo nas formas verbais, é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo.

- Os verbos classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância.

AUTOATIVIDADE



1 Destaque as principais características dos advérbios de tempo em Libras. Dê exemplos.

2 Existe uma particularidade nos pronomes interrogativos em Libras, é a expressão facial. Fale sobre essa particularidade.

3 Cite os tipos existentes de verbos em Libras.

4 Em relação aos PRONOMES, pontue os aspectos principais:

Pessoais	Possessivos	Pronomes interrogativos

5 Colocando em prática: Esse poema tem em suas sentenças aspectos gramaticais expressados em Libras. Observe e responda quais são as palavras/sinais e como está classificada sua gramática:



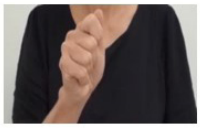
Assista ao vídeo de resolução da questão 1

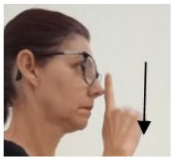


Borboletas **Brancas**

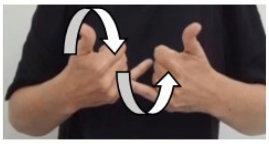



Azuis (inicia com a letra A e finaliza na letra Z) e Amarelas.

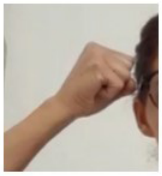




E Pretas **Brincam**

Na **Luz**



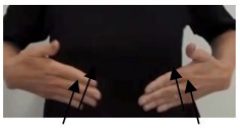
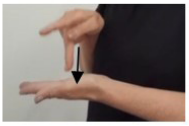

As belas **borboletas!**



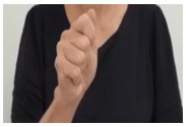

Borboletas **Brancas**



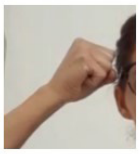
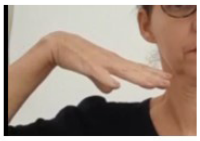

São alegres e francas/verdadeira.

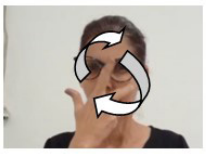
Borboletas **azuis- (inicia letra A e finaliza na letra Z)**

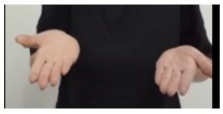

Gostam muito de Luz

As amarelinhas são tão bonitinhas!

E as pretas então?

Ho! Que escuridão!



FONTE: Adaptada autora, 2016

UNIDADE 3

POLÍTICAS E PROPOSTAS INCLUSIVAS EDUCACIONAIS E TRABALHISTAS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- apresentar Políticas Inclusivas que cercam a escolarização dos alunos surdos;
- entender a atuação do Profissional Tradutor Intérprete de Libras e Guia-Intérprete para Surdo-cego;
- analisar a inclusão do surdo/deficiente auditivo no mercado de trabalho;
- apresentar sugestões de atividades e jogos interdisciplinares em Libras.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos e em cada um deles você encontrará atividades que o ajudarão a aplicar os conhecimentos apresentados.

TÓPICO 1 – POLÍTICAS E PROPOSTAS INCLUSIVAS EDUCACIONAIS E TRABALHISTAS

TÓPICO 2 – ATIVIDADES INTERDISPLINARES EM LIBRAS

TÓPICO 3 – JOGOS EDUCATIVOS LIBRAS



Assista ao vídeo desta unidade.



TÓPICO 1

POLÍTICAS E PROPOSTAS INCLUSIVAS EDUCACIONAIS E TRABALHISTAS

1 INTRODUÇÃO

Estamos chegando ao final dos estudos. Nesta etapa, você já deve ter construído muitos dos conhecimentos essenciais a sua atuação como profissional na área educacional ou não. Para concluir seu aprendizado, dará continuidade à importância da legislação para a construção de uma política inclusiva educacional e trabalhista para os surdos/deficientes auditivos no Brasil. Veremos sugestões de atividades para o seu processo de ensino e aprendizagem, além de orientações importantes para a convivência interpessoal com os mesmos no mercado de trabalho.

> Todos são iguais perante à lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (Artigo 5° da Constituição – BRASIL, 1988).

Considerando que as políticas sociais são transversais, ou seja, quando o governo realiza qualquer atividade de suas políticas públicas, tem o objetivo mediato (médio e longo prazo) para se concretizar, no Brasil, a Constituição Federal de 1988 é fruto deste processo, pois é um avanço dos direitos civis brasileiros.

Quando falamos na palavra inclusão devemos ter clareza de que ela não é tão antiga assim, pois foi só a partir de 1994, com a Declaração de Salamanca que preconizou a educação inclusiva mundialmente falando, assim, dizemos que nos encontramos no processo da inclusão. A inclusão é um instrumento necessário para garantir equidade entre pessoas com ou sem deficiência e produzir uma sociedade mais justa e igualitária. É também neste quadro que a Libras se tornou um meio de acessibilidade para surdos, garantindo acesso igualitário à comunicação, informação e educação.

As leis para área de Libras devem refletir as escolhas políticas já declaradas e organizadas de forma não fragmentada. A responsabilidade vem dos poderes dos níveis federal, estadual e municipal. Devemos acreditar que o surdo tem capacidade e vontade de aprender, pois, em geral sua dificuldade é comunicativa.

FIGURA 94 - ESCOLA REGULAR E APAE ESCOLA INCLUSIVA



FONTE: Disponível em: <https://mundodesalienado.wordpress.com/2013/08/23/escolas-inclusao-social-e-a-crianca-com-deficiencia/>. Acesso em: 22 fev. 2016.

As instituições escolares e empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública devem garantir às pessoas surdas um tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão da Libras e da tradução e interpretação de Libras/Língua Portuguesa, conforme a Lei nº 10.436/2002, realizados por servidores ou empregados capacitados para esta função, removendo assim as barreiras da comunicação.

2 A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NAS ESCOLAS TÉCNICAS E EDUCAÇÃO SUPERIOR

Vivemos em uma sociedade dominada pelos ouvintes e falantes, porém, há uma parcela da população que é surda e que até algum tempo atrás não conseguia compreender o outro a sua volta e nem ser compreendido. Ainda hoje pessoas surdas enfrentam muitos entraves para participar da educação escolar e profissional, decorrentes da perda de audição.

O decreto de Libras n° 5.626/2005 no capítulo IV em seu artigo 14 garante que a inclusão do surdo deve acontecer desde a Educação Infantil até a Educação Superior. Neste percurso muitos passam pelas escolas técnicas que já oferecem diversos cursos com o auxílio do tradutor intérprete de Libras e ações para que iniciem e concluam os cursos que auxiliarão no princípio de sua carreira profissional.

O especialista em aconselhamento de reabilitação, consultor de inclusão social e autor de vários livros, Romeu Kazumi Sassaki, lista 11 características para uma Instituição Inclusiva, veja:

1. Um senso de pertencer	Filosofia e visão de que todas as crianças pertencem à escola e à comunidade e de que podem aprender juntos.
2. Liderança	O diretor envolve-se ativamente com a escola toda no provimento de estratégias.
3. Padrão de excelência	Os altos resultados educacionais refletem as necessidades individuais dos alunos.
4. Colaboração e cooperação	Envolvimento de alunos em estratégias de apoio mútuo (ensino de iguais, sistema de companheiro, aprendizado cooperativo, ensino em equipe, coensino, equipe de assistência aluno-professor etc.).
5. Novos papéis ou responsabilidades	Os professores falam menos e assessoram mais, psicólogos atuam mais junto aos professores nas salas de aula, todo o pessoal da escola faz parte do processo de aprendizagem.
6. Parceria com os pais	Os pais são parceiros igualmente essenciais na educação de seus **filhos**.
7. Acessibilidade	Todos os ambientes físicos são tornados acessíveis e, quando necessário, é oferecida tecnologia assistiva.
8. Ambientes flexíveis de aprendizagem	Espera-se que os alunos se promovam de acordo com o estilo e ritmo individual de aprendizagem e não de uma única maneira para todos.
9. Estratégias baseadas em pesquisas	Aprendizado cooperativo, adaptação curricular, ensino de iguais, instrução direta, ensino recíproco, treinamento em habilidades sociais, instrução assistida por computador, treinamento em habilidades de estudar etc.
10. Novas formas de avaliação escolar	Dependendo cada vez menos de testes padronizados, a escola usa novas formas para avaliar o progresso de cada aluno rumo aos respectivos objetivos.
11. Desenvolvimento profissional continuado	Aos professores são oferecidos cursos de aperfeiçoamento contínuo visando a melhoria de seus conhecimentos e habilidades para melhor educar seus alunos.

FONTE: Disponível em: <http://www.inclusao.com.br/projeto_textos_22.htm>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Estudar a educação das pessoas surdas nos reporta não só às questões referentes aos seus limites e possibilidades, mas, também às barreiras atitudinais.

> As escolas inclusivas propõem um modo de se constituir um sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em virtude dessas necessidades. A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apoia a todos: professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. (MANTOAN, 1997, p. 121)

Entretanto, deve-se considerar que não é somente a adoção dessa língua que será suficiente para escolarizar e profissionalizar o sujeito surdo. São necessários também ambientes estimuladores, que desafiem o pensar do aluno surdo, que explorem suas capacidades em todos os sentidos, contribuindo para formar cidadãos atuantes na sociedade.

Na última década, uma boa parcela dos surdos ao completar sua escolarização e participar de cursos técnicos, tem chegado à universidade. Muitos procuram profissões às quais possam exercer e se adaptar ao mercado de acordo com as especificidades de sua condição linguística. Assim mostram ampla capacidade de inserção no mercado de trabalho desde que a eles sejam dadas condições e oportunidades.

Os resultados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), diz que, alunos surdos representam 5% do total de estudantes com deficiência no ensino superior. Com avanços de políticas inclusivas junto aos empenhos de familiares e do próprio surdo, essas estatísticas só aumentam.

3 ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO AEE/ SURDEZ

O MEC propõe aos surdos possibilidades de aprenderem nas turmas comuns do ensino regular, tendo a retaguarda do Atendimento Educacional Especializado – AEE/SURDEZ. E a escola deve viabilizar sua escolarização em um turno e o Atendimento Educacional Especializado em outro contra turno, contemplando o ensino da Libras e o ensino em Língua Portuguesa.

De acordo com Damázio (2007, p. 25-26) este atendimento consiste em três momentos didático-pedagógicos.

> • Momento do Atendimento Educacional Especializado em Libras na escola comum, em que todos os conhecimentos dos diferentes conteúdos curriculares, são explicados nessa língua por um professor, sendo o mesmo preferencialmente surdo. Esse trabalho é realizado todos os dias, e destina-se aos alunos com surdez.
> • Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras na escola comum, no qual os alunos com surdez terão aulas de Libras, favorecendo o conhecimento e a aquisição, principalmente de termos científicos. Este trabalho é realizado pelo professor e/ ou instrutor de Libras (preferencialmente surdo), de acordo com o estágio de desenvolvimento da Língua de Sinais em que o aluno se encontra. O atendimento deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da Língua de Sinais.
> • Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa, no qual são trabalhadas as especificidades dessa língua para pessoas com surdez. Este trabalho é realizado todos os dias para os alunos com surdez, à parte das aulas da turma comum, por um professor de Língua Portuguesa, graduado nesta área, preferencialmente. O atendimento deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da Língua Portuguesa.

É importante lembrar que, o planejamento do Atendimento Educacional Especializado é elaborado e desenvolvido conjuntamente pelos professores que ministram aulas em Libras, professor de classe comum e professor de Língua Portuguesa para pessoas com surdez. O planejamento coletivo inicia-se com a definição do conteúdo curricular, o que implica que os professores pesquisem sobre o assunto a ser ensinado. Em seguida, os professores elaboram o plano de ensino.

O livro do MEC Atendimento especializado/ pessoa com surdez - SEESP / SEED / MEC Brasília/DF – 2007, ilustra bem alguns recursos didático-pedagógicos utilizados durante esse atendimento:

FIGURA 95 - PROFESSOR NO ATENDIMENTO ESPECIALIZADO – AEE/SURDEZ EXPLORANDO CONTEÚDO USANDO DIVERSOS RECURSOS



FOTO - Dois professores ensinam Libras a cinco alunos com surdez, utilizando referenciais visuais.



Foto - Professora de Libras segurando um painel de fotos de cidade e um aluno com surdez explicando em Libras. Na lousa tem fotos de cidade e de fazenda.

FONTE: SEESP / SEED / MEC Brasília/DF – 2007

Nesse atendimento há explicações das ideias essenciais dos conteúdos estudados em sala de aula comum. Os professores utilizam imagens visuais e quando o conceito é muito abstrato, recorrem a outros recursos.

AUTOATIVIDADE

Prezado acadêmico, aproveite este momento e reflita: você considera que a escola, atualmente, do jeito que se encontra, está preparada para uma inserção da educação inclusiva? Explique:

Assista ao vídeo de resolução desta questão

4 O PAPEL DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS

Com o reconhecimento da língua e a inclusão de alunos surdos no ensino regular houve a necessidade de um profissional intérprete que tem como função fazer a interpretação e tradução em Libras para o público surdo. Ser intérprete não é simplesmente "ouvir o português falado e traduzir para um sinal", pois como já estudamos, a Libras possui uma estrutura gramatical, morfológica e semântica que tem que ser respeitadas, a fim de haver uma interpretação correta.

FIGURA 96 - PROFISSÃO: TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS



Fonte: Disponível em: <http://cursolibrasnet.blogspot.com.br/2012/11/profissao-tradutor-e-interprete-de.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Portanto, para garantir respeito com o surdo e seriedade no trabalho do profissional intérprete, a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo) criou um "Código de Ética do Intérprete" (adaptado de QUADROS, 2004, p. 31-32):

1. O intérprete será uma pessoa de alto caráter moral, honesto, confiável, consciente e de maturidade emocional. Ele guardará informações confidenciais e não trairá confidências as quais foram reveladas a ele.
2. O intérprete manterá imparcialidade ou atitudes neutras, durante o decorrer de sua interpretação, evitando impor seus próprios pontos de vista, a menos que lhe perguntem que dê sua opinião.
3. O intérprete interpretará fielmente e da melhor maneira possível, sempre transmitindo o pensamento, intento e o espírito do falante. Ele deverá lembrar os limites de sua particular função e não ir além de suas responsabilidades.
4. O intérprete deverá reconhecer seu próprio nível da sua competência e usar descrição em aceitar tarefas, procurando a assistência de outro intérprete quando necessário.
5. O intérprete deverá adotar um modo conservador de se vestir, mantendo a dignidade da sua profissão e não chamar atenção sobre ele mesmo.
6. O intérprete deverá usar discrição no caso de aceitar remuneração de serviços e ser voluntário onde fundos não estão disponíveis.
7. O intérprete jamais deverá encorajar pessoas surdas a buscarem decisões

legais ou outras que lhe favoreçam, simplesmente pelo fato de o intérprete ser simpático ao surdo.

8. Em caso legal de interpretação, o intérprete deverá informar à corte quando o nível de compreensão da pessoa surda envolvida é tal que a interpretação literal não é possível e o intérprete terá que parafrasear grosseiramente e reafirmar ambos: o que é dito ao surdo e o que o surdo está dizendo à corte.
9. O intérprete deverá se esforçar para reconhecer os vários tipos de recursos necessários a uma compreensão adequada por parte do surdo. Aqueles que não conhecem a língua de sinais poderão requisitar assistência de comunicação escrita. Aqueles que conhecem a língua de sinais poderão ser assistidos pela tradução (interpretação oral da palestra original), ou interpretação parafraseando, definindo, explicando ou fazendo conhecer a vontade do palestrante, sem considerar a linguagem original usada).
10. Reconhecendo a necessidade do seu desenvolvimento profissional, o intérprete irá agrupar colegas da área, com o propósito de compartilhar novos conhecimentos; procurar compreender as implicações da surdez e as necessidades particulares da pessoa surda; desenvolver suas capacidades expressivas e receptivas em interpretação e tradução.
11. O intérprete deverá procurar manter a dignidade e a pureza da língua de sinais. Ele também deverá estar pronto para aprender e aceitar sinais novos, se isto for necessário para o entendimento.
12. O intérprete deverá se responsabilizar, sempre que possível, pela manutenção do respeito do público ao surdo. Reconhecendo que muitos equívocos (má informação) têm surgido pela falta de conhecimento na área da surdez e do tipo de comunicação utilizada pelos surdos.

Não são numerosos os textos disponíveis da trajetória do tradutor intérprete de Libras no Brasil. Estudos indicam que entre 1980 e 2000, essas pesquisas se intensificaram, impulsionando para formações até a criação da profissão. Depois de alguns anos de lutas e conquistas, o profissional intérprete de Libras foi reconhecido oficialmente como profissão a partir da criação da Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que segue:

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 12.319, DE 1º DE SETEMBRO DE 2010.

Mensagem de veto	Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Art. 3º (VETADO)

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;
II - cursos de extensão universitária; e
III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.
Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 5º Até o dia 22 de dezembro de 2015, a União, diretamente ou por intermédio de credenciadas, promoverá, anualmente, exame nacional de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras – Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras – Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

I - efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais – Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;
III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;
IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e

V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais.

Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos à ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:

I - pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;
II - pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;
III - pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;
IV - pelas postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional;
V - pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;
VI - pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda.

Art. 8º (VETADO)

Art. 9º (VETADO)

Art. 10 Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 1º de setembro de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto
Fernando Haddad
Carlos Lupi
Paulo de Tarso Vanucchi

FONTE: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em: 22 fev. 2016.

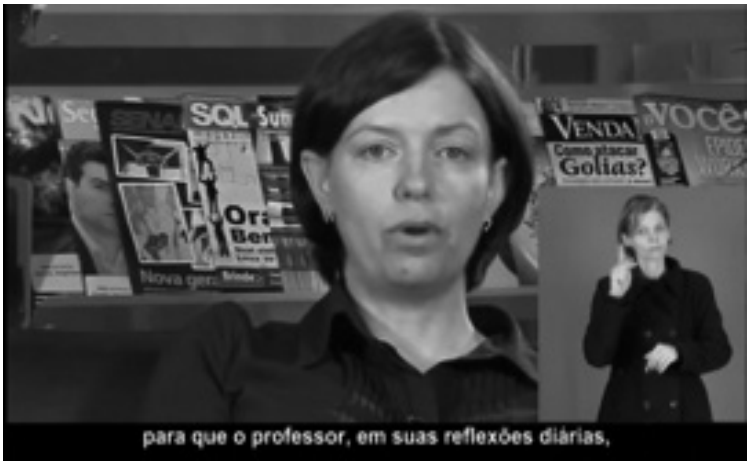
Veja que a lei fala sobre a profissão de "Tradutor Intérprete de Libras", então vamos descrever brevemente esse profissional. Você encontrará autores como Quadros (2004), entre outros que se referem à tradução como um complemento da interpretação. Outros defendem a ideia de que a tradução e interpretação são conceitos que remetem a tarefas distintas, pois traduzir está ligado a abordar uma língua para outra trabalhando com textos escritos ou não. Já interpretar está ligado à tarefa de versar de uma língua para outra nas relações interpessoais.

De acordo com Quadros (2004, p. 10), vamos diferenciar a tradução da interpretação no sentido de serem tarefas distintas:

• Tradutor/Tradução: pessoa que traduz de uma língua para outra. Tecnicamente, tradução refere-se ao processo envolvendo pelo menos uma língua escrita. Assim, tradutor é aquele que traduz um texto escrito de uma língua para a outra.
• Tradutor-intérprete: pessoa que traduz e interpreta o que foi dito e/ou escrito.
• Tradutor-intérprete de Língua de Sinais: pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral ou escrita).
• Tradução-interpretação simultânea: é o processo de tradução-interpretação de uma língua para outra que acontece simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo. **Promove a comunicação efetiva entre o orador e a pessoa ou/ plateia de modo continuo e natural. Indicado para palestras longas onde há vários oradores.** Significa que o tradutor-intérprete precisa ouvir/ver a enunciação em uma língua (língua fonte), processá-la e passar para a outra língua (língua-alvo) no tempo da enunciação.
• Tradução-interpretação consecutiva - É o processo de tradução-interpretação de uma língua para outra que acontece de forma consecutiva, ou seja, **durante essa interpretação se necessário o orador é interrompido para perguntas do público/pessoa, ou para que, o intérprete pare, processe a informação e faça a tradução. Essa modalidade é mais indicada para interpretação educacional, pequenas reuniões, reuniões formais, encontros entre autoridades ou cerimônias oficiais**. O tradutor-intérprete ouve/vê o enunciado em uma língua (língua fonte), processa a informação e, posteriormente, faz a passagem para a outra língua (língua alvo). **Grifo nosso**.

Veja algumas atuações desse profissional:

FIGURA 97 - VÍDEO UNIVERSITÁRIO COM LEGENDA EM PORTUGUÊS E JANELA EM LIBRAS EM UMA TRADUÇÃO-INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA



FONTE: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=urdXh1vhOk8&nohtml5=False>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FIGURA 98 – TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS SIMULTÂNEA: EDITAL UNIVERSITÁRIO



FONTE: Disponível em: <//www.youtube.com/watch?v=eD118Q8EWzM&nohtml5=False>. Acesso em: 22 fev. 2016.

4.1 O TRADUTOR E INTÉRPRETE EDUCACIONAL

É aquele que atua como profissional intérprete de língua de sinais na área da educação, seja em instituições escolares ou cursos profissionalizantes. É a área de interpretação mais requisitada atualmente. Na verdade, essa demanda também é observada em outros países. O profissional intérprete pode se especializar em interpretar em outras áreas.

FIGURA 99 - INTÉRPRETE EDUCACIONAL



FONTE: Disponível em: <http://interpretaremlibras.blogspot.com.br/2009/04/definicoes-diferencas-entre-traduzir-e.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

4.2 O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS EM EMPRESAS

Impulsionados pela lei da acessibilidade da pessoa com deficiência no âmbito laboral (trabalho), surge a necessidade de profissionalização de tradutores e intérpretes de Língua de Sinais para atender a empresas. As empresas que contratam funcionários surdos/deficientes auditivos precisam desse profissional para ajudar no treinamento e integração destes funcionários à equipe. Além disso, esse profissional poderá ser requisitado, para atuar em eventos, palestras, reuniões etc. É um campo profissional para o tradutor e intérprete de Língua de Sinais que vem crescendo muito, podendo ser contratados pelas empresas por tempo determinado ou não.

FIGURA 100 - INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS EM EMPRESAS



FONTE: A autora



Os casamentos de surdos (com pessoa surda ou ouvinte), normalmente são acompanhados de tradução, já que o celebrante (pastor, padre, juiz) não consegue estabelecer uma comunicação com os noivos. O profissional intérprete deve se colocar em frente aos noivos, ao lado do celebrante. Caso haja surdos no evento é recomendado a presença de mais um intérprete. O traje profissional deve ser o mais discreto possível.

4.3 O GUIA-INTÉRPRETE E SUA ATUAÇÃO

Quadros (2004, p. 10) nos diz que, "**s**urdocego é uma definição funcional que se refere àquele que tem uma perda substancial da visão e da audição, de tal modo que a combinação das suas deficiências cause extrema dificuldade na conquista de habilidades educacionais, vocacionais, de lazer e sociais".

Veja como ela define a surdez-cegueira:

A palavra-chave nesta definição é COMUNICAÇÃO. A surdez-cegueira, na sua forma extrema, significa simplesmente que uma pessoa não pode ver, não pode ouvir, e deve depender total e completamente do tato para se comunicar com os outros.

Neste sentido, viu-se a necessidade da formação de um guia-intérprete, como profissional que faz a mediação entre o mundo e o surdocego. Este profissional passa a descrever todos os acontecimentos a fim de que o surdocego se aproprie das situações ao seu redor, além de auxilia-lo na sua locomoção. Por isso dá-se preferência para atuarem como guia-intérprete pessoas que tenham surdez, o que facilitará sua atuação.

A mesma ética profissional do tradutor-intérprete de Libras é agregada ao guia-intérprete para surdocego. A nomeclatura para esta modalidade em língua de sinais ainda vem sendo discutida no meio da comunidade surdocega, porém a mais usada por estudiosos que têm essa deficiência é "Libras Tátil", pois a comunicação ocorre através das mãos, mas, também poderá encontrar nas suas pesquisas "TÁTIL libras".

FIGURA 101 - LIBRAS TÁTIL: A LÍNGUA DE SINAIS USADA PELA COMUNIDADE SURDOCEGA



FONTE: Disponível em:<https://turismoadaptado.wordpress.com/2012/07/21/a-comunicacao-desurdocegos-atraves-do-metodo-tadoma/>. Acesso em: 22 fev. 2016.



Você sabia que "Tadoma" é o nome que se dá à linguagem que se utiliza na língua de sinais como experiências táteis? Também chamamos de tadoma a linguagem em que se colocam as mãos nos lábios dos falantes ou nas mãos e/ou corpo do sinalizador para "sentir" e significar a língua.

Para quem busca se profissionalizar como tradutor-intérprete de Libras, hoje existem cursos de especialização (pós-graduação) em Libras, cursos específicos de formações continuadas, congressos e seminários visando dar continuidade à formação desse profissional que sempre estará aprendendo, pois já estudamos que os sinais continuam sendo inseridos na Língua de Sinais, é uma língua em constante movimento.

Conforme dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) levantados a partir do Censo do Ensino Superior 2013, 12% das universidades brasileiras oferecem na sua grade curricular a disciplina de Libras. Para ser um intérprete oficialmente cadastrado é preciso passar pelo programa nacional de certificação de intérpretes, o PROLIBRAS, coordenado pelo MEC.

FIGURA 102 - CERTIFICAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS



FONTE: Disponível em: <http://danianepereira.blogspot.com.br/2012/01/10-licoes-libras-lingua-brasileira-de.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Como se dá essa certificação? O Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP) abre uma chamada pública para recrutar instituições públicas de ensino superior que possam aplicar o exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras e Língua Portuguesa. Podem participar quem tem ensino médio ou superior, dependendo da modalidade em que quer atuar.

Vamos relembrar o que diz a Lei nº 12.319/2010, no parágrafo único:

> O exame de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras – Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

As diferentes Secretarias, o MEC e o INEP, por meio de ações conjuntas, promoveram o primeiro, o segundo, terceiro e o quarto PROLIBRAS, que foram realizados em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mediante credenciamento desta pelo MEC. A partir de 2011, a realização do PROLIBRAS passou a ser de responsabilidade do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Esperamos que com essas explicações seu entendimento, sobre tradutor e intérprete de Libras fique mais claro. O que acha de se especializar nessa área?



Se desejar aprofundar-se nesse tema, procure em livrarias ou faça um download do livro **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**, de Ronice Muller Quadros, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>.
SINOPSE: A autora descreve a trajetória desse profissional, começando pela Europa até o Brasil. Este livro tem como objetivo apoiar e incentivar o desenvolvimento do profissional Tradutor Intérprete de libras/Língua Portuguesa.



4.4 COMO OS GESTORES DEVEM PROCEDER PARA TER UM INTÉRPRETE NA ESCOLA?

O gestor que recebe uma matrícula de um aluno com deficiência auditiva deve imediatamente procurar a Secretaria de Educação do estado ou do município, fazer um cadastro e comunicar as necessidades específicas daquele aluno. Com base nisso, os governos podem planejar melhor a distribuição de recursos dentro da rede.

Vale lembrar que todos os estados possuem os Centros de Capacitação dos Profissionais de Educação e de Apoio às Pessoas com Surdez (CAS), vinculados às Secretarias Estaduais de Educação. Esses Centros também são encarregados pela realização de cursos de formação na área e são financiados com recursos do MEC e das Secretarias.

O que fazer quando a escola não possui intérpretes?

O primeiro passo é entrar em contato com as Secretarias de Educação do seu estado para solicitar um profissional tradutor Intérprete de Libras, também poderá verificar quais os cursos disponíveis para a formação dos professores que desejam se profissionalizar nesta área.

Como é possível conseguir uma sala e os materiais de apoio ao Atendimento Educacional Especializado?

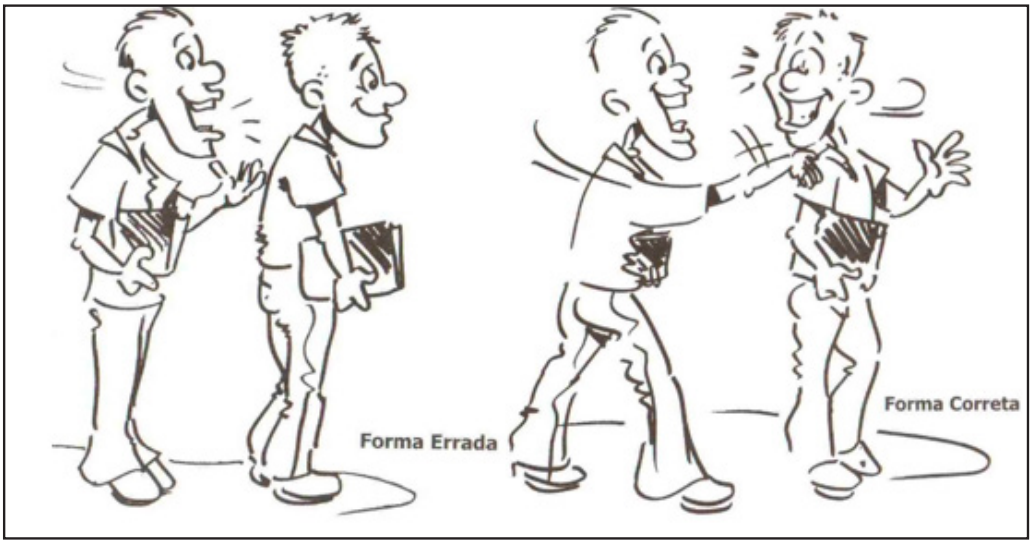
Os estados, por meio das Secretarias de Educação, apresentam à Secretaria de Educação Especial do MEC planos de trabalho com os cursos de formação que desejam oferecer aos profissionais que trabalham no AEE da rede, o número de vagas que podem ser ofertadas, assim como uma listagem dos materiais que desejam encaminhar para as escolas. Caso a escola ainda não tenha uma sala de recursos multidisciplinares, também é possível fazer esta solicitação através do Programa Escola Acessível, do Ministério da Educação, pelos telefones (61) 2104 -9258 e (61) 2104-8651, pelo 0800-616161 ou ainda acessar o *site*: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/contato>.

FONTE: Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/educacao-especial/5-perguntasrespostas-politicas-publicas-inclusao-surdos-613409.shtml?page=4>. Acesso em: 21 abr. 2016.

5 COMUNICANDO-SE CORRETAMENTE COM O SURDO/ DEFICIENTE AUDITIVO

Devemos estar atentos a algumas ações que realizamos quando estamos em contato com os surdos/deficientes auditivos, pois elas podem facilitar o nosso processo de comunicação e convivência. A forma mais adequada para estabelecer a comunicação com pessoas surdas é por meio da língua de sinais, sua língua natural, que utiliza o canal gestual-visual. Quando não se sabe a língua materna de uma pessoa, pode-se usar algumas estratégias para se estabelecer uma comunicação. Com a comunidade surda se dá o mesmo. Ainda existe um certo receio da sociedade em comunicar-se com essa comunidade, isto se dá devido ao medo de não conseguir estabelecer uma comunicação de fato. Note a charge a seguir:

FIGURA 103 - COMUNICAÇÃO COM SURDOS



FONTE: Disponível em: <http://asampe.blogspot.com.br/2015/01/curiosidade-sobre-surdos-dicas-para.html> Acesso em: 22. Fev. 2016.

Segundo o livro Libras – Sinais de Inclusão (2010 p. 16-17), ao abordar ou ser abordado por uma pessoa surda, proceda da seguinte forma:

> • Se quiser falar com uma pessoa surda, sinalize com a mão ou tocando no braço dela. Enquanto estiverem conversando, fique de frente para ela, mantenha contato visual e cuide para que ela possa ver a sua boca para ler os seus lábios. Se você olhar para o outro lado, ela pode pensar que a conversa terminou.
> • Não grite. Ela não ouvirá o grito e verá em você uma fisionomia agressiva.
> • Se tiver dificuldade para entender o que uma pessoa surda está dizendo, peça que ela repita ou escreva.
> • Fale normalmente, a não ser que ela peça para você falar mais devagar.
> • Seja expressivo. A pessoa surda não pode ouvir as mudanças de tom

da sua voz, por exemplo, indicando gozação ou seriedade. É preciso que você lhe mostre isso através da sua expressão facial, gestos ou dos movimentos do corpo para ela entender o que você quer comunicar.
● Em geral, pessoas surdas preferem ser chamadas 'surdos' e não 'deficientes auditivos'.
● Se a pessoa surda estiver acompanhada de um intérprete da língua de sinais, fale olhando para ela e não para o intérprete.
● É muito grosseiro passar por entre duas pessoas que estão se comunicando através da língua de sinais, pois isto atrapalha ou impede a conversa.
● Se aprender a língua de sinais brasileira (Libras), você estará facilitando a convivência com a pessoa surda.
● Ao planejar um evento, providencie avisos visuais, materiais impressos e intérpretes da Língua de sinais.

Pessoa com baixa audição:

- Ao se tratar de pessoa com baixa audição, proceda quase das mesmas formas indicadas para relacionar-se com pessoas surdas.
- Em geral, as pessoas com baixa audição não gostam de ser chamadas “surdos” e sim “deficientes auditivos”.

Você deve trabalhar com sua criatividade levando em conta o nível e habilidades dos surdos/deficientes auditivos. Não podemos cruzar os braços e esperar que aconteça a comunicação sem nos empenhar em aprender como isso acontece. Assim, buscar recursos e metodologias que possibilitem a facilitação e a integração dessa comunidade se faz necessário.

6 A TECNOLOGIA E OS SURDOS

Prezado acadêmico, tivemos uma breve visão sobre tecnologia na área da inclusão na Unidade 1, agora vamos examinar mais especificamente como essas tecnologias vêm gerando a diferença nas vidas das comunidades surdas. É sabido que a tecnologia vem transformando as vidas das pessoas de uma forma significativa, a distância e o tempo se encurtam pelas novas tecnologias e surgiram novas maneiras de se relacionar. As comunidades surdas estão inseridas nesse cenário, pois elas não se localizam geograficamente em uma mesma localidade, mas existem espalhadas em todas as partes do mundo, assim, se faz necessário estabelecer uma comunicação entre eles. Outra situação em que a tecnologia vem sendo requisitada é com as famílias e os ambientes de trabalho dos surdos, quase sempre, compostos por uma maioria de pessoas ouvintes que não se comunicam, ou se comunicam de forma bem limitada em Libras.

Para os surdos as modificações trazidas pelas novas tecnologias não foram apenas educativas sociais e laborais, mas, sobretudo de inserção comunicativa em muitas das atividades de vida diária antes inacessíveis. Antes o telefone era algo inviável para os surdos, era necessário auxílio de um ouvinte. Foi então que,

ainda dependentes do telefone fixo, foi criado um telefone especial para surdos chamado TDD (*Telecomunication Device for the Deaf*) sigla em inglês equivalente a aparelho de telecomunicação para surdos, podem vir com ou sem impressora, no Brasil conhecido como: Terminal Telefônico para Surdo (TTS), são aparelhos com teclado que permite à pessoa com deficiência auditiva ou de fala, digitar uma mensagem de texto para o destinatário e efetuar a comunicação.

O *site* da FENEIS informa que os surdos poderão solicitar a instalação de Telefone para Surdos em diversos lugares tais como:

- Escolas de Surdos.
- Escolas públicas e particulares.
- Faculdades públicas e particulares.
- *Shopping Centers* e conjuntos comerciais.
- Hospitais públicos ou privados.
- Postos de saúde.
- Casas de eventos culturais.
- Aeroportos e rodoviárias e terminais integrados.
- Estações de Metrôs.
- Instituições ou associações.
- Repartições públicas do Governo Federal Estadual e Municipal.
- Restaurantes e postos de gasolinas.
- Delegacia de policia.
- Empresas que possuem funcionários com surdez.



Para mais informações consulte o site <http://www.feneis.com.br/>.

Como funciona o TDD/TTS para surdos? Através da Central de Intermediação surdo/ouvinte da Brasil Telecom (142), o deficiente auditivo pode comunicar-se com pessoas ouvintes e vice-versa.

1. A pessoa surda liga para o 142 através do aparelho especial.
2. A mensagem chega à nossa central na forma escrita.
3. Um atendente especialmente treinado efetua a ligação para o número do telefone de acordo com as instruções do usuário, localiza a pessoa solicitada e informa sobre a ligação. A partir desse momento, o atendente faz a leitura da mensagem digitada pelo surdo enquanto lhe envia a mensagem do ouvinte na forma escrita. É mantido todo cuidado para assegurar a fidelidade e as ligações entre pessoas deficientes também podem ser feitas de aparelho a aparelho sem a necessidade de intermediação.

FIGURA 104 - TDD NA INSTITUIÇÃO FENEIS



FONTE: Disponível em: <http://www.csjonline.web.br.com/noticia_telefone.htm> Acesso em 22. Fev. 2016.



Por serem aparelhos importados e caros e possuir uma linha telefônica muitas vezes que demandava anos de espera. Poucas pessoas conheceram ou conhecem e são poucas as localidades como Instituições escolares e privadas, associações que possuíram ou possuem um desses aparelhos. Saiba mais sobre esse aparelho acessando o *site*: <http://www.feneis.com.br/>. Ou sobre direito das pessoas com deficiências acessando o *site* da anatel: <https://goo.gl/ja6tsy>

6.1 RECURSOS DE ACESSIBILIDADE ASSISTIVA

São aqueles que possibilitam às pessoas com deficiência desenvolver habilidades que facilitem suas vidas e lhe proporcione maior independência. Hoje há muitas pesquisas na área a inclusão digital, muitas tem se tornado real. No caso dos deficientes auditivos/surdos a tecnologia está presente em suas vidas de uma forma ampla, além da televisão o uso da Internet se tornou muito popular, todos podem se comunicar livremente, a possibilidade de mandar um *e-mail*, acessar rapidamente uma mensagem para todo o grupo de amigos de uma mesma cidade, de outras cidades, estados e até mesmo outros países, seja por meio de Skype, facebook, uso de telefones celulares para enviar e receber mensagens, torpedos etc. Veja alguns exemplos desse recursos para a comunidade surda:

FIGURA 105 - EXEMPLOS DE ACESSEBILIDADE PARA OS SURDOS



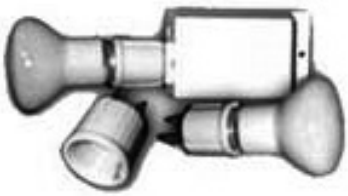
FONTE: Disponível em: http://pt.slideshare.net/EditoraAzul/ta-para-surdos. Acesso em 22 fev. 2016

Para que aconteça a verdadeira inclusão digital, tem que ser oferecido às pessoas que necessitam recursos tecnológicos adequados. Para os surdos há uma gama de materiais tecnológicos sendo produzidos, sinalização luminosas para campainhas, alarme de segurança e detector de choro de bebês (Babás eletrônicas luminosas), relógios vibratórios, adaptações na arbitragem em jogos substituindo os apitos por acenos etc.

Note alguns desses aparelhos e como eles funcionam:

APARELHOS LUMINOSOS PARA SURDOS

Luz para campainha - funciona quando tocar a campainha. O sinalizador piscará de 4 a 5 vezes, como opção pode-se ter outro sinalizador receptor, que recebe sinal luminoso em qualquer lugar, como quarto, sala, escritório e qualquer lugar onde haja tomada de energia.



Luz para telefone - funciona quando tocar o telefone. O sinalizador acompanhará o toque do telefone, e assim como o alerta para campainha, pode ser usado em qualquer lugar que disponha das condições necessárias.



Luz para bebê choro - instalado até 3 metros onde estiver o bebê e regula a sensibilidade do som ambiente no botão. Utilizar em qualquer lugar da casa. Quando o bebê chorar, o sinalizador piscará continuamente.



Relógio de Despertador Vibratório - Muito utilizado pelos Surdos, principalmente em baixo do travesseiro, pois ele vibra no horário escolhido para despertar.



FONTE: Disponível em: <http://curiosidadessobresurdez.blogspot.com.br/2011/11/aparelhos-luminosos-para-surdos.html> Acesso em: 22 fev. 2016.



Segundo o site do governo <http://www.mc.gov.br/portarias/24680-portaria-n-310-de-27-de-junho-de-2006>, a inserção de uma janela (espaço delimitado no canto da tela da TV) com um intérprete da Língua Brasileira de Sinais só é obrigatória, por enquanto, no horário político e em campanhas institucionais do governo e de utilidade pública.

Hoje os dispositivos eletrônicos (tablets, celulares), tem sido uma ferramenta essencial no auxílio às pessoas com qualquer deficiência. Para os deficientes auditivos/surdos existem várias tecnologias que são compatíveis tanto para computador como para dispositivos móveis, é o caso de dicionários e tradutores em Libras com avatar (Rybená, PRODEAF, Hand talk) entre outros, que podem ser baixados no seu computador ou por meio do Google Play no seu dispositivo móvel.

Importante destacar o uso desses aplicativos e programas para empresas que possuem funcionários com surdez, para que haja uma interação mais significativa dentro do espaço laboral. Com isso, estimulamos os estudantes na área da informática a continuar suas buscas nas pesquisas pela acessibilidade digital para pessoas com deficiência.

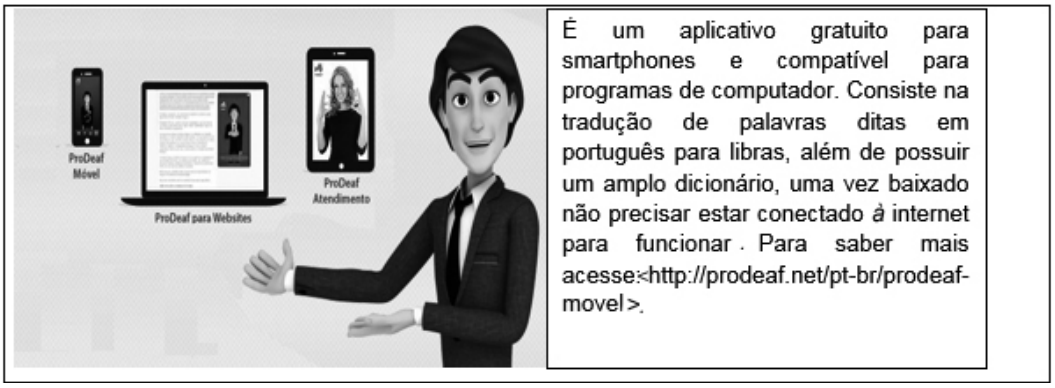
Veja alguns exemplos a seguir:

FIGURA 106 - HAND TALK



FONTE: Disponível em: <http://www.sonoticiaboa.com.br/2014/04/22/sonoticiaboa-1-site-de-noticias-do-brasil-com-acessibilidade/>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FIGURA 107 - IMAGEM PRODEAF



FONTE: Disponível em: <http://i1.wp.com/www.showmetech.com.br/wp-content/uploads/2013/09/prodeaf-capa1.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Ressaltamos aqui que, apesar de todo esforço e estudos que vem sendo desenvolvidos hoje no mundo para facilitar a vida dos deficientes auditivos/surdos, existem muitos locais em que ainda nenhuma ou pouca tecnologia chegou ou os surdos não a conhecem. Em alguns casos lugares inacessíveis, outros, por não estarem alfabetizados, nem em Libras, nem em Português, o que dificulta tomarem conhecimento sobre essas tecnologias.

7 A INCLUSÃO DO SURDO NO MERCADO DE TRABALHO

De que forma a inclusão do surdo está acontecendo no mercado de trabalho? Muitas vezes há falta de conhecimento dele próprio e da família sobre os seus direitos. Não discutimos aqui o que deve ou não ser feito nesse sentido, pois cada empresa tem sua política de inclusão seguindo a lei. Porém, é importante

mostrarmos o êxito quando se sabe e se seguem estas políticas inclusivas no campo trabalhista.

No Brasil, a Lei nº 8.213/91, Art. 93, determina que: "A empresa com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou com deficiência", dentre essa parcela da sociedade fazem parte os surdos, que se comunicam através da língua de sinais.

Recentemente, a Lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) teve algumas alterações. Veja o capítulo VI sobre o direito ao trabalho:

Seção I

Disposições Gerais

Art. 34 A pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

§ 1º As pessoas jurídicas de direito público, privado ou de qualquer natureza são obrigadas a garantir ambientes de trabalho acessíveis e inclusivos.

§ 2º A pessoa com deficiência tem direito, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a condições justas e favoráveis de trabalho, incluindo igual remuneração por trabalho de igual valor.

§ 3º É vedada restrição ao trabalho da pessoa com deficiência e qualquer discriminação em razão de sua condição, inclusive nas etapas de recrutamento, seleção, contratação, admissão, exames admissional e periódico, permanência no emprego, ascensão profissional e reabilitação profissional, bem como exigência de aptidão plena.

§ 4º A pessoa com deficiência tem direito à participação e ao acesso a cursos, treinamentos, educação continuada, planos de carreira, promoções, bonificações e incentivos profissionais oferecidos pelo empregador, em igualdade de oportunidades com os demais empregados.

§ 5º É garantida aos trabalhadores com deficiência acessibilidade em cursos de formação e de capacitação.

Art. 35 É finalidade primordial das políticas públicas de trabalho e emprego promover e garantir condições de acesso e de permanência da pessoa com deficiência no campo de trabalho.

> Parágrafo único. Os programas de estímulo ao empreendedorismo e ao trabalho autônomo, incluídos o cooperativismo e o associativismo, devem prever a participação da pessoa com deficiência e a disponibilização de linhas de crédito, quando necessárias.

FONTE: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Até esse momento, notamos que a pessoa com deficiência tem o direito de ser contratada como qualquer outra pessoa, ou seja: "a inclusão no mercado de trabalho competitivo não é um sonho impossível de ser realizado, desde que os empregadores sejam tratados como parceiros. [...]" (SASSAKI, 2009, p. 73). Por outro lado, espera-se do trabalhador nessas condições profissionalismo, dedicação, assiduidade, enfim, atributos de qualquer empregado. Eles não querem assistencialismo, e sim oportunidades de mostrar seu potencial profissional.

FIGURA 108 – LEI DE COTAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA COMPLETA 23 ANOS



FONTE: Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/246355-10>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Historicamente, podemos dizer que os surdos eram indicados apenas para trabalhos manuais por conta do estigma de que o deficiente não poderia exercer atividades mais complexas, em decorrência da precária escolarização. Hoje, além dos postos de emprego em linhas de produção em indústrias, presenciamos os surdos trabalhando em postos de trabalho que exigem não mais sua força física, mas o trabalho intelectual.

São vistos nas empresas como colaboradores capazes de aprender e produzir como qualquer outro. Entretanto, para isso precisam de algumas adaptações e atendimentos que contemplem suas especificidades enquanto pessoas com deficiência, concentradas na diferença linguística, na especificidade de comunicação e no respeito à Língua de sinais.

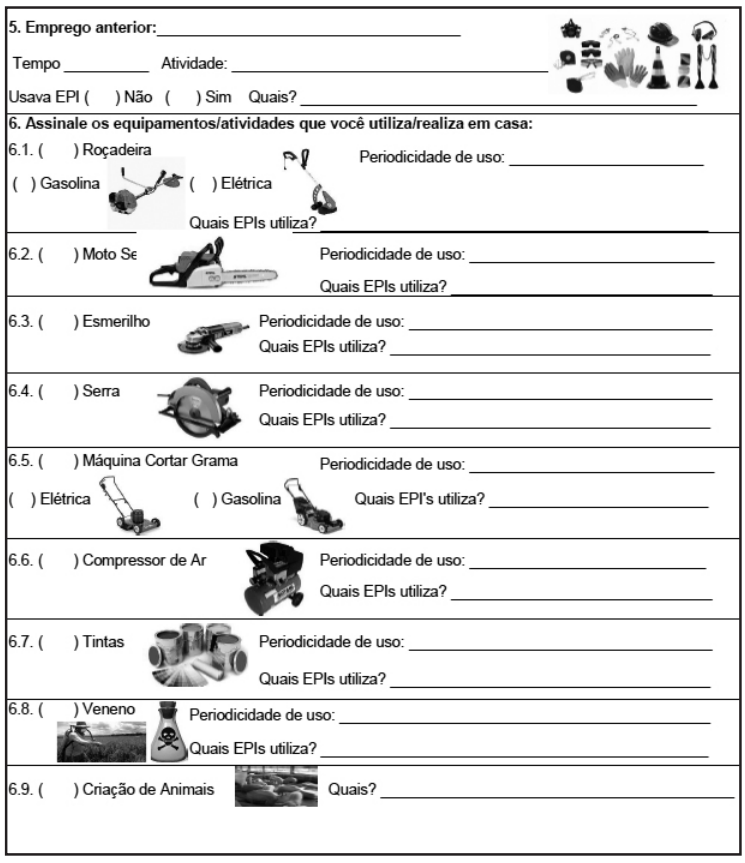
7.1 ADAPTAÇÕES NAS EMPRESAS

Em relação à pessoa surda, a maior dificuldade encontrada para sua inclusão no mercado de trabalho ainda continua sendo a comunicação, uma vez que isso dificulta e até mesmo impossibilita a manifestação ou o recebimento de mensagens dos diferentes meios de comunicação. Por sua vez, Sassaki (2007) menciona que a inclusão é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais pessoas com deficiência e, simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

No caso de funcionários surdos/deficientes auditivos, tudo começou com o apoio daqueles que trabalham ao seu lado, como por exemplo, interesse em aprender a se comunicar em sinais, pequenas adaptações com instrumentos de trabalho, utilização de avisos luminosos em vez de sonoros, pequenas modificações no maquinário da empresa etc., além da contratação de um tradutor intérprete de Libras para reuniões, confraternizações, palestras, treinamentos etc.

Observe algumas adaptações feitas por uma empresa no estado de Santa Catarina de fichas de controles internos com imagens/figuras, para facilitar a leitura e entendimento por parte dos surdos/deficientes auditivos que são seus colaboradores.

FIGUR 109 - FICHA USO DE MATERIAIS QUÍMICOS



FONTE: A autora

FIGURA 110 - FICHA ANAMNESE AMBULATORIAL

ANAMNESE CLÍNICA
QUESTIONÁRIO SOBRE ESTADO DE SAÚDE

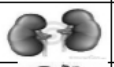
1. Informações Pessoais

Nome: _____ RG:_____
Data de Nascimento:_____/_____/_____ Idade:_____ Cadastro:_____
Célula_____ Função:_____

2. Finalidade

☐ Admissional ☐ Periódico ☐ Mudança de Função ☐ Retorno ao Trabalho após ____ dias ☐ Demissional

3. História Pregressa: assinale a patologia/sintoma que tem ou já teve, ou ainda acha que tem:

Patologia/Sintoma	Sim	Não	As Vezes	Não Sabe
3.1. Problemas Cardiacos/Pressão Alta 				
3.2. Problema de Rim 				
3.3. Problema de Figado 				
3.4. Diabetes (Açúcar no Sangue) 				
3.5. Caxumba 				
3.6. Sarampo 				
3.7. Rubeola 				
3.8. Hepatite 				
3.9. Meningite 				

FONTE: A autora

Consultorias são feitas por profissionais que auxiliam na criação de materiais que facilitarão a autonomia do surdo dentro da empresa, como nos exemplos anteriores.

Essas experiências mostram que, quando a empresas instituem um programa de inclusão desde seu recrutamento, a entrada desse trabalhador se torna mais acessível, pois nesse programa, se preocupam em passar todas as informações inclusive fazendo treinamento dos mesmos, assim como se faz com qualquer pessoa sem deficiência.

Sassaki (2003, p. 67) fala de algumas acessibilidades que por lei e/ ou por consequência do paradigma da inclusão devem ser cumpridas, entre elas, citaremos as referentes aos surdos/deficientes auditivos. Veja:

> • Acessibilidade comunicacional: sem barreiras na comunicação interpessoal (face a face, língua de sinais, linguagem corporal, linguagem gestual etc.), na comunicação escrita (jornal, revista, livro, carta, apostila [...].

• Acessibilidade atitudinal: sem preconceitos, estigmas, estereótipos, discriminação, como resultados de programas e práticas de sensibilização e de conscientização dos trabalhadores em geral e da convivência na diversidade no local de trabalho.

Sabemos que o desafio entre o real e o ideal ainda existe, e que ainda temos muito a alcançar, mas, não é verdade que, é por meio de pequenas mudanças que presenciamos as grandes transformações? Pense nisso e continue sua caminhada profissional também por meio da inclusão.

LEITURA COMPLEMENTAR

DRIBLANDO A SURDOCEGUEIRA COM VIDA E ALEGRIA

Entrevista - Claudia Sofia

AME - Como se deu a surdocegueira na sua vida?
Claudia Sofia Indalecio Pereira - Fui vacinada contra sarampo, mas não se sabe o que aconteceu. Tomei todas as vacinas como as demais crianças, mas, em decorrência de sarampo, fiquei surda aos seis anos e meio. Depois, aos 9, fui perdendo gradativamente a visão. O médico dizia que eu iria ficar cega aos 40 ou 50 anos de idade, mas isso não aconteceu: perdi totalmente a visão aos 19 anos. Minha perda visual começou a progredir com 17 anos, quando concluí o primeiro grau. Procurei médicos especialistas, até fiz uma cirurgia na vista, mas não adiantou, foi tudo muito rápido.

AME - Como conseguiu lidar com as perdas auditiva e visual na infância e na adolescência?
Claudia Sofia - Graças ao apoio da minha família, que me disse a verdade, nunca escondeu nada. Apesar dos médicos dizerem que iria perder a visão mais tarde, meus familiares me preparavam dizendo que eu poderia perdê-la muito mais cedo, o que de fato ocorreu. Minha família queria que eu voltasse a enxergar, mas o problema na retina não tem cura até hoje. Aprendi a fazer leitura labial e ingressei na escola regular. Precisava ler os lábios do professor e nem sempre era possível; depois de muita dificuldade consegui concluir o primeiro grau, perto dos 17 anos. Minha infância foi normal. Antes de perder a visão totalmente, brincava e conversava, como qualquer outra criança. Na adolescência, a mesma coisa. Fui perdendo a visão gradativamente. Eu tinha cegueira noturna. Eu estudava das 15 às 19 horas e, quando ia anoitecendo, forçava muito minha visão, ou segurava na mão de alguém para poder ir embora. Eu não percebia que estava ficando cega.

AME - Como ficou sua vida após a surdocegueira instalada?
Claudia Sofia - Muitos amigos se afastaram. Sofri muito com isso, só ficou uma amiga ao meu lado, Maria Rosa, única pessoa que tem estado ao meu lado como irmã. Hoje ela é casada, tem dois filhos e os ensina a se comunicar comigo. Os demais amigos não acreditaram que eu pudesse ter a vida que tenho: viajando, passeando, adorando nadar, tendo uma vida social normal. Mas passei a ter contato com outras pessoas com deficiência e ampliei meu círculo de amigos. Minha mãe

trabalhava fora, na época, e me ensinou a fazer as coisas dentro de casa, a lavar, passar, cozinhar. Me machuquei bastante, me queimei (risos), e aprendi a ser independente. Minha mãe me ensinou crochê, errei muito mas aprendi. Queria voltar a estudar, então descobri uma forma de comunicação que é o tadoma.

AME - Como foi essa descoberta, como é possível se comunicar pelo toque?
Claudia Sofia - Descobri pelo desespero. As pessoas falavam a minha volta, e eu não conseguia participar, não entendia, passei a tocar as pessoas, próximo do lábio, e pela vibração passei a entender tudo, ouvir através do toque. O tadoma foi utilizado pela Helen Keller, uma famosa surdacega americana, que veio ao Brasil em 1953. Mas eu não a conhecia quando comecei a usar o tadoma. Descobri que se chamava tadoma, depois. Primeiro eu percebi que pelo toque na face das pessoas eu podia entender tudo. Através dos livros dela descobri que outras pessoas também podem se utilizar desse método. Eu entendo tudo, desde que a pessoa articule perfeitamente as palavras. Por ter resíduo auditivo, posso, por exemplo, ouvir o toque de telefone, batida na porta, mas não ouço vozes, só as entendo pela percepção de sons através do tadoma. Não sou a única pessoa que usa o tadoma, devem existir outras, mas não conheço, pois aprendi sozinha.

AME - Como ocorreu seu relacionamento com outras pessoas portadoras de deficiência?
Claudia Sofia - Aprendi a ler braile muito rapidamente, em cerca de dois meses. Passei a me corresponder com cegos e surdocegos, ampliando meu conhecimento sobre a área. Apesar de ser surda desde pequena, fui criada no mundo dos ouvintes. Após ficar surdacega passei a ter mais contato e a me comunicar mais com os surdos. Comecei a fazer palestras, divulgando a existência e a capacidade do surdocego no Brasil. Passei a ter amigos cegos, amigos surdos e amigos surdocegos. Minha vida mudou, hoje eu tenho o dobro de amigos. Também uso a Libras (Língua Brasileira de Sinais) e me comunico bem com todos, sou muito feliz com isso.

AME - Quais são seus planos para o futuro?
Claudia Sofia - Sou professora de braile e quero fazer faculdade de Pedagogia. Meu maior sonho é trabalhar com criança surdacega e com múltipla deficiência sensorial. Seja qual for o surdocego que queira trabalhar, estudar, ele tem capacidade para tudo, basta querer e ter apoio de alguém. Minha limitação não me impede de nada. Sempre ando com alguém que funciona como meu guia, sendo essa pessoa meu olho e meu ouvido. Pode ser minha mãe, um amigo ou um irmão ou irmã. Nada me impede de andar de ônibus, ir a um restaurante ou cinema, a piscina ou a praia. Meu maior sonho é fazer mergulho adaptado. Adoro nadar, montar cavalo; adoro o mar. Quero continuar ligada às instituições que apoiam surdocegos, como a Adefav (Associação para Deficientes de Audio Visão), a Ahimsa (Associação Educacional para Múltipla Deficiência) e a Abrasc.

AME - Qual é sua mensagem aos nossos leitores que, na maioria, não têm contato com o universo das pessoas surdacegas?

Claudia Sofia - Que se sensibilizem, porque cada dia que passa mais surdocegos vão aparecendo e eles precisam de um apoio. Muitos não têm apoio familiar para se comunicarem com o mundo externo, ficam isolados. O desenvolvimento da pessoa depende da família e dos amigos. Ela precisa ser incentivada a mostrar aquilo que quer. No meu caso, busco o que quero. Desejo que se sensibilizem e ajudem os que precisam; a família do surdocego também precisa de orientação e não sabe o que fazer com os filhos, buscar o que é melhor. É preciso darmos todo apoio.

FONTE Disponível em: <http://www.ame-sp.org.br/noticias/entrevista/teentrevista12.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2016.



Acadêmico, para completar seu conhecimento sobre esse tema, veja o vídeo intitulado: "Surdo-cego em busca da comunicação", legendado em português. Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=5Ya2_luDzes>.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você viu que:

- Existem políticas e propostas inclusivas que permeiam a educação do surdo/deficiente auditivo.

- Somente a adoção dessa língua não será suficiente para escolarizar e profissionalizar o sujeito surdo. São necessários também ambientes estimuladores, que explorem suas capacidades.

- O MEC propõe aos surdos possibilidades de aprenderem nas turmas comuns do ensino regular, tendo a retaguarda do Atendimento Educacional Especializado – AEE/SURDEZ.

- A tradução e interpretação são conceitos que remetem a tarefas distintas, pois traduzir está ligado a abordar uma língua para outra trabalhando com textos escritos ou não. Já a interpretação está ligada à tarefa de versar de uma língua para outra nas relações interpessoais.

- O papel do profissional tradutor e intérprete de Libras e suas atribuições.

- Segundo o Código de Ética do Intérprete, ele deve ser: uma pessoa de alto caráter moral, honesto, confiável, manter imparcialidade ou atitudes neutras, interpretar fielmente e da melhor maneira possível etc.

- O reconhecimento da profissão do tradutor e intérprete de Libras deu-se por meio da Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.

- O guia-intérprete é aquele profissional que serve de canal de comunicação (audiovisual) entre o surdocego, ele descreve o que ocorre em torno da situação de comunicação e facilita o deslocamento e a mobilidade do surdocego.

- Devemos estar atentos a algumas ações que realizamos quando estamos em contato com os surdos, pois elas podem facilitar o nosso processo de comunicação, como por exemplo: falar de frente para eles, claramente e pausadamente, entre outros.

- A tecnologia vem sendo incorporada à vida cotidiana das pessoas com surdez, provocando transformações significativas, facilitando a comunicação entre as comunidades surdas e ouvintes em todas as áreas.

- A inclusão dos surdos no mercado de trabalho requer um programa de inclusão das empresas desde seu recrutamento, visando a acessibilidade na comunicação e atitude por parte da empresa e trabalhadores.

AUTOATIVIDADE

1 Se você conhece algum profissional tradutor e intérprete de Libras, educacional ou não, entreviste-o e descreva o seu trabalho. Se não conhece, pesquise e descreva o que entendeu sobre este profissional.

2 Após a leitura desse tópico, descreva com as suas palavras o que representa cada um dos itens a seguir:

- Tradução e interpretação simultânea:
- Tradução-interpretação consecutiva:
- Guia intérprete:

3 A charge nos mostra como é importante sabermos nos comunicar com as pessoas em nossa volta; no caso dos surdos, já estudamos a necessidade de aprendermos sua língua materna: Libras. Se na empresa que você trabalha for admitido um colaborador surdo, descreva como se comunicaria com ele.



FONTE: Disponível em: <http://gilmar.blogosfera.uol.com.br/page/20/>. Acesso em: 22 fev. 2016.

TÓPICO 2

ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES EM LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

O aprendizado dos surdos requer algumas metodologias baseadas em uma pedagogia visual, assim eles estabelecem uma relação entre o concreto, objeto e escrita. Logo se torna importante que os profissionais estejam preparados para aplicar essa pedagogia. Este tópico irá dar sugestões de atividades que foram sendo criadas e poderão ser usadas para alfabetizar, usar em salas multifuncionais e ajudar familiares interessados em incentivar os surdos a buscar e reter conhecimento. Vamos começar?

Na Unidade 1 destacamos como a criança surda adquire a língua por meio da exposição informal em casa, antes de começar sua vida escolar, e como cada família deve decidir a melhor educação para seus filhos com surdez. Assim, as famílias funcionam não como professores do idioma, mas como facilitadores que permitem os filhos absorver a cultura, e fazer uso ativo da sua curiosidade o que lhe dará oportunidade de absorver mais conhecimentos quando iniciarem sua escolarização.

2 SUGESTÕES DE ATIVIDADES MATEMÁTICAS

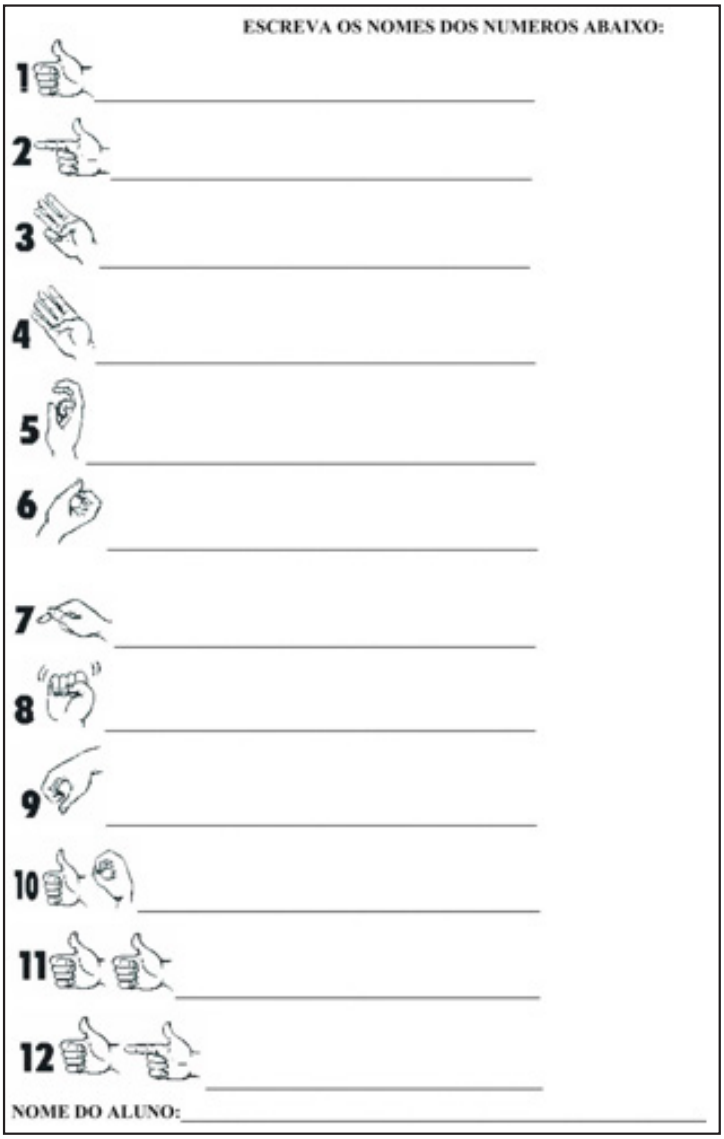
Preparar as atividades de matemática para surdos de uma maneira diferente tem sido um desafio por ser uma disciplina abstrata e que exige raciocínio lógico, em geral os surdos não têm muitas dificuldades para entender a matemática básica, porém, quando há situações no dia a dia com operações numéricas mais complexas, isso se torna um desafio, principalmente na hora de fazer um vestibular ou para competir por uma vaga no mercado de trabalho.

Os surdos necessitam de uma ação pedagógica que atenda as suas particularidades, os educadores de surdos procuram metodologias de boa qualidade e que possam favorecer a inclusão dos educandos surdos na sociedade. No caso da disciplina de matemática, por exemplo, trabalha-se muito a lógica e o raciocínio, tornando-a abstrata; então, como ensinar de uma forma que ela seja funcional para o surdo? Felizmente, hoje, além de crescer o interesse em criar atividades para esse público, temos as tecnologias a nosso favor a fim de estimular o aprendizado dos surdos.



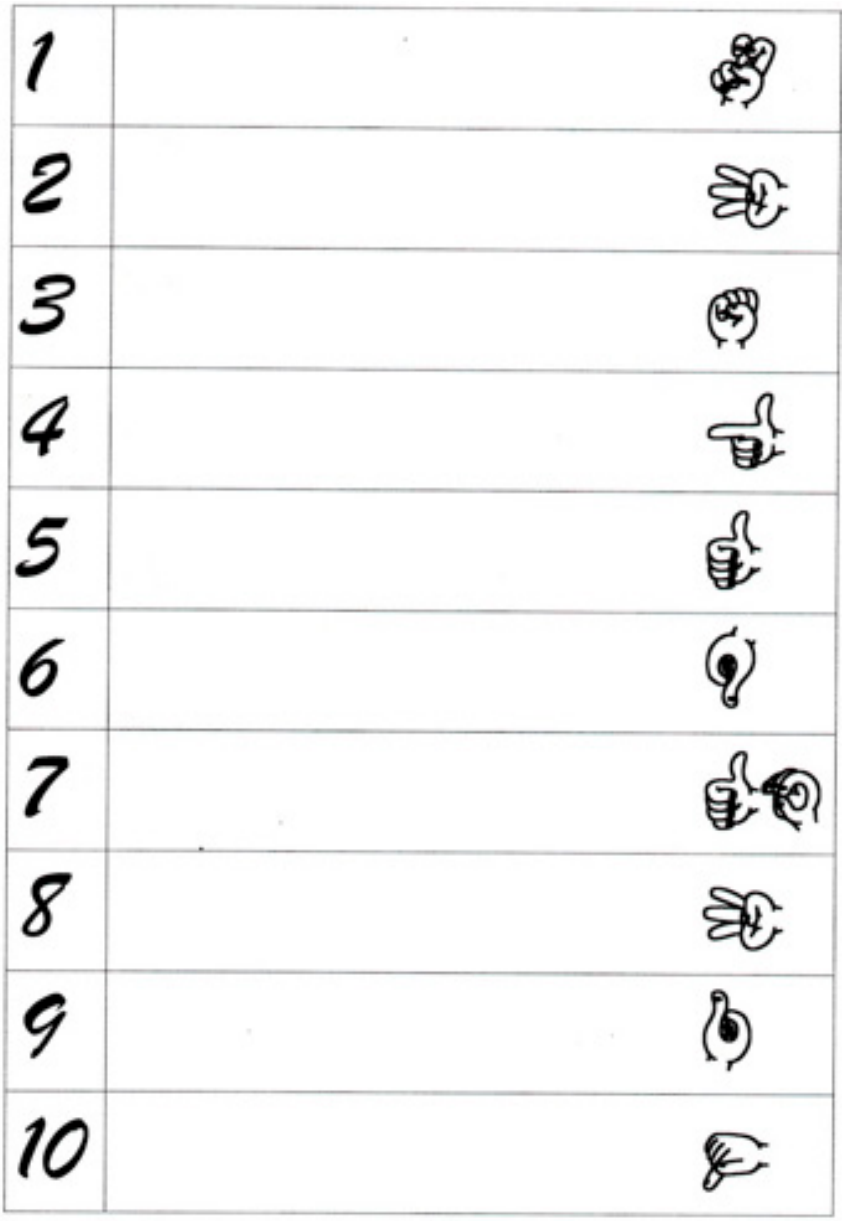
Prezado acadêmico! Sempre que trabalhar a matemática e números, utilize material dourado e materiais concretos, como: ábaco, tampinhas de refrigerante, feijão etc. Assim, facilitará o aprendizado do aluno, passando do concreto para o abstrato.

FIGURA 111 - APRENDENDO OS NÚMEROS EM LIBRAS E PORTUGUÊS



FONTE: Disponível em: <http://libraseducandosurdos.blogspot.com.br/2010/05/atividades-de-matematica.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FIGURA 112 - RELACIONE O NÚMERO À QUANTIDADE



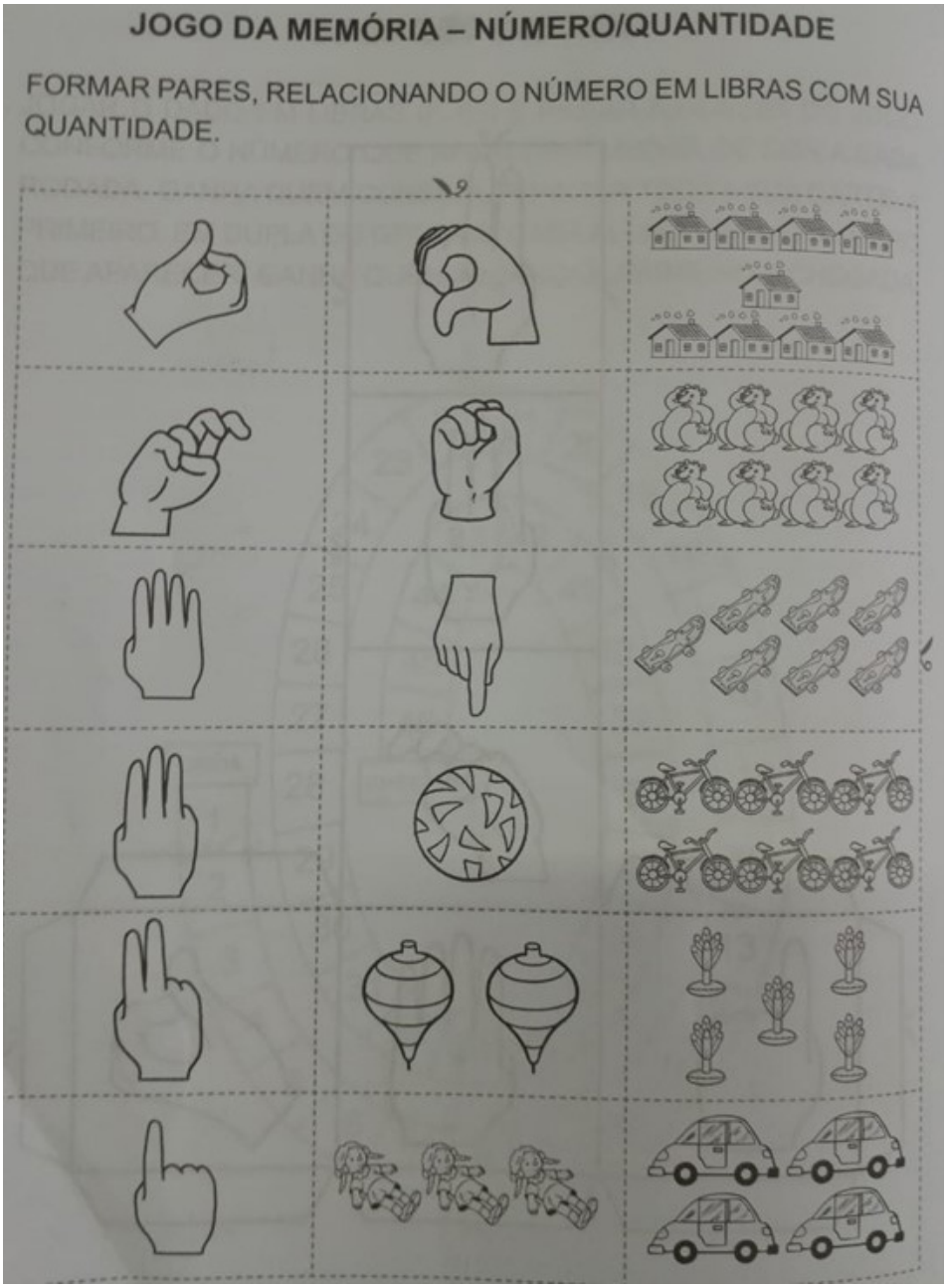
FONTE: Disponível em: <http://ildetefips2.blogspot.com.br/2015/11/atividades-de-matematica-com-libras.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FIGURA 113 - EXEMPLO DE PROBLEMA MATEMÁTICO EM LIBRAS



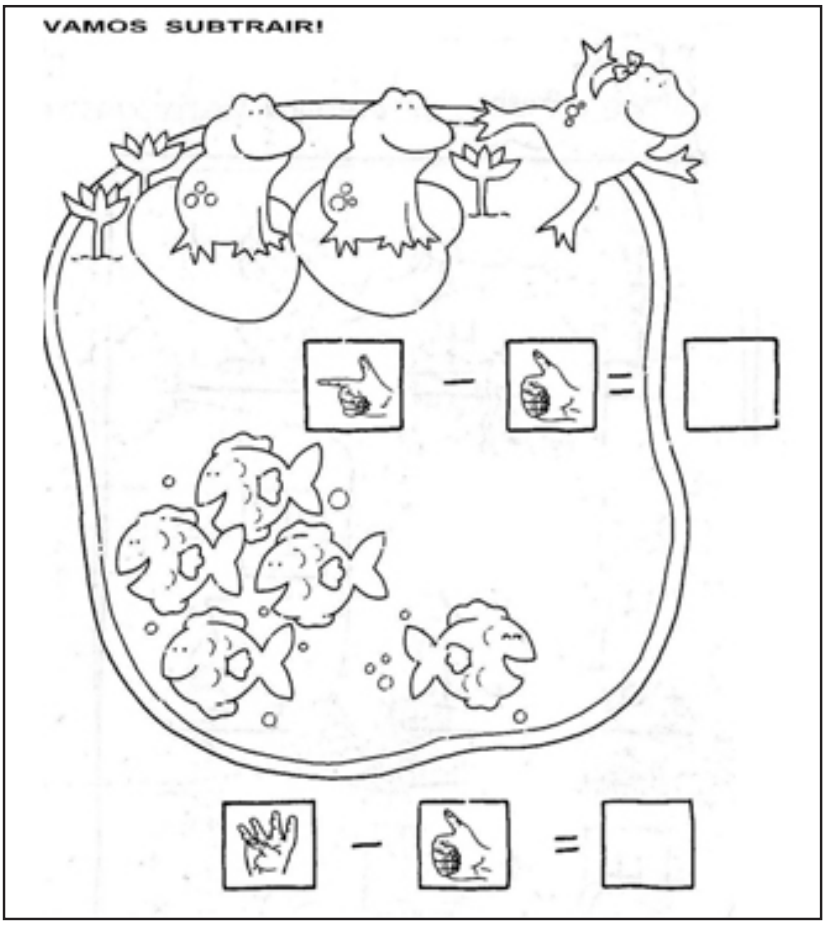
FONTE: Disponível em: <http://valdireneblucato.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FIGURA 114 - JOGO DA MEMÓRIA – NÚMERO/QUANTIDADE



FONTE: Honora e Frizanco, 2008, ed. 2. p. 66

FIGURA 115 - ATIVIDADE DE SUBTRAÇÃO EM LIBRAS



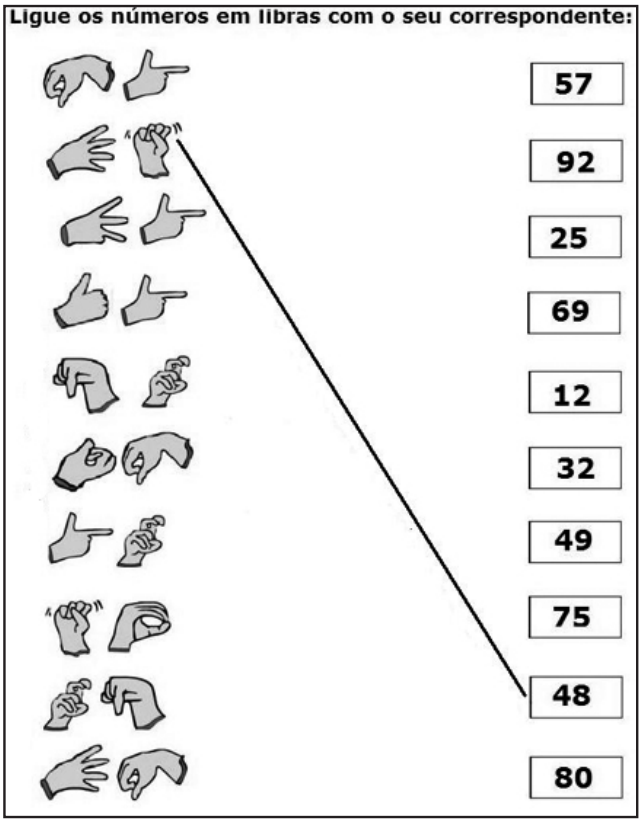
FONTE: Disponível em: <http://valdireneblucato.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.



Prezado acadêmico: que tal uma leitura sobre a matemática e os surdos? **Sinopse:** Os autores deixam claro que não basta interpretar e/ou traduzir em Libras conteúdos em matemática, mas usar estratégias metodológicas pensadas para o ensino de Matemática para os surdos. Organizadora: Clélia Maria Ignatius Nogueira – Editora: CRV – Ano de Lançamento: 2013.



FIGURA 116 - ADIÇÃO EM LIBRAS

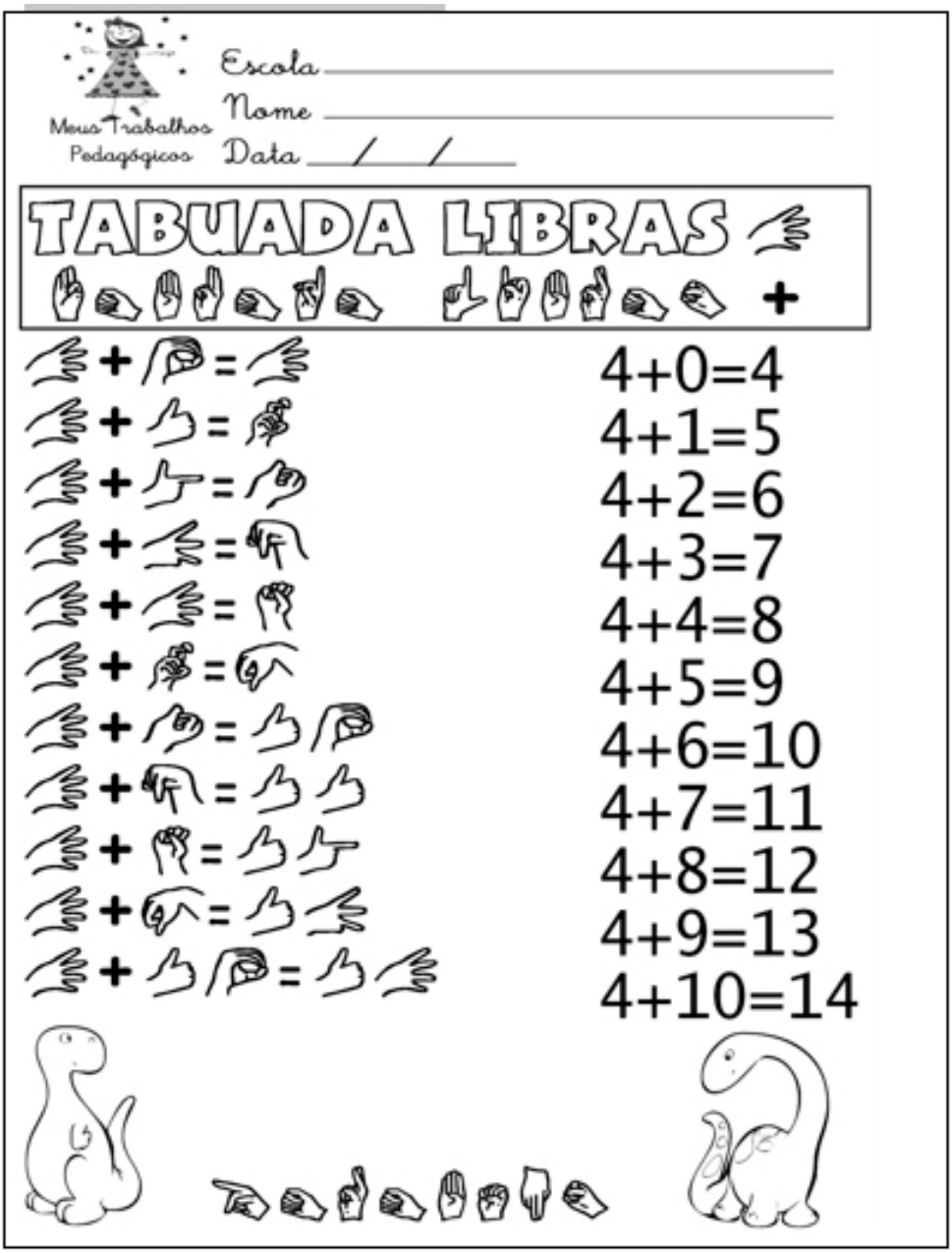


FONTE; Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_DU7tWlbyxPc/TM7H8Qv8AiI/AAAAAAAAAD0/JbIpQIwUUP4/s1600/ligar_libras_vc.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2016.



A professora surda, Zanúbia Dada, esclarece a matemática em libras no vídeo a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=jIAqxylo23U>. Acesse para ficar por dentro da matemática em Libras!

FIGURA 117 - TABUADA EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_MgfNA1fMTKY/TUIoFtNOKeI/AAAAAAAACE8/VugnZ-IFOhY/s1600/Libras+tabuada+somar+7.jpg>. Acesso: em: 22 fev. 2016.

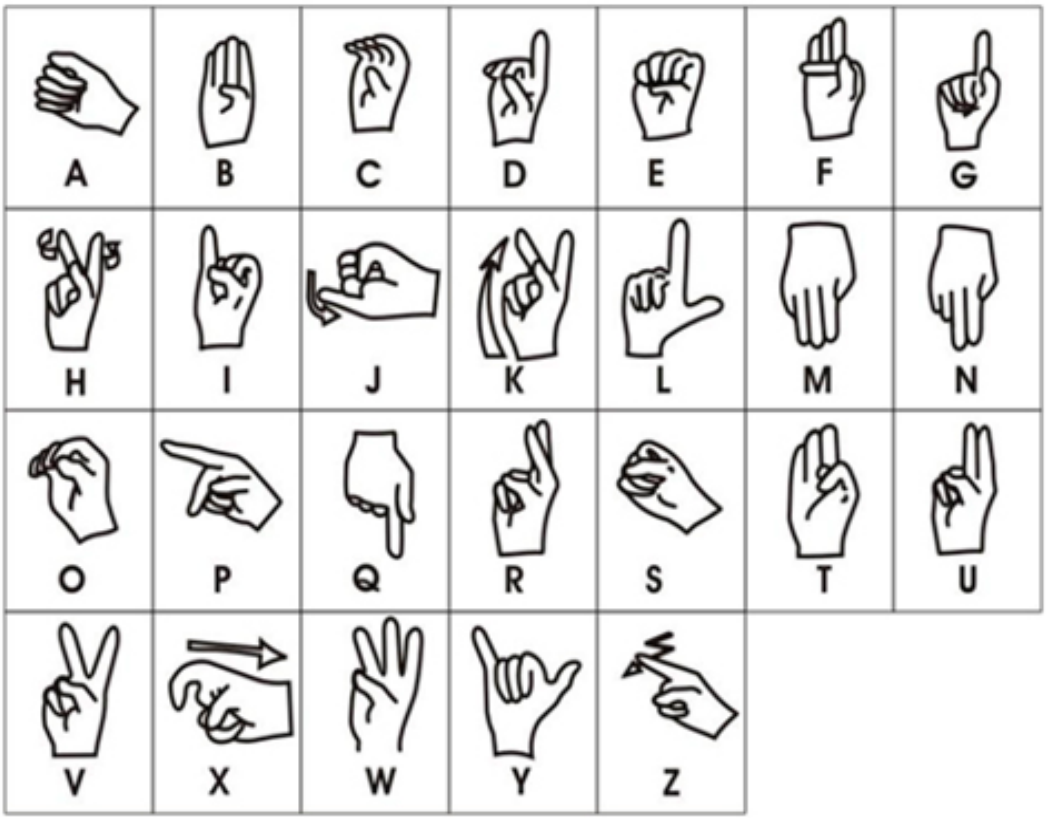


Prezado acadêmico vá em frente e confeccione outras tabuadas.

3 SUGESTÕES DE ATIVIDADES EM LÍNGUA PORTUGUESA

Estudamos que a língua portuguesa se faz necessária como língua escrita para o surdo. É significativo o ensino dela a essa comunidade. Já vimos que a alfabetização acontece da mesma forma para ouvintes e surdos, mas quando se usa o bilinguismo, ou seja, as duas línguas concomitantes, o resultado é expressivo. Veja algumas atividades que irão lhe auxiliar no aprendizado da língua portuguesa para surdos.

FIGURA 118 - ALFABETO MANUAL MÓVEL EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <https://rcolacique.wordpress.com/category/libras/>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Existem muitas atividades que podem ser feitas com o alfabeto em Libras. Por exemplo: recorte o alfabeto, cole em tampinhas de refrigerantes, EVA, faça jogos da memória com letras e palavras em Libras/português, construa caça-palavras, (palavras/imagem) produza palavras e cole nos respectivos objetos na escola, em casa ou empresa. Elabore momentos pedagógicos, brinque com o educando surdo.



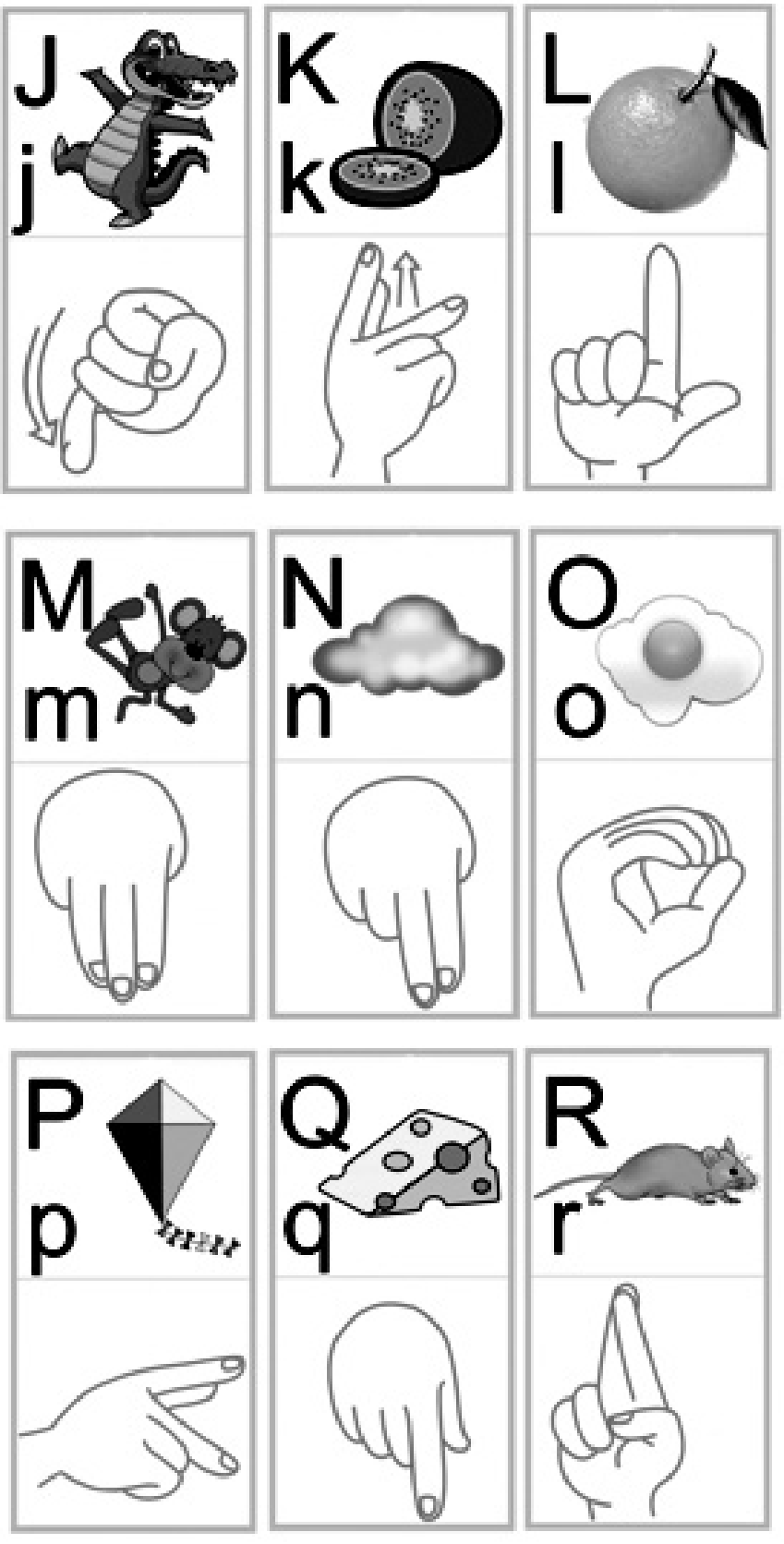
O Ministério da Educação disponibiliza em seu portal alguns livros sobre o ensino da língua portuguesa para surdos. Um deles é: **Ideias para ensinar português para alunos surdos**, das autoras Ronice Muller de Quadros e Magali Schmiedt, lançado em 2006. Você poderá fazer o *download* pelo *site*: <https://ventosdalusofonia.wordpress.com/2014/06/03/o-desafio-de-ensinar-portugues-a-criancas-surdas/>. Acesso em: 22 fev. 2016.



Acompanhe mais atividades realizadas usando o alfabeto manual em Libras.

FIGURA 119 - ALFABETO ILUSTRADO

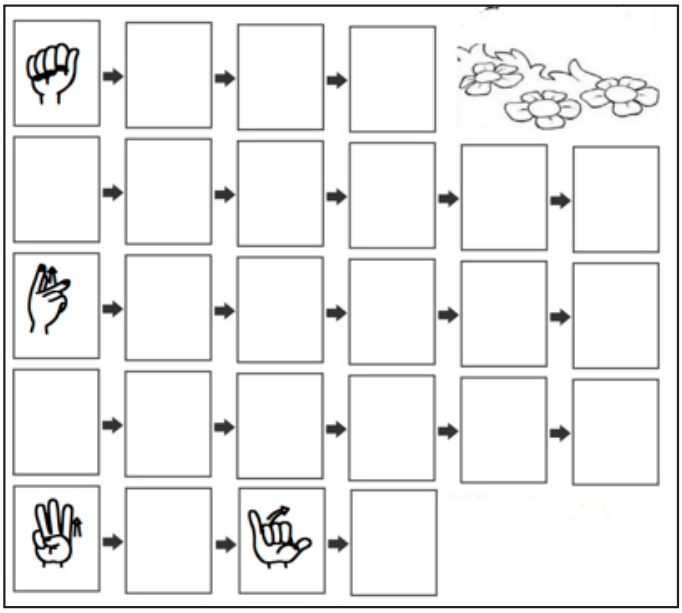



J
j
K
k
L
l
M
m
N
n
O
o
P
p
Q
q
R
r

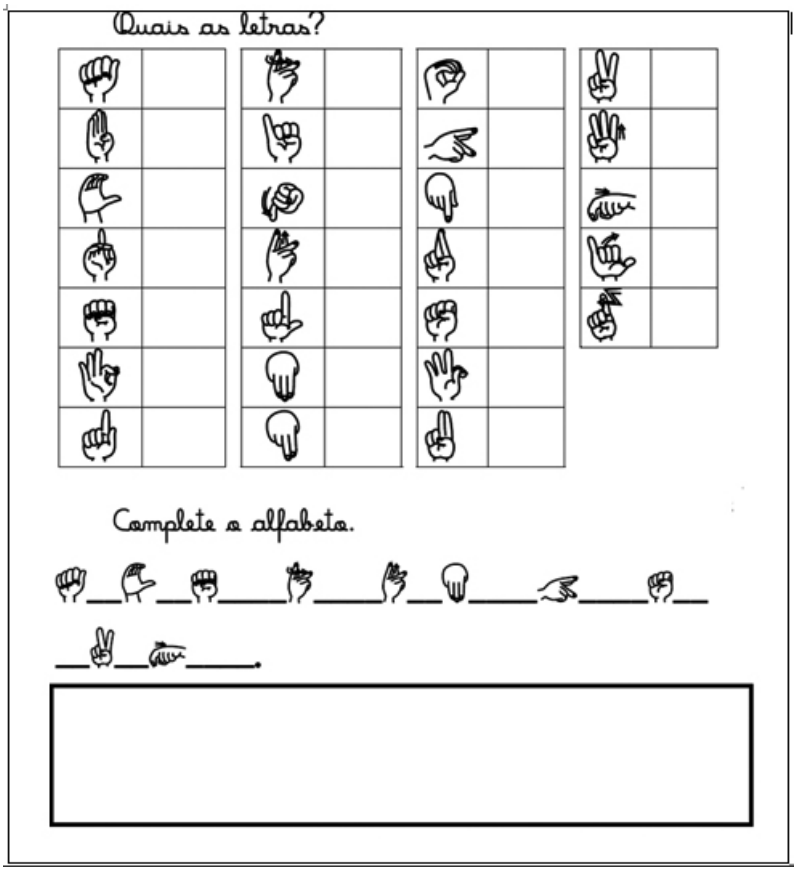


FONTE: Disponível em: <http://www.ideiacriativa.org/2014/03/flash-cards-letras-do-alfabeto-libras.html>. Acesso em: 22 fev. 2016

Complete o alfabeto:



FONTE: Disponível em: <http://libraseducandosurdos.blogspot.com.br/2010/05/atividades-de-portugues.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.



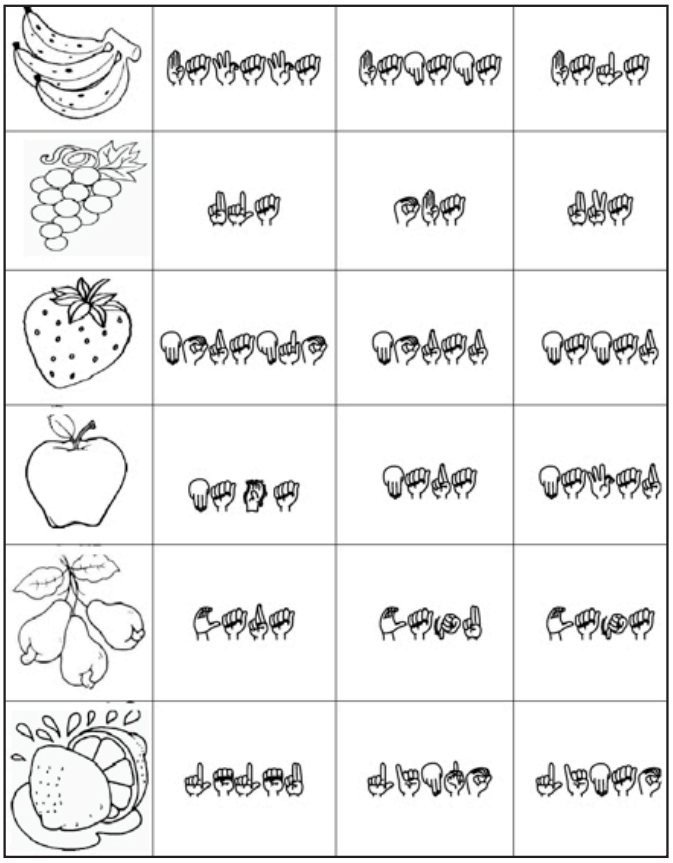
FONTE: Disponível em: <http://libraseducandosurdos.blogspot.com.br/2010/05/atividades-de-portugues.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Circule a palavra correspondente à figura:

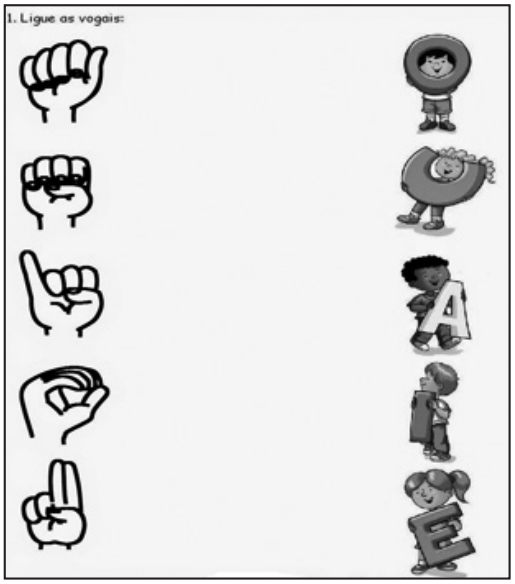
FONTE: Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-K55WOUXyKfQ/Uz6e-5LeWMI/AAAAAAAABig/DzsJpcytVrQ/s1600/AD9.png>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Encontre a palavra e pinte a figura:



FONTE: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_bh1PwWj897E/S94khYLOKXI/AAAAAAAAAe4/rz4mkl1iyLU/s1600/atividades+libras+02.jpg>. Acesso Em: 22 fev. 2016.

Trabalhando as vogais em libras:



FONTE: Disponível em: <https://plus.google.com/107385253631245565344/posts/JFmKmsFfhAi>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Trabalhando vogais e consoantes em libras:



FONTE: Disponível em: <https://educacaoespecialinclusiva.wordpress.com/atividades-especiais/>. Acesso em: 22 fev. 2016.



Prezado acadêmico! Você poderá pesquisar mais atividades que irão contribuir para seu acervo pessoal no livro: **Português: eu quero ler e escrever** (2010), da autora Neiva de Aquino Albres, pesquisadora e professora na área de Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que são o resultado de um trabalho de investigação acerca da complexa situação linguística e educacional do aluno surdo.

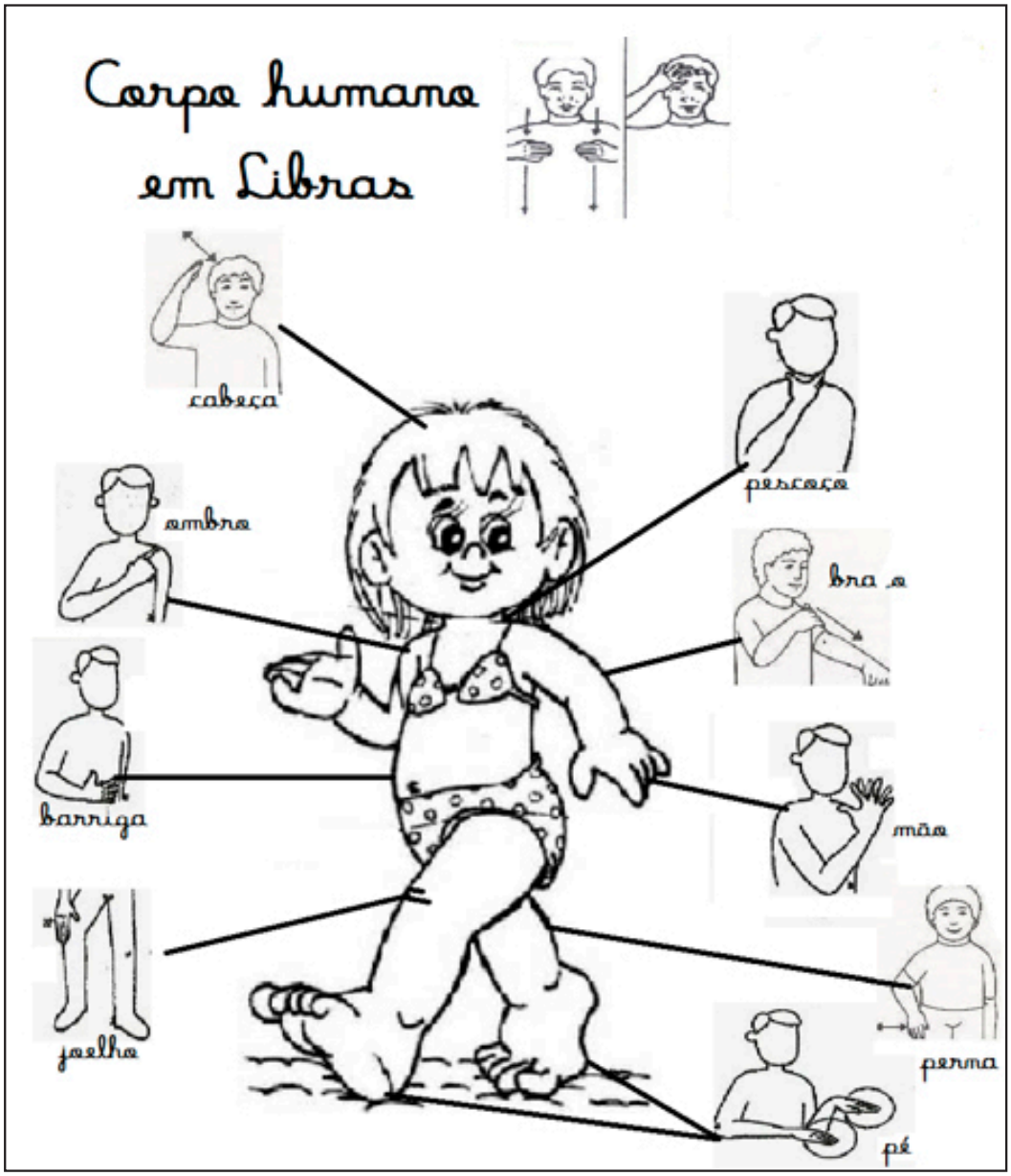


4 SUGESTÕES DE ATIVIDADES DE CIÊNCIAS E GEOGRAFIA

Embora em geral se dê muita ênfase ao ensino das disciplinas de Matemática e Português, não devemos descuidar de outras disciplinas que se encontram na grade curricular das instituições escolares, até porque elas servirão como base para os educandos surdos decidirem que carreira devem seguir.

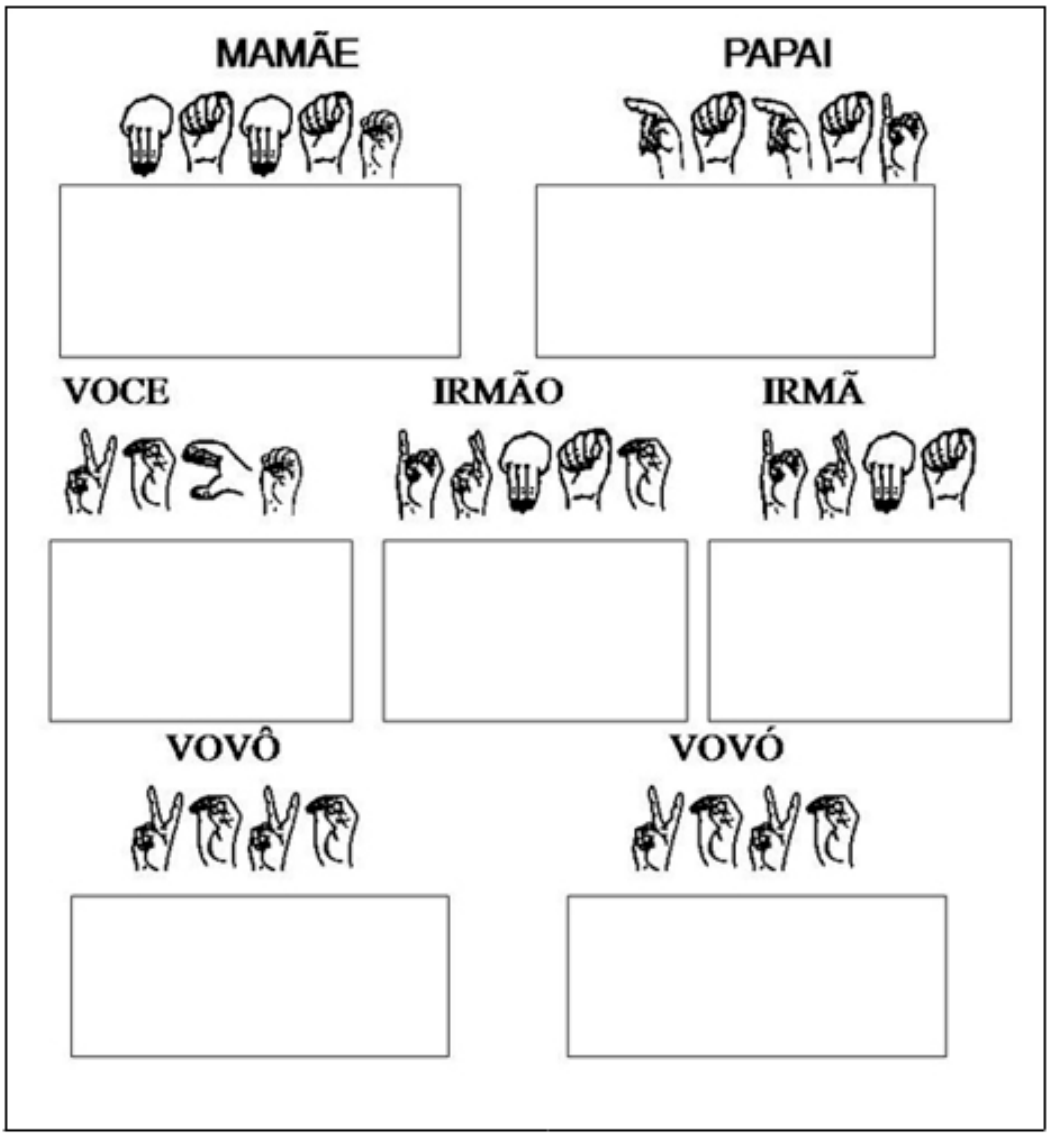
Prezado acadêmico, até aqui você notou que atividades em Libras estimulam sempre a criança com surdez, ela terá mais curiosidade em aprender, perguntar e desenvolver sua aprendizagem, ao receber as atividades e perceber que ela foi produzida na sua língua, irá fazer com mais entusiasmo, satisfação, facilitará o término dessas atividades. Assim, gestores, coordenadores e professores vamos pensar, criar e produzir atividades em libras?

FIGURA 120 - CORPO HUMANO EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <http://dianepereira.blogspot.com.br/2015/01/corpo-humano-em-libras-corpo-humano-em.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

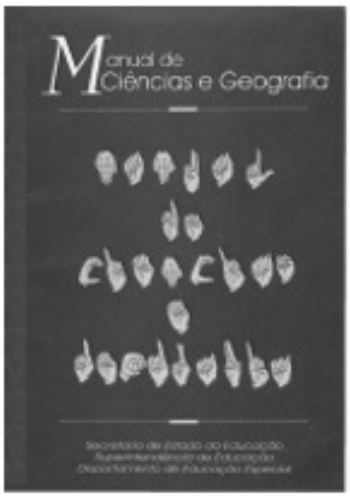
FIGURA 121 - CONHECENDO OS MEMBROS DA FAMÍLIA



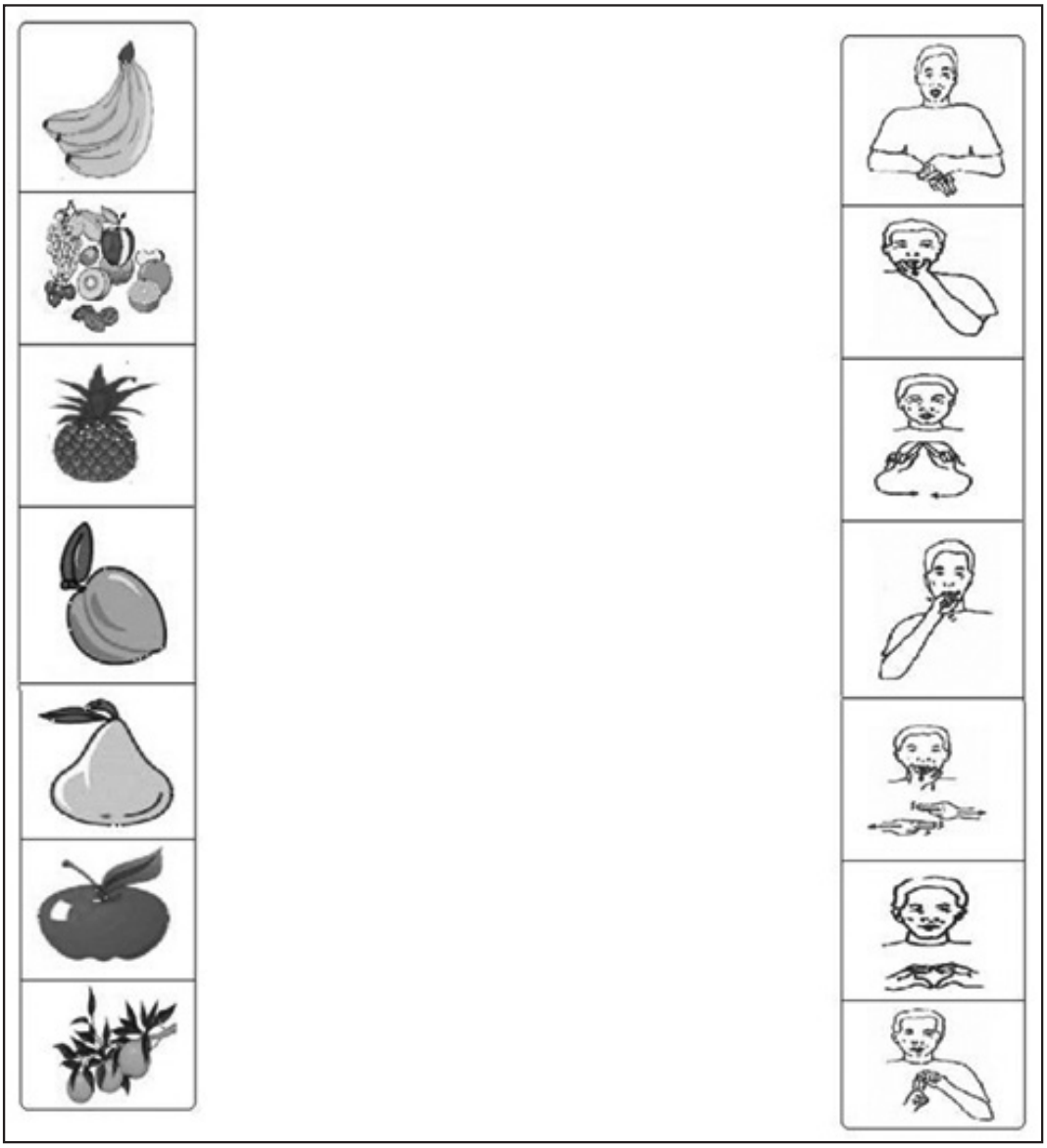
FONTE: Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/_LUVLiYLRon8/TEt93-hGvTI/AAAAAAAAAC-Y/N_f3fDxg7Mg/s1600/FAMILIA.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2016.



Este manual apresenta e descreve atividades desenvolvidas por professores e alunos surdos matriculados no ensino supletivo. É um material valioso, que lhe dará subsídios para desenvolver atividades relacionadas às disciplinas de Ciências e Geografia. Você o encontrará em: <http://pt.slideshare.net/valpimentinha/manual-de-ciencias-e-geografia-em-libras>.

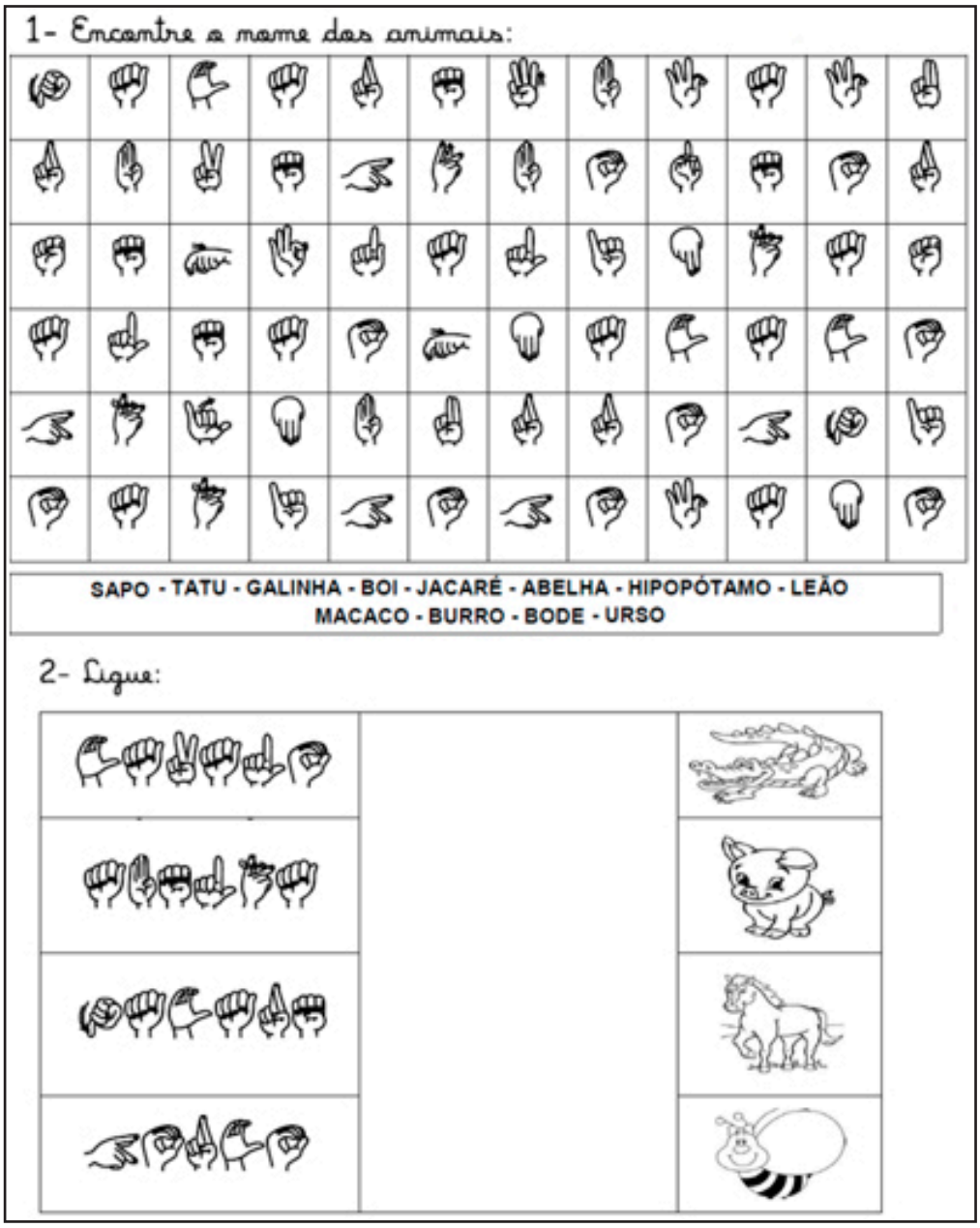


Ligue as frutas ao respectivos sinais:



FONTE: Disponível em: <http://libraseducandosurdos.blogspot.com.br/2010/07/ligue-as-frutas-aos-sinais.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

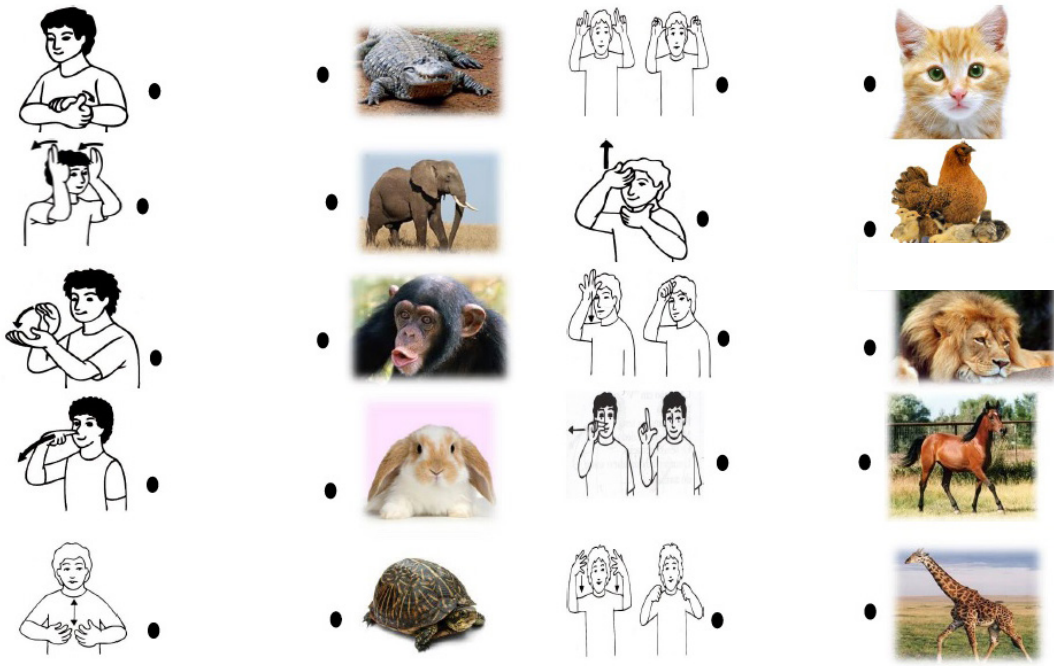
Atividade ciência



FONTE: Disponível em: <libraseducandosurdos.blogspot.com.br/2011/01/atividades-adaptadas.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Atividade animais em libras

ASSOCIE OS SINAIS DOS ANIMAIS ÀS FIGURAS:



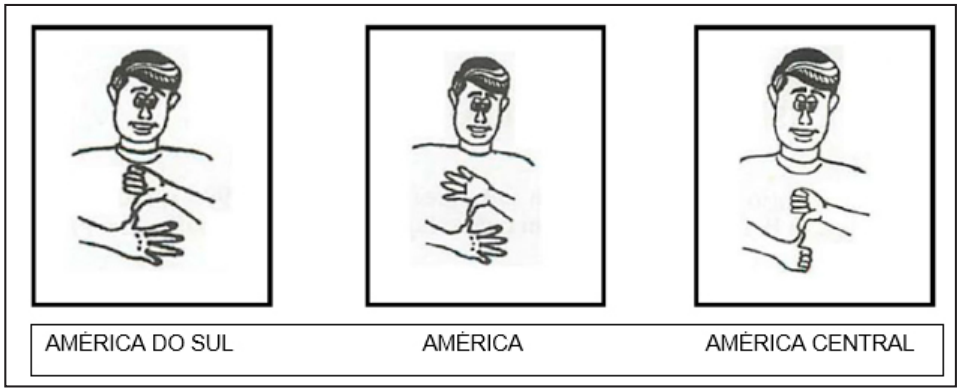
FONTE: Honora e Frizanco, 2009, p. 189,190, 191, 192, 193, 194 e 199

Animais domésticos em libras



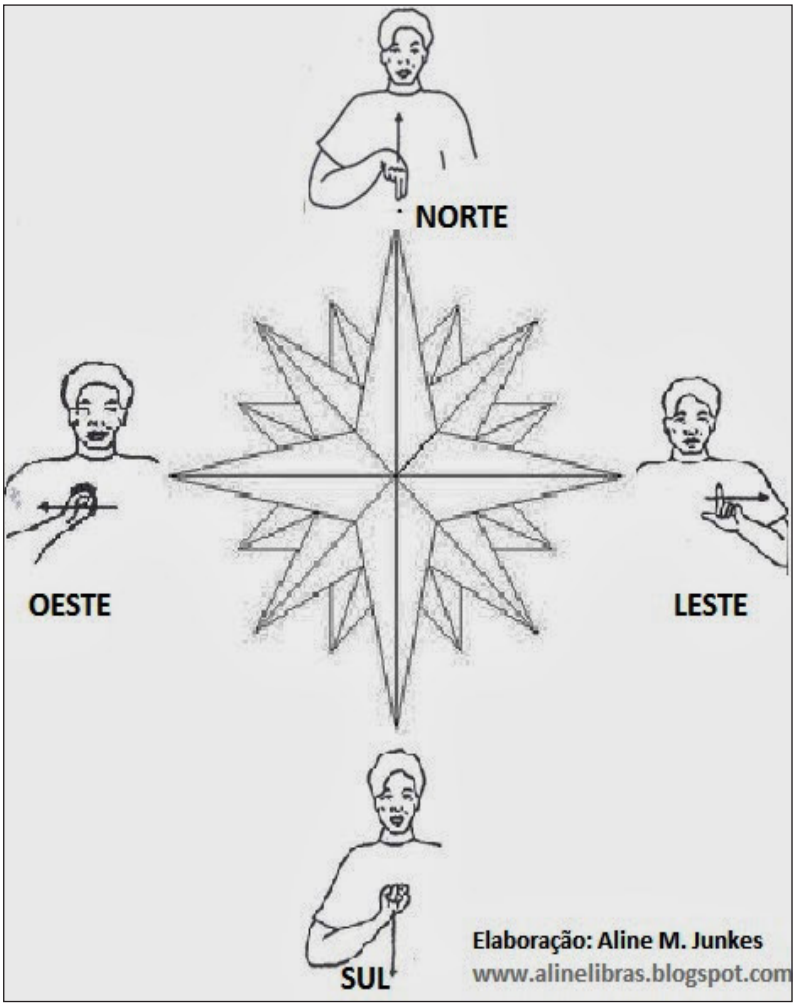
FONTE: Almeida e Duarte (2004, p. 67)

FIGURA 122 - SINAIS EM LIBRAS GEOGRAFIA



FONTE: Disponível em: <http://oficinadelibras.blogspot.com.br/2015/01/atividades-de-geografia-adaptada-em.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FIGURA 123 - ROSA DOS VENTOS



FONTE: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-YoTJdfcGXwM/VT96Qw-Km3I/AAAAAAAAFcw/93cihR8Cqqw/s1600/Rosa%2Bdos%2BVentos%2Bem%2BLibras.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Continue os estudos e veja mais atividades em Libras!

FIGURA 124 - ESTAÇÕES DO ANO



FONTE: Honora e Frizanco, 2009, P. 64

FIGURA 125 - CADEIA ALIMENTAR EM LIBRAS



FONTE: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-DI4rkaaqGxc/U8--FI3oZwI/AAAAAAAABKc/_5uzII4bn0Y/s1600/cadeia+alimentar+1.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2016.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você viu que:

- O ensino e aprendizagem dos surdos envolve uma metodologia baseada em uma pedagogia visual, pois eles precisam fazer uma relação entre o concreto e escrita, sinal e imagem, para efetivar de fato seu conhecimento.

- Que preparar atividades matemáticas para os surdos tem sido um desafio por se tratar de uma disciplina abstrata. Assim, aconselha-se trabalhar com material dourado, tampinhas de garrafas, feijão etc.

- A alfabetização ocorre da mesma forma para ouvintes e surdos, mas, quando se faz atividades bilíngues, ou seja, na língua de sinais e português escrito, o resultado é expressivo.

- Embora se dê ênfase no aprendizado de matemática e português, não devemos descuidar de outras disciplinas ofertadas como: Geografia, Ciências, Química etc. Elas servirão de base para uma escolha profissional do sujeito surdo.

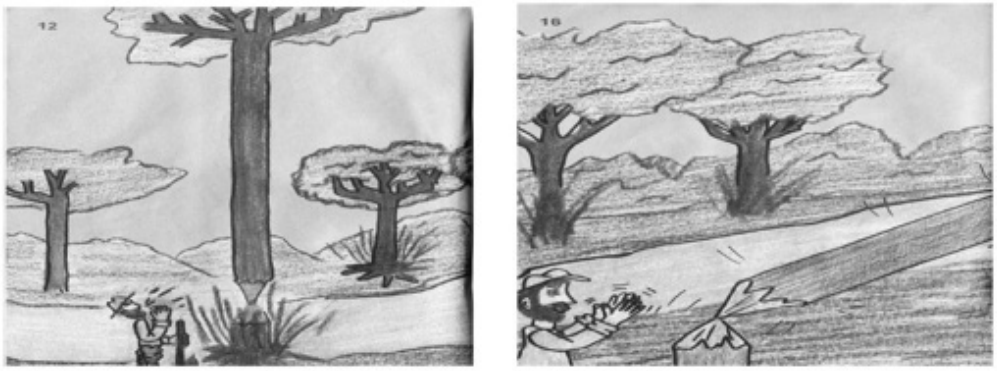
- Você viu sugestões de atividades interdisciplinares que poderão ser usadas desde alfabetização até a idade adulta do educando surdo.

AUTOATIVIDADE

1 Neste tópico vimos a importância de todas as disciplinas que permeiam o currículo escolar. Porém, duas delas se destacam em um sentido mais amplo para o ensino dos surdos/deficientes auditivos. Matemática: seu uso é de grande importância para o dia a dia; e a Língua Portuguesa como sendo a língua escrita. Disserte de que forma as atividades dessas disciplinas podem ser realizadas por meio de uma metodologia da pedagogia visual, para os surdos/deficientes auditivos.

2 Essas imagens fazem parte do kit Libras é Legal, intitulado a "A árvore surda". É a história de um homem que trabalhava cortando árvores em uma floresta, ele as cortava e gritava "madeira...", e as árvores caíam. Houve uma que não caiu, e ele consultou um médico em árvores que diagnosticou que a árvore era surda, sendo assim, foi preciso ajuda de um intérprete de libras para que o lenhador tivesse resultado em seu trabalho. Agora, reflita e descreva: como a língua materna e aplicação da pedagogia correta no ensino aprendizagem do surdo/deficiente auditivo, pode fazer a diferença na sua vida acadêmica?

ÁRVORE SURDA



FONTE: Disponivel em: <http://pt.slideshare.net/terestaub/livro-6100548>. Acesso em: 22 fev. 2016.

3 Contemplamos sugestões de atividades interdisciplinares que poderão ser usadas desde alfabetização até a idade adulta do educando surdo. Explique a importância dessas atividades.

Assista ao vídeo de resolução da questão 1

TÓPICO 3

JOGOS LÚDICOS EM LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

Os jogos têm por objetivo ampliar o vocabulário das crianças surdas, pois envolvem atividades de linguagem, lógica, raciocínio etc. Além de fixar conteúdos de uma forma lúdica, proporcionam o contato visual (imagem, sinal e palavra), atividades que talvez sejam difíceis de aprender no concreto. Os jogos também facilitam a interação entre surdos e ouvintes.

> Os jogos favorecem o domínio das habilidades de comunicação, nas suas várias formas, facilitando a autoexpressão. Encorajam o desenvolvimento intelectual por meio do exercício da atenção, e também pelo uso progressivo de processos mentais mais complexos, como comparação e discriminação; e pelo estimulo à imaginação. Todas as vontades e desejos das crianças são possíveis de serem realizados através do uso da imaginação, que a criança faz através do jogo (GIOCA, 2001, p. 22).

Piaget define jogo como "uma atividade lúdica do ser social". (PIAGET, 1990, p. 182 apud CEZAR, 2009, p. 33). Destacando outro aspecto relevante do jogo para a educação: o social. Sobre isso, Cezar (2009) alega, "como afirma Piaget (1985), o confronto de diferentes pontos de vista, essencial ao desenvolvimento do pensamento lógico, está sempre presente no jogo" (CEZAR, 2009, p. 38). Entretanto, quem enfatizou a importância do aspecto social do jogo foi Vygotsky. Afirmou que o jogo é a atividade que cria na criança pequena a zona de desenvolvimento proximal.

Agora você irá conhecer sugestões de jogos que poderá confeccionar, para assim contribuir em um contexto educacional e também em outras áreas. Confira!

FIGURA 126 - INSTRUÇÕES PARA SALA DE AULA



FONTE: Honora e Frizanco, (2009) e adaptada pela autora (2016).

P. 262 (fechar), p. 302 (silêncio), p. 255 (desenhar), p. 265 (ler), p.270 (olhar), p. 241 (abrir). P. 105 (cores). Sinal de: cantar foi adaptado pela autora.

2 JOGO DE TABULEIRO

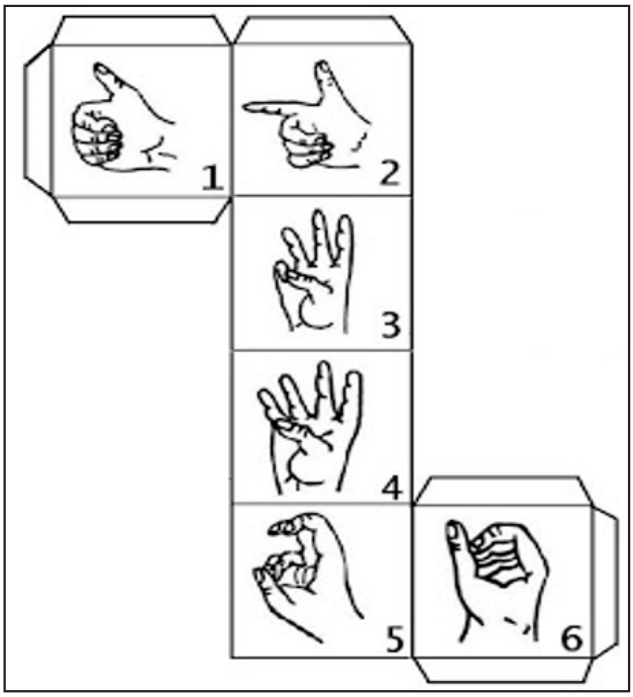
Este jogo faz parte do *kit* Projeto Libras é Legal, por meio de um convênio entre a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) e a Petrobras. Para confeccionar esse jogo, poderá usar cópia de uma das configurações de mãos indicadas na Unidade 2. Faça uma roleta com uma flecha, crie categorias com imagens ou sinais, por exemplo: brinquedos, alimentos, família, frutas, casa etc. Escreva saída e chegada, e bom jogo!

Material: tabuleiro com as categorias, roleta de configuração de mãos, botões coloridos e um dado.

Objetivos: ampliação do vocabulário e fixação das configurações de mãos da Libras.

Jogo: cada jogador coloca sua peça na casa "Saída" e sorteia quem começa. Cada jogador, em sua vez, lança o dado e vai pulando as casas na sequência correta do número sorteado. Ao parar em uma casa, gira a roleta e faz um sinal da Libras com a configuração de mão (CM) sorteada, referente ao tema da casa em que parou (zoológico, alimentos, casa, família etc.). Se acertar, poderá continuar jogando na próxima rodada quando chegar a sua vez. Se errar, fica preso em sua casa uma rodada. Na próxima vez, gira a roleta novamente.

FIGURA 127 - DADOS EM LIBRAS



FONTE: Disponível: <http://anacarolinafrank.blogspot.com.br/2012/01/numeros-em-libras.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Como sugestão faça cópias do dado, antes de usar recubra-o de forma que possa protegê-lo, faça enchimento no mesmo e use sua criatividade.

2.1 TESTE DA CAIXINHA

Recorte cada palavra e coloque-as numa caixinha. Faça o sorteio de uma palavra por vez e em seguida faça o sinal correspondente. Tente agora fazer uma frase utilizando este sinal. Repita este procedimento e vá anotando o resultado: quantos sinais consegui reproduzir? Quantas frases consegui formar?

Entendeu como fazer? Você pode utilizar vários sinais que estão no final da Unidade 3. Use a criatividade!

2.2 TELEFONE SEM FIO

Alinhe os alunos em fila um de costas para o outro, o primeiro da fila bate nas costas do colega da frente, que se vira e, em datilologia, diz uma palavra escolhida. Assim, o próximo faz a datilologia para o próximo e assim por diante, até chegar ao último. Quando a corrente chegar ao último, esse deve fazer a datilologia da palavra que chegou até ele para todos. Geralmente, o resultado é desastroso e engraçado, a palavra se deforma ao passar de pessoa para pessoa e geralmente chega totalmente diferente no destino. É possível competirem dois grupos para ver qual grupo chega com a palavra correta.

Obs.: Também, poderá usar o mesmo jogo do telefone sem fio, fazendo um desenho nas costas um do outro, o último deverá acertar qual o desenho, fazendo-o no quadro. Por isso, tanto ouvintes como surdos podem participar juntos.

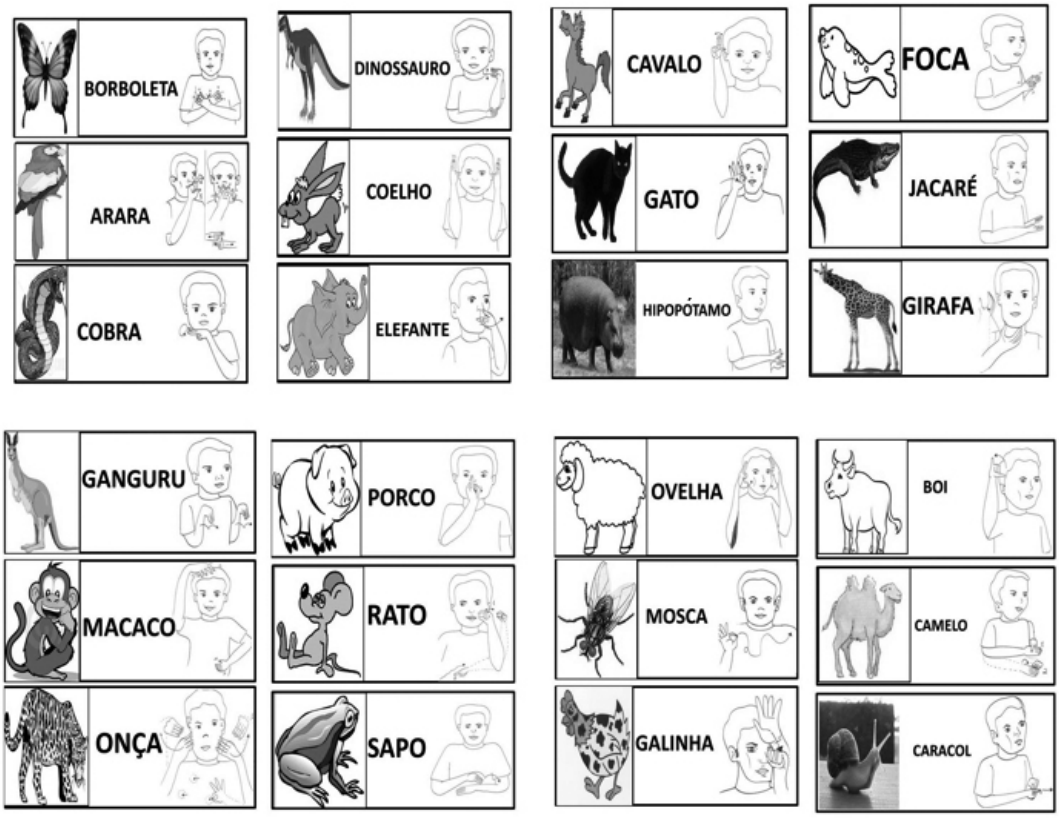
2.3 JOGO DE DOMINÓ

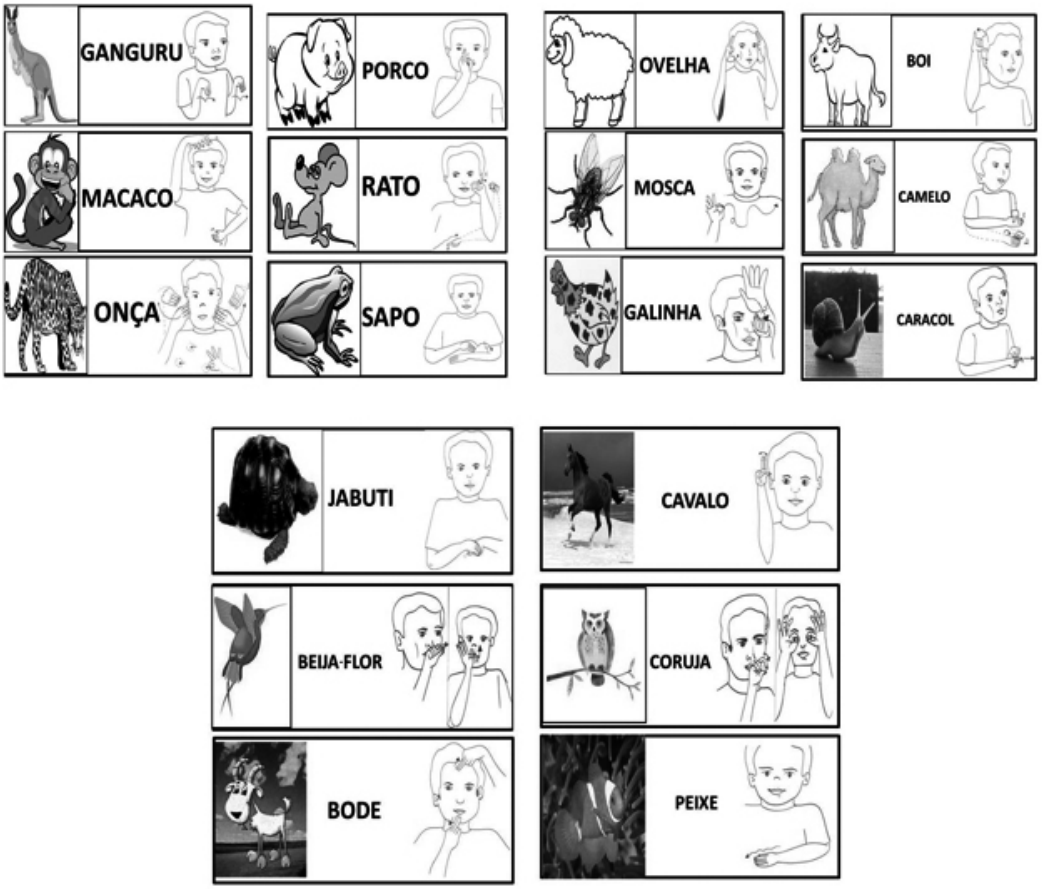
Faça em papel, de um lado a imagem do sinal em Libras e do outro a palavra em português, do assunto que estiver ensinando imprima-os e cole em cartolina dura, pedaços de madeira, EVA etc. Cole as imagens e palavras para que fiquem mais firmes para jogar. Reúna um grupo de alunos e jogue como o dominó normal, porém o objetivo é juntar sinal em Libras e palavra em português correto. O jogo acaba quando alguém tiver colocado todas as suas peças. Veja a seguir exemplo de um dominó de animais.



Faça cópias do dominó para jogar em sala de aula com seus colegas, durante seus encontros acadêmicos. Na sua trilha de aprendizagem você encontrará estas atividades.

FIGURA 128 - DOMINÓ DE ANIMAIS EM LIBRAS



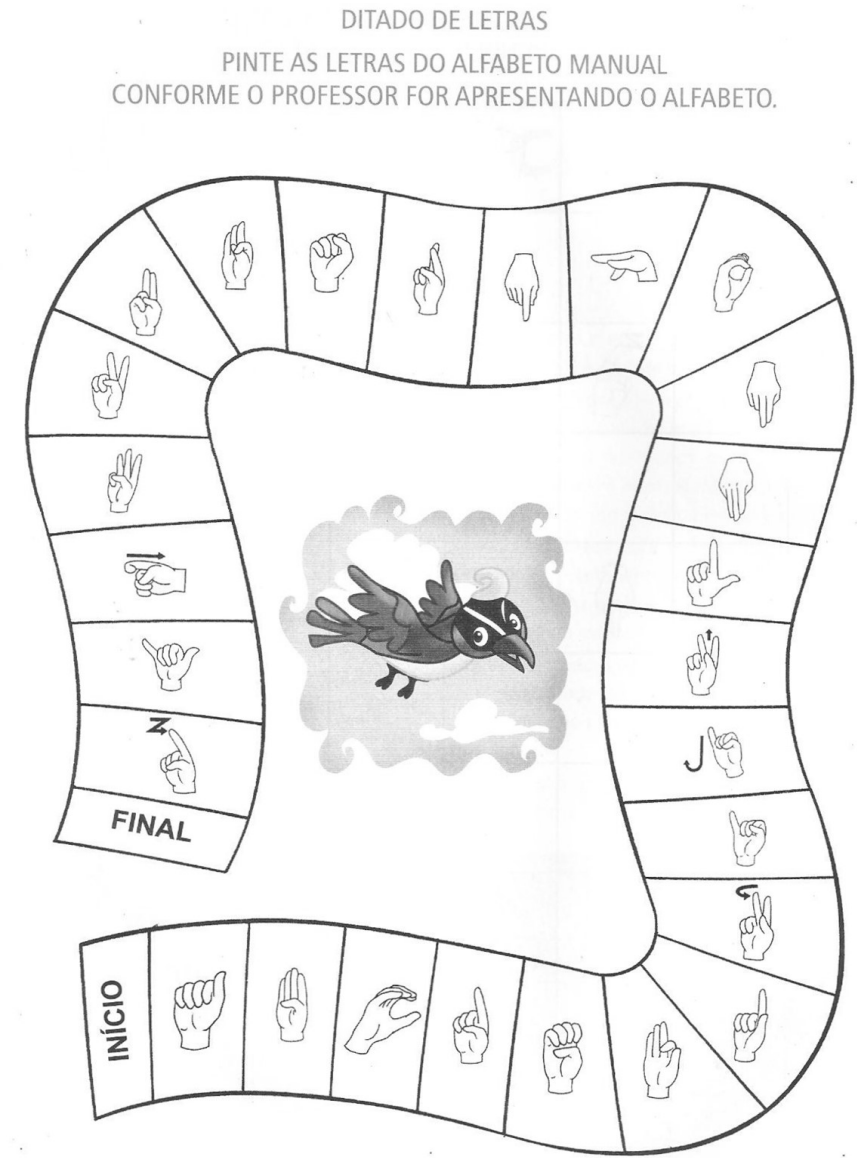


FONTE: Disponível em: <http://educandocomarte10.blogspot.com.br/2011/11/jogo-da-memoria-libras.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

2.4 JOGO DE LETRAS

Esse jogo pode ser jogado com duas ou mais pessoas. Além disso, precisa de uma tabela do alfabeto da Língua Portuguesa. Se mais pessoas jogarem, faça cópia de várias tabelas. Com o alfabeto da língua portuguesa em mãos, mostre a letra e peça que outra pessoa mostre a respectiva letra em libras; ganhará quem tiver o maior número de acertos.

FIGURA 129 - DITADO DE LETRAS



FONTE: Honora e Frizanco, 2008, ed. 2. p. 11

2.5 COLEÇÃO DE AUTÓGRAFOS

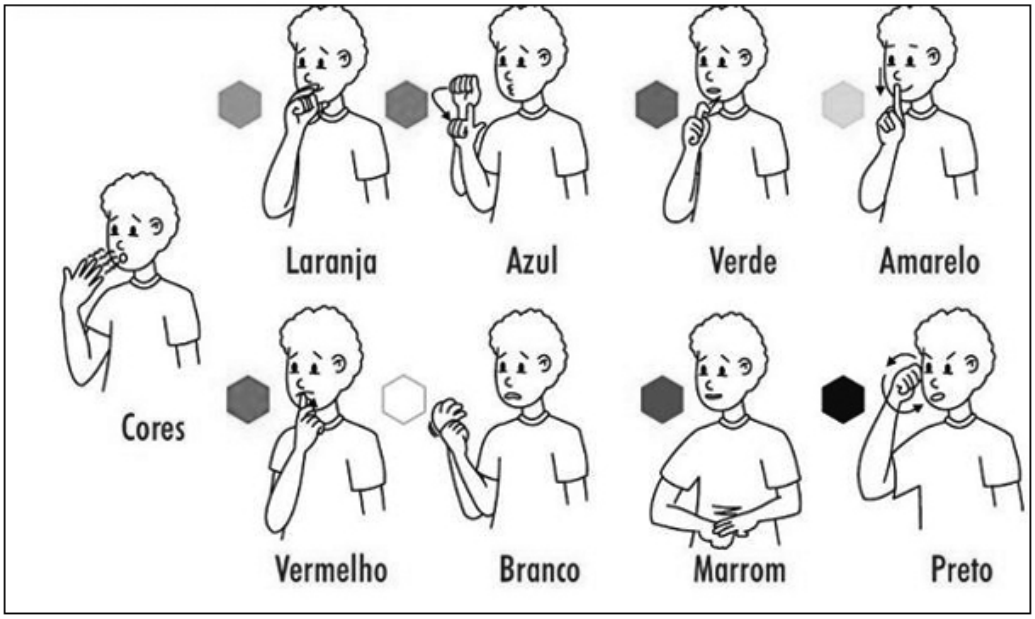
A partir da lista de descrições, solicite aos alunos que solicitem as informações aos colegas utilizando a datilologia e peça a eles que assinem o seu nome na coluna ao lado.

3 BINGO DE CORES

É um jogo que estimula a memorização, atenção e aprendizado dos sinais. Confeccione uma cartela de bingo contendo seis espaços, cada uma com o sinal de uma cor, e cartões de diversas cores**.** Coloque os cartões de cores dentro de um envelope, vá tirando aleatoriamente, a pessoa tem que fazer o sinal da cor em Libras. O jogo termina quando um ou mais participantes completarem as cartelas. Poderá escolher uma das tabelas a seguir para confeccionar o jogo.

Vamos jogar?

FIGURA 130 - AS CORES



FONTE: Disponível em: <http://www.wikitemas.biz/atividades-para-deficientes-auditivos-libras-e-sinais/>. Acesso em: 22 fev. 2016.

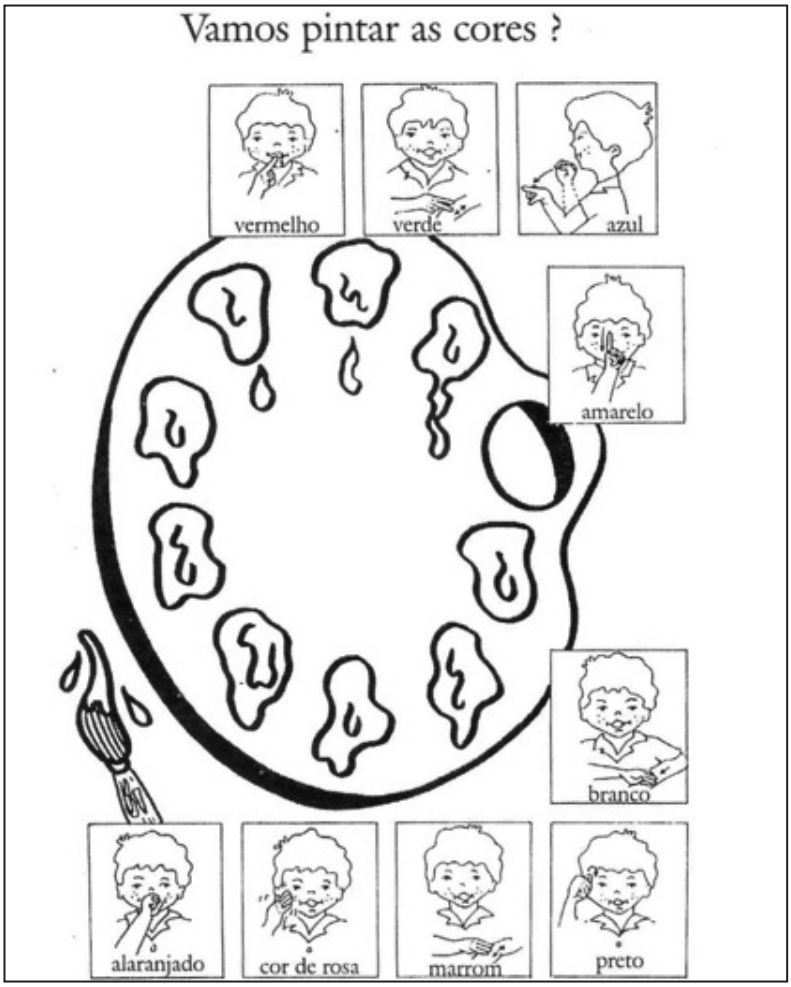
FIGURA 131 - CORES EM LIBRAS



FONTE: Revista Inclusão (2010)

Vá em frente! Continue aprendendo as cores.

FIGURA 132 - CORES



FONTE: Strobel e Stock (1999)

4 JOGOS DE MEMÓRIA

O jogo de memória, sem dúvidas, é um dos mais jogados por desenvolver estratégias de memorização e atenção, contribuindo para acontecer o aprendizado. Pode-se fazer vários tipos de jogos de memória com vários temas em libras. Escolha um tema e faça as palavras em português e os sinais em Libras deste tema. Imprima os sinais com objetos escolhidos, depois de prontos, cole-os em pedaços de cartolina ou papel resistente.

Em Libras, é uma atividade lúdica muito usada. O objetivo ao final é juntar os pares, ganha quem juntar o maior número de pares. Aqui, mostramos algumas sugestões de jogos de memória.

FIGURA 133 - JOGO MEMÓRIA: LETRAS EM LIBRAS



FONTE: Almeida e Duarte (2010)

FIGURA 134 - JOGO DA MEMÓRIA ALIMENTAÇÃO



FONTE: Strobel e Stock (1999)

FIGURA 135 - JOGO DA MEMÓRIA ESCOLAR

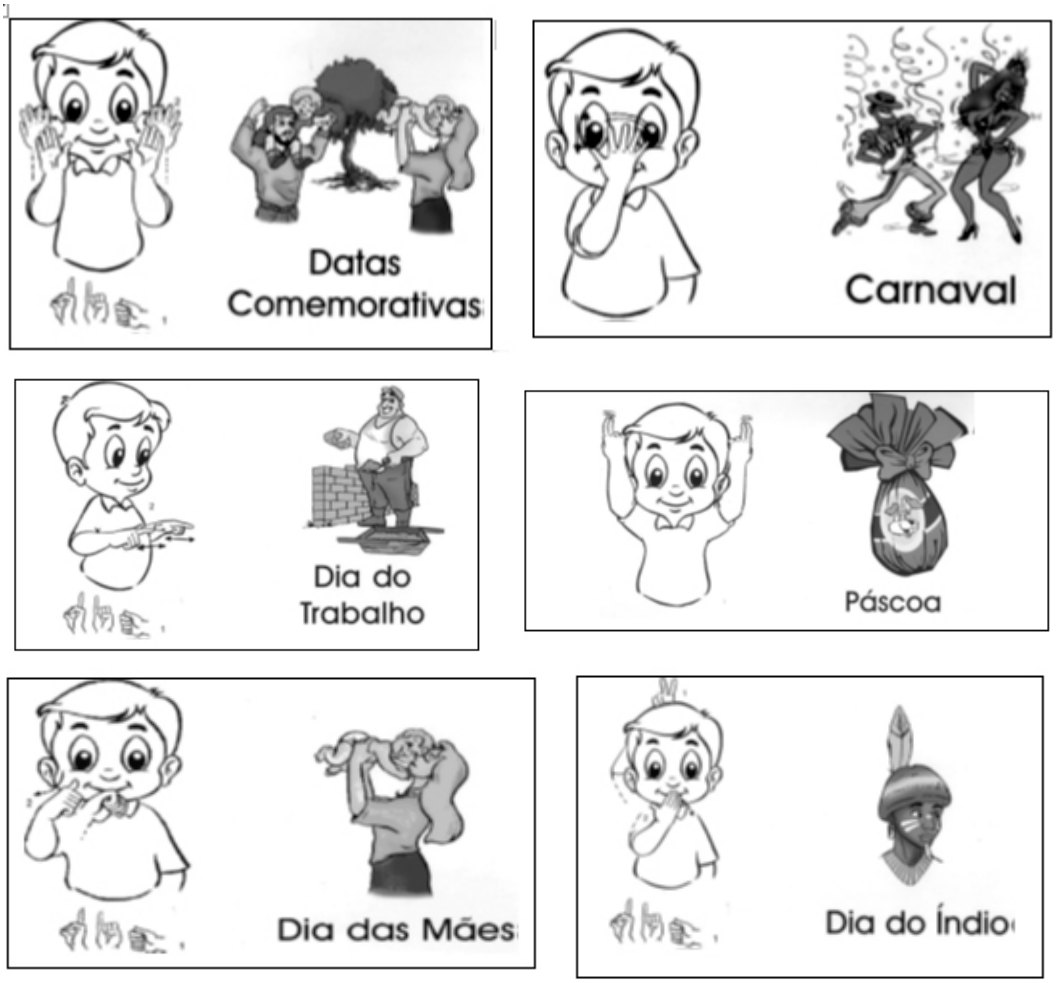


FONTE: Strobel e Stock (1999)

5 DATAS COMEMORATIVAS

Como qualquer sujeito possuidor de uma cultura, inseridos em uma sociedade, a comunidade surda é bem participativa no que diz respeito às datas comemorativas, quer na convivência entre eles próprios ou junto com ouvintes. Destacamos para você algumas em Libras, assim, poderá efetuar uma comunicação durante esses momentos. Observe:

FIGURA 136 - DATAS COMEMORATIVAS




Festa Junina


Dia do
Soldado

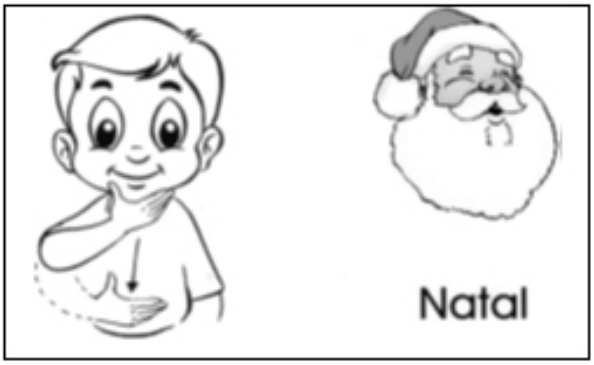

Independência
do Brasil

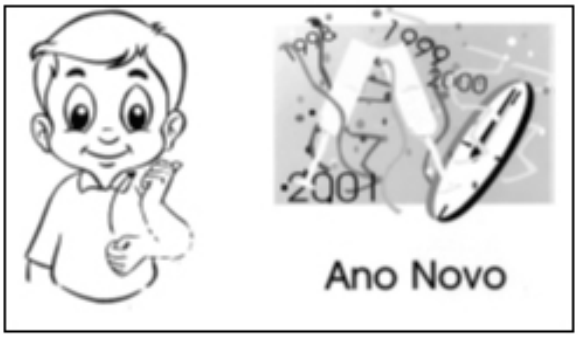

Dia da Árvore


Dia da
Criança



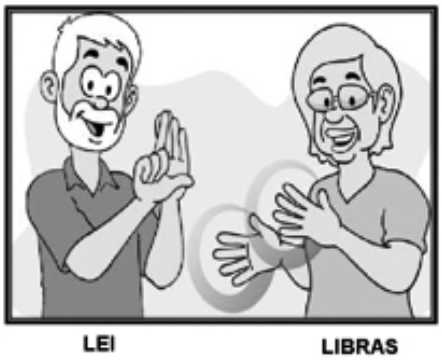






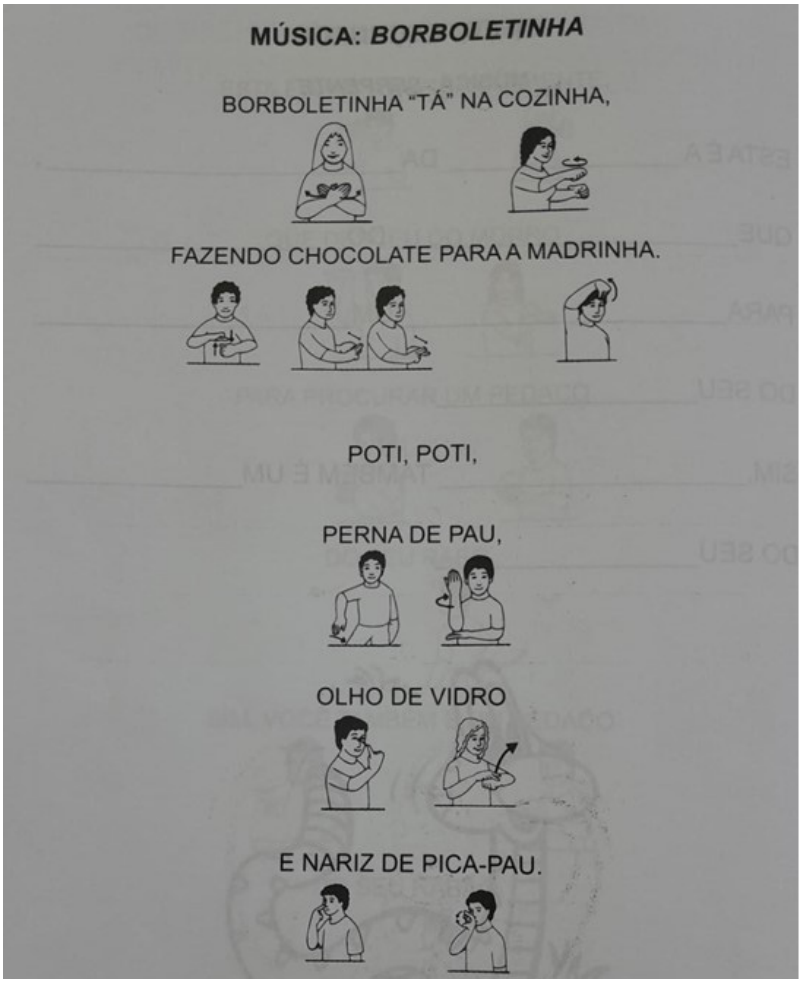
FONTE: SED; FCEE (2003)

FIGURA 137 - DATAS COMEMORATIVAS – LEI LIBRAS: 24 DE ABRIL



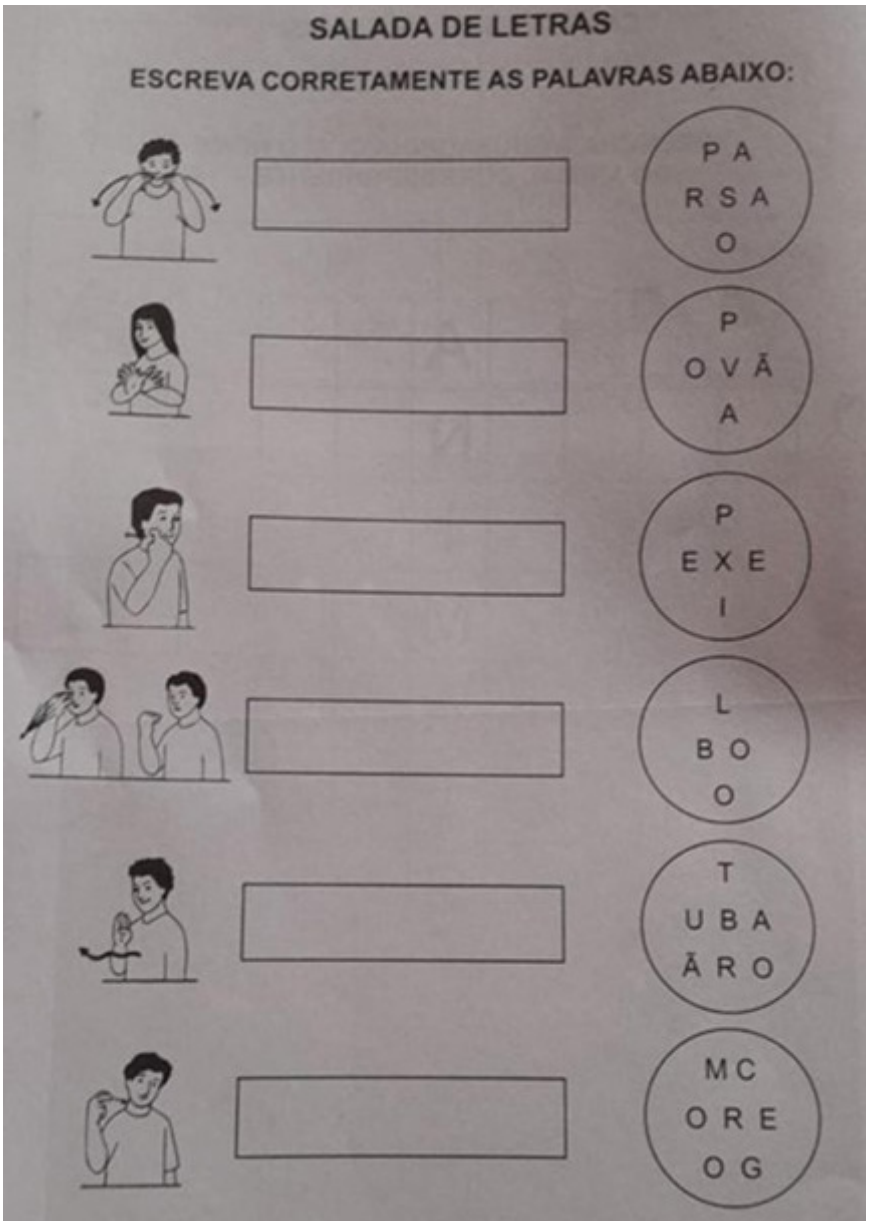
FONTE: Disponível em: <http://danianepereira.blogspot.com.br/2012/01/decreto-n-5626-de-22-de-dezembro-de.html>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FIGURA 138 - MÚSICA: BORBOLETINHA



FONTE: Honora e Frizanco, 2008, ed. 2. p.116

FIGURA 139 - SALADA DE LETRAS



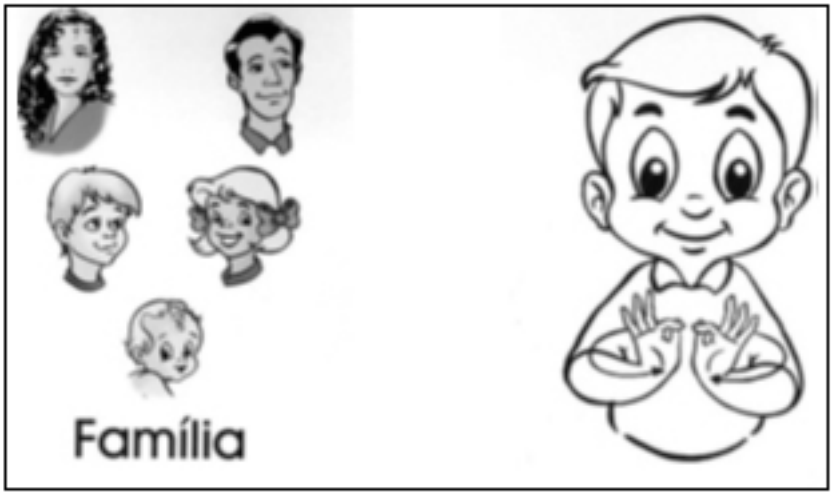
FONTE: Honora e Frizanco, 2008, ed. 2. p. 106

6 MINIDICIONÁRIO

A partir de agora, você terá acesso a um minidicionário em Libras, que está dividido por assuntos, a fim de facilitar seus estudos. Aprenda os sinais e treine!

6.1 SINAIS DE FAMÍLIA

FIGURA 140 - FAMÍLIA

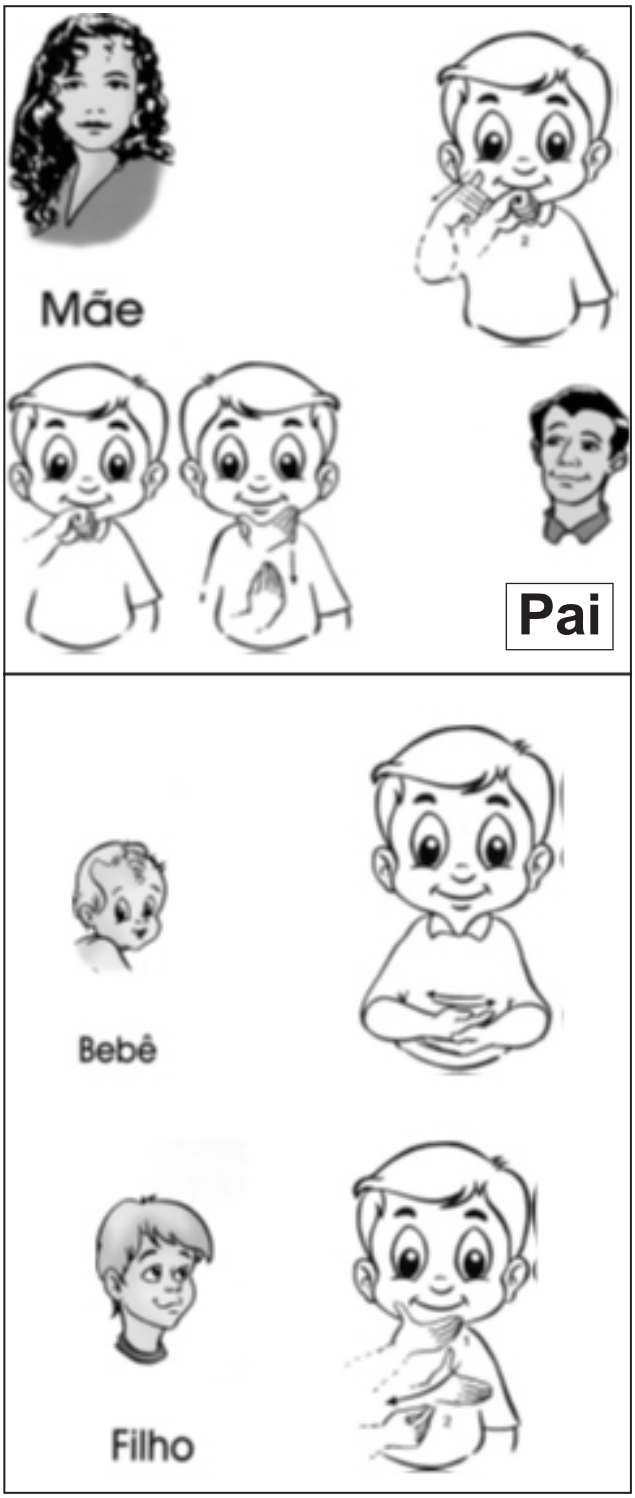


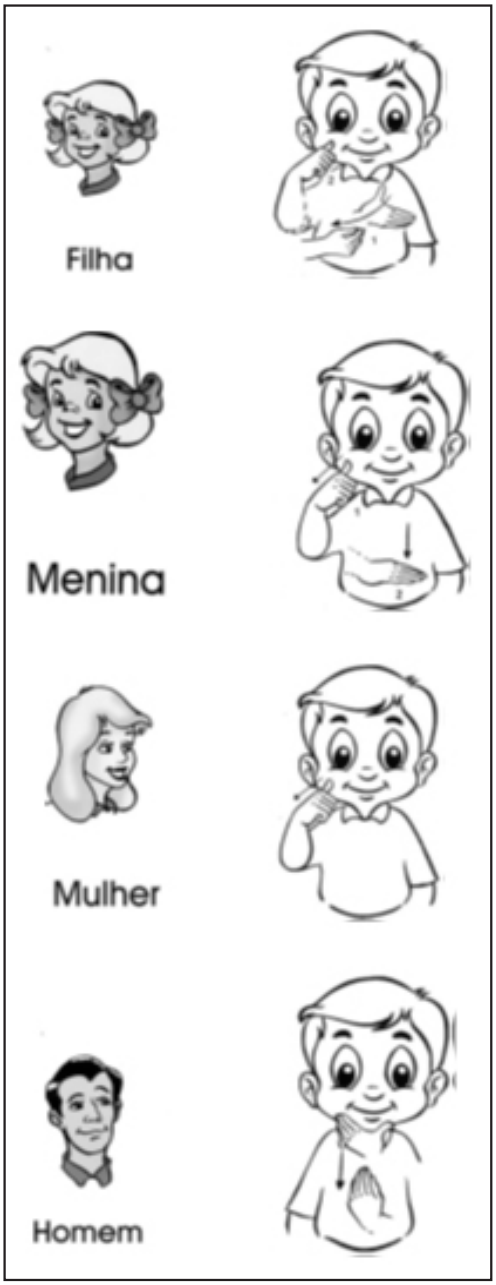
FONTE: SED; FCEE (2003)

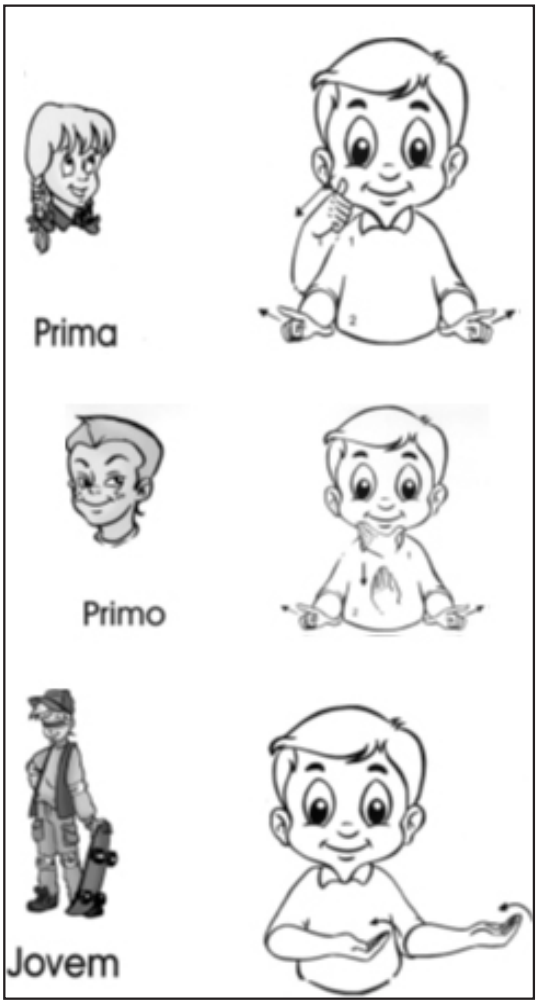


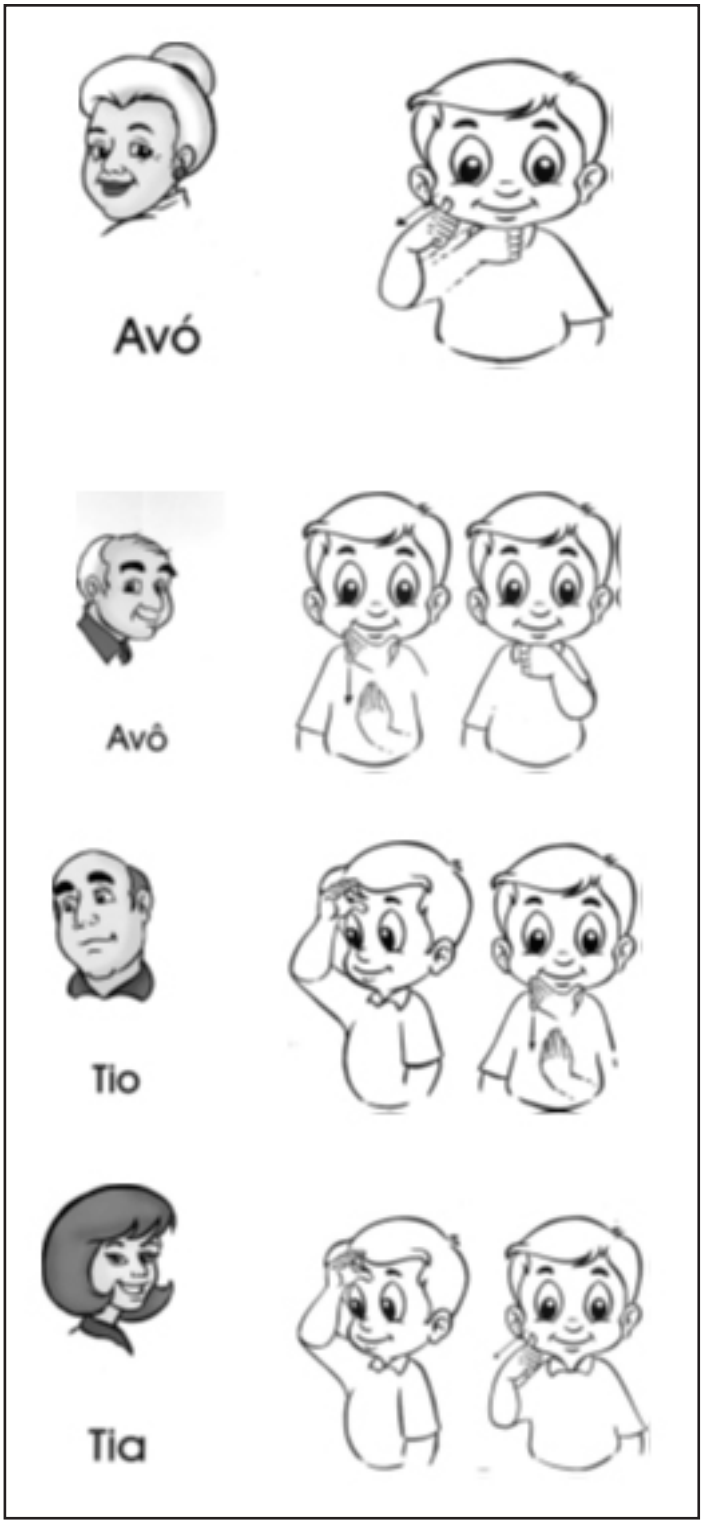
Aproveite! Vá até seu Ambiente de Aprendizagem (AVA) e acesse o objeto de aprendizagem: **Glossário em Libras;** você verá os mesmos sinais que estão no seu Caderno de Estudos sendo produzidos pela professora. Com certeza isso irá auxiliar o seu aprendizado. Para um melhor aprendizado, o que acha de formar grupos e treinar os sinais aprendidos?

FIGURA 141 - FAMÍLIA




Filha
Menina
Mulher
Homem

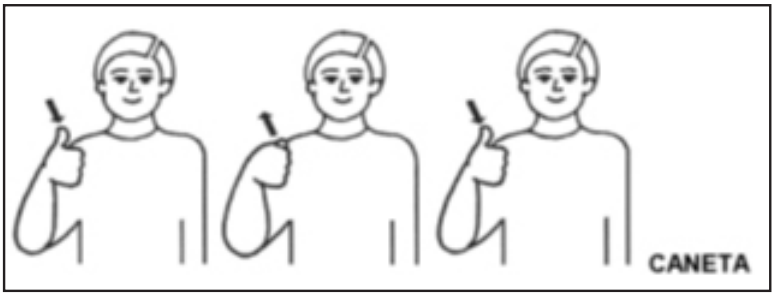

Prima
Primo
Jovem

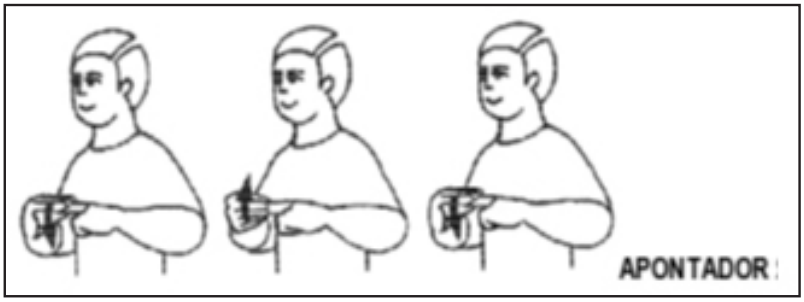


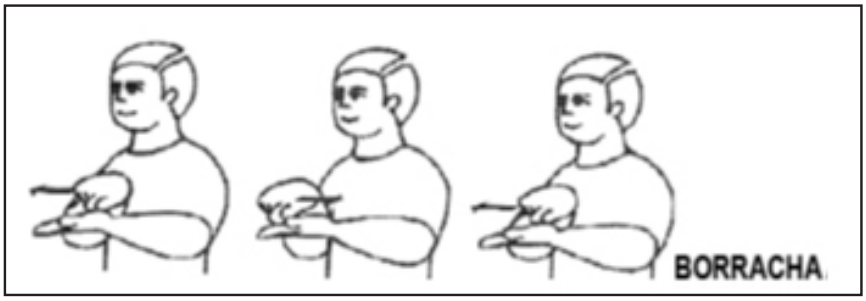
FONTE: SED; FCEE (2003)

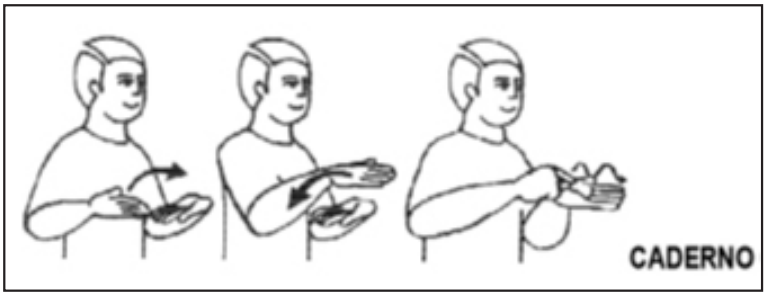
6.2 SINAIS EDUCACIONAIS

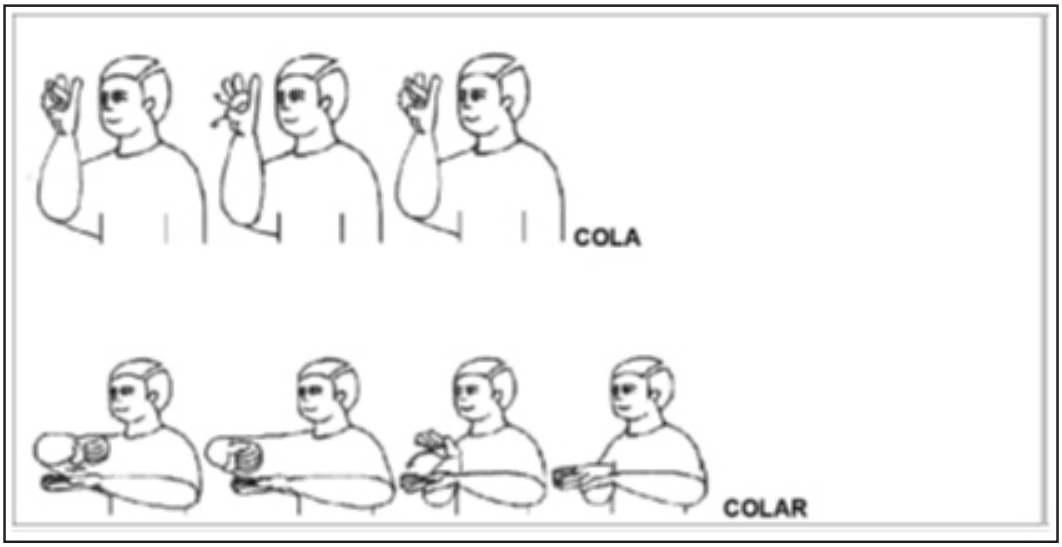
FIGURA 141 - ESCOLA

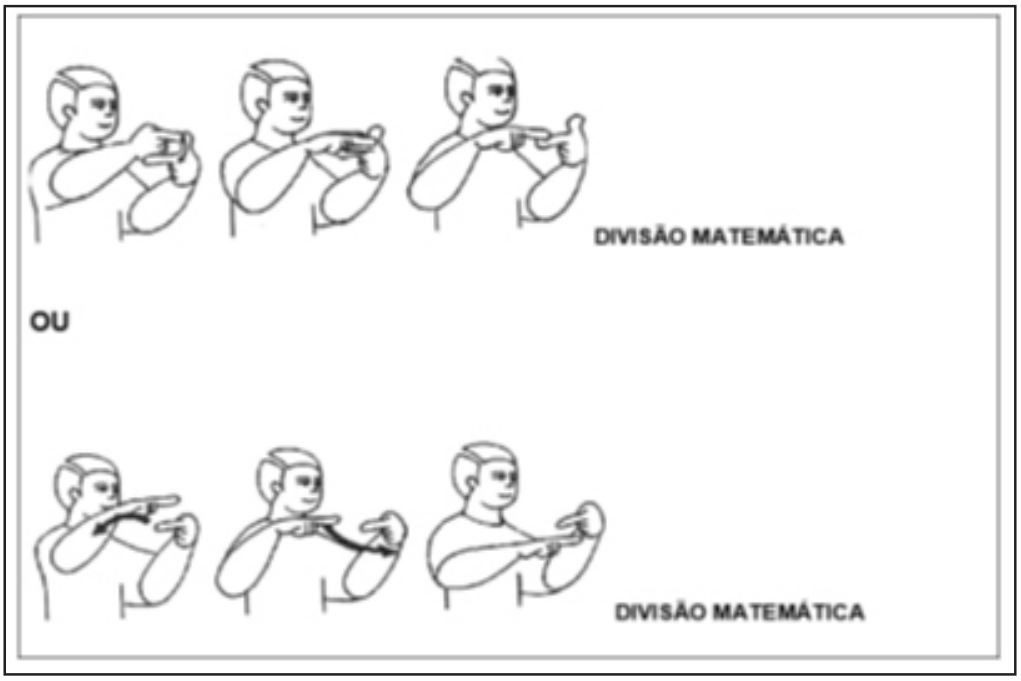


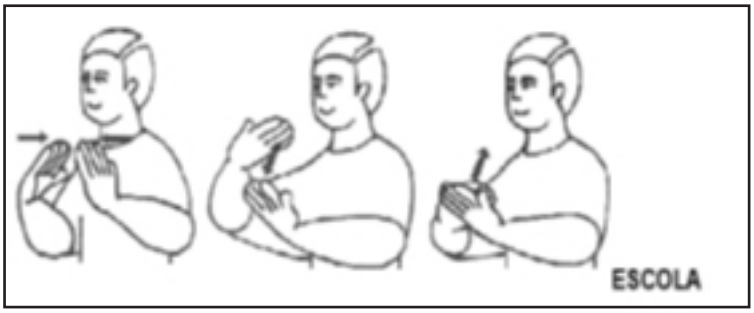







COLA
COLAR


DIVISÃO MATEMÁTICA
OU
DIVISÃO MATEMÁTICA

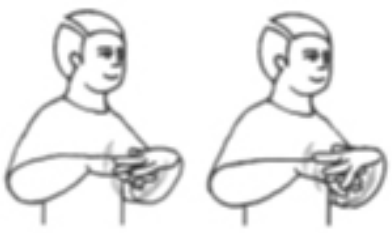

ESCOLA


ESTUDAR
MOCHILA
LÁPIS
LAPISEIRA

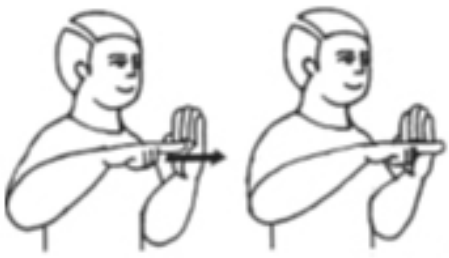


MATEMÁTICA

OU



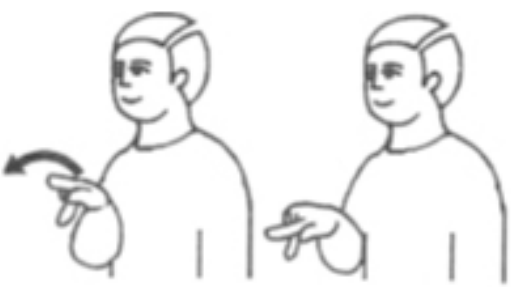
MATEMÁTICA



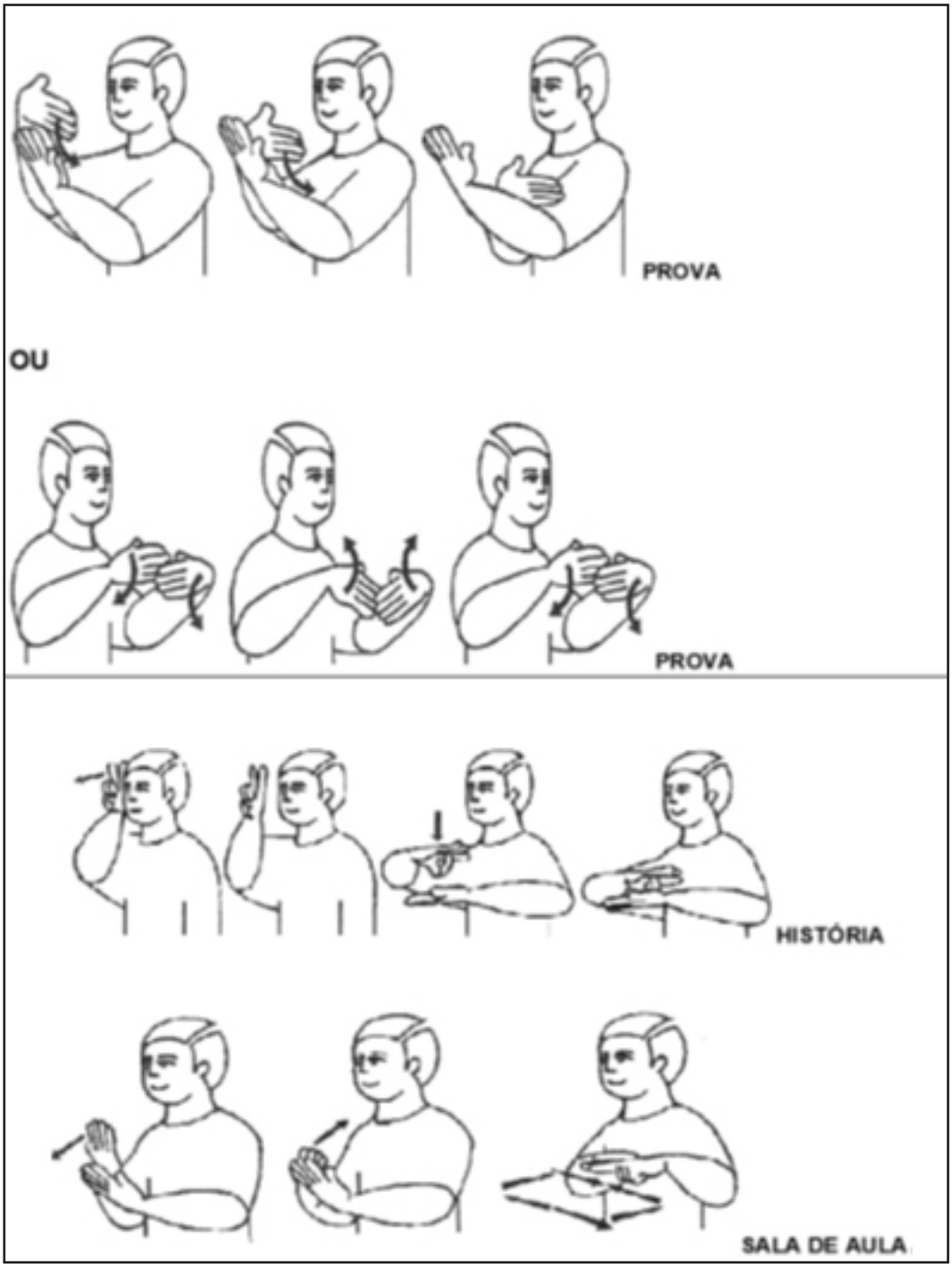
SUBTRAIR



PORTUGUÊS



PROFESSOR



FONTE: FCEE (2003)

6.3 SINAIS DIA SEMANA

FIGURA 142 - SEMANA

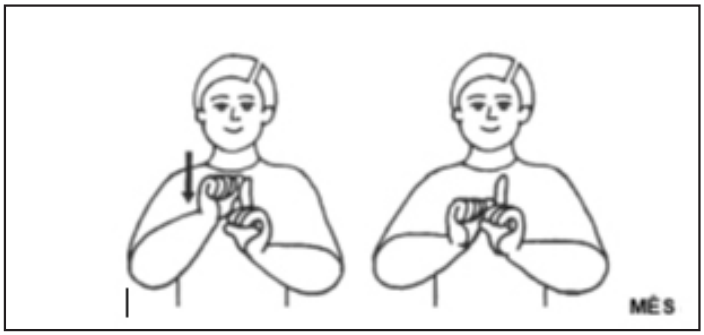




FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

6.4 SINAIS DE MESES

FIGURA 143 - MESES




JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO

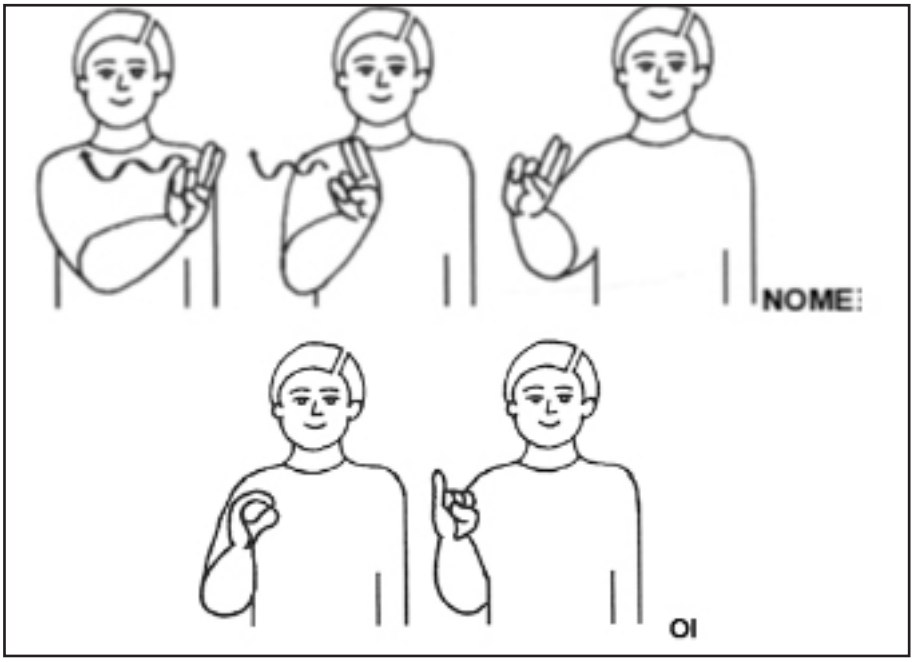

JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

6.5 SINAIS DIVERSOS

FIGURA 144 - SINAIS EM LIBRAS



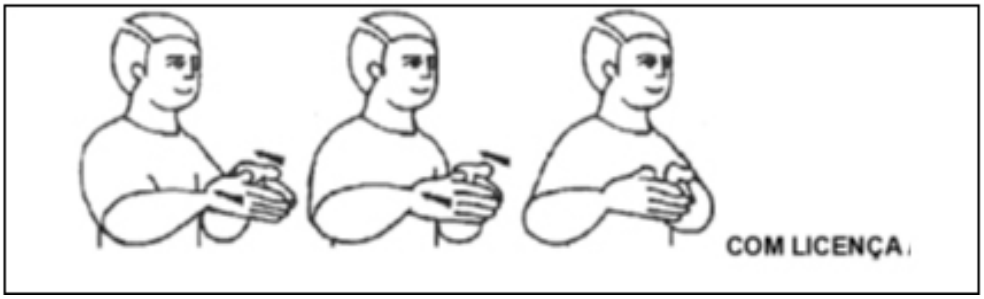
FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

FIGURA 145 - SINAIS CUMPRIMENTOS



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)

FIGURA 146 - EDUCAÇÃO



FONTE: Capovilla e Raphael (2001)



Prezado acadêmico, agora que chegamos ao final da Unidade 3, você deverá fazer avaliação final.

LEITURA COMPLEMENTAR

INCLUSÃO É O PRIVILÉGIO DE CONVIVER COM AS DIFERENÇAS

Maria Teresa Eglér Mantoan

O que é inclusão?

É a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com o outro.

Que benefícios a inclusão traz a alunos e professores?

A escola tem que ser o reflexo da vida do lado de fora. O grande ganho, para todos, é viver a experiência da diferença. Se os estudantes não passam por isso na infância, mais tarde terão muita dificuldade de vencer os preconceitos. A inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade. Você não pode ter um lugar no mundo sem considerar o do outro, valorizando o que ele é e o que ele pode ser. Além disso, para nós, professores, o maior ganho está em garantir a todos o direito à educação.

O que faz uma escola ser inclusiva?

Em primeiro lugar, um bom projeto pedagógico, que começa pela reflexão. Diferentemente do que muitos possam pensar, inclusão é mais do que ter rampas e banheiros adaptados. A equipe da escola inclusiva deve discutir o motivo de tanta repetência e indisciplina, de os professores não darem conta do recado e de os pais não participarem. Um bom projeto valoriza a cultura, a história e as experiências anteriores da turma. As práticas pedagógicas também precisam ser revistas. Como as atividades são selecionadas e planejadas para que todos aprendam? Atualmente, muitas escolas diversificam o programa, mas esperam que no fim das contas todos tenham os mesmos resultados. Os alunos precisam de liberdade para aprender do seu modo, de acordo com as suas condições. E isso vale para os estudantes com deficiência ou não.

Como está a inclusão no Brasil hoje?

Estamos caminhando devagar. O maior problema é que as redes de ensino e as escolas não cumprem a lei. A nossa Constituição garante desde 1988 o acesso de todos ao Ensino Fundamental, sendo que alunos com necessidades especiais devem receber atendimento especializado preferencialmente na escola , que não substitui o ensino regular. Há outra questão, um movimento de resistência que tenta impedir a inclusão de caminhar: a força corporativa de instituições especializadas, principalmente em deficiência mental. Muita gente continua acreditando que o melhor é excluir, manter as crianças em escolas especiais, que dão ensino adaptado. Mas já avançamos. Hoje todo mundo sabe que elas têm o direito de ir para a escola regular. Estamos num processo de conscientização.

A escola precisa se adaptar para a inclusão?

Além de fazer adaptações físicas, a escola precisa oferecer atendimento educacional especializado paralelamente às aulas regulares, de preferência no mesmo local. Assim, uma criança cega, por exemplo, assiste às aulas com os colegas que enxergam e, no contraturno, treina mobilidade, locomoção, uso da linguagem braile e de instrumentos como o soroban, para fazer contas. Tudo isso ajuda na sua integração dentro e fora da escola.

Como garantir atendimento especializado se a escola não oferece condições?

A escola pública que não recebe apoio pedagógico ou verba tem como opção fazer parcerias com entidades de educação especial, disponíveis na maioria das redes. Enquanto isso, a direção tem que continuar exigindo dos dirigentes o apoio previsto em lei. Na particular, o serviço especializado também pode vir por meio de parcerias e deve ser oferecido sem ônus para os pais.

Estudantes com deficiência mental severa podem estudar em uma classe regular?

Sem dúvida. A inclusão não admite qualquer tipo de discriminação, e os mais excluídos sempre são os que têm deficiências graves. No Canadá, vi um garoto que ia de maca para a escola e, apesar do raciocínio comprometido, era respeitado pelos colegas, integrado à turma e participativo. Há casos, no entanto, em que a criança não consegue interagir porque está em surto e precisa ser tratada. Para que o professor saiba o momento adequado de encaminhá-la a um tratamento, é importante manter vínculos com os atendimentos clínico e especializado.

A avaliação de alunos com deficiência mental deve ser diferenciada?

Não. Uma boa avaliação é aquela planejada para todos, em que o aluno aprende a analisar a sua produção de forma crítica e autônoma. Ele deve dizer o

que aprendeu, o que acha interessante estudar e como o conhecimento adquirido modifica a sua vida. Avaliar estudantes emancipados é, por exemplo, pedir para que eles próprios inventem uma prova. Assim, mostram o quanto assimilaram um conteúdo. Aplicar testes com consulta também é muito mais produtivo do que cobrar decoreba. A função da avaliação não é medir se a criança chegou a um determinado ponto, mas se ela cresceu. Esse mérito vem do esforço pessoal para vencer as suas limitações, e não da comparação com os demais.

Um professor sem capacitação pode ensinar alunos com deficiência?

Sim. O papel do professor é ser regente de classe, e não especialista em deficiência. Essa responsabilidade é da equipe de atendimento especializado. Não pode haver confusão. Uma criança surda, por exemplo, aprende com o especialista libras (língua brasileira de sinais) e leitura labial. Para ser alfabetizada em língua portuguesa para surdos, conhecida como L2, a criança é atendida por um professor de língua portuguesa capacitado para isso. A função do regente é trabalhar os conteúdos, mas as parcerias entre os profissionais são muito produtivas. Se na turma há uma criança surda e o professor regente vai dar uma aula sobre o Egito, o especialista mostra à criança com antecedência fotos, gravuras e vídeos sobre o assunto. O professor de L2 dá o significado de novos vocábulos, como pirâmide e faraó. Na hora da aula, o material de apoio visual, textos e leitura labial facilitam a compreensão do conteúdo.

Como ensinar cegos e surdos sem dominar o braile e a língua de sinais?

É até positivo que o professor de uma criança surda não saiba libras, porque ela tem que entender a língua portuguesa escrita. Ter noções de libras facilita a comunicação, mas não é essencial para a aula. No caso de ter um cego na turma, o professor não precisa dominar o braile, porque quem escreve é o aluno. Ele pode até aprender, se achar que precisa para corrigir textos, mas há a opção de pedir ajuda ao especialista. Só não acho necessário ensinar libras e braile na formação inicial do docente.

O professor pode se recusar a lecionar para turmas inclusivas?

Não, mesmo que a escola não ofereça estrutura. As redes de ensino não estão dando às escolas e aos professores o que é necessário para um bom trabalho. Muitos evitam reclamar por medo de perder o emprego ou de sofrer perseguição. Mas eles têm que recorrer à ajuda que está disponível, o sindicato, por exemplo, onde legalmente expõem como estão sendo prejudicados profissionalmente. Os pais e os líderes comunitários também podem promover um diálogo com as redes, fazendo pressão para o cumprimento da lei.

Há fiscalização para garantir que as escolas sejam inclusivas?

O Ministério Público fiscaliza, geralmente com base em denúncias, para garantir o cumprimento da lei. O Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Especial, atualmente não tem como preocupação punir, mas levar as escolas a entender o seu papel e a lei e a agir para colocar tudo isso em prática.

FONTE: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2009-pdf/2181-4-inclusao-fasciculo-pdf/file>. Acesso em: 22 fev. 2016

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você viu que:

- Os jogos têm por objetivo ampliar o vocabulário das crianças surdas, pois envolvem atividades de linguagem, lógica, raciocínio, além de fixar conteúdo de uma forma lúdica.

- Observou sugestões de jogos, como por exemplo, de tabuleiro, memória e dominó, que você poderá confeccionar tanto para usar no contexto educacional como em outras áreas.

- Destacamos sinais de datas comemorativas, para que você consiga se comunicar durante esses momentos com a comunidade surda.

- Apresentamos um minidicionário com vários sinais divididos por assuntos como: família, escola, semana e meses, para facilitar sua comunicação com a comunidade surda e aumentar seu aprendizado em Libras.



Acesse o vídeo com os sinais do minidicionário na sua trilha de aprendizagem (AVA).

AUTOATIVIDADE

1 Com base nos estudos da Unidade 3 do caderno, escreva nas colunas abaixo sobre o uso de jogos para os educandos surdos/deficientes auditivos.

Jogos Educativos	Jogos de Memórias

2 Aponte aspectos interessantes da entrevista da especialista em inclusão Maria Teresa Eglér Mantoan e comente sobre eles.

Assista ao vídeo de resolução da questão 1

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A.; NEVES, S. L. G. (Org.). **Libras em estudo**: política linguística. São Paulo: Feneis LTDA., 2008.

ALBRES, N. A.; NEVES, S. L. G. (Org.). **Libras em estudo**: política linguística. São Paulo: Feneis, 2012.

ALMEIDA, E. C. de; DUARTE, P. M**. Atividades ilustradas em sinais da Libras.** Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação de surdos**. Ideologia e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. CNE. **Resolução CNE/CEB N. 2, de 11 de setembro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Especial. Saberes e práticas para inclusão: estratégias para alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília, 2000.

_____. **Decreto 5.626, 22 de Dezembro de 2005, que regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 13 dez. 2015.

_____. **Decreto Lei 12.303 de 2 de Agosto de 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12303.htm>. Acesso em: 13 jan. 2016.

_____. **Decreto Lei 3.298 de 20 de dezembro de 1999**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/decreto/d3298.htm>. Acesso em 13 jan. 2016.

_____. **Decreto nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

_____. **INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em 1 mai. 2016.

_____. **Lei n.10.098, de 19 de Dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis /110098.htm>. Acesso em: 13 dez. 2015.

_____. **Lei n.10.436, de 24 de Abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 13 dez. 2015.

_____. **Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em: 22 fev. 2016.

_____. **Lei nº 8.213/91, de 24 de julho de 1991**. Da finalidade e dos princípios básicos da previdência social. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8213cons.htm>. Acesso em: 22 fev. 2016.

_____. MEC. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos:** caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2v. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/Ipvol2.pdf >. Acesso em: 20 fev. 2016.

_____. MEC. **Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado** – pessoa com surdez. São Paulo: SEESP/MEC, 2007.

_____. MEC. **Saberes e práticas da inclusão.** Brasília: MEC, 2006.

_____. MEC. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas para inclusão:** estratégias para alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de educação especial. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica/Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília, 1996.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de Língua de Sinais.** Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2010.

BUENO, J. G. S. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalista ou especialista. **Revista Brasileira de Educação Especial,** Piracicaba-SP, v.3, n.5, 1999, p.7-25.

_____. Surdez, Linguagem e Cultura. In: **Cadernos CEDES. A nova LDB e as necessidades educativas especiais.** Campinas: Unicamp, 1998, p.41-55.

CAMPELLO, A. R. e S. **Deficiência auditiva**. Indaial: Ed. Grupo Uniasselvi, 2009.

_____. **Língua Brasileira de Sinais**. Indaial: Ed. Grupo Uniasselvi, 2011.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: EDUSP, 2001.

CEZAR, K. P. L. **Acentolândia**: criação e aplicações de um jogo de regras sobre acentuação gráfica para séries iniciais do Ensino Fundamental. Maringá, 2009.

CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos.** Jomtien: UNESCO, 1990.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS. **Declaração de Salamanca.** Salamanca: UNESCO, 1994.

COSTA, M. P. R. Orientações para ensinar o deficiente auditivo a se comunicar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v.1, n.2, p.53-62, 1994.

DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento educacional especializado – pessoas com surdez**: formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado**.** MEC/ SEESP: Brasília/DF – 2007.

Declaração de Salamanca. **Sobre os princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Espanha: Salamanca, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2016.

Curso Básico de Libras Professora, Gaedke, Sabrina, Ano: 2013.

DIAS, V. L. L. **Rompendo a barreira do silêncio**: interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental**.** 2006. 164p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2006.

FARIA, S. R. Interface da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Pesquisa Linguística**, n.6. Brasília, Universidade de Brasília, 2001.

FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos que desenvolve Programa de Capacitação Profissional e Inclusão de Pessoas com Deficiência no Setor Bancário, 2009. Disponível em: <http://www.febraban.org.br/p5a_52gt34++5cv8_4466+ff145afbb52ffrtg33fe36455li5411pp+e/sitefebraban/pessoas_deficiencia.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2016.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. **Relatório Anual de Atividades.** Rio de Janeiro, 2007.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em contexto**: curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FELIPE, T. A; **Libras em contexto**: curso básico, livro do professor instrutor. 8. ed. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2007.

FENEIS. Disponível em: <http://www.acessibilidadeinclusiva.com.br/federacao-nacional-de-educacao-e-integracao-dos-surdos/>. Acesso em: 11 jan. 2016.

FERNANDES, E. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
FERNANDES, F. **Comunidade e sociedade:** Leitura sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Editora da Universidade de São Paulo. 1973.

FIGUEIRA, A. dos S. **Material de apoio para aprendizagem de LIBRAS**. São Paulo: Phorte, 2011.

FROMKIN, V.; RODMAN, R. **Introdução à linguagem** (trad.). Coimbra: Livraria Almedina, 1993.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa**? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIOCA, M. I. **O jogo e aprendizagem na criança de 0 a 6 anos**. Trabalho de conclusão de curso. Curso de pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade da Amazônia. Belém – Pará, Universidade da Amazônia, 2001. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/JOGOS-NA-EDUCACAO-DE-SURDOS-PROPOSTA-DE-USO-DE-OBJETOS-DE-APRENDIZAGEM.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2016.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

GOLDFARB, Cibelle Linero. **Pessoas portadoras de deficiência e a relação de emprego**. Curitiba: Editora Juruá, 2008.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

HONORA, Marcia e FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Deficiência Auditiva/ surdez**: Ciranda da Inclusão. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. Ed. 2. 120p.

HONORA, M. ; Mary Lopes Esteves Frizanco . **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez III. 3a.. ed. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora, 2011. v. 1. 336p .

HONORA, M. ; Mary Lopes Esteves Frizanco . **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez II. 3a.. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. v. 1. 336p .

HONORA, M. ; Mary Lopes Esteves Frizanco . **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez I. 5a.. ed. São Paulo: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora LTDA, 2009. v. 1. 352p .

IBGE. Censo demográfico. Brasil. 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/censo2000_populacao.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2016.

INES. Disponível em: <www.ines.gov.br/>. Acesso em: 11 jan. 2016.

JANNUZZI, G. S. M. A. **Educação do Deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Kits Libras é Legal. Rio Grande do Sul: Ed. Feneis, 2002/2004.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LACERDA, C. B. F. de. A prática fonoaudiológica frente as diferentes concepções de linguagem. **Revista Espaço, Instituto de Educação de Surdo**, v.10, p.30-40, 1998. **Libras – Sinais de Inclusão**. Belo Horizonte: Unifenas, 2010.

LIMA, D. M. C. et al. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal. **Dificuldades de comunicação e sinalização:** Surdez. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

LORENZINI, N.M.P. **Aquisição de um conceito científico por alunos surdos de classes regulares do Ensino Fundamental**. Dissertação (mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

LIVRO ILUSTRADO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS- Honora, Marcia; Frizanco, Esteves, Lopes, Mary; Saruta, da Silveira, Borges, Flaviana. Ed. Ciranda da Inclusão, Ano: 2010.

MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiência**: Contribuição para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: ed. SENAC, 1997.

MARTINEZ, M. A. Função auditiva e paralisia cerebral, In: S. Limongi, **Paralisia cerebral:** processo terapêutico em linguagem e cognição: pontos de vista e abrangência. Carapicuíba (SP), Pró-Fono, 2000.

MENDONÇA, S. R. D. **Trajetórias socioeducacionais de adultos surdos**: condições sociais, familiares e escolares. São Paulo. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H. "**LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)"** (Verbete)**.** Dicionário Interativo da Educação Brasileira. Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2006.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO. **Programa de inclusão da pessoa com deficiência no mundo do trabalho**. Brasília: MTE, SIT, DEFIT, 2009.

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NEPES. **Aprendendo Língua Brasileira de Sinais como segunda língua.** São José: Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina, 2007.

OLIVEIRA, L. A. A escrita do surdo: relação texto e concepção. In: **24ª Reunião Anual da ANPED, 2001**. Intelectuais, conhecimento e espaço público. Caxambu: Revista Brasileira de Educação, 2001. Disponível em: <http://www.vigotski.net/anped/2001-GT15_tx05.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

PERLIN. G. T. T.; STROBEL, K. **Fundamentos da educação de surdos.** Florianópolis: Editora UFSC, 2006.

PETITTO & MARANTETTI. **Babbling in the manual mode**: evidence for the ontonegy of language**.** Science. American Association for the Advancement of Science, 1991.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; PERLIN, G. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, p.166-185, 2006.

Rede SACI - Solidariedade, Apoio, Comunicação e Informação. Disponível em: <http://saci.org.br>. Acesso em: 10 jan. 2016.

REILY, L. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos**. Revista Brasileira de Educação**, Rio de janeiro, v.12, n.35, p.308-326, maio/ago. 2007.

Revista Inclusão. CIRANDA DA INCLUSÃO – A REVISTA DO EDUCADOR. São Paulo: Prol editora gráfica, Ano 1, Junho. 2010. p. 10-12.

SÁ, N. R. L. de. Convite a uma revisão da pedagogia para minorias: questionando as práticas discursivas na educação de surdos. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 18/19, p. 87-92, 2003.

SANTANA, Sirlândia Souza. **Cultura, linguagem e o desenvolvimento das crianças surdas.** São Paulo. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

SASSAKI, R. K. In: MOTA, L. O. **Envelhecimento e inclusão social**: o projeto agente experiente, Rio de Janeiro: PUC, 2007. Disponível em: <dbd.puc-rio.br/pergamum/ tesesabertas/ 0510672_07_ cap_03.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SASSAKI, R. K. Como chamar as pessoas que têm deficiência? **Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados,** ano 1, n. 1, 1° sem. 2003, p. 8-11. [Texto atualizado em 2009].

SASSAKI, R. K. **Construindo uma sociedade para todos**. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTE – SED; FUNDAÇÃO CATARINENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL – FCEE. Vocabulário em Língua de Sinais. Florianópolis, 2003.

SIELP, n. 1, 2012, Uberlândia. **O problema da ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a língua portuguesa. Anais do SIELP.** EDUFU, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/ volume_2_artigo_154.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2016.

SILVA, L. **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Curitiba, Ed. Fael, 2010.

SILVA, R. R. **A educação do surdo**: minha experiência de professora itinerante da Rede Municipal de Ensino de Campinas. 2003. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

SILVA, V. et al. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880**.** In: QUADROS, R. M. (Org). **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p.324.

SIPLE, P. **Visual constraints for sign language communication**. Sign Language Studies. Chicago: University of Chicago Press, 1978.

SKLIAR, C.B. Educação & Exclusão, Abordagens sócio antropológicas em Educação Especial. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

SKLIAR, C. **Educação & exclusão**: abordagens sócio antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

SKLIAR. C.B. (Org.) **Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil.** Campinas: Autores Associados/ Bragança Paulista, 1999.

SOARES, M.B. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1988.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2009.

STROBEL, K. L.; STOCK, I. **Brincando e aprendendo em Libras – Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 1999.

STUMPF, M. R. **Escrita de Língua Brasileira de Sinais**. Indaial: Ed. Grupo Uniasselvi, 2011.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

SUTTON, V. **Signwriting**: manual. 1996. Disponível em: <www.signwrting.org>. Acesso em: 11 jan. 2016.

TESKE, O. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. In: SKLIAR, C. (org). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

VYGOSTSKY, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1998.